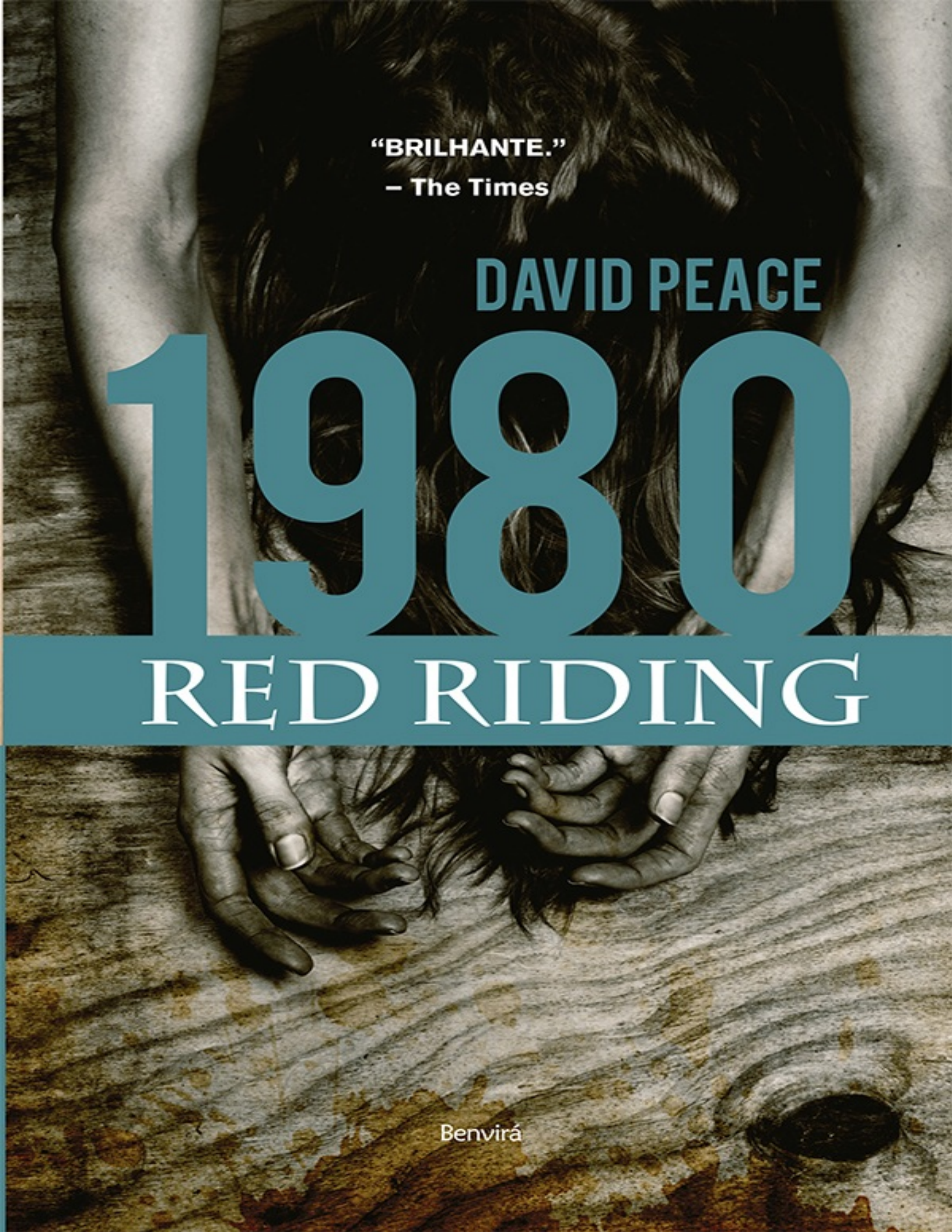

"BRILHANTE."
– The Times
DAVID PEACE
1980
RED RIDING
Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DAVID PEACE

1980

RED RIDING

Tradução
Rodrigo Peixoto

Benvirá

Aos mortos, uma bússola...
Aos vivos, sal.

“Ah, disso eu me lembro bem, foi no frio dezembro;
E cada uma das brasas, morrendo,
fundia seus fantasmas no chão.”
EDGAR ALLAN POE, *O corvo*

Imploro, imploro, imploro

Pelo que escutei, os negros apenas deixaram-se entrar.

Eric estava sentado lá, assistindo ao maldito Songs of Praise*, de costas para a porta, e uma cabeça preta apareceu atrás dele, puxou os seus cabelos e cortou sua garganta de orelha a orelha. Depois, eles prepararam sanduíches, cagaram e esperaram sua mulher chegar em casa...*

Simples assim.

teste de eco primeira transmissão uma banda de cidadãos divulgação de imagens de uma exibição de atrocidades à sombra do sol fora dos holofotes joyce jobson em halifax na sexta-feira doze de julho de mil novecentos e setenta e quatro mais vida num cemitério a chuva os mantendo pontuais no royal oak outra cerveja e depois um jantar com peixe com donald a carona para casa a conversa a provocação garotas com corpos bonitos saindo das sombras a escuridão ele dá cinco passos um metro e sessenta muito bonito cabelos levemente ondulados negras e compridas costeletas ele não assustaria ninguém e diz no sotaque de yorkshire que o tempo está nos deixando para baixo novamente eu sei que ficarei em perigo profundas feridas acima dos dois olhos e lacerações na cabeça seu crânio sofreu dupla fratura com uma barra de ferro ou martelo e por um momento a alma viva está aqui entre os mortos que estão suspensos e que logo vão morrer sair daqui cuidado intensivo só para garantir ela tem duas pequenas feridas de quinze a vinte centímetros na região lombar causadas por um instrumento afiado a roupa fora levantada antes de as marcas serem feitas depois a roupa foi colocada onde está o kojak agora ele se pergunta donald é possível que você tenha saído pela porta da frente da sua casa e corrido pelos jardins em volta das casas vizinhas e esperado no escuro pela sua mulher é possível donald que tenha sido você quem saiu das sombras a escuridão deu um passo e atacou a sua esposa e diz com sotaque de yorkshire você diz que o tempo está nos deixando para baixo novamente foi você donald vocês tiveram suas diferenças você e joyce nós sabemos e então você correu pelos jardins e sentou-se lá atrás na frente do kojak era você não era o homem armado e com sotaque de yorkshire ele disse que o tempo estava nos deixando para baixo novamente e ela estará em apuros vários cortes acima dos olhos e lacerações na cabeça seu crânio sofreu dupla fratura com uma barra de ferro ou martelo e por um momento a alma viva está aqui entre os mortos que estão suspensos e que logo vão morrer sair dos silêncios nas lojas as pichações nos muros e portas as camas úmidas e os dias sem trabalho os dias sem escola os dias no hospital os longos dias em casa o tempo nos deixando para baixo novamente novamente novamente os jornais e os telefonemas as dores de cabeça e as pílulas os médicos e a polícia foi isso o que o estripador fez à minha mulher o homem invisível que colocou pelos de cachorro nas roupas dela que não tocou na meia-calça que deixou seus saltos altos brancos sem qualquer marca mas ainda assim ela se senta em casa e fica deprimida a vida sem sentido gritando com sotaque de yorkshire que o tempo está nos deixando para baixo novamente e vão me deixar de lado vão destruir a nossa vida sexual minhas filhas me convencem a sair e comprar roupas mas só faço isso para alegrá-las e elas sorriem pois eu nunca vou a lugar nenhum e eu costumava gostar de cozinhar e limpar mas agora só faço isso para evitar ficar sentado e pensando no homem armado uma alma viva aqui entre os mortos que estão suspensos e que logo vão morrer e ir embora eles dizem que não posso me aproximar de um homem nem mesmo olhar para um sem me sentir estranho com um sotaque de yorkshire todos eles dizem que o tempo está nos deixando para baixo novamente e eu sei que isso soa terrível mas algumas vezes eu olhava para o meu próprio marido sentado lá com o tempo o deixando para baixo novamente novamente novamente minha alma viva aqui entre os mortos que estão suspensos e que logo vão morrer eu

tenho que fugir daqui fugir do que o estripador me fez tempo está nos deixando para baixo novamente a chamada telefônica o silêncio antes com sotaque de yorkshire ele diz te perdi uma vez mas vou te pegar da próxima vez tempo está te deixando para baixo novamente te perdi uma vez mas não perderei no próximo teste

1

Um tiro.

Acordei, suado e com medo.

No andar de baixo, o telefone tocou, antes do amanhecer, antes do alarme.

O visor LED marca cinco horas e a minha cabeça continuava cheia de assassinatos e mentiras, uma guerra nuclear:

O Norte após a bomba, máquinas são os únicos sobreviventes.

Saí da cama, desci as escadas e atendi o telefone.

Voltei para o andar de cima e sentei-me no frio na beira da cama. Joan continuava fingindo estar dormindo.

Na rádio, Yoko Ono dizia:

"Não é o final de uma era. Os anos 1980 ainda serão uma época linda, e John acreditava nisso."

Depois de alguns minutos, eu disse:

– Preciso ir a Whitby.

– Era ele, então? – ela perguntou, o rosto ainda virado para o outro lado.

– Era – respondi, pensando...

Todo mundo consegue tudo o que quer.

Eu dirigia sozinho, saí de Alderley Edge e atravessava os Moors, sozinho entre caminhões articulados que se arrastavam vagarosamente pela M62, o tempo inóspito e cinzento, a paisagem vazia, exceto pelos postes telefônicos.

Às sete horas, a rádio fez uma pausa para as notícias:

"O Estripador de Yorkshire reivindica sua vítima número treze, e a polícia confirmou que Laureen Bell, de vinte anos, foi morta por ele..."

Desliguei o rádio, pensando...

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Guerra:

Quinta-feira, 11 de dezembro de 1980.

Cheguei a Whitby às onze horas e estacionei na garagem de uma casa de campo, ao lado de três carros luxuosos.

Havia gelo na espuma do mar, gaivotas congeladas rodopiavam logo acima da minha cabeça e o vento soprava entre centenas de conchas vazias.

Toquei a campainha.

Uma mulher alta de meia-idade abriu a porta.

– Peter Hunter – eu me apresentei.

– Entre.

Entrei na casa.

– Quer me dar o seu casaco?

– Obrigado.

– Por aqui – ela disse, atravessando o *hall* em direção aos fundos da casa.

A mulher bateu à porta, abriu e fez um gesto para que eu entrasse.

Três homens estavam sentados num sofá e em cadeiras, com suas peles cinzentas e olhos vermelhos, em silêncio.

Philip Evans levantou-se:

– Peter? Que tal a viagem?

– Tudo bem.

– O que o senhor gostaria de beber? – perguntou a esposa dele, parada na porta.

– Um café, por favor.

– Só temos café instantâneo.

– Prefiro – respondi.

– Um diplomata, como sempre – disse Evans, sorrindo.

– Todos estão bem?

Os outros dois homens fizeram que sim com a cabeça e ela fechou a porta.

– Vamos nos apresentar rapidamente para nos concentrarmos no que interessa – disse Philip Evans, inspetor regional da polícia de Yorkshire e do Nordeste, sorrindo. – Senhores, este é Peter Hunter, assistente-chefe da polícia da Grande Manchester. Peter, este é Sir John Reed, inspetor-chefe da polícia.

– Já nos conhecemos antes – eu disse, apertando sua mão.

– Há muito tempo – ele respondeu, voltando a se sentar no sofá.

– Claro que sim – disse Philip Evans. – E este é Michael Warren, do Home Office.

– Muito prazer – eu disse, apertando a mão magra daquele homem.

Evans apontou para uma grande poltrona de braços largos.

– Sente-se, Pete.

Ouviu-se uma suave batida na porta, e a senhora Evans entrou com uma bandeja, deixando-a na mesinha de centro que havia entre nós.

– Sirva-se de açúcar e leite – ela disse.

– Obrigado.

Uma pausa. Tudo o que se ouvia eram o vento e a senhora Evans conversando com um cachorro ao voltar para a cozinha.

Philip Evans por fim disse:

– Temos um pequeno problema.

Parei de mexer o café e ergui os olhos.

– Como disse ao telefone, houve mais um assassinato. Uma enfermeira de vinte anos. Aconteceu perto da casa dela. Mais uma vez em Leeds.

– Escutei na rádio – eu disse.

– Nem nos deram um dia de descanso – disse Evans, suspirando. – Mas, enfim, agora chega.

Michael Warren sentou-se na beira do sofá e colocou um pequeno gravador ao lado da bandeja de plástico, em cima da mesa de centro.

– Agora chega – ele repetiu, ligando o gravador.

Longa pausa. A fita emitiu um chiado, e depois:

"Aqui é Jack. Vejo que continuam sem sorte para me pegar. Tenho muito respeito por você, George, mas, meu Deus! Vocês não estão mais perto de me alcançar agora do que estavam há quatro anos, quando tudo começou. Acho que os seus rapazes estão te decepcionando, George. Eles não devem ser muito bons, certo?

"A única vez que se aproximaram de mim foi há alguns meses, em Chapeltown, quando eu estava um pouco perturbado. Porém, mesmo naquela vez, foi um policial uniformizado, não um detetive.

"Em março, eu te avisei que atacaria novamente. Sinto muito não ter sido em

Bradford. Sei que prometi isso, mas não consegui chegar até lá. Não tenho muita certeza de onde será o próximo ataque, mas acontecerá ainda este ano, é certo. Talvez em setembro, outubro, ou mesmo antes, se eu tiver uma oportunidade. Não tenho certeza onde, talvez em Manchester, eu gostaria que fosse lá, pois tem muitas delas vagabundeando naquela área. Elas nunca aprendem, não é, George? Sei que você as avisou, mas elas nunca escutam."

Treze segundos de chiados, e depois:

"Eu a peguei em Preston, e eu fiz, não fiz, George? Aquela vaca imunda. E gozei nela.

"Pelo ritmo que sigo eu deveria estar no livro dos recordes. Acho que já são onze, certo? Vou continuar um pouco mais. Ainda não estou satisfeito. Mesmo se vocês se aproximarem, eu provavelmente me matarei primeiro. Foi bom conversar com você, George. O seu amigo, Jack, o Estripador.

"Nem vale a pena procurar por impressões digitais. Você já deve saber que tudo está tinindo de limpo. Até logo. Adeus.

"Espero que goste da música pegajosa do final. Haha."

Reed inclinou o corpo para a frente e desligou a fita no exato momento em que começou a tocar "Thank You for Being a Friend".

– Como vocês sabem, a gravação é de junho do ano passado – disse Warren. – Mas o que não sabem é que Whitelaw, o ministro do Home Office, aprovou imediatamente o uso da rede nacional de computadores da polícia para fazer cópias de segurança dos sistemas de veículos da região de West Yorkshire, além de ter aprovado o uso das informações de registros de nascimento e escolares para cruzar referências sobre todos os homens nascidos em Wearside desde 1920. Secretamente, ele aprovou a liberação dos registros do Departamento de Saúde e da Previdência Social para rastrear todos os homens que viveram ou trabalharam em Wearside nos últimos cinquenta anos. Até então, interrogaram duzentas mil pessoas, fizeram buscas em trinta mil casas e colheram vinte e cinco mil depoimentos, gastando quase quatro milhões de libras.

– Grande parte em maldita publicidade – disse Sir John Reed.

– *Para acabar com o Estripador* – murmurou Philip Evans.

Sir John fungou.

– Que plano mais idiota. Dezessete mil suspeitos.

– Que plano idiota – repetiu Michael Warren, colocando outra fita no gravador e apertando o *play* novamente.

"Sempre que o telefone toca eu fico imaginando se é ele. Se levanto no meio da noite, me pego pensando nele. Após todo esse tempo eu sinto... eu sinto que realmente o conheço."

Olhei para Reed, para a sua pele cinzenta e seus olhos vermelhos.

Ele fazia que não com a cabeça.

"Se o pegarmos, provavelmente descobriremos que esteve muito tempo no seio esquerdo e pouco no direito. Porém, eu não o enxergo como se fosse o demônio. Sua voz é quase triste, é a voz de um homem cansado pelo que fez, cansado de si mesmo. Para mim, ele é uma espécie de anjo malvado numa missão equivocada e, embora nunca aprove os seus métodos, sou capaz de simpatizar com seus sentimentos."

Warren apertou o *stop*.

– Sabem de quem é essa voz?

– De George Oldman? – perguntei.

Philip Evans fez que sim.

– Essa voz é do assistente-chefe de polícia Oldman conversando com o *Yorkshire Post* na semana passada.

– Ainda bem que eles nos ligaram – disse Warren.

Silêncio.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

– Dezesseis horas diárias, e seis, às vezes, sete dias por semana – disse Sir John Reed.

– Não sei muita coisa sobre isso – comentei, dando de ombros.

– O que você sabe?

– Sobre o quê?

– Sobre essa maldita farsa.

– Não muito mais do que saiu nos jornais.

– O senhor está sendo modesto, senhor Hunter. Acho que sabe muito mais coisas – disse Reed, dando uma piscadela.

Comecei a falar, mas ele ergueu a mão e disse:

– Eu, como grande parte dos detetives deste país, acho que o senhor acredita que West Yorkshire perdeu o foco, que essa gravação do Estripador é um embuste, que ele está rindo da gente, da polícia britânica, e acho que o senhor não quer outra coisa a não ser colocar as mãos nele.

Eu o encarei e perguntei:

– Então isso é uma farsa? A fita é uma farsa?

Ele sorriu e olhou para Philip Evans, fazendo que sim.

Seguiu-se um silêncio até Evans dizer:

– Ainda hoje haverá uma coletiva de imprensa, e o chefe de polícia Angus anunciará a todos que Oldman está fora do caso.

Eu não disse nada. Esperei.

– Peter Noble foi nomeado assistente-chefe de polícia temporário com uma única responsabilidade: caçar o Estripador.

Mais uma vez, eu não disse nada. Esperei.

Michael Warren tossiu e inclinou o corpo para a frente.

– Noble é um bom homem.

Continuei calado, só esperando.

– Já temos ofertas de ajuda externa, perspectivas novas e tudo o mais. Por isso, Angus também anunciará a formação de um *conselho de especialistas*, de um *Superesquadrão,* caso prefira chamar assim, reunido para aconselhar a equipe de Noble – esclareceu Warren.

Continuei esperando.

– Esse *Superesquadrão* será formado por: Leonard Curtis, assistente-chefe de polícia do Vale do Tâmisa; William Meyers, coordenador nacional dos Esquadrões Regionais de Crime; comandante Donald Lincoln, suplente de Sir John; doutor Stephen Tippet, do Departamento de Medicina Legal; e você.

Esperando.

Sir John Reed acendeu um cigarro, soltou a fumaça e perguntou:

– O que você acha agora?

Engoli em seco e questionei:

– Vamos dar conselhos?

– Exatamente.

– Durante quanto tempo?

– Duas ou três semanas – respondeu Michael Warren.

Reed olhava para a ponta do cigarro.

– Posso ser franco? – perguntei.

– Claro – respondeu Philip Evans.

– Como exercício de relações públicas, será possível alcançar certo êxito na difusão de um julgamento incontestável sobre o que o Departamento de Polícia de Yorkshire terá de enfrentar na semana seguinte. Porém, na prática, acho que seremos verdadeiramente limitados.

Todos sorriram, suas peles cinzentas e seus olhos vermelhos reluziam.

– Bravo – disse Sir John Reed, batendo palmas.

– Nós te chamamos aqui – disse Evans, entregando-me um gordo fichário vermelho – porque gostaríamos que chefiasse uma investigação secreta do Home Office sobre esses assassinatos, trabalhando sob a supervisão do *Superesquadrão*. Você poderá escolher sete oficiais para trabalhar com você. Sediado em Leeds, responderá apenas a mim, aqui em Whitby. Sua missão será revisar integralmente o caso, ressaltando os pontos preocupantes, caso surja algum, e montar estratégias, percorrendo todos os caminhos possíveis.

– E pegar o idiota – disse Reed, cuspindo.

Esperei, olhando para o meu prêmio.

Philip Evans disse:

– Alguma pergunta?

Calmamente, questionei:

– Por que secreta?

Evans acenou com a cabeça.

– O público dificilmente aceitaria duas investigações simultâneas. E os caras da West Yorkshire também não. Além disso, não queremos lavar roupa suja em público... se é que encontraremos alguma coisa. Atualmente está na moda ser moralista.

Olhei ao redor da sala.

– Vá em frente, pergunte – disse Sir John Reed.

– Perguntar o quê, sir?

– Por que eu? É isso o que você quer saber, não é? Se eu estivesse no seu lugar, seria essa a minha questão.

– Certo. Por que eu?

Reed acenou em direção a Michael Warren.

– Em primeiro lugar, por conta do seu trabalho com a A10 – disse Warren. – E também pelo fato de ter trabalhado em investigações da polícia de West Yorkshire.

– Com todo o respeito, a primeira dessas investigações acabou há mais de cinco anos e não chegou a nenhuma conclusão, além de ter feito de mim o policial mais impopular do Norte da Inglaterra. E a segunda investigação foi arquivada antes mesmo de começar.

– Eric Hall – disse Evans aos outros dois homens.

Olhei para a xícara de café instantâneo na mesinha à minha frente, notando a luz que se refletia em sua superfície escura.

– Hunter, o Idiota, é como te chamam – disse Sir John Reed, sorrindo.

Olhei para ele.

– Isso te chateia? – perguntou Reed.

– Não – respondi.

– Então você aceita?

– Claro. Obrigado.

– Vou transformá-los em espiões, mesmo que não queiram – ele disse, sorrindo.

– Como o general Napier – comentei.

Sir John Reed ficou sério.

– Acho que você conhece a sua própria história.

– Sim – respondi. – Conheço.

Do lado de fora nevava.

Havia sangue no meu para-brisa, uma gaivota morta no gramado.

Liguei os limpadores de para-brisa e, sozinho, voltei dirigindo pela M62,

sozinho entre caminhões articulados que se arrastavam vagarosamente pela estrada, o tempo inóspito, a paisagem vazia.

Apenas assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

"O Estripador de Yorkshire reivindica sua vítima número treze, e a polícia confirmou que Laureen Bell, de vinte anos, foi morta por ele..."

Passava das oito horas quando cheguei em casa.

Joan assistia a *TV Eye*.

– Estão repetindo o *Mente do Estripador* – ela disse.

Eu me sentei na frente da televisão, vendo aqueles rostos passando pela tela.

Eu tinha 40 anos. Joan, 38.

Não tínhamos filhos.

Não conseguia dormir.

Nunca conseguia.

As minhas costas doíam, e a dor aumentava a cada dia.

Sempre acordado, suado e com medo, com os olhos arregalados na escuridão, ao lado de Joan.

O rádio ligado.

Sempre ligado:

Em greve de fome, pessoas se aproximam da morte; trinta e dois assassinatos num fim de semana em Los Angeles;

Gdansk, Teerã, Cabul e o hotel Dakota;

O Norte da Inglaterra...

Terra sem lei.

Saí da cama e desci as escadas.

Podia ouvir a chuva batendo contra o vidro da janela, atrás das cortinas.

Fui à cozinha, liguei o rádio e esperei a água ferver.

A chuva contra o vidro, uma música no rádio:

"Don't be afraid to go to hell and back..."

Abri minha pasta de documentos e peguei o fichário vermelho, o fichário vermelho que eles tinham me dado:

Assassinatos e agressões contra mulheres no Norte da Inglaterra.

A água fervia, a chaleira apitou.

Todo mundo consegue tudo o que quer.

Abri a porta dos fundos e saí com o chá e o fichário vermelho para o jardim escuro, sob a chuva. Contorno a lateral da garagem até a edícula que eu mesmo construíra nos fundos. Tirei a chave do bolso do meu roupão e abri a porta.

Estava com frio, congelando.

Entrei, tranquei a porta atrás de mim e acendi a luz.

O meu espaço.

Uma porta, uma lâmpada, nenhuma janela; o cheiro de terra e umidade, antigos odores e velhas luvas de jardinagem; uma grande mesa junto à parede dos fundos, dois armários cinza de metal para arquivos em cada uma das paredes laterais; entre eles, em cima da mesa, um computador e um teclado, uma televisão portátil preto e branco, um rádio de ondas curtas, um gravador de fita cassete e outro de bobina, e uma máquina de escrever. Embaixo da mesa, espalhados no chão, fios e cabos, tomadas e adaptadores, caixas de papel, pilhas de revistas e jornais, latas, jarros e potes, com canetas, lápis e clipes.

Deixei o chá em cima do fichário vermelho, num canto da mesa, acendi o aquecedor elétrico e liguei o computador.

Anabasis:

Os *bits* bastardos de um Acorn com módulos de memória da Memorex, peças piratas de Radionics e Tandy, um ZX80 ainda na caixa. A máquina coberta de fitas cassete e cola epóxi.

Eu me sentei e fiquei olhando para a parede acima do *Anabasis*:

Um mapa e doze fotografias.

Cada fotografia um rosto, cada rosto uma letra e uma data, com um número na testa:

Theresa Campbell: a 6-6-1975 3.
Clare Strachan: b 20-11-1975 2.
Joan Richards: c 6-2-1976 4.

Marie Watts: d 28-5-1977 0.
Rachel Johnson: e 6-7-1977 0.
Janice Ryan:f 5/12-6-1977 1.
Elizabeth McQueen: g 20-11-1977 2.
Tracey Livingston: h 7-1-1978 3.
Candy Simon: i 27-1-1978 0.
Doreen Pickles: j 27-5-1978 5.
Joanne Thornton: k 18-5-1979 0.
Dawn Williams: l 9-9-1979 0.

Tirei o chá de cima do fichário vermelho e abri na primeira página:

Sumário

(Dividido por anos)

1974:
Joyce Jobson, atacada em Halifax, julho de 1974.
Anita Bird, atacada em Cleckheaton, agosto de 1974.

1975:
Theresa Campbell, assassinada em Leeds, junho de 1975.
Clare Strachan, assassinada em Preston, novembro de 1975.

1976:
Joan Richards, assassinada em Leeds, fevereiro de 1976.
Ka Su Pen, atacada em Bradford, outubro de 1976.

1977:
Marie Watts, assassinada em Leeds, maio de 1977.
Linda Clark, atacada em Bradford, junho de 1977.
Rachel Johnson, assassinada em Leeds, junho de 1977.
Janice Ryan, assassinada em Bradford, junho de 1977.
Elizabeth McQueen, assassinada em Manchester, novembro de 1977.
Kathy Kelly, atacada em Leeds, dezembro de 1977.

1978:
Tracey Livingston, assassinada em Preston, janeiro de 1978.
Candy Simon, assassinada em Huddersfield, janeiro de 1978.
Doreen Pickles, assassinada em Manchester, maio de 1978.

1979:
Joanne Thornton, assassinada em Morley, maio de 1979.
Dawn Williams, assassinada em Bradford, setembro de 1979.

E ele já escreveu o capítulo seguinte:

1980:
Laureen Bell, assassinada em Leeds, dezembro de 1980.

Meu capítulo.
O último capítulo.
Fechei o fichário vermelho, o fichário vermelho que eles tinham me entregado.
Nada de novo.

Olhei para a parede, para o mapa e para as fotografias, para as letras e datas, para os números:

Sete anos, treze mulheres mortas, sete delas mães, vinte crianças órfãs.

A voz de Reed ecoava no cômodo.

– O que você sabe?

Minhas palavras ecoavam de volta:

– Não muito mais do que saiu nos jornais.

Tudo ecoava ao redor da minha cabeça, naquela edícula, naquele espaço.

Meu espaço.

A Sala de Guerra.

Minhas obsessões:

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Vê-los, cheirá-los, prová-los.

A Sala de Guerra.

Minha guerra:

Crianças órfãs, mães sem filhos.

Eu tinha 40 anos, Joan, 38.

Não tínhamos filhos, não podíamos.

Em um ponto dos Moors, com boa visibilidade, renovei o velho acordo:

Eu o pego, faço com que pare de matar mães, que pare de deixar crianças órfãs, e você nos dá uma, apenas uma.

segunda transmissão em cleckheaton na cumberland avenue atraente anita bird na segunda-feira cinco de agosto de mil novecentos e setenta e quatro clive escondeu todos os meus pares de sapatos agarrou minha cabeça e a enfiou num balde de água gelada ele era louco e fora avisado para manter-se longe das mulheres por pelo menos cinco anos mas ele me trouxe uma televisão em cores e fizemos as pazes mas eu estava com medo dele e um pouco chorosa tocando crying in the chapel enquanto levei os lençóis para dentro e os dobrei na cozinha o gatinho desaparecido então fui procurá-lo e nas sombras da escuridão ele surgiu estava bem vestido e cheirando a sabonete um bonito garçom italiano ou grego ele queria entrar para tomar uma xícara de chá seus olhos ágeis e suas mãos delicadas e com sotaque de yorkshire ele pergunta você quer de jeito nenhum eu disse e o martelo desce uma duas três vezes e ele baixou sua calcinha levantou sua blusa e golpeou o estômago dela e queria esfaqueá-la mas então a luz se acendeu e o homem perguntou o que estava acontecendo quem estava lá fora quem estava fazendo todo aquele barulho o que era aquele barulho o que estava acontecendo não há nada para se preocupar volte para casa está tudo bem agora você tem certeza sim não se preocupe mas ela precisará de uma operação de doze horas para remover os pedaços de cérebro do seu crânio os últimos rituais para viver atrás de arames e alarmes sozinha com seus gatos e suas fotos de jesus e david soul e khalid aziz dentadas de sete centímetros na sua cabeça e o cabelo que ela mesma corta crying in the chapel e eu no meu mundo com as cortinas fechadas com um roupão seus gatos andando no meio da rua com medo das sombras e dos homens atrás dela quando seis meses antes o homem misterioso apareceu na loja de conveniência e todos os dias durante uma semana deixou mensagens pedindo que ela saísse com ele uma noite para tomar uns drinques e jantar ele a levou a bradford a um restaurante no centro da cidade e ela não consegue se lembrar qual mas sabe que todas as garçonetes vestiam longas saias pretas e ele era amigável de uma maneira de yorkshire e sabia tudo sobre ela embora nunca tenham se visto antes e ele disse que seu nome era michael gill ou era mentira um médico mentira vivia com a vó que era velha e doente e ele tinha um gato terminaram de comer e ele a levou para casa para cleckheaton e não entraria para tomar um café pois tinha de ir para casa colocar sua vó na cama e nem lhe deu um beijo na bochecha e ela nunca mais o viu e seis meses mais tarde ela está caída na rua golpes feitos com bota de salto cubano e lacerações pelo estômago o tipo que namorados do caribe como seu clive fazem nas namoradas que são infiéis você quer de jeito nenhum e então o martelo desce uma duas três vezes ele baixou sua calcinha e levantou sua blusa golpeou seu estômago e ela já não é anita é anna e nunca mais será anita pois anita morreu naquela noite sobre os paralelepípedos e algumas vezes desejo que aquela operação nunca tivesse acontecido desejávamos que tivesse morrido com ela sobre os paralelepípedos e então não conheceria nada além da escuridão e nada mais se soubesse o que esperava por mim teria recusado o que eles chamaram de operação salva-vida minha vida não foi salva está perdida então tive uma indenização de quinze mil libras mas nenhum dinheiro pode devolver meu anonimato pode devolver meus namorados nenhum dinheiro pode remover o estigma do estripador pode devolver meu doutor mentiroso ou era gill michael gill quinze mil libras de

indenização para viver atrás de arames e alarmes com meus gatos e minhas fotos de cristo com medo das sombras e dos homens atrás de mim sozinha você quer

2

Sete horas.

Sexta-feira, 12 de dezembro de 1980.

Delegacia central da polícia de Manchester.

Décimo primeiro andar.

Sala do assistente-chefe de polícia.

Minha sala.

Com a minha pasta ao lado da porta, o rádio ligado:

"O antecipado êxodo de Natal deve continuar nas universidades e faculdades pelo Norte da Inglaterra após a seguinte declaração do presidente da UNE, a União Nacional dos Estudantes:

" 'Os matriculados em qualquer universidade do Norte do país conhecerão, imediatamente, o manto que o Estripador de Yorkshire jogou sobre a população estudantil...' "

Aproximo-me da bandeja em cima da minha mesa com os cartões de Natal.

"Outra notícia: foi anunciado que trinta mil porcos serão abatidos numa tentativa de deter o avanço da gripe suína..."

Ouvi a porta que dava para o corredor abrir e fechar.

Coloquei os últimos papéis em suas pastas e saí para o corredor.

Parei na porta do chefe de polícia e bati.

– Entre.

Abri a porta.

O chefe de polícia, Clement Smith, estava sentado à sua mesa.

– Bom dia – cumprimentei.

Ele não ergueu os olhos.

Fiquei parado, esperando.

Finalmente, ele perguntou:

– Aceitou?

– Sim.

Ele ergueu os olhos. Os cabelos cortados rente à cabeça, o bigode preto e os olhos escuros deixavam Clement Smith com uma única expressão:

Ortodoxo.

– Eles me pediram que eu montasse uma equipe para me ajudar.

Silêncio.

– Gostaria de levar John Murphy e Alec McDonald, além do inspetor Hillman e da detetive sargento Marshall, da Homicídios.

– Helen Marshall?

– Sim.

– É isso o que você quer?

– É.

– Poderia ter mais três assistentes.

– Eu sei.

– Já conversou com eles?

– Não.

– Tem algum cronograma em mente?

– Com a sua permissão, gostaria de poder reunir todos eles ainda esta manhã.

Silêncio.

– Preciso ir à coletiva de imprensa de Wakefield esta tarde e gostaria de levar John Murphy comigo.

Silêncio.

– Devo me encontrar com o chefe de polícia Angus, George Oldman e Peter Noble, para iniciar o trabalho.

Silêncio.

– Se o senhor concordar.

Finalmente, ele disse:

– Fui instruído para oferecer tudo o que você quiser.

– Obrigado.

Uma pausa. Depois:

– Vou pedir a todos que estejam na sua sala às dez.

– Obrigado.

Clement Smith acenou com a cabeça e voltou ao trabalho.

Caminhei até a porta.

– Peter – ele me chamou.

Virei-me.

– Você aceitou rapidamente?

– Não poderia ter recusado.

– Poderia sim – ele disse. – Eu teria recusado.

– Mas eu considero o convite uma honra, senhor. Uma honra para o Departamento de Polícia de Manchester.

Ele voltou ao seu trabalho.

Abri a porta.

– Peter – ele disse novamente.

Virei-me.

– Espero que seja verdade – ele disse. – Espero que sim.

Dez horas.

Minha sala.

Detetive-chefe superintendente John Murphy: de ascendência irlandesa de Manchester, sua mãe conhecia a minha, tem cinquenta e poucos anos, mais de vinte de experiência no Departamento de Homicídios, alguns trabalhos ao meu lado na A10. Envolvido diretamente na chamada Caça ao Estripador, foi responsável pelo caso de Elizabeth McQueen, em 1977.

Detetive-chefe inspetor Alec McDonald: escocês, criado em Glasgow, quarenta e muitos anos, cinco na Divisão de Costumes, cinco no Crime Organizado, envolvido diretamente com o caso do Estripador durante a investigação de Doreen Pickles, em 1978.

Inspetor Mike Hillman: meados dos trinta, cinco na A10 comigo, extenso trabalho na anticorrupção, atualmente no Crime Organizado.

Detetive Helen Marshall: pouco mais de trinta anos, dez na Divisão de Costumes e Narcóticos, atualmente no Crime Organizado.

O melhor que tínhamos.

Oito olhos brilhantes em cima de mim.

– Agradeço a todos por terem vindo tão rapidamente.

Acenos com a cabeça e sorrisos...

– Vou ser direto: o Home Office pediu que eu liderasse uma investigação sobre os assassinatos e ataques a mulheres no Norte da Inglaterra, ataques que dizem ser trabalho do Estripador de Yorkshire. Contando o de ontem, temos no total treze assassinatos.

Nenhum movimento, nenhum sorriso.

– O objetivo da investigação é revisar e destacar pontos preocupantes, sugerir estratégias alternativas, perseguir e prender o responsável por tudo isso.

Oito olhos em cima de mim.

– Pedi que viessem aqui nesta manhã, pois gostaria que fizessem parte desta investigação. No entanto, isso significa que serão afastados das suas atuais obrigações, que ficarão confinados em Yorkshire, longe de suas famílias, trabalhando vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, pouco tempo livre.

Nenhum movimento, nenhum sorriso, apenas olhares.

– Vocês conhecem as exigências e não quero obrigar ninguém a aceitar. Porém, trabalhei com cada um de vocês e acredito que são os melhores para esta missão.

Olhares duros.

– Caso não possam se comprometer, digam agora.

Silêncio, então...

John Murphy:

– Estou dentro.

– Obrigado, John.

Alec McDonald:

– Dentro.

– Obrigado.

Mike Hillman:

– Odeio Yorkshire, mas aceito.

– Obrigado, Mike.

Helen Marshall:

– Preciso conseguir alguém que dê comida ao meu cachorro.

– Obrigado.

Sentei-me.

– Obrigado a todos. Eu sabia que podia contar com vocês.

Novos sorrisos, os olhares duros se foram.

– Em poucas horas, John e eu vamos para Wakefield, para a coletiva de imprensa desta tarde. Os demais devem aproveitar a oportunidade para passar seus atuais deveres a outras pessoas. A equipe do chefe de polícia Smith fornecerá todas as autorizações necessárias ainda esta manhã. Após a coletiva, tenho uma reunião com o chefe de polícia Angus e o assistente-chefe de polícia Oldman. John providenciará os escritórios e reservará o hotel. Vamos marcar uma reunião para amanhã de manhã, às nove, em Leeds. O local exato será confirmado hoje à tarde, certo?

Todos fizeram que sim.

– Perguntas?

Mike Hillman:

– Eles sabem que vamos para lá?

– Os chefes sabem, mas devemos nos manter longe dos demais oficiais e da imprensa.

Fizeram que sim novamente.

Alec McDonald:

– Devemos levar os nossos arquivos sobre McQueen e Pickles?

– Ainda não. Vamos ver primeiro o que eles têm por lá.

Alec concorda.

Silêncio, até eu perguntar:

– Combinado? Até amanhã.

Todos nos levantamos.

– Mais uma vez, obrigado – eu disse, e oito olhos brilhantes me olharam.

Os melhores.

Meus.

Passando pelos Moors novamente, entre os caminhões articulados, inóspitos e

vazios, com neve através de seus ossos frios e perdidos.

John Murphy e eu, nossas lembranças não estavam congeladas nem perdidas.

Nossas.

Esgotada a conversa sobre futebol, minhas mãos segurando firme o volante, olhos na estrada, silêncio.

Passados alguns minutos, liguei o rádio. Os ouvintes telefonavam para Jimmy Young perguntando sobre a morte de John Lennon, sobre os reféns no Irã, sobre a Terceira Guerra Mundial, sobre uma fábrica alemã que não precisava de funcionários, apenas de máquinas, e sobre o Estripador de Yorkshire, sobretudo o Estripador de Yorkshire:

"Vamos colocar cartazes por todos os lados, dizendo: O Estripador é um covarde."

Assassinatos e mentiras, guerra:

O Norte após a bomba, máquinas são os únicos sobreviventes.

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Murphy perguntou:

– Quando você fez esta viagem pela última vez?

– Ontem.

– Não, quero dizer com o A10?

– Acho que foi com a Divisão de Costumes de Bradford, em 1977. Você se lembra?

Ele fez que sim.

– Tudo indicava que ia bem. Interrogatórios, a cena do crime, depois...

– Caso encerrado.

– Águas lamacentas, não, Pete?

– Poderia deixar em pé o seu cassetete, John.

– E antes disso teve Strafford, certo?

– É.

– Porra – sussurrou Murphy. – Maldita Yorkshire.

– É... – concordei.

Os Moors, Murphy e eu.

Nossas lembranças não estão congeladas nem perdidas.

Os tiroteios do Strafford.

Véspera de Natal, 1974:

Um roubo a um pub *que deu errado.*

Três mortos na cena do crime, três feridos, um deles fatalmente.

Dois dos feridos eram policiais.

Os suspeitos escaparam, policiais armados e bloqueios nas ruas de Yorkshire, possíveis conexões com terroristas republicanos dada a proximidade com a prisão de Wakefield.

Vinte e quatro horas mais tarde, eram quatro mortos, dois policiais feridos.

Nada mais.

Pedido de inquérito.

Janeiro de 1975 e lá estávamos nós.

A10:

Eu e Clarkie.

O detetive-chefe inspetor Mark Clark, um amigo.

Quatro semanas.

Uma nervosa ligação telefônica, duas horas atravessando os malditos Moors, em direção aos lençóis sangrentos e a outro aborto.

Clarkie ficou à frente, Murphy assumiu como seu substituto.

Duas semanas.

Clarkie teve um colapso: dores no peito causadas pela exaustão.

Murphy ficou à frente, Hillman assumiu como seu substituto.

Mais duas semanas.

Clarkie morreu: dores no peito.

Todos em casa.

Caso encerrado.

Os Moors, Murphy e eu.

Lembranças nem congeladas nem perdidas.

– Então, faz tempo que você não se encontra com George? – perguntou Murphy.

– Mal posso esperar – respondi.

– Trouxe o seu dicionário?

– Dicionário? Aqueles caras nem sabem falar.

– São uns bárbaros – disse Murphy.

Olhei para a fila de caminhões, para os Moors que tinham ficado para trás, para os postes negros e os fios de telefone.

O Norte após a bomba, máquinas são os únicos sobreviventes.

Assassinatos e mentiras, guerra.

Minha guerra:

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

– Que tipo de recepção você acha que vamos ter?

– Fria – respondi.

– Maldito Yorkshire.

Seu Yorkshire.

Wakefield, a deserta Wakefield.

Sexta-feira, 12 de dezembro de 1980.

Nada além de sentimentos doentios e lembranças ruins de investigações frustradas, muros de silêncio, segredos escondidos e paranoias.

Infernos profissionais.

Janeiro de 1975.

Nada além de sentimentos doentios e lembranças ruins de investigações frustradas, muros de silêncio, culpa profunda e responsabilidades.

Infernos pessoais.

Janeiro de 1975.

Preces impotentes e promessas quebradas, renegadas e devolvidas.

Dezembro de 1980.

Wakefield, a árida Wakefield.

A delegacia central da polícia de West Yorkshire, na Laburnum Road, Wakefield.

Estacionamos os nossos Rovers pretos entre outros Rovers pretos e saímos na chuva. Somos enviados à parte dos fundos do edifício, atravessando a rua até o

ginásio do Training College.

Tínhamos chegado cedo.

Mas era possível escutar a imprensa aguardando do outro lado do prédio, esperando.

Era cedo.

Policiais uniformizados nos conduziram por mais um corredor, seguindo em direção a uma pequena sala ao lado da copa.

E aqui, entre as comidas, encontramos os medalhões de Yorkshire: Angus, Oldman e Noble.

Escondidos e já vencidos, de pé, entre os sanduíches e os seus dias melhores, seus Panteras Negras e seus atentados a bomba na M62, seus tiroteios na A1 e seus Michael Myshkins, aqueles bons e velhos tempos.

– Chefe de polícia Angus?

Ele virou-se.

– Senhor Hunter – ele disse.

A sala estava em silêncio, morta.

– Este é John Murphy – eu disse.

– Eu sei – ele respondeu, mas não apertou a mão de Murphy –, já nos conhecemos.

No fundo da sala, outros homens deram um passo à frente, rostos familiares de outras conferências e velhos jornais, Oldman e Noble vieram do corredor.

Angus nos apresentou a Bill Meyers, coordenador nacional dos Esquadrões Regionais de Crime, a Donald Lincoln, o suplente de Sir John Reed, e ao doutor Stephen Tippet, do Departamento de Medicina Legal, que eu já encontrara várias vezes.

Leonard Curtis, assistente-chefe de polícia do Vale do Tâmisa, não pôde fazer comparecer e Sir John viajara ao Caribe naquela mesma manhã.

– Crise, que crise? – perguntou Murphy, sorrindo, enquanto éramos conduzidos para fora, em direção ao ginásio, em direção à multidão que nos esperava.

A multidão.

O choque do dia anterior se transformou em raiva, raiva profunda.

Eles estão ladrando por nós, farejando sangue fresco, loucos por sangue fresco.

Muito sangue.

Um homem de terno, do Departamento de Relações Públicas, nos guiou através das portas em direção àquele mar de ódio.

Seguimos para as longas mesas de plástico em frente, éramos oito, e Murphy ficou esperando perto da saída.

Sentamos. A multidão sentada à nossa frente, fotógrafos e câmeras de televisão em pé, todos lutando pelo melhor ângulo.

Do lado de fora das grandes janelas do ginásio já está quase escuro, um mar negro, e os vidros das janelas refletiam as costas dos homens da imprensa, suas luzes, suas câmeras, suas ações.

Angus deu um tapinha no microfone.

Eu observava as cordas penduradas no teto.

– Senhores – ele começou –, como todos já sabem, ontem à noite participei de uma reunião de emergência do conselho de polícia de West Yorkshire, convocada após a confirmação da morte de Laureen Bell, décima terceira vítima do Estripador de Yorkshire. Propus várias alterações na investigação e o conselho as aceitou.

– Você renunciou? – alguém gritou nos fundos.

Angus fingiu não ouvir.

– Convidamos vários detetives experientes de toda a Grã-Bretanha e peritos do Home Office para nos ajudar na captura desse maníaco. Esses homens são o senhor Leonard Curtis, assistente-chefe de polícia do Vale do Tâmisa, que infelizmente não pôde estar conosco hoje...

– Mais ou menos como o maldito Estripador. Certo, Ron?

– O senhor William Meyers, coordenador nacional dos Esquadrões Regionais de Crime; o comandante Donald Lincoln, chefe de polícia suplente. O senhor Peter Hunter, assistente-chefe de polícia da Grande Manchester; e o doutor Stephen Tippet, do Departamento de Medicina Legal do Home Office.

“Eles formam o grupo de oficiais mais experientes que poderíamos reunir para

nos auxiliar nas investigações. E farão uma extensa revisão das antigas e atuais estratégias policiais usadas na caça do Estripador. Serão críticos das ações da polícia e aconselharão seus colegas de West Yorkshire sobre as melhores estratégias a serem seguidas.

"Além disso, gostaria de anunciar algumas alterações operacionais internas que o conselho da polícia já aprovou.

"A partir de hoje, Peter Noble assume temporariamente o cargo de assistente-chefe da polícia, sendo dispensado de todos os outros deveres, tendo somente a responsabilidade pela captura desse homem.

"O assistente-chefe de polícia Oldman permanecerá à frente do Departamento de Investigações Criminais de West Yorkshire, sendo o responsável por todas as ocorrências, exceto as investigações dos assassinatos e ataques do Estripador.

"Sinceramente, espero que, com o apoio constante da população, essas mudanças nos aproximem rapidamente do fim desses terríveis crimes. Obrigado."

O mar de ódio se moveu.

Uma onda estrondosa e ensurdecedora:

– O detetive de polícia gostaria de comentar as alegações de que um tempo precioso já foi perdido?

– É verdade que Laureen não foi dada como desaparecida antes das dez e meia?

– E os comentários da garota que morava com ela, dizendo que ligou repetidas vezes para a polícia pedindo que uma busca fosse iniciada...

– E os rumores de que ela sangrou até a morte, enquanto os policiais não atenderam aos vários pedidos de ajuda dos seus amigos e de sua colega de apartamento?

– E de que a bolsa ensanguentada da senhorita Bell foi descoberta um tempo...

– ... que a sua bolsa foi entregue e simplesmente arquivada como objeto perdido, apesar das manchas de sangue?

– Não poderiam ter sido montados bloqueios nas ruas?

– Algum suspeito foi preso, alguma testemunha...

Estávamos afogados, encalhados.

Oldman apoiava a cabeça vermelha sobre a mão esquerda, sem os óculos, com lágrimas nos olhos.

Noble tentava selecionar as perguntas no meio da enxurrada.

Angus, de lábios contraídos, desejava tapar o sol com a peneira.

O funcionário de Relações Públicas tentava manter-se à margem, mas estava afundando.

E o restante de nós jogados ao mar.

Perdidos.

Olhei mais uma vez para as cordas, que balançavam.

Procurava uma saída.

Uma saída.

Uma saída das...

"... sugestões em alguns relatórios de que a chamada *Fita Jack de Wearside*, a *Fita do Estripador*, não passa de um trote?"

Silêncio.

Oldman, de olhos fechados. Noble, com a boca aberta. Ronald Angus, de pé, gritava:

– Imploro a toda a população, a toda a população e à imprensa, que ignorem as acusações de que a fita é falsa. Estou 99% certo de que o homem da fita, a voz nela registrada realmente pertence ao homem que buscamos, 99% de certeza de que é a voz do Estripador de Yorkshire.

Eu olhava para as cordas que balançavam.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Um caminho para fora.

Uma saída.

– Merda.

Portas batiam, paletós eram arrancados dos corpos, sanduíches voavam, latas eram abertas.

– Malditos idiotas, todos eles.

Na sala dos fundos, os poderosos gritavam.

– Que bagunça de merda.

As recriminações e a culpa, procurando inocentes, um bode expiatório.

O relações-públicas queria matar todos eles, Angus segurava uma faca:

Era a sua vez, ele queria sangue.

Oldman saiu para um lado, encarando o vazio.

O bode expiatório.

Deixei Murphy com a lâmina de prata e os sanduíches e me afastei.

– George – chamei.

Ele ergueu os olhos, tirando os óculos. Parecia mais magro do que nunca.

– Posso me sentar?

Ele me encarava, com os olhos escuros e pequenos.

– George?

– Vá se foder, Hunter.

Alguém encostou no meu cotovelo. Era Noble, tentando me afastar.

– Nos vemos em Millgarth, às seis – ele disse.

Concordei com a cabeça, olhando para Oldman, vendo-o perdido, sombrio e pequeno.

– Não ligue para o que ele disse. Ele sofreu um choque, só isso – disse Noble.

Fiz que sim, olhando para o vazio.

Um vazio branco e enorme.

Perdido.

– O que foi aquilo? – perguntou Murphy, balançando a cabeça e engatando a ré no estacionamento.

O rádio ligado:

"Grandes mudanças na caça ao Estripador de Yorkshire..."

– Ele não sabia – comentei.

– Está brincando?

"O senhor Ronald Angus, chefe da polícia de West Yorkshire, anunciou que um conselho de experientes detetives de todo o país e um perito em medicina legal serão incluídos na caça pelo homem que agora dizem ser..."

– Eles não perdem tempo, certo?

– Não.

“O senhor Angus também confirmou que o senhor George Oldman, detetive-chefe superintendente e chefe do departamento de Investigações Criminais de West Yorkshire, foi afastado do comando do inquérito.”

Seguimos pela M1, escutando em silêncio as notícias que finalmente mudavam de assunto. Comentavam os dois milhões e meio de desempregados, dizendo que um posto de trabalho era perdido a cada dois minutos, passaram a relatar as penitenciárias do Norte da Irlanda e o bloco soviético, passando finalmente ao caso de uma mulher que cortou a própria garganta com um cortador elétrico de cerca viva.

– Jesus – murmurou Murphy quando nos aproximávamos de Leeds. – Que merda de lugar.

Leeds.

Wakefield estava deserta e árida, mas Leeds era duas vezes pior, ou mais.

Uma junção do pior dos tempos, do pior dos infernos.

A época medieval, a vitoriana e a concreta:

Os arcos escuros, a névoa preta e as janelas quebradas da decadência industrial, dos assassinatos industriais, dos infernos industriais.

Uma cidade morta, abandonada aos corvos, à chuva e ao Estripador.

E esse dia:

Sexta-feira, 12 de dezembro de 1980.

Não parecia nada distinto do que lembrávamos, do que temíamos.

O espectro aterrorizador de um pesadelo desperto.

Um passado preso no futuro, aqui e agora:

Sexta-feira, 12 de dezembro de 1980.

Gritando ao vento.

Um castelo de sangue surgindo na chuva sangrenta, uma lágrima na paisagem.

Leeds, a cruel e concreta cidade medieval:

Cidade morta.

Os corvos, a chuva e o Estripador.

O Estripador, um rei.

O rei de Leeds.

Num bar sujo e frio, à sombra de uma área industrial, bebíamos chá frio e ruim para matar o tempo, em meio a caminhoneiros que comiam o peixe do dia e crianças brincando na máquina caça-níqueis.

Estava muito escuro quando deixamos o carro no estacionamento subterrâneo sob a delegacia de Millgarth, perto do mercado de Kirkgate. Logo depois, subimos a rampa debaixo de chuva, pois o elevador não estava funcionando e as sarjetas do mercado estavam repletas de vegetais podres e água parada. Murphy xingava Leeds e Yorkshire, seus policiais e seus assassinos.

– Gostaria de falar com Noble, o assistente-chefe de polícia, por favor.

O sargento gordo sentado à mesa, com o rosto e as mãos cobertos de furúnculos, fungou e perguntou:

– Quem é você?

– Assistente-chefe da polícia da Grande Manchester, Hunter, e detetive-chefe superintendente Murphy, também de Manchester.

Ele limpou o nariz com os dedos.

– Esperem ali.

– Temos uma reunião marcada – disse John Murphy. – Para que ele serve se ele não está?

Levei Murphy em direção às cadeiras de plástico postas sob luzes brilhantes, sentindo o cheiro ruim e forte dos cães policiais molhados de chuva.

– Ele que se foda – murmurou Murphy.

– Não vale a pena, John.

E nos sentamos em silêncio, olhando para as marcas das botas no piso de linóleo, observando os pelos dos cães, esperando.

Esperando que aquilo começasse.

Ficamos sentados, olhando para as marcas pretas, para os pelos dos cães, e pensei em quanto tempo estava esperando.

Esperando que aquilo chegasse ao fim:

Cinco anos.

Cinco anos para voltar e consertar as coisas erradas, para fazê-las da maneira certa, para fazer com que tudo aquilo valesse a pena.

Cinco anos de casamento e abortos, de travesseiros molhados e lençóis ensanguentados, de médicos e padres, de drogas e exames, de promessas e pratos quebrados.

Cinco anos de...

– Manchester? Pode subir.

– Já estava mais do que na hora – disse Murphy.

O sargento olhou para nós dois, sem sair da sua mesa, e disse:

– Apenas o senhor Hunter.

As palmas das minhas mãos estavam entre a mesa e Murphy.

– Tente encontrar alguém, veja se encontra um hotel. Vou conversar com Noble sobre os escritórios. Certo?

Ele olhava o sargento, e os olhos e os furúnculos atrás da mesa.

– John?

– Certo, certo, certo.

– Nos encontramos aqui em uma hora, tudo bem? – perguntei.

Ele não tirava os olhos do sargento, mas fez que sim:

– Eis a velha e maldita hospitalidade de Yorkshire.

O sargento não ergueu os olhos.

– Sinto muito sobre o que aconteceu antes – disse o assistente-chefe de polícia temporário Peter Noble, sentando-se à sua mesa.

– Não houve prejuízo – respondi, também me sentando.

– Então está tudo bem – comentou, sorrindo.

Era mais velho do que eu, mas não muito.

Quarenta e cinco anos, no máximo. Cabelos grossos começando a ficar

grisalhos, um bigode que o deixava com aparência de homem ainda forte, ainda na ativa. De manhã, enquanto se barbeia, pensava em Burt Reynolds, analisando suas chances, ainda na caça.

– Não vai ser nada divertido para você – ele disse. – Mas acho que já deve estar acostumado.

– Desculpe? Acostumado com o quê? – perguntei, olhando para a fotografia de duas crianças no parapeito da janela, logo atrás da mesa.

– Acostumado a não ter projeção.

– Não era mesmo o que eu estava esperando.

– Bom – ele disse, sorrindo.

A porta se abriu, e o chefe de polícia Angus entrou.

– Senhores.

– Acabamos de começar – disse Noble, levantando-se.

– Chega por hoje – disse Angus, sorrindo. – Após o terrível dia que tivemos, deveríamos demonstrar alguma hospitalidade ao senhor Hunter e levá-lo para jantar.

– O problema é que tenho um encontro marcado com John Murphy.

– Não se preocupe com ele – disse Angus, piscando. – Dickie Alderman e outros dois caras vão cuidar de Murphy. Aliás, eles já reservaram quartos para vocês no Griffin e saíram para tomar umas cervejas.

– No Griffin?

– Bem no centro da cidade. Perfeito.

Seguiu-se uma pausa, então eu disse:

– Gostaria de começar imediatamente.

– Claro que quer – disse o chefe de polícia, sorrindo. – Você começará. Mas poderíamos comer uma carne e tomar uns drinques enquanto isso.

Os dois esperavam parados na porta.

– Preciso fazer uma ligação para Manchester.

Noble apontou para o telefone na sua mesa.

– Fique à vontade.

O Draganora Hotel ocupava um arranha-céu moderno próximo à Leeds City Station, e o restaurante no terceiro andar estava escuro e vazio.

Sentamos-nos ao lado da janela, com a chuva batendo no vidro, as luzes da cidade trêmulas sob o vento e a noite.

– A comida é à vontade – disse Angus, sorrindo. – Sirva-se de tudo e repita quantas vezes quiser até eles te expulsarem.

Pedimos as bebidas e seguimos para a grande mesa nos fundos do restaurante, onde a comida nos esperava sob fracas luzes alaranjadas.

Eu e Noble seguimos Angus, em fila, pegando carne malpassada e vegetais exageradamente cozidos até não sobrar nenhum espaço em nossos pratos.

Enquanto comíamos, conversamos sobre a péssima campanha do Leeds e do Manchester United, a prisão de Lord Kagan e a morte de John Lennon. Evitamos cuidadosamente o óbvio, tomamos cuidado com o fato de que éramos os únicos clientes no restaurante de um hotel quatro estrelas de Leeds, uma semana antes do Natal, pois queríamos evitar pensar na razão que nos levara até lá, e não a qualquer outro lugar.

Noble se levantou para pegar mais comida.

– Não foi uma perda muito grande, se você quer saber – disse Angus.

– Você não era muito fã? – perguntei.

– Para ser honesto, Hunter, acho que eles não eram muito populares por aqui. Entendo que para você deve ter sido diferente, já que vem de fora. Mas neste lado temos orgulho de não seguirmos tendências.

– Continuam falando dos malditos Beatles, certo? – perguntou Noble, de volta com um prato para ele e outro para o seu chefe.

– Eu só estava dizendo a Hunter que Yorkshire é o último reduto do bom senso. Somos uma espécie de resistência – disse Angus, sorrindo.

– Para mim não foi uma grande perda, se você quer saber – disse Noble, atacando o segundo prato de comida.

Tomei um gole do meu gim e fiquei olhando para a chuva, imaginando se Joan já teria ido para cama.

Angus continuava empilhando comida no garfo e, ainda sorrindo, perguntou:

– Não está fazendo greve de fome, certo?

– Não – respondi. – Por quê?

– Imaginei que não estivesse comendo por compaixão.

– O quê? – perguntei, sorrindo, mas sem entender nada.

Angus ergueu os olhos da fria carne malpassada:

– A prisão Maze.* Você é simpatizante, não?

– Não.

– Ah, sinto muito. Não quis ofender, mas tinha escutado algo a respeito.

– Mas não sou.

– Tudo bem – ele disse, deixando o garfo e a faca na mesa e pegando um envelope no bolso do paletó. – Se não vai comer, talvez queira dar uma olhada nisso.

Peguei o envelope e abri.

Dentro, encontrei um memorando de Angus endereçado a Sir John Reed, a Philip Evans e a mim.

Um memorando definindo as linhas gerais acerca da minha investigação e da investigação deles.

Levantei os olhos.

Angus e Noble pararam de comer e ficaram olhando para mim.

– Outra bebida? – perguntou Noble.

Aceitei e voltei a ler o memorando.

Em duas frases, o documento dizia que eu fora convidado pela Polícia Metropolitana de West Yorkshire para revisar os inquéritos sobre os assassinatos e ataques atribuídos ao chamado Estripador de Yorkshire, e que eu deveria recomendar alterações em qualquer procedimento operacional, depois enviar tais recomendações diretamente ao chefe de polícia Angus. Durante o andamento do processo, o surgimento de qualquer evidência de que alguém entre eles possa estar envolvido na história do Estripador, ou então agindo de forma negligente ou ofensiva, deveria ser imediatamente repassada ao chefe de polícia. Nenhuma providência deveria ser tomada de forma independente nessas circunstâncias.

– Espero que não enxergue nesse memorando qualquer tentativa de circunscrever ou limitar o escopo da sua investigação – disse Angus, sorrindo. – Porém, tanto Sir John como eu concordamos que uma investigação como esta,

como qualquer investigação aberta, pode facilmente levar a algum tipo de confusão amorfa, o que serviria, de fato, apenas para obscurecer e atrapalhar a investigação inicial. Estou certo?

– Claro que sim – disse Noble.

Tomei um gole do gim, contando de trás para a frente, começando do cem. Perguntei:

– Vocês sabem por que me trouxeram aqui?

– Sabemos – disse Ronald Angus, o chefe de polícia de West Yorkshire.

– Certo – eu disse, sorrindo.

Ronald Angus e Peter Noble tomavam grandes goles de suas bebidas, então Angus olhou para o relógio e depois para Noble, antes de olhar para mim e dizer:

– Já separamos uma sala ao lado da Sala do Estripador. Assim você terá acesso fácil à equipe de investigação e aos papéis sobre o Estripador.

– Obrigado.

Angus acenou com a cabeça e, logo depois, perguntou:

– Como vai a sua esposa?

– Vai bem, obrigado – respondi, mais uma vez sem entender.

– Sinto muito – ele disse. – Não queria me intrometer, mas ouvi dizer que ela não está muito bem.

– Ela está bem, obrigado.

Silêncio.

O restaurante escuro e vazio, a chuva sobre o vidro aramado, as luzes da cidade trêmulas sob o vento e a noite.

Silêncio, até...

Até Noble sugerir:

– Vamos ao bar?

– Ao cassino? – adicionou Angus.

– Honestamente – eu disse, sorrindo –, foi um dia muito longo e eu apenas gostaria de ir para o hotel, se estiver tudo bem para vocês.

– O hóspede é quem manda – disse Angus.

– Eu te levo – ofereceu Noble, levantando-se e fazendo um gesto pedindo a conta.

Pegamos os nossos casacos, descemos pela escada rolante e esperamos os carros serem trazidos pelos manobristas. A noite era fria e úmida, e a conversa morreu.

– Obrigado pelo jantar – agradeci, apertando a mão de Angus.

– Essa é a boa e velha hospitalidade de Yorkshire – disse Angus, dando uma piscadela. – Durma bem, Hunter. Não deixe que os insetos de Yorkshire te mordam.

O Griffin é um velho hotel em Boar Lane.

Disse adeus a Peter Noble e segui para a recepção.

Lá dentro, parecia que estavam fazendo uma reforma: lençóis brancos pendurados nas paredes e sobre os móveis.

Eram quase nove da noite.

Eu era o único por ali.

Toquei a campainha da recepção e esperei.

– Em que posso ajudar? – perguntou o recepcionista, saindo de uma sala nos fundos.

– Tenho uma reserva. O meu nome é Hunter, Peter Hunter.

Ele abriu um livro sobre o balcão e checou a lista com os dedos.

– Sinto muito, mas não temos nenhuma reserva com esse nome.

– Murphy? John Murphy?

– Ah, sim. O senhor vai dividir quarto com o senhor Murphy?

– Espero que não. Acho que a reserva foi feita pelo superintendente Alderman, da delegacia de Millgarth, certo?

– Exatamente – ele respondeu, concordando com a cabeça.

– E o senhor Murphy já fez *check in*?

– Não, ainda não.

– É possível eu ficar em um quarto separado?

– Se o senhor preferir.

– Por favor.

– O senhor se importaria de esperar meia hora? Estamos com falta de

funcionários e alguns quartos estão sendo redecorados.

– Tudo bem. Poderia me emprestar um guarda-chuva?

– O nosso bar está aberto, caso queira tomar um drinque.

– Preciso caminhar um pouco.

Ele foi até o escritório e voltou com um guarda-chuva preto.

– Obrigado – agradeci.

– O senhor sabe aonde quer ir? – ele perguntou.

– Sei – respondi.

– Claro que sim – ele sorriu. – O senhor é policial, certo?

De volta à chuva, de volta à noite, por ruas desertas, sob as luzes de Natal balançando ao longo da Boar Lane, centros comerciais e escritórios vazios, escuros e enormes, como se fossem cânions erguendo-se, subi a Market Street, as fileiras de ônibus vazios e acesos sem lugares ou passageiros para onde ir. Passei pelos estandes do mercado de Kirkgate, pelas montanhas de lixo, pelas comidas de ratos e pássaros, e voltei a Millgarth, ao subsolo. Dois minutos mais tarde, na garagem, eu dava marcha a ré no carro e ia embora, seguindo as placas para Headingley.

Duas noites tinham se passado e tudo estava morto.

Com o guia *Leeds & Bradford de A a Z* em uma das mãos, cheguei ao ponto onde a Headingley Lane se transformava na Otley Road, ao Kentucky Fried Chicken, às paradas de ônibus, à Alma Road e Laureen Bell.

Cheguei a um amplo caminho escuro e virei o carro.

Voltei ao Kentucky Fried Chicken, parei o carro, posicionando-o de frente para a rua principal, e entrei na lanchonete.

Parara de chover, mas eu era o único cliente.

Pedi uma porção de frango e batata frita, um café, e esperei sob as luzes brancas por mais de dez minutos, enquanto os funcionários asiáticos preparavam o meu pedido, olhando para a luz refletida em um outro café preto.

Levei a comida para o carro e sentei-me, com a janela aberta, comendo aquela pálida e fibrosa carne, olhando para a rua.

Ninguém.

Duas noites antes, tudo seria diferente.

Bebi o café frio e fiquei com vontade de tomar outro, pois a comida estava salgada.

Saí do carro e atravessei a rua, em direção à parada de ônibus.

Eram 21h53. Na Headingley Lane, o número 13 cada vez mais próximo.

Não parei.

Atravessei mais uma vez e virei à direita na Alma Road.

Fita de isolamento e dois carros pretos parados.

Desci a rua arborizada e mal iluminada, atravessei para evitar a fita de isolamento, e passei pelos policiais sentados no interior das viaturas.

No final da rua havia uma escola. Parei nos portões e fiquei olhando para a Alma Road.

Alma Road.

Uma rua qualquer num subúrbio qualquer, onde um homem pegou um martelo e uma faca e atacou a filha de outro homem, a irmã de outro homem, a noiva de outro homem.

Uma rua qualquer num subúrbio qualquer, onde um homem pega um martelo e uma faca e ataca Laureen Bell, esmagando o seu crânio, perfurando-a cinquenta e sete vezes na região abdominal, no ventre e uma vez no olho.

E então, naquela rua qualquer de um subúrbio qualquer, ele tinha parado seus ataques.

Por enquanto.

* Prisão no Norte da Irlanda, na qual presos políticos iniciaram uma greve de fome por causa dos tratamentos que recebiam no presídio. [N. E.]

não em sua transmissão encontrada por um entregador de leite às seis na sexta-feira seis de junho de mil novecentos e setenta e cinco nos campos do príncipe philip em scott hall leeds com várias facadas do peito à garganta feitas por uma lâmina de dez centímetros de comprimento por dois de largura com uma ponta mais afiada que a outra duras lacerações no crânio e fraturas no topo da cabeça feitas por um martelo ou um machado uma carteira branca com mamãe escrito à caneta na frente e aproximadamente cinco libras também foram dadas como perdidas da bolsa da falecida este é o mundo atual aproximadamente cinco libras all this and heaven too perdidos mas só tenho olhos para você usando calça flare branca e blusa rosa e um bolero azul às vinte para as dez no royal oak às dez no regent às dez e meia no scotsman quatorze uísques e uma bandeja de curry e fritas à uma e dez da manhã parando motoristas no cruzamento da sheepscar street south e roudhay road em leeds tentando conseguir uma carona e uma testemunha disse que um caminhão articulado com cabine escura e carga coberta com lona parou na esquina da roudhay road com a sheepscar street south este é o mundo atual a alça da sua bolsa enrolada no pulso esquerdo seis botões na grama cinco da sua blusa e um do seu bolero azul seu sutiã puxado para cima sua calça abaixada até os joelhos sua calcinha no lugar presença de sêmen na parte de trás de sua calça e calcinha sua cabeça sofreu duas lacerações uma delas penetrando com força no seu crânio uma facada no pescoço e quatorze no peito e abdômen embora as armas do assassino não tenham sido encontradas e nenhuma menção das feridas na cabeça ou das armas tenha sido oferecida à imprensa toda informação à sala de assassinatos este é o mundo atual uma boa época morta sobre a grama suas crianças esperando no ponto de ônibus por duas horas pela mamãe vinda dos bares o regent o white swan o scotsman o gaiety a sala barbarellas no meio da sexta-feira à noite uma noite gostosa se não conseguir nada nessa noite não conseguirá nunca comprar uma mulher uma barbarella com as pernas abertas este é o mundo atual eu dirigia por leeds à noite e já tomara algumas cervejas e vi aquela mulher pedindo carona e parei e perguntei para onde ia e ela disse que não muito longe obrigada por parar e entrou e eu estava de muito bom humor e então ela perguntou eu queria e eu respondi o que você quer dizer e ela disse que inferno será que eu tenho que soletrar então fomos até o parque no meu ford capri verde e antes de começarmos ela disse que custaria cinco e eu fiquei um pouco surpreso esperava que fosse um pouco romântico e eu não sou o tipo que consegue transar num segundo tenho de ser excitado mas de repente ela disse estou fora isso vai durar o dia todo e você é um maldito inútil você é e eu me senti tomado pela raiva e queria bater nela e disse espere não vá embora assim e ela disse ah então agora você pode agora pode e ela estava tirando sarro eu perguntei podemos fazer sobre a grama e ela saiu correndo para o campo e eu peguei o martelo da minha caixa de ferramentas e a segui e deixei o meu casaco sobre a grama molhada e ela se sentou abrindo a calça e disse venha e deixe isso para lá e eu disse não se preocupe eu vou e bati com o martelo nela e ela fez muito barulho e então eu bati novamente e peguei a faca do meu bolso e a perfurei quinze vezes acho e o braço dela se movia para cima e para baixo e então eu fiquei ali até que ela estivesse bem morta e então fui embora para casa este é o mundo atual com aproximadamente cinco libras em

3

Havia pessoas na televisão cantando hinos.

Pessoas sem rosto na televisão cantando hinos.

Pessoas sem rosto e sem feições na televisão cantando hinos.

E quando desliguei a televisão, quando fechei a cortina, tudo do lado de fora ficou branco e sem feições, exceto os carros estacionados e as feias gaivotas que voavam em círculo no alto, gritando.

O Norte após a bomba, máquinas são as únicas sobreviventes.

Acordei suado e com medo.

Com a palavra *retalho* nos lábios, pensando que rosto ou falta de rosto *ele* havia visto?

Procurei por Joan, mas ela não estava ali.

Eu estava sozinho entre os frios lençóis do hotel, com o rádio ligado:

Protestos sujos, greves de fome, três policiais londrinos suspensos por conta da Operação Countryman, Helen Smith...

Desliguei o rádio e peguei o meu relógio no criado-mudo:

Cinco e dez da manhã.

Sábado, 13 de dezembro de 1980.

Continua escuro e gélido do lado de fora, a chuva parou.

Restou a Era do Gelo.

Segui para a delegacia próxima à Bond Street Centre.

Comprei um *Yorkshire Post* e voltei ao Griffin.

Sentei-me na sala de jantar, era o primeiro hóspede, e pedi o café da manhã.

O cheiro de tinta, a versão sintetizada de *The Planets*, de Holst, o chiado dos alto-falantes e os pesadelos.

Estava com dor de cabeça.

Que só piorava.

Abri o *Yorkshire Post*, li as notícias sobre o Estripador, as notas da coletiva de imprensa do dia anterior.

Li meu nome.

O mingau ia e vinha e fiquei olhando para o misto grelhado, frio, as terríveis cores se mesclando, desejando estar em casa com Joan.

– É exatamente do que eu precisava – disse John Murphy, sentando-se.

– Foi uma noite longa?

– Ah, você sabe. Estabelecendo relacionamentos, essas coisas. E você?

– Jantei com Angus e Noble.

– E George?

– Não.

– E...?

– Pouca coisa, mas definimos os termos da nossa investigação.

– O quê?

Eu lhe entreguei a carta:

– Chamou os demais? – perguntei.

Com os olhos pregados no papel, ele fez que sim.

– Vamos nos encontrar aqui, às oito e meia.

– Ótimo.

– Que merda é essa? – ele perguntou ao terminar de ler.

– Não sei, mas preciso dar alguns telefonemas.

O café da manhã de Murphy chegou e ele começou a comer.

Pedi uma xícara de chá.

– E o tal Dickie Alderman?

– Amigável. Você o conhece?

– Na verdade, não. Descobriu alguma coisa?

– Os ânimos estão abalados. George está sendo evitado por muita gente. Não vamos ajudar em nada.

– Por isso nos trouxeram aqui? – perguntei, observando os operários chegando.

– A hospitalidade de Yorkshire – disse Murphy, sorrindo.

– Uns bastardos, certo?

Sentei-me na beira da cama do hotel e liguei para Whitby:

– Philip Evans falando.

– Aqui é Peter Hunter.

– Pete? Como vai?

– Vou bem, obrigado.

– Instalado?

– Sim, já temos sala e quarto de hotel.

– Vi a coletiva de imprensa. Foi complicada?

– Sim.

– E como estão te tratando?

– Nada mal, mas liguei por causa do chefe de polícia Angus.

– Entendo.

– Estava pensando se você sabe alguma coisa sobre uma carta que ele me entregou e que, basicamente, delimita os termos da nossa investigação.

– Entendo.

– Você sabe dessa carta?

Seguiu-se uma pausa, depois, Evans disse algo que não entendi.

– Sinto muito, mas você poderia repetir? – pedi.

– Você poderia me enviar a carta? Aliás, acho que seria interessante se fizesse o mesmo com todas as correspondências que chegarem relativas ao inquérito.

– Tudo bem. Sir John sabe da carta?

– Não sei. Ele está em férias até o Ano-Novo.

– É verdade, alguém me disse. Devo entrar em contato com Donald Lincoln?

– Não, eu mesmo farei isso.

– Então, devo apenas ignorar a carta?

– Não se preocupe com isso, eu resolvo tudo.

– Estou um pouco preocupado que...

– Não fique. Deixe a política comigo e concentre-se somente na investigação. Se notar qualquer prenúncio de interferência por parte de Yorkshire, pegue o

telefone e eu coloco um ponto-final nisso.

– Obrigado.

– Mantenha contato, Pete.

– Manterei.

– E lembre-se: não vai ser nada divertido.

– Até logo.

Desliguei e telefonei para a delegacia de Millgarth:

– Gostaria de falar com o assistente-chefe de polícia Noble, por favor?

– Da parte de quem?

– Peter Hunter.

Esperei.

– Sinto muito, mas o assistente-chefe de polícia está em uma reunião. Ele ligará de volta.

– Mas eu...

Desligaram o telefone.

Na recepção do Griffin, entre os lençóis brancos e as escadas de pintura, esperávamos:

O detetive-chefe inspetor Alec McDonald.

O inspetor Mike Hillman.

A detetive sargento Helen Marshall.

– Bom dia.

Acenos, apertos de mãos e piscadelas.

Eu me sentei perto de John Murphy. Estávamos os cinco ao redor de uma mesa de centro com tampo de mármore, protegida da tinta com um plástico.

– Sinto muito pelo incômodo – comecei. – Eles nos prometeram uma sala em Millgarth, mas ela ainda está sendo preparada. Achei que poderíamos começar aqui mesmo.

– Melhor aqui do que na maldita Millgarth – disse Mike Hillman, rindo e observando a decoração.

– Certo – eu disse. – Vamos começar, então.

Todos se inclinaram para a frente, pegando seus blocos de notas.

– Cada um de vocês ficará responsável por um ou dois anos de investigação, e terão vinte e quatro horas para verificar os arquivos. Amanhã de manhã, a primeira coisa que vamos fazer é começar a analisar tudo juntos. Dessa forma, teremos um conhecimento detalhado e específico sobre certos casos e uma visão geral da investigação. Vocês devem conhecer os casos pelos quais ficaram responsáveis, sabendo sobre eles de trás para frente, nos menores detalhes, mas...

Uma pausa, uma batida na mesa.

– Devem prestar atenção especial à seguinte lista. Os nomes de todas as pessoas mencionadas, sejam testemunhas, suspeitos, qualquer um... e listar em ordem alfabética.

Alec McDonald suspirou.

– É verdade, Alec, a lista será longa – eu disse. – Mas ainda não terminei. Também quero descrições de todos os suspeitos, descrições de todos os carros vistos ou investigados, listados alfabeticamente por marca, ano e cor. Por fim, quero todos os nomes dos policiais envolvidos no caso, em ordem alfabética.

– Policiais? – repetiu Hillman.

– Sim. Não importa qual foi a participação deles.

Silêncio.

– Entendido?

Silêncio.

– Mike: 1974 e 1975, incluindo Clare Strachan.

Ele fez que sim.

– Helen: 1976.

Ela fez que sim.

– John, você fica com o pior ano: 1977.

– Incluindo Liz McQueen? – ele perguntou.

– Entre outras.

Alec McDonald suspirou:

– 1978 e 1979?

– Não, dariam cinco. Fique apenas com 1978. Eu vou cuidar de 1979 e desta última.

Blocos de nota abertos, anotando.

– Tudo bem. Escutem – pedi, fazendo outra pausa, outra batida. – O nome dele, o nome do Estripador, está nesses arquivos. Eles o encontraram.

Calmamente, Helen Marshall perguntou:

– Como pode ter tanta certeza?

– Confie em mim – respondi. – Pedi os nomes de todas as pessoas que foram presas por conta de crimes envolvendo prostitutas, mesmo os crimes menores ou insignificantes. Ele é conhecido.

– Certa vez, George Oldman disse que, caso encontrasse o Estripador, ele o reconheceria na hora – disse Mike Hillman.

Fechei os olhos, com as mãos juntas.

– Lembrem-se também de listar todos os tipos de sangue e sotaques, sobretudo os sotaques.

– Não estamos procurando um *geordie*,** certo? – perguntou Alec McDonald.

– Não.

Uma pausa.

– Estamos procurando o Estripador de Yorkshire. – Uma última batida na mesa. – E vamos encontrá-lo.

De volta ao quarto, sentado na beirada da cama, ligando para Millgarth:

– Gostaria de falar com o assistente-chefe de polícia Noble, por favor.

– Quem gostaria?

– Assistente-chefe Peter Hunter.

Esperei.

Murphy estava debruçado numa remendada toalha de mesa barata, a neve caía no teto da estação central de Leeds, as janelas tremiam ao passar dos trens e carros, do vento e das correntes de ar.

– Já pensou em quantos malditos nomes vamos reunir?

Comecei a falar, mas ergui uma das mãos, ouvindo:

– O assistente-chefe de polícia está numa reunião. Ele retornará a ligação.

– Diga que é urgente – pedi.

– Fui instruído a anotar todas as ligações.

– Mas é uma emergência.

– Mas...

– Sou o assistente-chefe da polícia da Grande Manchester, Peter Hunter, e estou mandando que passe a ligação.

Esperei.

– Maldição – murmurou Murphy.

Respirei fundo.

– Alô, aqui é Peter Noble.

– Peter? Aqui é Peter Hunter. Sinto muito por interromper a sua reunião.

– O que foi?

– O escritório... Já está disponível? O que aconteceu?

– O quê?

– Ontem à noite o chefe de polícia me disse que uma sala, no mesmo andar da Sala de Ocorrências, estaria disponível para a minha equipe.

– E você quer ocupá-la agora? Neste momento?

– Por favor.

Silêncio.

Ergui os olhos sobre o carpete cinza.

Murphy balançava a cabeça.

– Onde você está? – perguntou Noble.

– No Griffin.

– São nove...

– E meia.

– Que seja. A sala estará pronta por volta de uma da tarde.

– É o mais rápido que...

– Sim. É o mais rápido.

– Tudo bem se passarmos por aí agora, para começar a tirar cópias do que precisamos?

Outro silêncio.

– Ninguém te explicou o sistema, então? – perguntou Noble.

– Que sistema?

– Obviamente, não podemos permitir que vocês peguem tudo assim de qualquer jeito.

– Claro.

– Não somos uma maldita biblioteca.

– Claro que não. Vamos ter que nos registrar.

– Não, não será preciso. Quer dizer, sim. Vocês vão ter que se registrar, é verdade. Mas também terão de pedir os arquivos antes de pegá-los.

– Certo. Eu gostaria de pedir o acesso a todos os arquivos referentes à investigação sobre o Estripador, para copiá-los.

– Veja bem...

– Tudo.

– O mais rápido possível.

– Veja bem, isso não vai ser possível.

– O que você está querendo dizer?

Outro silêncio, mais longo.

– Melhor que venha até aqui. Vou telefonar para o chefe de polícia.

– Certo.

– Às dez?

– Combinado.

Desliguei.

Murphy olhava para a neve suja, observava um trem que saía da estação.

– Deve ser o trem para Manchester – ele disse. – Para casa.

Entramos.

Eu e Noble ficamos sentados, em silêncio, esperando por Angus.

Eu olhava através da janela, para a neve, de costas para a porta, massageando minha têmpora.

Ele estava sentado, esperando, observando a porta.

Angus voltava de Wakefield, e mais uma vez pensei por que a sala do chefe de polícia ficava lá, e não em Leeds, que era a maior cidade da região e ficava mais perto da segunda maior, Bradford.

A porta se abriu e lá estava ele.

Não bateu.

Noble se levantou, Angus se sentou, e eu permaneci na mesma cadeira...

– Senhores – disse Angus.

– Precisamos conversar imediatamente sobre algumas coisas – disse Noble.

Angus não ouvia, apenas olhava para mim.

– Uma sala ao lado da Sala de Ocorrências – dizia Noble.

Angus levantou-se:

– Vamos dar uma olhada.

Nós o seguimos em direção à porta e pelo corredor, para a Sala de Ocorrências, para a *Sala do Estripador*, com os telefones tocando e as batidas das máquinas de escrever, até chegarmos a uma pequena sala sem janela.

Alguns homens uniformizados carregavam caixas e sacos de lixo para fora da tal sala.

– Vou deixar esses para vocês – disse Noble, apontando para dois arquivos de metal ao lado de uma mesa marrom.

– Você tem as chaves?

– Vou pegar – disse Noble, suspirando.

– E as chaves da sala?

Ele fez que sim.

– Então está tudo certo? – perguntou Angus.

– Linhas de telefone?

– Quantas vocês precisam?

– Duas, no mínimo.

– Certo. Amanhã estarão instaladas.

– Obrigado. E quanto aos arquivos?

– Qual o problema?

– O procedimento? Como podemos ter acesso a eles?

– É só me pedir – disse o chefe de polícia.

Noble fechou a porta e nós três ficamos de pé ao redor da mesa, com uma única lâmpada quase na mesma altura dos olhos.

– Certo – eu disse. – Gostaríamos de fazer cópias de cada um dos arquivos

referentes ao inquérito do Estripador.

Angus sorriu.

– Imagina o volume da maldita papelada?

– Não, mas imagino que seja muita coisa.

– E é.

– Mas eu preciso ter acesso a tudo.

– A investigação está aberta. Os arquivos são constantemente atualizados e revisados.

– Assim espero, mas eu realmente preciso ter acesso a eles.

– Em grande parte, são ininteligíveis sem um guia.

– Sendo assim, caso possa me indicar um *guia*, seria uma ótima ajuda. Mas, claro, sem acesso direto aos arquivos, eu não posso fazer o trabalho que Sir John e o Home Office me pediram.

A expressão de Angus mudou, o gentil e bondoso samaritano se foi.

– Claro. Eu adoraria, senhor Hunter, mas entenda que não posso deixar esses arquivos zanzando por aí – disse Angus.

– Obviamente.

– E as cópias seriam um grande risco.

– Então só nos dê o acesso de que precisamos.

Noble olhava para Angus, Angus para mim, e eu para ele.

Finalmente, Angus disse:

– Vamos colocar outra mesa para vocês aqui, mais duas cadeiras. Vou nomear um *guia*, um oficial de contato entre as equipes. O seu pessoal poderá pedir a ele todos os arquivos de que precisar. Ele será responsável por localizá-los.

– Obrigado.

Ele olhou para o relógio.

– Nos vemos à uma?

Eu e Noble concordamos.

– Uma hora – repetiu Angus, abrindo a porta para mim.

Eram onze horas quando voltei ao Griffin.

Eles estavam sentados por lá, esperando.

Contei tudo.

Resmungaram, reviraram os olhos e almoçaram cedo.

No andar de cima, liguei para Whitby.

Philip Evans estaria fora o resto do dia.

Deitei na cama, com a cabeça explodindo de mensagens, uma enxaqueca chegando a dar dor nas costas, ouvindo o rádio fora da estação:

Velha ficção científica e histórias futuristas, notícias de lugar nenhum, gritos de algum lugar...

Esperando algo mais, fechei os olhos.

Quando voltei a abrir meus olhos, era meio-dia e meia, e a dor continuava.

Nas costas, no fundo dos olhos.

Levantei-me, lavei o rosto e peguei o elevador para descer.

Do lado de fora, parara de nevar, mas o céu estava escuro, com nuvens pesadas, como se fosse uma noite prematura.

Caminhei entre a sujeira e a lama, em direção ao mercado de Kirkgate e a Millgarth, congelando.

Os demais me esperavam na recepção.

Abri o caminho para o andar de cima.

Noble nos esperava na porta da Sala do Estripador, pois queria nos apresentar à equipe.

– Acho que os senhores já se conhecem.

Bob Craven estava com a mão estendida, e metade da Sala do Estripador saíra para o corredor.

– Qual era a sua patente naquela época, Bob? – perguntou Noble, sorrindo.

– Simples sargento – sorriu Craven.

– Os tempos mudam. Assistente-chefe de polícia Peter Hunter, este é o detetive superintendente Robert Craven.

Apertamos as mãos, num gesto frio e firme:

Os tiroteios do Strafford.

Véspera de Natal, 1974:

O roubo ao pub *que terminou mal.*

Quatro mortos, dois policiais feridos.

O sargento Robert Craven, um policial herói que lutava pela vida, etc. etc. etc.

– O senhor parece um pouco melhor do que na última vez em que nos encontramos – comentei.

– O senhor não – ele respondeu, sorrindo.

– Bob será o responsável pela integração entre as equipes – disse Noble.

Eu não disse nada.

– Será o guia de vocês.

Continuei sem dizer nada, esperando que Noble continuasse justificando sua escolha.

– Bob está envolvido desde o primeiro dia. Ele trabalhou em vários casos e também na Divisão de Costumes. Provavelmente já se esqueceu de mais coisas do que grande parte de nós nunca saberá.

– Isso seria vergonhoso – comentei.

– O senhor entendeu o que eu quis dizer – interrompeu Noble.

– Entendi – respondi. – Claro que entendi.

– Certo. Então vou deixá-los em paz.

– As chaves? – perguntei. – Conseguiu as chaves?

– Bob está com elas – disse Noble, saindo da sala.

Bob balançava as chaves na ponta dos dedos.

Eu o ignorei e tentei abrir a porta.

Estava trancada.

– Todo cuidado é pouco – disse Craven, sorrindo. – Permita-me.

Por volta das três da tarde, as mesas estavam cobertas de pilhas de arquivos, Craven entrava e saía da Sala do Estripador, que ficava ao lado, e a minha equipe não parava de rabiscar e escrever desesperadamente sob uma nuvem baixa de

fumaça de cigarro e uma única lâmpada.

– Telefone – disse Craven, voltando com mais envelopes de papel craft.

– Para mim? – perguntei.

– Sim, na porta ao lado. Linha quatro.

Eu me levantei.

– É a esposa – ele disse, piscando um dos olhos, enquanto eu saía.

Fui à porta ao lado.

E a porta ao lado era a Sala do Estripador.

Vi as fotos nas paredes, os mapas e os rostos.

Os gráficos e os quadros de aviso, giz e caneta por todos os lados.

Canecas nas mesas, cigarros nos cinzeiros.

Por todo o lado:

Repetição, tédio.

Índices, índices cruzados.

Referências, referências cruzadas.

Por todo o lado:

Processo.

Repetições, processo tedioso.

Segundo após segundo.

Minuto após minuto.

Hora após hora.

Quinze, dezesseis horas diárias.

Dia após dia.

Seis, sete dias por semana.

Quatro semanas por mês.

Mês após mês.

Doze meses por ano.

Ano após ano.

Ano após ano, mês após mês, semana após semana, dia após dia, hora após hora, minuto após minuto, segundo após segundo, durante...

Cinco anos.

Um homem gordo usando casaco esportivo segurava o fone.

– Joan? – eu disse, ao atender.

– Sinto muito, querido – ela disse –, mas o escritório do chefe de polícia acabou de ligar.

– O escritório do chefe de polícia?

– Sobre hoje à noite. Pediram para avisar que o smoking será enviado dentro de uma hora.

– O smoking? Hoje à noite?

– Sim. Eu disse que não sabia quando você voltaria, então me deram o recado.

O Baile de Natal.

– Eu tinha me esquecido.

– Foi o que imaginei – ela disse gentilmente. – Cancelamos?

– Não, não podemos cancelar. Você está preparada?

– Eu também me esqueci completamente, mas...

– Certo. Volto o mais rápido possível para casa, passo a noite aí, e retorno amanhã logo cedo.

– Tudo bem.

– Como você está?

– Bem.

– Preciso desligar.

– Eu sei.

– Nos vemos logo.

– Claro.

– Tchau.

– Tchau.

Desliguei. Sabia que toda a sala olhava para mim.

As fotos nas paredes, os mapas e os rostos.

A Sala do Estripador.

Ele.

Voltei rapidamente, dirigindo entre os Moors.

Correndo entre seus ossos frios e perdidos, o rádio transmitia em alto som:

Greves de fome e protestos sujos na Irlanda...

Estripador, Estripador, Estripador.

Rápido, pelos Moors.

Por seus ossos frios e perdidos, o rádio ligado:

Terremotos e reféns.

Estripador, Estripador, Estripador.

Pelos Moors, o rádio desligado.

Ossos frios e perdidos:

Os tiroteios do Strafford.

Véspera de Natal, 1974:

O assalto ao pub *que terminou mal.*

Quatro mortos, dois policiais feridos.

Sargento Robert Craven e soldado Bob Douglas.

Dirigindo, odiando.

Odeio Bob Craven e nem sei por quê.

Não gosto do talvez por quê.

Já o odiava antes e o odeio agora.

Odeio ele desde quando o conheci, cheio de tubos e remédios num leito do Pinderfields.

E continuo odiando como se tudo aquilo tivesse acontecido ontem:

Sexta-feira, 10 de janeiro de 1975.

Entramos:

Eu e Clarkie.

O inspetor-chefe Mark Clark.

Duas semanas se passaram e seguiam com bloqueios policiais por toda a jurisdição, o cheiro de uma guerra civil inglesa, eu e Clarkie andando por aquele longo, longo corredor, guardas armados nas malditas portas dos hospitais, Craven e Douglas deitados de costas, os únicos sobreviventes.

Eu e Clarkie apertamos a mão de Maurice Jobson.

O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson, uma lenda.

O Coruja.

Vários outros rostos por ali, como Whitehead, o jornalista com cara de rato

do Post.

Eles não me conheciam naquela época, mas conheceriam.

Douglas estava sedado e Craven deveria estar.

Deitados, as cabeças para baixo, clamando das profundezas, com os olhos trêmulos erguendo-se das mesmas profundezas, gritando:

– Mate o idiota! Mate todos eles!

Contudo, isso foi o mais perto a que chegamos.

Jobson não deixaria que nos aproximássemos dele:

– Esse homem não está em condições. Levou um tiro na cabeça.

Mesmo com todas as promessas, todas as xícaras de chá na delegacia de Wood Street, nunca conseguimos nada interessante dele.

Atravessando os Moors, com neve sobre seus ossos frios e perdidos.

Clarkie virou para mim e disse:

– Isso fede. Sei lá por que, mas fede.

Olhei para a fileira de caminhões, para os postes escuros e para as linhas de telefone, pensando...

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Guerra:

Minha guerra.

– Maldito Yorkshire – resmungou Clarkie.

Atravessando os Moors.

Ossos frios e perdidos.

Fedia naquela época e fede agora, aquele mesmo velho cheiro.

Maldito Yorkshire.

A casa, minha espaçosa casa, com garagem de duas vagas, estava calma. Uma luz acesa num quarto do andar de cima, as cortinas abertas.

Abri a porta do quarto e lá estava ela, na frente do espelho, de robe, com os olhos vermelhos.

– Tudo bem?

– Você me assustou.

– Sinto muito. Você esteve chorando, querida?

– Não – ela sorriu. – Foi o sabonete.

Aproximei-me e beijei o topo de sua cabeça.

– Não esperava que viesse tão rápido – ela disse.

Olhávamos para o nosso reflexo no espelho, faltava algo.

– Pensei em decorar a árvore.

– Estamos um pouco atrasados. Está tudo guardado no sótão.

– Vou pegar a escada na garagem. Resolvo rapidamente.

– Você vai se sujar.

– Temos tempo, não se preocupe.

– Você é quem sabe.

– O esforço vai valer a pena.

Ela concordou, olhando para o espelho, para os próprios olhos.

– Aquelas luzes são tão velhas – ela disse.

O baile de Natal, Midland Hotel.

Sábado, 13 de dezembro de 1980.

Passamos pelas ruas escuras da cidade, sob as luzes quebradas dos postes e as luzes de Natal, descendo a Palatine, a Wilmslow, depois Oxford Roads. O carro oficial preto com motorista nos levava em direção aos vermelhos e dourados, ao dinheiro e ao mel, à casa do dinheiro. Estávamos de mãos dadas em nossas roupas alugadas, no banco de trás de um carro que não era nosso, passando pelos domínios da doença e da despovoação, pelas ruas escuras que em poucas horas teria você morto, e o carro nos levava em direção às pessoas saudáveis e amigáveis de Manchester, pessoas que bebiam no interior do Midland Hotel, o castelo do dinheiro, a abadia dos poderosos e autoproclamados pais da cidade, com suas mães, esposas e filhas, seus amores secretos, putas e filhos.

Sem ninguém.

Passamos pelas ruas escuras da cidade em direção ao local onde os tapetes vermelhos chegavam à rua, às portas do Midland, aquelas portas de ferro entre muros fortes e altos que não permitiam entradas ou saídas, onde tudo o que

estava fora nunca estaria dentro, e que se dane tudo isso, droga, pois aqui dentro estavam as luzes brilhantes, o púrpura e o dourado, os garçons e as comidas, os músicos e a música, os dançarinos e a dança, o Baile de Máscaras Natalino.

Sem nada.

Passamos entre o belo e a beleza, a segurança e o seguro, o gordo e a gordura. Fomos levados à nossa mesa, o braço de Joan preso com força ao meu, nossas máscaras colocadas, e atravessamos a porta, entrando naquele mar de veludo turvo e no suntuoso esplendor da sala de jantar, de janelas góticas com vitrais, as sombras formadas pelas lâmpadas e candelabros, os ornamentos e tapeçarias que iam do chão ao teto, tudo carregado com a força da riqueza, suas marcas de classe e *status*, e o vermelho-sangue do Natal, do rei Herodes e seus filhos.

Dentro de um sonho.

– Vejo algo perverso vindo por aqui – disse Clement Smith, sorrindo. O chefe de polícia levantou sua máscara, piscando, enquanto as nossas esposas cumprimentavam-se amigavelmente.

Eu me sentei ao lado dele, apertando a mão de um membro do Parlamento, um conselheiro, um milionário e suas esposas, e a mesa estava cheia de membros da maçonaria e do Rotary Club.

– Como vai a guerra? – perguntou o conselheiro Clive Birkenshaw, sorrindo e embriagado pelo ponche vermelho, da mesma cor de seu rosto.

– Mais parece uma caça – disse Donald Lees, da Autoridade Policial da Grande Manchester.

– O quê? – perguntei.

– Você esteve em Yorkshire atrás do Estripador, certo?

Fiz que sim. As risadas e a música pareciam demais.

– Pertinente – disse Lees, curvando o corpo à frente da sua esposa. – *Hunter na caça ao Estripador*, foi o que disse o *Manchester Evening News*.

– Pertinente – foi o eco que se ouviu ao redor da toalha de mesa.

– Alguma sorte?

Olhei para a minha mão, balançando a cabeça, e levei o uísque aos meus lábios, sentindo-o descer pela garganta.

Joan e Clement Smith mudaram de lugar para que as esposas pudessem

conversar.

Tomei outro bom gole.

Clement Smith pediu mais.

Eu estava exausto.

Os charutos apagados, a pista de dança enchendo, o tempo voando.

Então, de repente, do outro lado do salão, achei que vi Ronald Angus e Peter Noble numa mesa perto da porta. Porém, quando voltei a olhar, percebi que não eram eles.

Nem poderia ser. Leeds era apenas um sonho.

Um sonho terrível.

Como o Estripador, o Estripador deles.

E me sentei, deixando o mar de veludo me envolver, deixando-me levar por suas armadilhas no horizonte. O lamento dos violinos, a voz rouca de Clement Smith, que discutia alguma coisa, sua esposa e a minha abrindo caminho entre as ondas, em direção ao toalete.

Então senti que alguém pousava a mão no meu...

Olhei e vi um homem agachado ao lado da minha cadeira.

– O quê?

– Eu disse que temos uma amiga em comum.

– Quem?

– Helen – ele abriu um sorriso. Era um homem baixo e magro, com dentes amarelados.

– Que Helen?

– Dos tempos da Divisão de Costumes – ele disse, piscando o olho. – Diga que mandei um abraço.

– O quê?

Mas ele se afastava, voltava ao mar de veludo, voltava à dança.

Interrompi Clement Smith:

– Quem é ele?

– Ele quem?

– Aquele homem. O que esteve aqui na mesa, falando comigo.

– Ele usava máscara? – perguntou Smith, sorrindo.

– Não, mas não sei quem é.

Smith ergueu-se ligeiramente da cadeira.

– Não estou vendo. Sinto muito. Cadê ele?

– Deixe pra lá, só fiquei imaginando quem poderia ser.

Peguei um copo e tomei outro bom gole. Eu estava perdido.

– Peter?

Ergui os olhos da minha bebida.

– Richard. Feliz Natal.

– Se fosse possível – ele disse.

Richard era alto e magro, pálido como um fantasma, com uma máscara negra nas mãos e uma camisa vermelho-sangue acentuando sua sinistra palidez. Ele murmurava.

– O quê? – perguntei.

– Podemos conversar?

Levantei-me, concordando, deixando o meu charuto no cinzeiro e seguindo Richard Dawson entre as mesas, em direção à recepção do hotel.

Richard Dawson, homem de negócios, presidente de um dos partidos conservadores locais, um amigo.

Ele tremia, suava.

– O que foi? Qual o problema?

– Você conhece Bob Douglas?

Fantasmas.

Mais uma vez, os fantasmas natalinos.

Mais uma vez, o tiroteio do Strafford.

Mais uma vez, os policiais feridos:

Sargento Robert Craven e soldado Bob Douglas.

Fiz que sim.

– Conheci. Por quê?

– Eu o havia contratado como conselheiro de segurança. Mas enfim... Ontem à noite, bem tarde, ele me ligou para dizer que ouviu que eu estaria envolvido numa investigação policial. E hoje, na hora do almoço, o meu banco em Didsbury ligou dizendo que alguns detetives pediram os registros das minhas

contas bancárias.

– O quê?

– Estou totalmente em choque.

– Você deveria ter me ligado imediatamente.

– Eu não queria. Sabia que você estava em Leeds e não gosto de tirar vantagem do fato de que somos amigos e coisa e tal.

– Richard! Para que servem os amigos?

Ele deu um sorriso amarelo.

– Vamos nos sentar – sugeri, seguindo em direção a duas poltronas púrpuras e douradas da recepção.

– Estou estragando a sua noite – ele murmurou.

– Bobagem. Comece do início.

– Essa é uma boa pergunta. Não sei se isso tem um início. Aliás, não sabia de nada até ontem à noite.

– E Bob Douglas? Quando entrou em cena?

– No final de outubro, início de novembro. Eu estava preocupado com a minha casa. Ele veio e deu uma olhada, arrumou tudo. Eu o conheci melhor, gostei dele.

– Você sabe sobre...

– Sei, sei. Ele me contou tudo sobre isso. Por quê? O que você sabe sobre ele?

– Fui até lá depois do tiroteio, mas ele estava sedado e, na verdade, nunca conversei com ele. Pelo que dizem, era um cara legal. Um bom policial. Quando saiu, foi embora gritando e chutando tudo.

– Foi o que ele disse. Dez anos na polícia e depois levou um chute na bunda.

Concordei.

– E depois da história na sua casa, que tipo de serviço ele tem feito para você?

– Consultoria. Trabalhos de segurança. Nada muito pesado.

– Até ontem à noite.

– Exatamente. Ele ligou por volta da meia-noite. Disse que esteve por aí... você sabe... e que ouviu de uma fonte confiável que eu estava sendo alvo de uma investigação.

– De uma *fonte confiável*?

– Um policial. Um dos seus.

– E disse quem era?

– Não podia dizer.

– Contou por que você estaria sendo investigado?

Ele olhou para as próprias mãos, para o tapete.

– Irregularidades financeiras, supostamente.

– Que tipo de irregularidades financeiras?

– Não sabemos. Isso foi tudo o que ele escutou.

– Ele conseguiu algum nome? O nome do homem encarregado pela investigação?

– Roger Hook.

Merda.

– E o banco? Eles te disseram algo mais?

– Não – balançou a cabeça. – Mas foi muito humilhante, isso eu posso garantir. É horrível quando o seu gerente, o seu parceiro de golfe e amigo, liga para a sua casa dizendo que a polícia o procurou fazendo perguntas sobre você, pedindo os registros.

– Sinto muito, Richard.

– Você conhece Roger Hook?

– Conheço.

– E?

– Isso não faz muita diferença. Você não tem nada a esconder.

Ele ergueu os olhos do tapete, das mãos.

– Quem sabe o que podem encontrar?

– O quê? Não há nada a ser encontrado, certo?

Ele continuava sem me encarar.

– Richard, quero que me diga se existe alguma coisa que poderiam encontrar.

– Quem sabe.

– *Você sabe*, pelo amor de Deus.

– Olha...

– Jesus, Richard.

– Preciso da sua ajuda.

Eu o encarei e disse:

– Não posso fazer nada por você.

– Pete...

E me levantei, pronto para ir embora.

– Tem algo mais – ele disse.

Parei.

– Sobre você – ele disse.

– Sobre mim? O quê?

– Você me perguntou por quê. Por que estavam correndo atrás de mim, certo?

Fiz que sim.

– Douglas disse que tem a ver com você.

– O quê? Do que você está falando?

– Estou dizendo que estão atrás de mim porque sou seu amigo.

– Besteira. Tremenda besteira.

Ele segurou o meu braço.

– Peter...

– Douglas está equivocado. Você está equivocado.

– Disseram que estão fazendo isso para te colocar no seu devido lugar. Foi o que disseram a ele.

Soltei o meu braço e dei-lhe as costas.

– O que você vai fazer? – ele perguntou.

– Nada – respondi.

– Vai me deixar com a corda no pescoço?

– Não há nada que eu possa fazer, Richard. Você está sendo investigado.

– Por sua causa.

Eu me afastava, não o escutava.

Mas ele tinha a última palavra. Correu atrás de mim pela recepção e pelo salão, me rondando, jogando na minha cara:

– Para que servem os amigos, Pete...

Eu me afastava, caminhava entre o mar de veludo. Joan conversando com Linda Dawson, a esposa dele...

As duas se viraram, sorrindo.

– Para que servem os amigos? – ele perguntava.

Eu a peguei pelo braço, através da escuridão e da decadência, e comecei a arrastá-la para fora dali, para fora daquela música e daquele sangue.

– Para que servem os amigos?

Dentro de um pesadelo.

A casa estava às escuras.

Parei o carro na garagem e entrei.

Joan sentou-se no sofá, na escuridão, ainda com o casaco.

Acendi as luzes da árvore de Natal e me sentei ao seu lado.

– O que foi? O que aconteceu com Richard? – ela perguntou.

– Está sendo investigado. Tem algo a ver com os seus negócios.

– Você está brincando?

– Não. E ele acha que a investigação tem algo a ver com o fato de sermos amigos.

– O quê?

– Alguém lhe disse que ele estava sendo investigado por isso.

– Quem?

– Um ex-policial. Você não conhece.

– E é verdade? É por isso que ele está sendo investigado?

– Não. Claro que não.

– O que vou dizer a Linda?

– Não sei, mas, até que tudo isso seja esclarecido, é melhor que a gente tome cuidado.

Ela acenou com a cabeça.

– Sinto muito, meu amor.

Ela continuava movendo a cabeça.

Eu não conseguia pensar em nada mais para dizer, nada do que eu pudesse dizer melhoraria aquilo.

Então me curvei e peguei o *Evening News* na mesa de centro.

Não ajudou.

Mãe de Laureen faz um apelo ao Estripador.

Protestos Sujos.

Debaixo do jornal havia formulários e panfletos.

Questionários para adoção.

– O que é isto? – perguntei, pegando a papelada.

Joan tentou tirá-los das minhas mãos.

– Agora não, amor – ela disse. – Conversaremos sobre isso em outra hora.

– Um bebê vietnamita? – perguntei, olhando para o envelope do panfleto.

– Agora não, Pete – ela repetiu, tirando os papéis das minhas mãos e subindo as escadas.

Mais tarde, na cama, eu a abracei e tentamos fazer amor, mas não consegui.

Pouco depois, eu disse:

– Acho que é uma boa ideia.

Ela não respondeu.

Ficamos deitados na cama, olhando para o teto, separados.

Na escadaria escura...

Ela virou para o outro lado, eu me levantei e liguei o rádio.

Voltei à cama e me deitei.

Acordado, suado e com medo.

Olhos arregalados.

Na escadaria escura...

O Norte após a bomba, máquinas são os únicos sobreviventes.

Havia pessoas na televisão cantando hinos.

Pessoas sem rosto na televisão cantando hinos.

Pessoas sem rosto e sem feições na televisão cantando hinos.

E aos meus pés, eles a prendiam no chão, aos meus pés, suas mãos presas às costas, nua e espancada, três deles a estupravam, faziam sexo anal, revezando com uma garrafa e uma cadeira, cortavam seus cabelos, mijavam e cagavam em

cima dela, fazendo com que os chupasse, fazendo com que me chupasse, feias gaivotas voavam em círculo sobre nossas cabeças, gritando...

– Soti ríp seo ãvrat am Hunter!

– O que foi? O que aconteceu?

Joan me agarrava, o meu coração estava a mil, pulando do peito.

– Com o que você sonhou, meu Deus?

Notei que tinha gozado no pijama.

– Nada – respondi, pensando: *Não vou mais dormir, não vou mais dormir, não vou mais dormir.*

** Como, informalmente, se chama um morador da região de Tyneside, no nordeste da Grã-Bretanha. [N. E.]

dinheiro all this and heaven too perdendo as notícias de lugar nenhum certa vez eu estava viva eu continuo morta um completo ser humano destruído vestindo um casaco verde-claro três quartos com uma gola imitando pele um suéter azul-turquesa com uma regata amarela calça marrom-escura e botas de camurça marrom de cano alto encontrada sexta-feira vinte e um de novembro de mil novecentos e setenta e cinco uma laceração na parte posterior da cabeça causada por um martelo e várias feridas na cabeça rosto corpo e pernas causadas por chutes violentos e marcas no seio esquerdo onde marcas de mordidas indicavam uma falha na dentição frontal superior do atacante não havia marcas de facadas numa garagem deserta em preston seis garagens vizinhas estreitas todas repletas de pichações brancas as portas com restos de pintura verde ao lado da church street as garagens formavam uma passagem ao edifício-garagem na outra ponta a garagem seis se tornara casa de miseráveis sem-teto alcoólatras viciados em drogas prostitutas da área pequena com cerca de quatro metros quadrados e para entrar havia uma porta dupla na frente havia caixas empilhadas como mesas e outros lixos uma fogueira forte esteve servindo como lareira e as cinzas tomavam conta dos restos de roupa na parede oposta à porta estava escrito viúva de pescador com tinta vermelha fresca em todos os lados havia garrafas garrafas de xerez garrafas de destilados garrafas de cerveja frascos de remédio tudo vazio uma jaqueta masculina servia de cortina sobre a janela a única olhando para o nada e eu notei que o chão estava molhado com lágrimas de angústia o maldito silêncio e lamentando e caminhando com passos repetitivos como procissões pelo nosso mundo e sem dizer uma palavra ele lhe ofereceu uma nota de cinco libras e ela abriu sua bolsa brilhante de plástico negro colocada no chão da garagem e curvando-se tirou uma das botas baixou a calça e tirou-a e repetiu a ação com a calcinha pressionou suas costas contra a parede da garagem e ela estava pronta pouco depois ele entrava nela levantando o sutiã para brincar com seus seios ele descobriu um segundo sutiã que levantou e começou a beijar e sugar o seio esquerdo movendo a boca poucos centímetros abaixo do seio ele mordeu profundamente e chegou ao clímax depois girou o corpo dela e tentou penetrá-la por trás e de novo teve um orgasmo ainda estava dentro dela estava com o corpo curvado quando ele deu um golpe na parte traseira da sua cabeça e ela caiu no chão ele fechou o zíper da calça e começou a bater nela no rosto na cabeça nos seios no corpo nas pernas ele a chutou e seguiu chutando arrastou o corpo alguns metros além da porta vestiu a calça nela deixando o segundo sutiã acima dos seios e o primeiro abaixo cheio uma das botas firmemente entre suas coxas ele retirou o sobretudo e o deixou em cima do seu corpo e rosto da mulher pegou a bolsa brilhante de plástico preta saiu da garagem e escondeu a bolsa numa lixeira a menos de quatrocentos metros da garagem a carteira ele enfiou embaixo de um arbusto em avenham park ele pegou os três anéis e o isqueiro exames na vagina e no ânus indicaram presença de sêmen de alguém com raro sangue tipo B o grupo sanguíneo do homem com quem tivera relação sexual na pensão com a falecida no dia anterior pertencia ao grupo A sua bolsa brilhante de plástico preta e sua carteira perdidas um diário que achavam que estava na bolsa poderia conter a chave para o assassino da mulher e fiquei ansioso pensando em todo mundo que tinha desaparecido de preston desde a quinta-feira anterior são quatro agora eles

dizem três mas lembre-se de preston em mil novecentos e setenta e cinco eu gozei naquela

4

Na Sala de Guerra, liguei o gravador:

And when we die
And float away
Into the night
The Milk Way
You'll hear me call
As we ascend
I'll say your name
Then once again
Thank you for being a friend.

Coloquei a décima terceira foto na parede e senti o cheiro de terra e umidade nas doze fotos, no mapa, nos arquivos, um cheiro de terra e umidade no chão e nas paredes, e me sentei sobre a terra e a umidade. Olhos fechados.

Nada de dormir, nada de sonhos, nada de sangue nos lençóis.

Apenas no chão e nas paredes.

Nas paredes, em todas as paredes.

Tranquei a porta da edícula e voltei para dentro de casa.

Tomei banho, me vesti e não a despertei.

Dirigi de volta ao centro de Manchester, com o rádio ligado:

Afeganistão, Polônia, Irã, Irlanda do Norte, o mundo.

Este mundo vazio e esquecido em guerra.

E as mentiras.

Os assassinatos e as mentiras, os gritos e os murmúrios, a estridência dos fios e

dos sinais, as vozes e os números:

Exigem o pagamento de 13%, marcha dos 10 mil em greve de fome, 150 de 701 palavras, desaparecerão 20 mil postos de trabalho na indústria do aço, Leeds 1, Forest 0, Estripador 13, Polícia 0, 13 a 0, 13 a 0, 13 a 0.

No estacionamento da delegacia central de Manchester havia um carro na minha vaga, e o espaço reservado dizia: *Peter Hunter: assistente-chefe de polícia.*

Havia muito espaço vazio, mas estacionei bem ao lado.

Havia dois homens sentados naquele carro.

Não reconheci nenhum deles, mas o motorista ficou me encarando.

Ele sorriu.

Saí do carro, tranquei a porta e entrei.

Registrei a minha entrada e pedi ao sargento que estava na recepção para conversar com os dois homens do carro.

Subi as escadas para o meu escritório.

Estava trancado.

Peguei as chaves e abri.

Estava exatamente como eu o deixara.

Sentei-me à minha mesa e comecei a fazer os telefonemas necessários:

Mas ninguém atendia na casa de Richard Dawson.

Roger Hook estava indisponível.

O chefe de polícia estaria na capela até o meio-dia, meio-dia e meia, no máximo.

Olhei para o meu relógio:

Nove horas.

Domingo, 14 de dezembro de 1980.

O telefone tocou.

– Alô?

– Senhor, é da recepção aqui embaixo. O tal carro, senhor, não estava por lá. A sua vaga está livre. O senhor gostaria que eu colocasse o seu carro nela?

– Não precisa. Obrigado.

E desliguei.

O telefone tocou novamente:

– Senhor, é a sua esposa.

Apertei o botão, o botão laranja que piscava:

– Joan?

– Peter?

– O que foi?

– Os Dawson, querido. Linda me ligou, histérica. A casa deles foi invadida...

– Invadida?

– Pela polícia. Pela polícia de Manchester. Viraram tudo de cabeça para baixo.

– Quando?

– Hoje de manhã, às cinco. Levaram todos os papéis, as fotos.

Merda.

– Tudo bem, vou fazer algumas ligações.

– Sinto muito. Depois de tudo aquilo que você disse ontem à noite, mas Linda está arrasada...

– Tudo bem. Onde estava Richard?

– Estava na casa dos pais de Linda, eu acho, mas...

– Tudo bem – disse novamente. – Vou fazer algumas ligações e tentar descobrir o que está acontecendo.

– Posso contar para ela?

– Diga que não se preocupe, que estou resolvendo o assunto.

– Obrigada. E sinto muito.

– Não sinta. É melhor eu desligar.

– Tchau – ela disse.

– Tchau.

Desliguei e procurei a lista de telefones.

Encontrei o número da casa de Bob Douglas.

Disquei.

Tocou.

Ele atendeu.

Eu perguntei:

– Poderia falar com Deirdre?

– O quê?

– É Mike. Posso falar com Deirdre?

– Ligou errado, cara – disse Bob Douglas, desligando.

Disquei dois números novamente.

Ninguém atendia na casa dos Dawson.

Nem na de Hook.

Passei pelas páginas da minha agenda telefônica.

Mark Gilman, do *Manchester Evening News*, estava fora.

Neil Hanley, em Cheshire, ouviu dizer que Hook estava investigando finanças suspeitas.

John Jeffreys ouviu alguma coisa sobre cabeças rolando.

Cabeças importantes.

Peguei o casaco e voltei ao carro, estacionado na vaga errada.

Bob Douglas vivia numa casa situada na área nobre de Levenshulme, na saída de Stockport.

Eu me aproximei e toquei a campainha.

Douglas abriu a porta.

Ele tinha engordado e perdera um pouco de cabelo. Suas roupas o deixavam com a aparência de um homem baixo e culpado a caminho do tribunal.

– Bom dia – eu disse.

– Bom dia, senhor Hunter – ele respondeu, sorrindo.

– Precisamos conversar.

– Foi o que imaginei que diria.

– Então você vai me convidar para entrar?

Bob Douglas abriu a porta e me conduziu para a sala.

Eu me sentei num grande sofá, sentindo o cheiro de carne assada pela casa.

– Aceita uma bebida?

– Uma xícara de chá seria bom.

– Volto num minuto. A minha esposa não está – ele disse, deixando-me

sozinho na sala, com sua gravura de Degas sem moldura, os cartões de Natal e a árvore, as fotos de sua esposa e sua filha.

Trouxe as xícaras de chá e me deu uma delas.

– Açúcar?

– Não, obrigado.

Ele se sentou numa das poltronas.

– Que menina bonita – comentei, fazendo sinal em direção a um retrato de escola.

– É o que me rejuvenesce.

– Quantos anos ela tem?

– Vai fazer sete em fevereiro.

– Você é um homem de sorte.

Bob Douglas sorriu.

– Veio até aqui para me dizer isso?

– Não. Não mesmo – balancei a cabeça.

– Vá em frente, então.

– Estive com Richard Dawson ontem à noite.

– No baile de Midland?

– É. No entanto, ele não estava se divertindo muito.

– Estava chateado?

– Sim, mas acho que agora deve estar bem mais.

– O senhor soube, então?

– A primeira coisa que a esposa dele fez foi ligar para a minha. Ele te ligou?

– Não, mas imaginei que aconteceria esta manhã.

Tomei um gole do meu chá e esperei para ver se ele diria algo mais.

Ele tomou um gole do chá e não disse nada.

– O que está acontecendo, Bob? – perguntei.

– O que ele te contou?

– Isso não importa – respondi, pousando o meu chá num descanso de copo, com o logo de um famoso campo de golfe. – Estou perguntando para você.

Ele inclinou o corpo para a frente, com as mãos nos joelhos, parecia nervoso.

– Fale.

– Tudo o que sei é que Roger Hook está comandando uma operação sobre Richard Dawson. E que está nessa história há algum tempo, mas alguém...

– Que tipo de operação?

– Ele é corrupto, certo? Todo mundo sabe disso.

– Eu não sabia.

– Mas é verdade, não é? Parecia uma questão de cobrança de impostos, mas logo souberam que um poderoso talvez esteja envolvido, então Smith colocou Hooky, o grudento, no caso. Totalmente confidencial. Queriam resolver.

– Souberam? Quem contou?

A porta da casa foi aberta.

Passos de criança, voz feminina.

A porta da sala foi aberta por um golpe.

Eu me levantei.

A menina ficou parada, magra e pequena como um ancinho de brinquedo.

– Oi, querida – eu disse.

A menina olhou para o pai, que sorriu.

– Venha dizer oi, Karen.

Mas a menina se escondeu atrás da cadeira.

A esposa de Bob Douglas entrou na sala, com os cabelos molhados pela chuva, e parou.

– Sharon, querida, este é Peter Hunter, assistente-chefe de polícia – disse Bob.

– É? – ela perguntou, apertando a minha mão, mas olhando para o marido.

– Terminaremos em um minuto – ele disse, da forma mais casual possível.

Eu fiz que sim e sorri.

A esposa pegou a filha pela mão, com o rosto ansioso.

– Vamos, Karen – ela disse. – Vamos preparar o jantar.

E fechou a porta.

Eu voltei a me sentar.

Douglas estava pálido.

– Quem? – perguntei, sorrindo.

– Não sei.

– Qual é! Claro que sabe.

– Não sei.

– Um policial?

Ele olhava para o tapete, com suas grandes flores e pássaros, e balançava a cabeça.

– Eu não sei.

– Mas estão dizendo que fui eu. Estou sujo.

Ele ergueu os olhos e fez que sim.

– Estão dizendo que tudo começou por minha culpa?

– Alguém disse a eles.

– Quem?

– Não sei.

– Mas me diria caso soubesse. Certo, Bob?

Ele sorriu.

Eu não sorri.

– Tudo bem, mas quem te contou toda essa merda? – perguntei.

– Ronnie Allen – ele murmurou, olhando para a porta.

– Que surpresa!

Douglas deu de ombros.

– Tem certeza de que Ronnie não disse qualquer outro nome?

– Juro que não.

– Nem revelou quem contou tudo a ele?

– Não.

– Nunca disse quem os alertou?

– Não.

– Esse não é o Ronnie Allen que eu conheço.

Douglas deu de ombros novamente.

– Certo – eu disse. – Então, de acordo com o maldito Ronnie Allen, como foi que eu me sujei?

Ele voltou a olhar para o tapete.

– Senhor Douglas? – chamei sua atenção.

– Não conversamos sobre nada específico – ele respondeu. – Apenas negócios.

– Apenas negócios?

Ele não ergueu os olhos.

– E apenas eu e Dawson estamos envolvidos?

Ele fez que sim.

– Querem que eu me coloque no meu devido lugar?

– Foi o que Ronnie disse.

– Por quê? Quem?

– Não sei.

– Quem me odeia tanto, Bob?

– Não sei. Honestamente, não sei.

– Você?

– Eu? Eu nem te conheço – ele disse, levantando os olhos.

– Certo. Então não fique falando sobre quem não conhece.

Ele me olhou, mas não disse nada.

– Vou embora, senhor Douglas – disse, levantando.

Ele continuou sentado.

Fui até a porta da sala, parei e disse:

– Se eu fosse você, senhor Douglas, tomaria cuidado.

– Como assim?

– Não vai querer dar a impressão de que sabe mais do que realmente sabe, certo?

– Isso é uma ameaça, senhor Hunter? – Ele se levantou.

– Um conselho, nada mais – respondi, abrindo a porta.

Sua esposa e filha estavam na varanda, sentadas no primeiro degrau da escada. A esposa segurava a pequena menina pela cintura.

Ninguém disse nada.

Abri a porta da rua e saí, virando o corpo para dizer adeus.

Mas Douglas caminhou até a varanda e bateu a porta da frente.

Fiquei de pé na entrada deles, com a chuva e a porta na minha cara, tudo ruim, tudo triste, tudo morto.

Vozes se levantaram lá dentro.

Voltei ao centro de Manchester, o lugar estava vazio e deserto naquela úmida manhã de domingo antes do Natal. As luzes estavam apagadas.

Entrei no estacionamento da delegacia central e aquele carro estava lá, de novo, parado na minha vaga.

Dois homens dentro.

Estacionei ao lado, saí do carro e bati no vidro.

O motorista abaixou o vidro da janela.

– Esta vaga é reservada – eu disse.

– Sinto muito – ele se desculpou, voltando a subir o vidro.

Bati novamente na janela.

– Posso fazer uma pergunta?

Mas o carro deu marcha à ré e foi embora.

Anotei a placa:

PHD 666K.

No escritório, liguei para o chefe de polícia.

Ele estava em casa.

– Que merda aconteceu com você ontem à noite? – ele perguntou. – Num minuto estava lá, no outro...

– Sinto muito incomodá-lo, mas preciso conversar com o senhor.

– Sobre trabalho?

– É.

– E não pode esperar até amanhã?

– Não vou estar aqui, tenho que ir para Leeds.

– Está na delegacia?

– Estou.

– Tudo bem. Fale.

– Por telefone não, senhor.

Uma pausa.

– O que foi?

– Acho que o senhor já sabe.

Ele estava nervoso.

– Claro que não sei, ou não perguntaria.

– Sinto muito – eu disse. – É sobre a investigação que Roger Hook está conduzindo sobre Richard Dawson.

Silêncio.

– Chego aí em uma hora.

– Obrigado, senhor.

Desliguei e olhei para o meu relógio.

Já passava do meio-dia, mas do lado de fora já era noite.

Era uma e meia quando o chefe de polícia Clement Smith telefonou pedindo que fosse à sua sala.

Bati à porta e ele disse para entrar.

Clement Smith estava sentado à sua mesa vestindo uma jaqueta, escrevendo. Roger Hook estava à sua frente, de costas para a porta, esperando.

– Boa tarde – cumprimentei.

Roger virou-se e sorriu.

– Boa tarde, Pete.

Eu me sentei numa cadeira ao seu lado, olhando para Smith.

Smith não disse nada, nem levantou a cabeça, continuava a escrever.

Roger Hook ficou sentado ali, esperando.

Passados dois minutos, Smith ergueu os olhos.

– Então?

Engoli em seco, nervoso, e disse:

– Gostaria de fazer algumas perguntas ao senhor, perguntas sobre uma investigação que parece me envolver pessoalmente.

– Vá em frente.

Olhei para o detetive-chefe inspetor Hook, depois novamente para Smith:

– Agora?

– Foi por isso que nos arrastou até aqui, certo?

– Preferia conversar em particular.

– O que você prefere não importa, Pete. Estamos em uma maldita manhã de domingo.

Hook se levantou.

– Sente-se – disse Smith.

– Senhor, eu não me importo – ele disse.

Smith levantou uma das mãos.

– Eu me importo.

Hook parou e voltou a se sentar.

Smith me encarava, com olhos fundos, esperando.

– Certo – eu disse. – Um amigo meu, Richard Dawson, que acho que todos aqui conhecemos...

Smith e Hook fizeram que sim.

– Bem, ontem à noite, no Midland Hotel, ele me disse que naquela manhã policiais foram ao seu banco em busca dos registros da sua conta. Falou também sobre um ex-policial de Yorkshire, Bob Douglas, conhecem?

Os dois fizeram que sim.

– Segundo Richard, Douglas lhe contou que a razão da investigação é a sua amizade comigo, que querem me colocar no meu devido lugar. Richard Dawson me pediu ajuda e eu não quis dar, já que está sob investigação. Porém, hoje pela manhã, soube que a casa dele foi vasculhada e, após ter me encontrado com Bob Douglas, eu gostaria muito de saber se essa investigação está relacionada com a minha amizade com Richard Dawson, ou comigo diretamente?

Fiz uma pausa, então continuei:

– Sei que isso é atípico e contra os procedimentos, mas gostaria de deixar claro que não estou pedindo nem espero obter qualquer dado da investigação sobre Richard Dawson. Só quero saber de que maneira ela está relacionada comigo.

Parei, esperei.

Smith suspirou, olhou para Hook e acenou com a cabeça.

Hook deu de ombros e disse:

– Não está relacionada.

Smith voltou a me encarar, com olhos profundos, piscando.

– É isso? – perguntei.

– Dawson está sendo investigado – disse Hook. – Mas, neste momento, essa investigação não tem nada a ver com você nem com qualquer outro policial.

– Então por que o sigilo?

– Bem, sabe-se que Richard Dawson conhece vários policiais seniores e muitos homens proeminentes. Por isso estamos sendo cuidadosos.

– Como você deve ser – disse Clement Smith, olhando para mim.

Suspirei, recostando-me na cadeira.

Smith continuou:

– Isso poderia gerar muito comentário... sobretudo se a imprensa começar a tirar as mesmas malditas conclusões que um dos meus assistentes-chefes...

– Sinto muito – eu disse. – Só de pensar em ficar enfiado em Yorkshire ouvindo essas histórias.

– Foram apenas dois dias e você já está ficando paranoico.

– O que é muito comum – sorri.

– Agora você já sabe o que as outras pessoas sentem – disse Hook, também sorrindo.

– Então foi por isso? – perguntei, sem sorrir.

– Não – respondeu o detetive-chefe inspetor Hook.

– Melhor pedir a Ronnie que fique calado... ele está contando besteiras a Douglas, está falando sobre esquadrões secretos e para eu ficar no meu lugar.

– Sinto muito – disse, perturbado. – Ele tem uma boca grande e diz muita bobagem.

Smith encarava Hook, seus olhos profundos fixos nele.

– Vou cuidar disso – disse Hook.

Smith se levantou, perguntando:

– Posso ir para casa agora?

De volta ao estacionamento, havia um homem de pé ao lado do meu carro.

Familiar, ele parecia familiar.

– Posso ajudá-lo? – perguntei.

Ele ergueu uma das mãos e balançou a cabeça, seguindo em direção a outro

carro.

Um carro branco.

– Errei de carro – ele disse, sorrindo.

Entrei no meu carro.

Um carro preto.

E então, em algum ponto dos Moors, me lembrei que era domingo, quase Natal, e fiquei com ódio de mim mesmo, imaginando que merda eu estava fazendo, que merda eu achava que poderia fazer, os sonhos ruins não me abandonavam e continuavam sendo ruins, como as dores de cabeça e as dores nas costas, os assassinatos e as mentiras, como os gritos e os murmúrios, a estridência dos fios e dos sinais, as vozes e os números:

Treze.

Cinco horas da tarde.

Domingo, 14 de dezembro de 1980.

Millgarth, Leeds.

Escuro lá fora, mais escuro do lado de dentro.

Um ritual.

Uma sessão espírita.

Ao redor da mesa, entre as caixas de papelão e os arquivos cheios, mãos e joelhos se tocavam.

Mike Hillman evocava as mortas, repassando fotografias, dizendo:

– Theresa Campbell, assassinada no dia 26 de junho de 1975, aos 26 anos, mãe de três e prostituta. Parcialmente vestida, corpo ensanguentado, foi encontrada no parque Prince Philip, em Scott Hall, por Eric Davies, leiteiro.

Descascando.

– A autópsia revelou múltiplas perfurações no abdômen, peito e garganta, feitas com uma lâmina de dez centímetros de comprimento e dois de largura, com um gume mais afiado que o outro. Severas lacerações no crânio e fraturas

no topo da cabeça, provavelmente feitas com um machado. Uma carteira com *mamãe* escrito na frente, contendo aproximadamente cinco libras em dinheiro, foi dada como perdida da bolsa da falecida. Nenhuma arma ou carteira foi encontrada.

E ele parou, deixando as fotografias falar por si.

Todos ergueram os olhos para a foto seis por quatro, todos, menos a detetive sargento Marshall.

Isso nos olhos dela são lágrimas?

– O que apresentei são os fatos – ele disse. E repete: – Os fatos. O resto são rumores, mas Campbell passou a noite na Room at the Top, uma boate de Sheepscar. Foi vista pela última vez tentando parar motoristas na Sheepscar Street South com a Roundhay Road, em Leeds, à uma da manhã.

"De acordo com as testemunhas listadas anteriormente, acredita-se que um caminhão articulado com a cabine escura e carga coberta com lona parou na esquina da Roundhay Road com a Sheepscar Street South, ao lado de Campbell, e dizem que ela conversou com o motorista.

"Essa é a rota principal da rotatória A1 Wetherby em direção ao anel viário interno de Leeds, muito utilizado por caminhões que seguem para a M62, para leste ou oeste."

Hillman fez uma pausa. Todos erguemos os olhos, todos menos Marshall.

Uma melodia soava em minha cabeça, uma música de algum lugar.

I only have eyes for you...

O sonho seguia vivo, ali na minha boca, em volta daquela sala, o gosto na minha boca.

O gosto de sangue, o cheiro.

– Eles chamam isso de A Caixa – disse Hillman.

Uma batida suave na porta, e um jovem policial entregou um bilhete a Bob Craven.

Ele olhou para o bilhete, depois para mim, e me passou o papel.

Eu o abri.

Ligue para Richard Dawson.

Enfiei o papel no bolso.

– E essa foi a última vez que ela foi vista, até o aparecimento do leiteiro – disse Hillman.

– Obrigado – agradeci. – Se não há perguntas, vamos passar à estrutura da investigação. Mike?

– Foi um trabalho trivial, como foi visto em seguida. O superintendente Jobson continua no caso, além de alguns outros nomes conhecidos, como o detetive superintendente Alderman e Prentice, que eram inspetores em 1975.

Acenos com as cabeças.

– Uma boa equipe – comentei, observando Craven.

O seu rosto era impávido, mas havia um leve brilho nos seus olhos negros, um leve sorriso.

E, de repente, ele disse:

– São os melhores homens que temos.

– Enfim – disse Hillman –, essas foram as principais armas e a mesma equipe usada na época de Joan Richards e em todos os outros casos até Marie Watts. Depois Oldman e Noble tomaram as rédeas e Jobson foi precocemente afastado.

– E quanto a Alderman e Prentice? O que aconteceu com eles? – perguntou McDonald.

– Continuam aqui. Uma lista completa dos policiais envolvidos está nas cópias que entreguei a vocês, em ordem alfabética, por hierarquia.

Eu continuava observando Craven, sabia que estava por ali.

Sabia que o nome dele estava lá.

– Obrigado, Mike – agradeci. – Mais tarde veremos os casos com maiores detalhes, quando pudermos dizer como se relacionam. Certo?

Silêncio.

– Próximo?

– Richards ou Strachan? – perguntou Marshall.

– Cronologicamente.

– Certo – disse Mike Hillman, acenando para Helen Marshall. – Eu de novo. Enxergando ou não o caso Strachan como obra do Estripador, ela morreu da seguinte forma:

“Prostituta e alcoólatra fichada, Clare Strachan foi levada a uma garagem

abandonada na Frenchwood Street, uma conhecida zona de prostituição de Preston. Praticara sexo e, então, foi atingida na cabeça por um instrumento contundente, chutaram seu rosto, cabeça, seios, pernas e corpo. Depois, o agressor pulou sobre o seu peito, fazendo com que uma fratura na costela perfurasse o pulmão e a matasse. Ela apresentava marcas de mordidas nos seios e foi penetrada por vários objetos, além de ter sinais de sexo anal ocorridos em dois momentos, um deles *post-mortem*. Foi encontrada na manhã seguinte por uma mulher que passeava com o cachorro."

Silêncio, silêncio pesado.

Mike tossiu, e continuou:

– Alf Hill estava no comando, Frank Fields era o número dois, outro homem de destaque no caso. Inicialmente, nenhuma relação com Theresa Campbell foi feita. Certo, Bob?

Bob Craven fez que sim, sem dizer nada.

– Você deu uma olhada, certo?

– Dei.

Mike Hillman balançou a cabeça e sorriu.

– Muito obrigado, Bob. Ok. A conexão com o Estripador foi estabelecida a partir das cartas recebidas após o assassinato de Marie Watts, em 1977. Como vocês sabem, as cartas fazem referência ao assassinato de Clare Strachan, e exames feitos concluíram que o assassino de Strachan e de Watts e o escritor da carta têm o mesmo tipo sanguíneo...

– B – esclareceu Craven.

– Obrigado, Bob – disse Mike. – Mais uma vez, repito que todos os nomes e datas estão nas listas entregues a vocês.

– Bob? – disse John Murphy, olhando para Craven.

– Sim?

– Enviaram alguém de Preston?

– O quê?

– Você reexaminou o caso de Joan Richards, certo? E eles enviaram alguém após Clare Strachan?

– Frank Fields.

– E Frank não conseguiu estabelecer nenhuma conexão? – perguntou Murphy.

– Não.

– Certo – eu disse. – Como Mike falou, este é o caso ao qual as cartas e a fita se referem, as cartas e a fita que foram incluídas em vários pontos desse assassinato.

– E o tipo sanguíneo – disse Craven.

– Obrigado – agradeci –, mas vamos esclarecer uma coisa. Inicialmente, você e...

– John Rudkin.

– Certo. Você e John Rudkin não haviam relatado que esse assassinato não deveria ser considerado obra do mesmo homem que matou Campbell e Richards, certo?

– Sim – ele concordou. – Até serem encontrados vestígios em Watts e os exames do envelope.

– Então, inicialmente, por que vocês pensavam diferente?

Craven sorriu.

– Parece que estou num maldito tribunal.

– Relaxe, Bob. Estamos entre amigos – eu disse.

– Será?

– Sim – disse Murphy.

– Veja bem – disse, ainda sorrindo. – Inicialmente, a única conexão real entre Campbell e Strachan, e Richards e Strachan, era que as duas eram putas. Strachan foi estuprada, meteram uma garrafa de leite nela, no cu, e depois ela foi chutada até a morte. Num lugar fechado. Tudo completamente diferente.

– Até as cartas e a fita?

– Até as cartas e a fita.

– E, então, ela entrou no caso – comentei.

– Acredite nisso.

– Gostaria de dizer algo mais? – perguntei.

– Dois filhos em Glasgow.

– Marido?

– Morreu afogado no mar.

– Algo mais?

– Sobre ela, não. – Craven sorria para si mesmo.

– Quer falar sobre Joan Richards?

– Não.

– Vá em frente. Você estava diretamente envolvido desde o início do caso, certo?

– Quase isso.

– Por favor, isso nos ajudaria muito.

– Não estou passando a perna em ninguém, certo? – ele perguntou, olhando para Helen Marshall.

Lágrimas nos seus olhos.

Merda.

– Não – respondi, tentando encontrar o olhar de Helen.

Lágrimas nos seus olhos.

Craven suspirou, deu de ombros e disse quase automaticamente:

– Joan Richards foi encontrada em 6 de fevereiro de 1976, em um beco em Manor Street, no bairro industrial, distante de Roundhay Road, em Leeds. Ela tinha profundos ferimentos causados por um martelo e um total de 52 perfurações no pescoço, peito, estômago, costas. O sutiã dela fora arrancado de suas tetas e um pedaço de madeira fora colocado em sua boceta. Havia marcas de sola de botas em suas pernas. Bota da marca Wellies. Farley, o patologista, imediatamente ligou esse fato a Theresa Campbell. O Coruja, Maurice, ainda era o responsável pelo caso. Dick Alderman e Jim Prentice estavam com ele. Eu e Rudkin fomos trazidos após Farley ter feito essa ligação. Nos enviaram a Preston, e o resto você sabe.

Marshall estava olhando-o.

Lágrimas nos seus olhos.

– Antecedentes? – perguntei.

– Ela era nova no ramo. O marido sabia desse trabalho. Era o seu cafetão. Algumas vezes ela usava a van dele, mas não dessa vez. Há muita bobagem entre os papéis, coisas que não ajudam em nada. Coisas sobre o assassino pegando sua van e merdas como essa.

– Foi quando o caso do Estripador começou? – perguntou Hillman.

– Não. Isso foi após a morte de Marie Watts.

– Coisa de Jack Whitehead, certo? – perguntei.

– Provavelmente.

Silêncio, a sala parecia ficar menor, mais escura.

Os armários de arquivos mais altos.

Uma batida na porta.

– Senhor Hunter?

– Sim.

– Telefone. É uma emergência.

Eu me levantei.

– Atenda na sala ao lado, está vazia – disse Craven.

Fiz que sim, contornei o pessoal e saí.

A Sala do Estripador, vazia.

Apenas as fotos me observando das paredes, mortas.

– Peter Hunter falando.

– Aqui é Richards.

– O que foi?

– *O que foi?* O que você quer dizer com “o que foi”? Sabe o que aconteceu esta manhã? Às malditas cinco horas da manhã?

– Joan me contou.

– E...?

– E o quê?

– E porra o quê? Eles...

– Richard, eu não posso fazer nada. As minhas mãos estão atadas.

– As suas mãos estão atadas? Puta merda, Peter. Falando nisso...

– Sinto muito – desculpei-me e desliguei.

Voltei à pequena sala ao lado, com o coração a mil, nervoso.

Ninguém falando.

Eram quase sete horas.

– Então é isso. Chega por hoje – comentei, os fantasmas se espalhando e sumindo...

Todos se levantaram de uma vez.

– John – eu disse a Murphy –, podemos conversar?

Ele fez que sim e me seguiu para a sala ao lado.

Sentamos-nos à mesa da Sala do Estripador.

A sala deles.

– Algo está acontecendo em Manchester. Posso perguntar algumas coisas para você?

– Claro, pergunte.

– Bob Douglas. Lembra-se dele?

– O amigo de Craven, do Strafford, claro – disse Murphy, sorrindo. – Saiu do nosso caminho, certo?

– Ficou em Levenshulme. Alguma notícia recente sobre ele?

– Acho que está envolvido em trabalhos de segurança.

– Bem, e você conhece Richard Dawson? Ele tem usado os serviços de Douglas para isso e aquilo, e agora Dawson está sendo investigado por algum tipo de irregularidade financeira ou algo parecido. Enfim, a história é que Douglas disse a Dawson que ele está sendo investigado por causa da sua amizade comigo. Estão investigando-o porque querem me colocar no meu devido lugar.

– Bobagem.

– Também acho. Mas hoje de manhã fui à casa de Douglas.

– Sério? – disse Murphy calmamente. – Isso foi inteligente?

– Só queria esclarecer tudo. Joan é muito amiga de Linda Dawson, você sabe. E preciso me concentrar nisso aqui, e não no maldito Bob Douglas.

– E?

– Douglas disse que ficou sabendo pela boca de Ronnie Allen.

– Ele fala demais.

– É.

– Ronnie é um pentelho, não?

– Mas a coisa fica pior. Hook está no comando da investigação.

– Merda.

– É. E invadiram a casa de Dawson hoje de manhã.

– Merda, merda.

– É.

– Quer que eu faça algumas ligações?

– Conversei hoje com Hooky e Clement Smith, e eles não acham nada sinistro. Disseram que é pura questão de finanças, que estou ficando paranoico.

– Peter Hunter paranoico? – riu Murphy, mas seus olhos estavam frios.

– Acho que estou.

– Essa história de que vocês se conhecem. Isso não é paranoia.

– Mas não sou só eu. Os amigos de Smith também.

– Eu também conheço o Richard. Posso ser o próximo?

– Muita gente pode – respondi, sorrindo.

– Viu, não se preocupe com isso. O que disse o chefe?

– Você sabe, Smith disse que devo manter distância por enquanto. Mas...

– Mas se eu ouvir alguma coisa ou perguntar a alguém, então...

– Obrigado. – Sorri novamente.

– Eu te mantenho avisado.

– Avisa o quê? – perguntou Craven de repente, ali na Sala do Estripador.

Na sala dele.

Na sala do seu Estripador.

– Nada com o que você precise se preocupar, Bob.

– Nos vemos no café da manhã, então? – sorriu Murphy.

– Claro – respondi. – E desejo a vocês dois, senhores, uma boa noite.

– Não quer tomar nada hoje? – perguntou Craven.

– Hoje não, Bob – respondi, batendo no seu ombro ao passar por ele.

– Tem um encontro marcado? – ele perguntou, piscando o olho.

Headingley.

Quatro noites até aquele momento, tudo continuava morto.

Para sempre morto.

Entrei no estacionamento do Kentucky Fried Chicken, mais uma vez posicionando o carro de frente para a rua principal, depois entrei.

Mais uma vez, eu era o único cliente.

Pedi o mesmo frango com fritas e um café, e esperei sob as mesmas luzes brancas por outros dez minutos, enquanto o mesmo funcionário asiático preparava o meu pedido. Fiquei olhando para as luzes refletidas no café.

Peguei a comida, voltei ao carro e me sentei, em mais uma noite, com a janela aberta, comendo novamente o frango pálido, observando a rua.

Ninguém.

Tomei o café frio.

Saí do carro e atravessei a rua em direção ao ponto de ônibus.

Eram 21h53, o número 13 surgindo na Headingley Lane.

Como um relógio.

Mais uma vez, não paro.

Voltei a atravessar a rua e virei na Alma Road.

Alma Road, com a fita de isolamento e um carro escuro esperando.

De novo, desci a rua arborizada e escura, atravessando para evitar a área isolada pela polícia, passando pelos policiais na viatura.

No final da rua, na escola, parei de novo nos portões e olhei para trás da Alma Road.

De novo, Alma Road.

Uma rua comum num subúrbio comum, onde um homem pegou um martelo e uma faca e atacou a filha de outro homem, a irmã de outro homem, a noiva de outro homem.

Uma rua comum em um subúrbio comum, onde um homem pegou um martelo e uma faca e atacou Laureen Bell, uma menina comum, destruindo o seu crânio e a perfurando 57 vezes na região do abdômen, ventre e uma vez em seu olho.

E nessa rua comum, nesse subúrbio comum, nesse mundo comum, escuto o silêncio e uma música que diz:

And when we die
And float away
Into the night

The Milky Way
You'll hear me call
As we ascend
I'll say your name
Then once again
Thank you for being a friend.

Esse mundo comum.
Esse completo, vazio, esquecido, mundo comum em guerra.

vaca suja eu conheço esse rosto de algum lugar tenho certeza transmissão dois o corpo de joan richards quarenta e cinco anos foi encontrado num prédio abandonado da área industrial em manor street leeds às oito e cinco hoje sexta-feira seis de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis sabe-se que a mulher tinha sido recentemente prostituta na área de chapeltown em leeds quando encontrada usava um sobretudo xadrez azul verde e vermelho um vestido branco com listras horizontais sapatos com laços no calcanhar bolsa castanho-clara calcinha preta meia-calça marrom sabe-se que entre seis e dez da tarde e dez e meia da noite quinta-feira cinco de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis estava com um furgão branco com escadas no teto motivo aparente indicava ódio às prostitutas o homem que estamos buscando pode matar novamente agressor deve estar muito ensanguentado e acredita-se que usava pesadas botas de borracha de sola com listras ou pesadas botas wellington veículo placa JRD seis seis seis K foi encontrado no estacionamento do gaiety hotel roundhay road leeds a menos de um quilômetro da cena do crime e qualquer sinal da mulher ou do veículo devem ser notificados a esta delegacia a falecida sofreu no crânio ferimentos graves lacerações consistentes e várias fraturas menores provavelmente causadas por um martelo e cinquenta e duas estocadas na base da garganta e pescoço região superior do peito e ventre e costas possivelmente causadas por um instrumento similar a uma chave de fenda philips padrões em cruzes beiram a loucura numa de suas meias-calças a marca de pesada bota de sola de borracha listrada ou bota wellington foi encontrada embora não exista penetração na vagina o sutiã foi posto sobre os seios e vestido e há várias indicações de que a pessoa responsável por esse crime também deve ter sido responsável pela morte da prostituta theresa campbell em leeds em seis de junho de mil novecentos e setenta e cinco ele é um matador sádico e pode ser um pervertido sexual atenção especial deve ser dada ao calçado das pessoas que sejam detidas que também talvez tenham veículos com as ferramentas mencionadas talvez seja uma van de um trabalhador uma pesquisa nos registros de condenados agressores de prostitutas seria aprovado e aqui as lágrimas que primeiro choramos na neve escura ata os nós e espalha e preenche o vazio ao redor dos olhos senhor rasgue esses véus pesados a dor que engole nossos corações aqui neste inferno chamado leeds eu a vi do lado de fora do gaiety naquele lugar e a peguei e a levei a uma área abandonada no centro dessa malvada planície este o local onde nos encontramos estacionados longe das luzes o seu inebriante perfume barato me deixava enjoado e então eu tive de levá-la para fora pedi que segurasse uma lanterna enquanto eu levantava o capô do carro para dar uma olhada no motor depois dei alguns passos para trás e desferi dois golpes na cabeça dela com um martelo depois eu a levei para a sombra e levantei o cardigã e o sutiã para descobrir seus seios e a apunhalei cinquenta e duas vezes nos seios pescoço áreas costas e ventre com uma chave de fenda philips e peguei um pedaço de madeira e meti entre as suas pernas para mostrar o quanto ela era nojenta com um furgão branco com escadas no teto motivo aparente indicava ódio às prostitutas o homem que estamos buscando pode matar novamente agressor ele deve estar muito ensanguentado e acredita-se que usava pesadas botas de borracha de sola com listras eu dirigi até a casa da minha mãe em laws com um sentimento de satisfação e no dia seguinte era o

aniversário da minha mãe e eu fiz questão de entregar um cartão snowflakes are dancing no rádio um defeito

5

Seis horas.

Segunda-feira, 15 de dezembro de 1980.

Delegacia de polícia de Millgarth, Leeds.

Na sala ao lado da Sala do Estripador.

A porta aberta, a luz acesa.

– Helen? – chamei.

A detetive sargento Helen ergueu os olhos do papel sobre a mesa, com uma das mãos no coração.

– Peter.

– Sinto muito, não queria te assustar.

– Não. Eu estava longe.

– Há quanto tempo está aqui?

– Não sei – ela respondeu, olhando para o relógio.

– Não conseguiu dormir?

Ela fez que não.

– Eu também não – disse e me sentei. – Quem te deixou entrar?

– Não estava trancado.

– Maldição!

– Sinto muito.

– Não é culpa sua, não se preocupe.

Ela voltou a se recostar na cadeira, afastando a pasta.

– O que está vendo? – perguntei.

– Eu tive sorte. 1976.

– Um ano tranquilo. O preferido do chefe.

– O pessoal vai comentar.

– Você acha? – perguntei, corando.

– Acho. Vão dizer que você é sexista. Principalmente se não me deixar detalhar.

– Eu, sexista? Um assassinato, um ataque; Joan Richards e aquela menina chinesa? Não acho.

Ela sorria.

– Sinto muito sobre ontem à noite – eu disse –, mas Bob Craven estava...

– Você sabe que ela está morta? – perguntou Helen, sem sorrir.

– Quem?

– Essa *menina chinesa*.

– Sue Peng? Não. Quando?

– 1977. Suicídio.

Fantasmas, mais fantasmas.

Fantasmas chineses.

– O que foi? – ela me olhava.

– Eu não sabia, já disse.

– No final das contas, é como se tivesse sido assassinada.

Ficamos sentados, em silêncio.

Helen esfregava os olhos, e eu com aquele gosto na boca.

– Já tomou café? – perguntei.

– Não.

– Quer?

Sentados na cantina, colocamos nossas bandejas numa mesa, com os jornais da manhã abandonados no último lugar.

As manchetes doíam:

100 mil libras de recompensa pelo Estripador.

Mãe de vítima faz apelo ao Estripador.

Exército feminino contra o Estripador.

Analisada a ameaça telefônica do Estripador.

Aquela provocação infantil, assustadora:

Estripador, Estripador.

Caçada, caçada.

Estripador, Estripador.

Idiota, idiota.

– Olha, olha. O que temos aqui – disse Murphy, sentando-se ao nosso lado.

– Sinto muito, John.

– Por que não me esquece? – ele disse, piscando para Marshall. – Olhe para ele, querida. Ele vai te fazer todas essas promessas, café da manhã em Millgarth, jantar no Ritz. E depois, nada.

Helen Marshall olhava para o seu prato, sem sorrir.

– Teve uma boa noite? – perguntei.

– Foi uma noite tranquila com o seu amigo, o sargento Bob.

– Sério?

– Sério – suspirou.

– Foi tão ruim quanto parece?

– Ele é um cara estranho, não é?

– Não sei. A última vez que nos vimos foi no Pinderfields Hospital, com vários tubos saindo do seu corpo.

– Conseguiram reconstruí-lo, mas acho que se esqueceram de alguns pedaços.

– Como?

– Ah, não sei. Ele só me parece estranho.

– Descobriu alguma coisa?

– Uma coisa é certa. O nosso Bob não é nada modesto. Acha que deveria ser posto no comando.

– Acho que ele não pensa muito no que está acontecendo.

– Ele acha que perderam muito tempo. Pensa como a gente, que devem ter apanhado o Estripador e deixado que saísse.

– Nomes?

– Se sabe, não disse. Mas tem as teorias dele.

– E compartilhou essas teorias com você?

– Não, mas acho que nosso Bob está envolvido em algumas coisas. E não ficaria surpreso se ele fosse embora, levando suas teorias consigo, entregando-as aos jornais – ele disse, pegando o *Yorkshire Post*.

– Espionando?

– Sim. Claro que sim.

– Para quem?

– Essa é a questão – respondeu Murphy, calmamente. – Essa é a questão.

Helen Marshall ergueu os olhos, apontando com a cabeça para a fila no balcão.

O detetive superintendente Robert Craven pedia mais salsicha.

Nós três trocamos alguns olhares, largos sorrisos, rindo por um momento antes de irmos embora.

Fiquei de pé na porta da Sala do Estripador, pegando as últimas informações daquela manhã, observando as nucas de várias cabeças diante daquelas paredes, paredes com paisagens alienígenas de terrenos baldios e prédios, pneus e ferramentas, feridas...

As rasas e as profundas, dentadas...

As mesmas feridas rasas e profundas, as mesmas dentadas das paredes da minha sala...

Minha Sala de Guerra.

Noble, o assistente-chefe de polícia temporário, dizia à sala lotada:

– Então será uma coletiva de imprensa.

Nada de empolgação.

– Estão dispensados.

A sala se dispersou, metade deles passou por mim, os demais despencaram de volta às suas mesas, de volta às pilhas e mais pilhas de papéis que subiam e formavam torres.

Esperei até que tudo se tranquilizasse e me aproximei de Noble, que estava reunido com Alderman, Prentice e outros dois homens de alto escalão.

Todos deram um passo atrás quando viram que eu me aproximava, a conversa cessou...

– Bom dia, senhores – cumprimentei.

Tudo o que consegui foram acenos de cabeça.

– Poderíamos conversar quando terminarem? – perguntei a Noble.

– Eu ia te procurar na sala ao lado – ele disse.

– Sério? – perguntei.

– Sério. Vou à Alma Road. Se quiser dar outra olhada... À luz do dia.

Outra olhada? À luz do dia?

Deixei isso passar. Rosto pálido.

– Obrigado – respondi. – Gostaria, sim.

– Tem um lugar para você, cérebro.

– Legal.

– Nos vemos na porta, em dez minutos?

– Combinado.

– Eu não te invejo – disse Noble, assim que o motorista deixou o anel viário para trás, entrando na Woodhouse Lane.

– Nunca imaginei que invejasse – respondi.

Estávamos sentados no banco de trás. Dickie Alderman na frente, ao lado do motorista.

– Na verdade – continuei –, eu também não te invejo muito.

– Espere e verá... – ele disse, sorrindo.

– Como assim? – perguntei, sorrindo e olhando para todo aquele concreto do lado de fora, para o cinza do concreto escurecido pela chuva.

– Quando eu agarrar o bastardo.

– Você acha que está com sorte?

– Como sempre. Dê-me um mês.

– Deveria avisar os jornais – eu disse, rindo.

– Sai pra lá! – ele respondeu, sorrindo.

O carro deslizava no silêncio quando a Woodhouse Lane transformou-se em Headingley.

Ao nos aproximarmos da Alma Road, Noble de repente perguntou:

– Como vai sua relação com Bob Craven?

– Bem – respondi. – Por quê?

– Só perguntando – ele disse, sorrindo. – Só perguntando.

Essa é a questão.

O carro virou na Alma Road e estacionamos na frente de uma viatura.

Voltava a chover forte.

Saímos do carro.

Uma fita de isolamento ao redor de uma moita de arbustos.

Andamos em direção aos arbustos.

Noble estava ao meu lado, olhando a rua, sob a chuva.

– Ela pegou o ônibus às nove e meia – ele dizia, como se falasse consigo mesmo: – Atravessou a rua e desceu até aqui.

Ele olhou para a outra ponta da Alma Road.

– O apartamento fica logo lá – ele disse.

Ficamos parados sob a chuva, em frente aos arbustos: Noble, Alderman e eu.

– E ele surgiu atrás dela – disse Alderman. – Atingindo-a na cabeça e a levando para trás dos arbustos.

Ninguém disse nada.

As palavras de Alderman ficaram suspensas no ar até...

Até Noble virar, e nós o seguimos de volta ao carro. O motorista fumava, de pé, sob um guarda-chuva preto.

Dentro do carro, perguntei:

– Passaram-se quinze meses desde a última, certo?

Noble fez que sim. Alderman virou para trás no banco da frente.

Eu continuei:

– Isso faz com que a gente fique imaginando o que ele tem aprontado.

– Já estamos fazendo uma ronda nas prisões – disse Alderman.

– Ele não cumpriu pena – eu disse.

Noble olhou para fora e disse:

– Como você pode ter certeza?

– Se fosse assim, vocês já o teriam pego.

– E os serviços especiais? E a Irlanda? – perguntou Alderman.

– Talvez, mas eu duvido.

– Teriam dito alguma coisa – concordou Noble.

– E então? – perguntou Alderman.

– Você tem um *hobby*? – perguntei.

– O quê?

– Qual é o seu *hobby*? – perguntei de novo.

– Atirar. Caçar. Por quê?

– E para onde vai?

– Qualquer lugar.

– Onde?

– Eccup.

– Com que frequência?

– Não tanto quanto eu gostaria.

– Por quê?

– Trabalho.

– Trabalho?

– Sim, trabalho. Por conta do sanguinário Estripador, para começar. Por quê?

– E antes, antes de tudo isso, caçava mais regularmente?

– Sim, menos quando os meus filhos eram pequenos.

– E o que me diz de antes de eles nascerem?

– Ah, sim. Todos os dias livres que tinha.

– Este é o ponto – afirmei com a cabeça.

– O quê? O que você quer dizer?

– Que ele é igual.

– Ele quem?

– O Estripador.

Alderman sorria largamente.

– O quê? Ele também sai para caçar? – ele perguntou.

Noble fazia que não com a cabeça:

– Ele está querendo dizer que o Estripador tem os mesmos problemas que todos nós. É isso o que você está dizendo, certo?

Fiz que sim.

– Quando o pegarmos, você verá o mesmo padrão que todos temos, as mesmas pressões, os mesmos ritmos: trabalho, esposa, crianças, férias.

– Você acha que o Estripador é casado e tem filhos? Porra! – disse Alderman.

– É casado. Aposto.

– Aposta quanto?

– Quanto quiser.

– Que o Estripador é casado e tem filhos?

– Casado – eu disse. – Sem filhos.

– Aposto cem libras que você está errado – disse Alderman, com a mão erguida.

– Apostado. Cem libras. – Demos as mãos.

– Por que você tem tanta certeza? – Noble interrompeu.

– Você é o cara que pegou Raymond Morris – eu disse. – Vai ser a mesma coisa, Pete.

Strafford, 1965-1967.

Noble olhou para fora, chovia fortemente contra as janelas do carro.

– O que você quer dizer? – perguntou Dickie Alderman.

Noble, observando a água cair, murmurou:

– Raymond Morris tinha um álibi: sua esposa.

As três menininhas estupradas, sufocadas, jogadas fora.

A janela dele embaçara, estava abafado dentro do carro.

– Ninguém encobriria esse idiota. – Alderman balançava a cabeça.

– Ela não acredita que o está encobrindo – eu disse. – Ela não vê o que ele é. Nem nós.

– Vá se foder.

– Metade da Sala do Estripador está procurando um corcunda *geordie* com mãos cabeludas e ensanguentadas, com carne entre os dentes e um martelo no bolso.

Noble, com o rosto cheio de medo, sorria desdenhosamente:

– Sério? Então, quem deveríamos procurar, Pete?

Respondi dizendo o que ele já sabia, sabia de trás para frente:

– Ele é móvel, tem veículo próprio. Deve ter surgido diversas vezes nos arredores, então ele tem de ter alguma razão para estar onde não deveria estar... Motorista de táxi, de caminhão, representante de vendas...

– Policial? – perguntou Noble.

– Policial...

– Vá se foder – bufou Alderman.

Dei de ombros e disse:

– Ele deve ter um bom conhecimento local por conta do seu trabalho, e porque é daqui... vive e trabalha por aqui.

– Não pode afirmar isso – disse Alderman. – Se ele é caminhoneiro, poderia morar em qualquer maldito lugar.

– Não – respondi calmamente, balançando a cabeça e limpando o vidro da janela. – Ele é da região, pois odeia isso aqui, odeia tanto isso que é capaz de matar... então deve ter estado por aqui desde há muito tempo para odiar tanto este lugar, para querer matar.

– Vá em frente – disse Noble.

– Deve ter alguma ficha policial... talvez de quando era menor de idade.

– Por quê? – perguntou Alderman.

– Porque, quando era mais jovem, ele não controlava a raiva como controla agora. Deve ter cometido alguns erros.

– A gente saberia – disse Alderman.

– Não se não estiverem procurando.

– Estamos procurando – disse Alderman, quase se jogando em cima de mim.

Eu, com as mãos para cima:

– Procurando o quê? Um *geordie*, corcunda, solteiro, com as mãos peludas cheias de sangue, carne entre os dentes e um martelo no bolso?

– Porra, Pete – disse Noble.

– Não – eu disse. – Vocês deveriam rever todos os detalhes encobertos pela esposa desse homem.

– Vá se foder – disse Alderman.

– Comece com o *top* dez.

– Impossível – disse Noble.

– Vocês já estiveram com ele nas mãos. Sabem disso.

– Vá se foder.

– Porém, de alguma forma, deixaram que escapasse.

Silêncio.

Apenas o som da chuva no telhado.

Noble curvou o corpo para a frente e bateu na janela do motorista.

O motorista abriu a porta, balançou o guarda-chuva para tirar o excesso de água e entrou no carro, com um forte cheiro de cigarro e umidade.

– Para Millgarth – disse Noble.

Quando o carro entrou no estacionamento subterrâneo, olhei para o assistente-chefe de polícia temporário Peter Noble e perguntei:

– Como pegaram Morris?

– Foi sorte – ele respondeu. – Pura sorte.

– Não diga bobagem, Pete – eu disse. – Bobagem.

Alderman olhou mais uma vez para trás, mas Noble fora embora.

De volta à nossa sala, que ficava ao lado da deles, fechei a porta atrás de mim.

Estavam todos lá, todos mais Bob Craven, levantando os olhos dos seus trabalhos, esperando, na expectativa.

– Eu deveria ter dito isso antes, mas, ao revisarem todos esses nomes, destaquem os casados.

John Murphy sorriu:

– Estamos fazendo isso.

– Obrigado – agradeci, sorrindo de volta. – Vamos em frente.

Mais uma tarde em Millgarth.

Escuro do lado de fora, mais escuro dentro.

Outra sessão espírita.

O mesmo ritual.

Ao redor da mesa, mãos e joelhos se tocavam, novas chamadas aos mortos.

Dessa vez, John Murphy, pálido e com olheiras, dizendo:

– Que merda de ano foi 1977. A primeira de todas foi Marie Watts, nascida Marie Owens, 32 anos, encontrada morta no domingo, 29 de maio, em Soldiers Field, Roundhay. Apresentava amplas feridas na cabeça, punhaladas no abdômen e um corte na garganta. Watts era uma conhecida prostituta, e a conexão com

Campbell e Richards era óbvia, levando à formação do que logo foi conhecido como Esquadrão de Homicídios de Prostitutas, liderado pelo assistente-chefe de polícia Oldman, com Peter Noble à frente das operações diárias.

Murphy fez uma pausa, olhou para Bob Craven, e depois continuou:

– Como Bob disse ontem, a partir do assassinato de Watts a imprensa inventou o apelido Estripador de Yorkshire; foi também quando apareceu a primeira carta. Além disso, há a descoberta do grupo sanguíneo B tirado do sêmen encontrado no casaco de Watts. Foram essas manchas que a conectaram com Clare Strachan, em Preston. Além das cartas, dos exames de saliva e do conteúdo nelas, veio depois a fita.

Longa pausa, um profundo, profundo suspiro, e então:

– Os nomes, os números, as descrições, todo o lote de sangue, estava tudo lá, e, para ser honesto, se não fosse pelo que vem a seguir, talvez não estivéssemos sentados aqui.

Aí vem ela, aí vem ela, aí vem ela novamente:

– Dando um salto, por enquanto, o ataque a Linda Clark, em Bradford, uma semana após o de Marie Watts, e a descoberta do corpo de 16 anos de Rachel Johnson, num parque da Reginald Street, na manhã de quarta-feira, oito de junho, manhã seguinte ao jubileu. Ela sofrera terríveis feridas, embora provavelmente tenha morrido um tempo depois do primeiro ataque. Não era prostituta, não era "uma mulher de vida fácil", ou qualquer outra coisa além de uma vendedora de loja, de Leeds, de 16 anos, que voltava para casa após um primeiro encontro.

Todos olhávamos para o chão, para as paredes ou para o teto, para as nossas unhas ou nossas canetas, para qualquer outro ponto que não fosse Murphy, seus arquivos e fotografias da garota.

– Tenho certeza de que, assim como eu – ele disse –, vocês também se lembram dela.

Todas vocês, eu pensei.

Eu me lembro de todas vocês.

– Intervalo – eu disse, levantando-me e saindo da sala, entrando na luz do corredor, passando pelos telefones e pelas máquinas de escrever, entrando no

toalete, numa cabine, e vomitando.

Eu descia as escadas, correndo atrás de um jornal e de um pouco de ar, quando uma mão no meu cotovelo...

– Senhor Hunter? – disse Bob Craven.

– Sim.

– Queria perguntar uma coisa.

– Continue.

– Essa história de anotar os caras casados... O senhor está querendo dizer que acha que ele é casado?

Olhei para o detetive superintendente Craven, com sua barba escura e os olhos pegajosos como carrapatos.

– Tem tempo para um café, Bob? – perguntei.

– Você tem?

– Um café rápido – respondi, fazendo que sim, e voltamos a subir as escadas, em direção à cantina.

Peguei os cafés e me sentei à sua frente, na mesa de plástico.

– Você leva tudo isso muito a sério – eu disse.

– E poderia ser de outra forma?

– Sinto muito, não queria dizer isso. O que quero dizer é que você é muito profundo.

– Isso é um crime?

– Não.

Ele parou de olhar para seu café e levantou os olhos.

– Serei honesto com você: isso me consome. E também consome muitos rapazes.

– Há muito tempo?

– Bastante.

– Você tem alguma teoria?

– Ah, sim... – ele respondeu, sorrindo.

– Quer compartilhá-la?

– Com o senhor?

– Por que não?

– O senhor não está aqui para isso, certo, senhor Hunter? Não é verdade?

– O que você quer dizer?

Sua barba e seus olhos brilhavam sob as luzes da cantina.

– Essa história não tem a ver apenas com o Estripador, certo? Trata-se de ver quantos de nós você pode derrubar com ele.

– Por que eu faria uma coisa dessas?

– Está em sua natureza.

Afastei o copo na mesa e me levantei.

– Estou aqui com um único propósito, e apenas um propósito: prender o Estripador de Yorkshire.

Ele me encarava, quase sorrindo, zombando.

Eu deveria ter ido embora, deixando-o ali, mas não fui. Fiquei e disse-lhe:

– Há uma paranoia nesta polícia, uma paranoia que a deixa burra e cega.

Ele sorria, agora gargalhava, deixando entrever parte dos dentes brancos entre a barba escura.

Eu não conseguia ir embora, não conseguia me conter:

– A menos que todos vocês tenham algo a esconder.

– Por exemplo? – ele me encarava. – Por exemplo?

– Vai saber. Sua estupidez? – disse, e me arrependi imediatamente.

– Senhor Hunter, vou lhe dizer uma coisa: *nós* vamos encontrar o nosso Estripador, e não *vocês*.

– Então é melhor que comecem a se mexer já – eu disse, dando as costas e saindo dali.

Nenhum lugar para ir, nenhum lugar para se esconder.

– Janice Ryan – disse Murphy, e então parou, calado.

Todos erguemos os olhos, a sala fria e escura.

Não há como matar essa dor interior.

– Não sei por onde começar – ele disse, com os olhos fixos em Bob Craven,

que chegava atrasado e se sentava ao meu lado.

Sem ter como fugir de seu coração.

– Prostituta de Bradford que se mudou para Leeds, mas terminou morta sob um sofá num terreno baldio perto da White Abbey, em Bradford. A data da morte nunca foi perfeitamente estabelecida, mas provavelmente ocorreu sete dias antes da descoberta do corpo, no domingo, 12 de junho de 1977.

Sem ter como fugir de seus lábios.

– Além disso, seguindo a descoberta inicial, a morte de Ryan não foi imediatamente ligada ao Estripador. Havia duas razões para tanto. A cena do crime era Bradford, não Leeds. Embora Clare Strachan tenha sido morta em Preston, apenas uma semana antes.

Sem ter como fugir de você, querida, de seus dedos.

– A segunda razão foram as feridas feitas. Apesar de Ryan ter sido atingida na cabeça, ela na verdade morreu por conta de danos internos no abdômen causados por alguém que saltou em cima dela, marcando uma conexão apenas com Strachan.

Sem ter como fugir de você, querida, toda noite, todo dia.

– Ryan foi incluída como mais uma vítima do Estripador graças à carta que chegou ao *Telegraph & Argus* na segunda-feira, 13 de junho. Carta de um homem que dizia ser o Estripador de Yorkshire, avisando que havia uma surpresa em Bradford.

Sem ter como fugir de você, querida, sem lugar para ficar.

John Murphy ergueu os olhos:

– Na minha opinião, isso significa que, ou essa carta foi escrita pelo Estripador, ou não. Caso não tenha sido escrita por ele, Clare Strachan também não foi morta por ele. E isso significaria uma coisa, uma única coisa: teríamos dois Jacks, e não apenas um.

Sem saída, sem nenhuma saída.

Às dez e meia, estávamos naquela cantina bem iluminada, espalhados entre duas mesas e seis pratos com comida intocada. As luzes brilhantes perfuravam os

olhos cansados.

Havia pouca conversa, o detetive-chefe inspetor McDonald e o detetive sargento Marshall ainda olhavam para seus blocos de anotações, e o resto de nós ordenando, fichando e consultando; racionalizando o que tínhamos lido.

– Deveríamos dormir – eu disse.

Muitos fizeram que sim e bocejaram. Hillman se espreguiçou. Alguns falaram em beber uma saideira.

Desci as escadas com Murphy, nenhum de nós falando muito.

Na recepção, eu disse:

– Vou dar uma volta.

– Não quer tomar um drinque rápido?

– Hoje não, John. Obrigado.

– Nos vemos no café da manhã, então? – ele perguntou, sorrindo.

– Caso eu não tenha nada melhor a fazer... – respondi, sorrindo e disse boa-noite.

Chovia e estava escuro, as ruas vazias.

Enquanto esperava o sinal abrir para atravessar, observei os carros, os rostos brancos por trás dos volantes, imaginando, fazendo planos, vagas ameaças.

Sob as luzes de Natal na Boar Lane, eu caminhava sem direção, repentinamente assustado por tanta dor e culpa, pela terrível e familiar sensação de que mais estaria por vir, e toda a impotência que isso significava.

Na porta do Griffin, eu tinha lágrimas nos olhos, nas bochechas, lágrimas frias, terríveis.

Peguei a minha chave na recepção e atravessei o saguão, quando alguém se levantou da poltrona.

– Senhor Hunter? – chamou um homem alto e delgado, com cabelos compridos, finos e grisalhos.

Eu fiz que sim.

– Meu nome é Martin Laws e gostaria de conversar com o senhor, caso tenha cinco minutos.

Ele vestia roupas pretas, segurava um chapéu e uma bolsa.

– O senhor é padre, senhor Laws? – perguntei.

– Sou – ele respondeu, concordando com a cabeça.

– Certo – eu disse, olhando para o meu relógio e apontando para duas cadeiras de encosto alto próximas de nós.

– Obrigado – ele disse.

Sentamos um de frente para o outro, ele com seu chapéu entre os dedos.

– O que eu poderia fazer pelo senhor, padre?

– Estou aqui, na verdade, em nome de Elizabeth Hall.

– Sim? – perguntei, olhando para a bolsa preta junto aos seus pés.

– A esposa de Eric Hall? Libby Hall?

Fiz que sim.

– A senhora Hall viu o senhor no noticiário, nas coletivas de imprensa, e ficou muito ansiosa para conversar com o senhor.

– Sobre o quê?

– Sobre o assassinato do seu marido.

Eu me recostei na cadeira e disse:

– Padre, com todo o respeito, acho que isso não tem muito a ver com a nossa atual investigação. Caso a senhora Hall tenha alguma informação sobre a morte do seu marido, tenho certeza de que...

O senhor Laws ergueu uma das mãos.

Parei de falar.

– Senhor Hunter – ele disse suavemente, dando-me um envelope que tirou do bolso –, pelo que Libby me confidenciou, o assassinato do seu marido está no meio da sua investigação.

Olhei para o envelope que tinha nas mãos, relutante.

– Por favor... – disse Laws.

– Eu...

– Senhor Hunter...

Abri o envelope, peguei a carta e li:

Prezado senhor Hunter,

Eu me senti confiante ao saber que o senhor foi convidado a participar do caso do Estripador. Tenho informações que você achará bastante úteis, informações sobre o assassinato do meu marido, o detetive inspetor Eric Hall, e sobre o envolvimento dele com o chamado Estripador de Yorkshire. Acredito que ele foi morto por conhecer Janice Ryan, a sexta vítima, e por saber sobre o encobrimento da polícia.
Posso provar tudo isso.
Atenciosamente,
Elizabeth Hall

Dobrei a carta e voltei a guardá-la no envelope.
Sem saída, sem nenhuma saída.
– Como ela está? – perguntei a Laws.
– Não muito bem, mas está determinada a se encontrar com o senhor.
– Posso enviar alguém da minha equipe?
– Ela insiste em falar só com você. Só você.
Maldição.
– Amanhã de manhã?
O senhor Laws fez que sim, mas disse:
– Agora? Ela está lá fora, no meu carro.
Merda.
– É muito importante – ele disse.
– Tudo bem, vamos – concordei, suspirando e me levantando.

Acompanhei Martin Laws para fora do Griffin, voltando à chuva e à noite, seguindo em direção aos fundos do hotel, passando pelo *pub* Scarborough, depois sob os arcos escuros e as linhas férreas, até chegarmos a um velho Viva verde estacionado no escuro.

O senhor Laws bateu levemente na janela do carona e um rosto pálido e assustado surgiu do vidro negro.

Dei um pulo para trás, o meu coração disparou.

Ele destrancou a porta.

– Vocês podem conversar aí dentro – ele disse. – Vou esperar aqui até que terminem.

Ele abriu a porta para mim, e eu me inclinei para entrar, engolindo em seco.

– Senhora Hall?

A mulher fez que sim, mordendo o lábio inferior, uma das mãos segurando a pele do pescoço.

Sentei-me no banco traseiro, ao seu lado, e fechei a porta.

– Tranque, por favor – ela murmurou.

Pressionei o pino e esperei.

Ela estava sentada lá dentro, no escuro, no banco de trás, ao meu lado, sob os arcos, passando as mãos em volta do pescoço e balançando a perna.

– Eles não acreditam em mim – ela disse. – Eu sei que não. E o senhor também não acreditará.

– Eu...

– Não, eles vão lhe contar o que fizeram comigo. Talvez já tenham contado. Vão lhe dizer que é por isso que sou assim, que digo as coisas que digo. Então, ficarão mudos, sacudirão as cabeças e dirão que eu estaria melhor morta, pois foi o que fizeram.

Fiquei olhando para a frente, pelo vão entre os dois assentos dianteiros.

– O senhor sabe o que fizeram comigo?

– Um pouco.

– Bem, eu vou lhe contar, certo? Livrar-me disso.

– Não precisa, senhora Hall.

– O senhor verá que é necessário, senhor Hunter.

No escuro, ela virou-se para mim, com uma das mãos no meu braço.

– Era domingo, 19 de junho de 1977. Eu tinha ido à igreja, à missa da tarde. Voltei para casa, abri a porta, e eles me agarraram, depois me arrastaram pelos cabelos em direção à sala de estar. Eric estava lá sentado, em frente à televisão,

com a garganta cortada. Eles amarraram as minhas mãos às costas e me deixaram no chão, aos pés de Eric, em seu sangue, e foram para a cozinha. Fizeram sanduíches com coisas da geladeira, tomaram a cerveja de Eric e o meu vinho, e voltaram decididos a se divertir comigo, lá no chão, na frente de Eric. Tiraram a minha roupa e bateram em mim, e penetraram na minha vagina, no meu ânus, na minha boca, usando os pênis deles, garrafas, pernas de mesa, qualquer coisa. Urinaram na minha cara, cortaram pedaços do meu cabelo, me forçaram a chupá-los, lambê-los, beijá-los, a beber a sua urina, a comer os seus excrementos. Depois me levaram ao banheiro e tentaram me afogar, deixando-me no chão, inconsciente, para meu filho me encontrar.

Silêncio, silêncio sombrio.

– Assalto, vingança... foi o que a polícia alegou... – Ela olhava para mim, e eu balancei a cabeça, dizendo:

– A mesma gangue responsável por vários assaltos a agências de correios e assassinatos, foi o que ouvi.

– A *gangue dos negros* – ela sorriu.

– E não eram negros?

– Ah, sim, eles eram negros, senhor Hunter. Tão negros quanto o às de espada.

– Bem, eu...

– O senhor não entende, certo?

Olhei novamente para ela.

– Não é isso, senhora Hall. Não mesmo. Eu só queria dizer que sinto muito, porém isso não parece ser o bastante. Mas eu sinto, sinto muito por ter acontecido com a senhora.

Ela engoliu em seco e tomou a minha mão na sua.

– Senhor Hunter, antes de ser morto, Eric foi afastado do seu cargo. Ele não parava de falar no senhor, como o senhor mudaria tudo. Dizia que tinha feito coisas ruins, que o senhor descobriria e que ele estaria acabado.

Fechei os olhos, querendo que ela parasse de falar.

– Mas o senhor nunca apareceu, e ele acabou morto, e eu...

Verão de 1977.

A10 fluindo.

O Esquadrão da Pornografia, o Esquadrão da Sujeira.

Drury, Moody e Virago:

"Os arquitetos dessa conspiração de corrupção, homens monumentalmente malvados que viveram entre a escória da sociedade."

West Yorkshire perto, Divisão de Costumes de Bradford, então alguém soltou os cachorros e...

Eric Hall morto.

– Ele odiava você, senhor Hunter. Todos o odeiam. Mas o odeiam porque sabem que o senhor descobre coisas, descobre as coisas deles, que o senhor é um homem bom. Até mesmo Eric o chamava de santo.

– Santo?

– Santo Idiota.

Eu sorri, mas o sorriso logo desapareceu, e tudo voltou.

Verão de 1977.

O último aborto.

O bebê morto.

Ergui os olhos.

– Acho que o senhor pode me ajudar – ela disse.

– Como?

– Eric conhecia Janice Ryan. Conhecia muito bem. Quando ela foi encontrada debaixo daquele sofá, ele foi um dos suspeitos, bem como outro policial de Millgarth: o detetive sargento Fraser. O senhor se lembra dele?

– O que se matou nos Moors?

– Exatamente. Dois dias antes de Eric ter sido assassinado. O senhor sabia que ele estava envolvido na caça ao Estripador?

– Não, mas, para ser honesto, hoje foi apenas o nosso terceiro dia.

– Eric tinha certeza de que esse sargento Fraser havia matado Ryan. Ela estava grávida de um filho dele e, como eu disse, eles o mantinham...

– Quem?

– Esse homem, o Fraser. Eles o mantiveram no caso por isso. Porém, outra carta apareceu, supostamente do Estripador, e tudo aconteceu. Ele estava fora, impune, e ela foi a sexta vítima.

– E a senhora não acredita que ela foi morta pelo Estripador?

– Não.

– Acha que Fraser a matou?

– Ou outra pessoa.

– Outra pessoa?

– A verdade é que Eric não conseguia manter a boca fechada, certo? Ele disse que a culpa era do Fraser, principalmente depois que o rapaz se matou. Naquele sábado, no dia anterior, ele não parava de falar sobre isso. Ligou para muita gente, para os jornais. Aquele jornalista, o Jack Whitehead, apareceu lá em casa na mesma semana. Eric ligava para qualquer pessoa, qualquer um que o quisesse escutar. Então alguém os colocou na cola de Eric, para calá-lo.

– Colocaram uma gangue na cola de Eric porque ele achava que Fraser tinha matado Janice Ryan?

– Porque ele sabia que não tinha sido obra do Estripador.

Fiquei observando o vão entre os assentos, o som do relógio preenchendo o carro, vendo as luzes no outro lado dos arcos.

– A senhora disse ter provas?

Ela fez que sim.

– Eric escreveu muita coisa. Ele mantinha cópias, fitas. Sabia que precisaria desses registros algum dia.

– E para quem a senhora contou tudo isso?

– Eu? Para quem quisesse escutar.

– E as cópias? As fitas? Contou a alguém sobre isso?

– A George Oldman.

– E o que ele disse?

– Que eu deveria entregar tudo ao homem encarregado pelo caso de Eric.

– E quem era esse homem?

– Quem *é*, senhor Hunter. O caso continua aberto. Ninguém foi preso.

– Sinto muito. Quem é...

– Maurice Jobson.

O Coruja.

– E a senhora fez isso?

– O quê?

– Entregou a ele os registros de Eric?

– Entreguei.

– Quando?

– Assim que tudo aconteceu. Há três anos.

– E o que Maurice Jobson disse?

– Que me devolveria.

– E devolveu?

– O que o senhor acha?

– Então a senhora não tem a menor ideia do que ele fez com as coisas de Eric?

– Não.

– Então, ele poderia ter deixado tudo nas mãos de George Oldman, do Esquadrão do Estripador?

– Poderia, sim. E o senhor também poderia abrir suas asas e voltar para casa voando.

Abri um sorriso.

– Imagino que ninguém tenha entrado em contato com a senhora sobre as coisas desde então?

– Não.

– E a senhora se lembra do que havia nesse material?

– Eu fiz cópias, senhor Hunter.

– E alguém sabe disso?

– Só o senhor.

Apontei a cabeça para o lado de fora.

– E o senhor Laws?

– Só o senhor.

– Entendo.

– Ele fez coisas ruins, o Eric. Eu sei disso. Ele não era um santo.

– Não como eu.

– Não, não como você. Mas não merecia o que aconteceu com ele, isso não.

Não como eu.

Santo Idiota.

Peguei o elevador para o meu quarto.

Estava abafado, o aquecedor ligado no máximo.

Abri uma janela para a noite desagradável e sua chuva feia, para estação assombrada e o silêncio.

Fiquei sentado à beira da cama, odiando Leeds, odiando Yorkshire.

Fechei a janela, depois as cortinas empoeiradas.

Fechei os olhos e deixei o rádio comer o silêncio, pensando:

É sempre assim, sempre diferente.

No meio da noite, acordei novamente, suado e com medo.

Hinos religiosos no rádio, aquele sonho de televisores e rostos sem rosto, aquele gosto na minha boca.

Acordado, com dores nas costas, procurando Joan, lutando contra as lágrimas, procurando qualquer pessoa.

Não havia ninguém ali.

transmissão outubro mil novecentos e setenta e seis white abbey bradford ka su peng encontrada numa cabine telefônica pela polícia com dois buracos na cabeça precisando de cinquenta e oito pontos por conta de um homem com barba preta e crespa que a pegou na porta do perseverance na lumb lane no meu carro escuro com meus olhos cansados e minha barba crespa fomos até o parque e eu perguntei quanto e ela disse cinco e eu disse tudo bem mas você tem que sair do carro tirar as suas roupas e deitar-se na grama e ela não queria eu pude ver isso nos olhos dela snowflakes are dancing mas ela disse que tinha de urinar e se agachou como uma mulher de verdade urinando na grama quando deixei cair o meu martelo ela disse espero que não seja uma faca e eu disse que não era apenas minha carteira só despindo e ela tinha quase terminado de urinar quando eu bati na cabeça dela com o martelo e bati novamente na cabeça dela com o martelo e ela caiu na grama com a mão na cabeça a mão toda coberta de sangue caída na grama e eu fiquei parado observando-a olhar para a própria mão a mão toda coberta de sangue snowflakes are dancing e eu me masturbei e depois joguei o lenço de papel em cima dela e coloquei uma nota de cinco na sua mão ensanguentada e disse por favor não chame a polícia ou eu voltarei para matá-la de novo snowflakes are dancing e ele ficou de pé olhando para mim movendo a mão para cima e para baixo snowflakes are dancing e ele disse por favor não chame a polícia ou vou ter que te matar e colocou uma nota de cinco libras nas minhas mãos e foi embora e eu consegui meio que andar meio que me arrastar em direção à cabine telefônica para chamar uma ambulância e eles vieram e me levaram embora e me deram cinquenta e oito pontos na cabeça e nas costas e eu fiquei no hospital durante sete semanas e eles disseram você tem sorte de estar viva mas tudo o que eu me lembro é de discar nove nove nove deitada no chão da cabine telefônica esperando snowflakes are dancing e um homem com um carro escuro passou várias vezes ele parecia estar encarando e me procurando e era o homem que me feriu você tem sorte de estar viva me disseram poderia ocorrer um fenômeno psíquico ativado por uma descarga epilética no lóbulo temporal pode ocorrer uma confusão visual ou auditiva ou alucinações visual-auditivas combinadas ou ilusões ou flashbacks ou interpretações enganosas do presente em relação ao passado como sentimentos inapropriados de familiaridade ou estranhos déjà vu jamais vu ou como emoções frequentemente medo tais fenômenos são chamados experienciais pois assumem um imediatismo vívido no paciente afetado que costuma conectar-se a acontecimentos atuais embora os pacientes reconheçam que tais fenômenos acontecem de maneira incongruente e fora de contexto como se estivessem superpostos ao fluxo normal de consciência com a exceção do medo que é normalmente interpretado como medo de acontecimentos iminentes ou ataques snowflakes are dancing mas você tem sorte de estar viva sorte de estar viva de estar viva mas agora eu não estou moro no local onde as folhas são pretas e os galhos estão retorcidos e emaranhados e onde nascem espinhos envenenados e ao meu redor eco de lamentos de aflições mais e mais pranto você tem sorte de estar viva sorte de estar viva de estar viva mas corte esta madeira e o sangue fica preto em volta da ferida e do estilhaço nasce uma mistura de palavras e sangue então coma as minhas folhas nesta fúnebre floresta onde meu corpo se separou de si pendurado para sempre entre os espinhos sombras

alienígenas minha casa um lugar suspenso onde minhas muitas feridas respiram sermões sofridos em sangue e as mutilações que me separaram de todas as minhas folhas reunidas ao redor dos pés desse triste arbusto snowflakes are dancing vivos na grama com uma nota de cinco na minha mão ensanguentada transmissão três recebida

6

Leeds.

Millgarth:

A cantina.

Sob o zumbido das luzes, das máquinas e seus números: dois, um, quatro, seis, oito...

Terça-feira, 16 de dezembro de 1980:

Quase oito, oito, oito, oito, oito, oito, oito, oito:

Esperei Murphy terminar de tomar o café da manhã e, então, disse:

– Surgiu algo novo ontem à noite.

Ele ergueu os olhos do seu prato sujo, a boca cheia de torrada.

– Vamos dar uma volta? – perguntei.

Murphy ergueu as sobrancelhas lentamente, deu de ombros e me seguiu pelas escadas, em direção ao mercado...

Era um dia nublado, porém seco, sem sol, apenas grossas camadas de nuvens.

Subimos a George Street até encontrarmos um pequeno café.

Chá doce à nossa frente, Murphy sentado, esperando.

– Lembra que conversamos sobre Eric Hall? – perguntei.

Ele fez que sim.

– A viúva dele veio ao hotel ontem à noite.

– Está brincando?

Fiz que não com a cabeça.

– Com um padre.

– O que ela queria?

– Acha que Eric estava envolvido até o pescoço com o Estripador.

– E daí? Ele era da Divisão de Costumes, certo? É normal que estivesse.

– Sim, mas essa ligação estava acima e além de seu dever.

– Ah, merda!

– De alguma forma, ele estava envolvido com Janice Ryan.

– Essa merda nunca acaba – ele disse, suspirando. – Continue.

– Ela disse que Eric, em certo momento, chegou a ser considerado suspeito.

– Disso eu não sabia.

– E havia outro policial, um de Millgarth, aquele que se matou.

– Bob Fraser?

– Isso.

Murphy acendeu um cigarro.

– Um montão de merdas antigas, certo?

– Talvez – respondi.

– E foi isso? Foi só isso o que ela disse?

– Disse mais. Disse que Eric foi morto por saber que não foi o Estripador quem matou Ryan.

– Posso concordar com ela que talvez exista uma mínima chance de não ter sido o Estripador, mas ela parece muito chateada por causa de Eric. Ele era um policial de duas caras. Estávamos sedentos para acabar com ele – Murphy sorria.

– É verdade – concordei.

Murphy inclinou o corpo para a frente.

– Imaginei que ele estivesse envolvido com uma gangue de negros que atacava correios. Lembra disso?

Continuei concordando.

– Mas tudo foi arquivado e descontado em Eric. E em sua esposa. Foi o que ouvimos, certo?

– É.

– Sinto muito por ela, a pobre vaca. Mas continuo achando que Eric causou tudo isso a si mesmo.

– E a ela.

– E a ela.

– Maurice Jobson estava no comando, *está* no comando.

– Mas nunca pegaram ninguém, certo?

– Você não acha estranho?

– O quê? Que Yorkshire nunca pegue ninguém? Esquece. Esses caras não colocam as mãos em ninguém desde o maldito Michael Myshkin.

– Não, não... Estranho que Maurice esteja à frente da investigação.

– Por quê?

– Bem, de onde ele é? De Wakefield?

– Certo.

– E onde Eric foi morto?

– Na casa dele.

– Que fica em Denholme, Bradford.

– Mas Eric estava fora do poço de Jacó, e eles não deixariam isso nas mãos da máfia dele, certo?

Dei de ombros.

– Não. Provavelmente não. Mas por que Maurice?

– Sei lá. E, honestamente, quem é que liga?

– Algo nessa história me incomoda, John... mas não sei o que é.

– Eu sei. É a mesma merda de Yorkshire, a mesma merda de sempre que vimos aqui. Se você quiser, posso colocar o tema na lista, logo após o assunto do seu amigo falsário, Dawson, e fazer algumas perguntas por aí.

Eu não sabia se ele estava chateado comigo ou tentando me chatear.

Afastei o chá gelado.

– Ela disse também que Eric tinha anotações, cópias de coisas, de algumas fitas. Ela entregou tudo isso a Maurice Jobson, mas nunca obteve resposta. Segundo ela, esse material prova a inocência do Estripador, além de várias outras coisas.

Murphy ergueu o tronco, interessado:

– É?

– É. E pensei numa coisa: você está analisando o caso de Janice Ryan, não é?

– Certo.

– O nome de Eric Hall deve aparecer em algum ponto, e também o de Bob Fraser.

Ele fazia que sim com a cabeça.

– Por que não pede a Craven os arquivos de Eric e de Fraser? Você poderia conferir se as fitas e as coisas estão lá.

– Que coisas?

– As anotações de Eric. Qualquer coisa.

– Certo. E se não estiverem?

– Ela fez cópias.

– Ah, suponho que sim – ele disse, olhando para o lado de fora da janela, por cima do meu ombro.

– Você está bem?

– Ah, você sabe – ele respondeu, levantando-se. – A próxima é a maldita Liz McQueen, certo?

A sala no andar de cima.

Menor e mais escura que nunca.

Nova chamada pelos mortos, transferência de ligação.

– Elizabeth McQueen? – perguntei.

A lady espaguete.

– Essa é minha – disse Murphy. – E vou ser breve.

A sala estava em silêncio, pela primeira vez Craven segurava um bloco de notas, esperando John começar a falar:

– Na segunda-feira, 28 de novembro de 1977, o corpo de uma mulher foi encontrado no Southern Cemetery, em Manchester. Mais tarde, ela foi identificada como sendo Elizabeth McQueen, nascida em 31 de outubro de 1946, em Edimburgo. McQueen era casada e tinha dois filhos, com duas advertências por prostituir-se nas ruas. A causa da morte foram os vários golpes na cabeça, desferidos por martelo ou machado. A parte inferior do corpo sofreu inúmeras lacerações, todas feitas após sua morte com um instrumento afiado. Também foi feita uma tentativa de cortar sua cabeça. Nenhuma arma foi encontrada.

"McQueen foi vista pela última vez no sábado, dia 19 de novembro de 1977, ao sair de sua casa, na Kippax Street, Rusholme. Sempre se acreditou que tenha morrido pouco tempo depois.

"Quando saiu de casa ela carregava uma bolsa que, num primeiro momento, não foi recuperada. Um operário encontrou a bolsa em 5 de dezembro.

Escondida no forro, havia uma nota novinha de cinco libras.

"Eu estava à frente desse inquérito."

Murphy fez uma pausa, totalmente parado, e então disse:

– E estraguei tudo.

Silêncio.

É sempre assim.

– Como eu disse, em nossa busca inicial não encontramos a bolsa desaparecida. Perdemos tempo e não o recuperamos.

Outra pausa, outra parada, outro silêncio.

– Antes que a bolsa aparecesse, fui a Wakefield e me encontrei com George Oldman. Chegamos à conclusão de que, embora existissem coisas similares, também existiam várias diferenças.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Fiquei olhando para o boletim oferecido à imprensa, escrito por George, que estava à minha frente:

"Neste momento, não temos razão para acreditar em qualquer conexão entre o assassinato em Manchester e os que estou investigando."

– Finalmente encontramos a bolsa e a nota de cinco, e o resto da história vocês já conhecem.

Outro boletim para a imprensa, desta vez de John:

"Temos uma linha de investigação que está diretamente conectada ao assassinato de uma mulher em Manchester, e a estamos seguindo na área de influência da Polícia Metropolitana de West Yorkshire. Um grupo de detetives da Grande Manchester está trabalhando com detetives de West Yorkshire. Visitaremos fábricas em Bingley, Shipley e Bradford para conversar com todos os empregados do sexo masculino. Quanto às conexões com os assassinatos ainda sem resolução de West Yorkshire, ainda é muito cedo para esboçar qualquer conclusão. O senhor Oldman e eu estamos abertos a todas as possibilidades."

Murphy ficou olhando para a mesa, em silêncio.

Estamos abertos.

– Alguma pergunta? – eu disse.

Silêncio.

– Vamos fazer uma pausa, então.

Em um degrau iluminado, John Murphy segurava a cabeça com as mãos.

Pousei uma das mãos no seu ombro.

Ele olhou para cima, olhos vermelhos.

– Vou para Wakefield, para a coletiva de imprensa. Quero tentar conversar com Maurice – eu disse.

Ele fez que sim.

– Você assume o comando daqui?

Ele fez que sim novamente.

– Acho que é um bom momento para uma pausa, fazer levantamento. Poderíamos recapitular o que temos até agora: Jobson, Bird, Peng, Clark e Kelly, certo?

– Certo.

Olhei para o meu relógio:

Onze.

– Nos vemos no Griffin, às seis? – perguntei.

– Combinado.

Levantei-me.

Ele olhou mais uma vez para baixo.

– John? – eu chamei.

Ele ergueu os olhos.

– Você está sendo muito duro consigo mesmo.

– Não estou não. É a realidade.

Estrada para Wakey Fear.

Chuva, chuva e muita dor:

The Four Horsemen cavalgando nas ondas do rádio, o Estripador gargalhando nos seus calcanhares, com o chicote nas mãos:

2.133.000 desempregados, um recorde, Helen Smith, o Estripador de Yorkshire; todos os reféns vivos e em boas condições.

Abba e futebol, inverno:

As pistas molhadas, os pneus escuros, as árvores molhadas, o céu escuro, e lá vem ela novamente, lá vem ela novamente, lá vem ela novamente, lá vem ela novamente, batendo na minha cabeça com um pedaço de pedra.

A saída para Wakey, freando.

Não deixe escapar.

Estávamos novamente em 1975, guerra no Reino Unido:

Wood Street.

Wakefield, janeiro de 1975:

Eu e Clarkie sentados em frente a Maurice Jobson.

O detetive-chefe superintendente, Maurice Jobson, uma lenda.

O Coruja.

The Strafford, sempre o maldito Strafford.

Quatro mortos:

Derek Box.

Paul Booker.

William "Billy" Bell.

E a garçonete: Grace Morrison.

Box, Bell e Morrison: mortos antes da chegada da ajuda médica. Véspera do Natal de 1974.

Booker nunca vai conseguir. Morreu no Natal.

Craven e Douglas: "policiais heroicos se recuperam" *recebendo visita e aperto de mão do secretário do Home Office.*

Janeiro de 1975.

Maurice Jobson, a lenda, disse:

– Um Natal maldito, certo?

– Alguma novidade?

– Nada.

– E quanto ao sargento Craven e o policial Douglas?

– Estão se recuperando bem, como dizem os jornais.

– E disseram algo mais?

– Não. Dougie ainda não se lembra de nada. Bob, nada de novo.

– Mas ele...

– A raiva passou, sim.

Abri o meu caderno de anotações e disse:

– Segundo eles disseram, não houve muito mais do que tiros em Strafford, no andar de cima, corpos, fumaça, quatro caras encapuzados com armas, mais tiros, socos, deixados para morrer. Foi isso?

– Foi isso – respondeu Maurice.

– Gostaria de conversar com eles.

Maurice era todo sorriso.

– E vai conversar, Pete. Vai sim.

Mas não conversei.

Duas horas mais tarde, uma ligação de casa.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Corredores e passagens, alguns iluminados, outros não; portas e fechaduras, algumas abrirão, outras não.

E assim foi, até então.

1980.

Na escadaria escura:

Bati duas vezes.

– Pete – ele disse, de pé e com a mão erguida.

– Chego numa hora ruim?

– De jeito nenhum. Bom te ver, Pete.

– Obrigado – respondi, sentando-me à frente de Maurice Jobson.

O detetive-chefe superintendente Maurice Jobson, a lenda.

O Coruja.

– Você parece bem – ele disse.

– Sério? Obrigado – agradeci, sorrindo. – Sabe por que estou aqui?

– Por conta daquele trabalho desagradável?

– Pode chamar assim – respondi, sorrindo.

– E como vai?

– Lento.

Maurice acenou com a cabeça, abrindo um simpático sorriso.

– Para você deve ser uma verdadeira guerra.

– Então, o que eu queria mesmo era repassar as investigações iniciais com você. As investigações de que o senhor era responsável.

– Certo.

– Também tenho algumas perguntas sobre Clare Strachan e Janice Ryan.

Ele fez que sim.

– Tudo bem?

– Vá em frente, Pete. Vá em frente.

– Certo. O senhor esteve à frente dos casos de Theresa Campbell e Richards, então eu fiquei pensando se, além do que temos nos arquivos, além de toda aquela documentação, poderia haver algo que você quisesse adicionar, algo que ache necessário enfatizar, pontos que deveriam ser analisados, qualquer coisa.

Maurice Jobson se inclinou para a frente e, sorrindo, perguntou:

– Você quer saber por que eles me afastaram do caso, certo?

– Gostaria de saber, sim.

– Eis a história. Quando coloquei os olhos no corpo de Theresa Campbell, notei que o homem que a matou voltaria a matar e continuaria matando até que o pegássemos. Ele tem uma necessidade, Pete, e esse tipo de necessidade não desaparece. Nove meses mais tarde, a menos de cinco quilômetros de onde encontramos o corpo de Theresa Campbell, fiquei parado na neve suja de um beco sombrio, vendo o corpo de Joan Richards. Ele a esfaqueou cinquenta e duas vezes, Pete. Cinquenta e duas malditas vezes! Contei a todos os medalhões, a George, aos companheiros, à imprensa... a quem quisesse ouvir, disse a todos que o mesmo homem continuaria matando e matando de novo. Mas Theresa e Joan eram prostitutas, Pete. Putas, como se costuma dizer. E ninguém lamenta a morte de uma puta, exceto os seus filhos, marido, companheiros e os malditos policiais que tiveram de olhar seus corpos caídos sobre a neve. Então ninguém se preocupou realmente, exceto eu e os meus rapazes, mas, então, eis que surge um golpe de sorte. Um pequeno golpe, Pete, e isso foi tudo o que deu certo.

Concordei.

– Outra puta apareceu dizendo ter visto o último cliente de Joan, seu rosto e seu carro.

Maurice voltou a se recostar na cadeira, olhos fechados, como se estivesse em transe.

– Trinta anos, baixo e gordo, cabelos cinzentos, barba cheia e costeletas, nariz redondo e pálpebras caídas. Sua mão esquerda estava deformada, com uma cicatriz, como se tivesse sido queimada, que ia da palma da mão até o pulso. Usava, na mão esquerda, um anel dourado com uma parte plana no indicador e uma aliança de ouro no dedo médio da mesma mão. Vestia um paletó azul-escuro, calça azul-escura e botas pretas, ou Wellingtons, com solas grossas. Sua roupa estava coberta de poeira. Ele dirigira um Land Rover verde-escuro com o teto revestido, mais escuro que o resto da lataria. A porta do carona tinha manchas cinzentas ou prateadas. Havia uma pequena antena na frente do retrovisor lateral, próxima ao para-brisa.

Maurice fez uma pausa, abriu os olhos, curvou o corpo para a frente, perspicaz:

– Quando soltamos essa informação, outras meninas apareceram dizendo que o reconheciam como cliente habitual, achavam que era irlandês e que o seu nome talvez fosse Sean. Também conseguimos marcas de pneus de um Land Rover próximo ao local em que Joan fora encontrada. Um golpe de sorte, Pete, e este foi o caminho que pegamos.

Maurice fez outra pausa, olhando para mim.

– Acha que estamos equivocados, Pete?

Dei de ombros, sem saber o que dizer.

– De qualquer maneira, foi o caminho que seguimos – ele disse, suspirando. – Embora ninguém desse a mínima. Isso não nos parou e fomos em frente, buscando carros e marcas de pneus, sabendo que o encontraríamos. Porém, o ano de 1976 chegava ao fim e ele não voltara a matar, e começaram a baixar a nossa bola, depois me mandaram de volta para cá... e foi isso. Seis meses mais tarde, morreu Marie Watts, e George tomou a frente da investigação. Poucas semanas depois, vieram as cartas e a morte da moça Johnson, e daí em diante... até que vocês encontraram a maldita fita. Isso foi uma merda.

– Você acha que esse foi o erro? A fita?

– Pete – ele disse –, não estou afirmando nada.

– E quanto a Clare Strachan? O senhor acha... – perguntei.

– A mesma coisa. Tudo se resumia às malditas cartas e à porra daquela fita.

– Em 1975, o senhor destacou Bob Craven e John Rudkin, certo?

– Sim. Acho que foi a primeira coisa que Bob fez ao voltar.

– Na época, nem o senhor, nem eles fizeram qualquer conexão com Theresa Campbell?

– Não havia conexão a ser feita.

– E agora?

Com as palmas abertas e para cima, ele disse:

– Quem sabe, Pete? Quem sabe?

Eu não disse nada, só ficamos sentados ali, só ficamos sentados ali em silêncio.

Passado um tempo, perguntei:

– O que aconteceu com John Rudkin?

Maurice Jobson revirou os olhos.

– Não foi um capítulo alegre para nós, para nenhum de nós.

Fiquei sentado, em silêncio, esperando.

Ele perguntou:

– Você queria saber sobre Janice Ryan, certo?

Concordei.

– Bem – ele disse –, vou evitar as partes chatas. Ryan estava envolvida com dois policiais. Um deles era Eric Hall, que acho que todos vocês conhecem e tiveram desavenças com ele, certo?

– Certo.

– Você provavelmente deve saber que Eric, aparentemente, era o cafetão de Janice Ryan, que, por sua vez, também transava com outro policial, Bob Fraser. Ouviu falar nele?

– Sim.

– Eu já imaginava. Bem, quando Ryan apareceu morta sob um sofá, em Bradford, descobriram que estava grávida e que Bob Fraser era o pai.

Fiquei mudo, queria que ele continuasse.

– O mesmo Bob Fraser que estava casado com Louise Molloy. Já ouviu falar nesse nome?

– Não – respondi.

– Bill Molloy?

Inclinei o corpo para a frente, perguntando:

– O Texugo?

O detetive-chefe superintendente, Maurice Jobson, uma das metades da mesma lenda, fez que sim.

O Texugo e o Coruja, heróis de um mundo muito diferente.

– Era o seu parceiro, certo? – perguntei.

– Era. E Bob Fraser estava casado com a filha dele, Louise.

– Nossa – exclamei.

– Isso vai piorar, Pete. E muito.

Eu fazia que sim, só fazia que sim, e a minha mente girava, rodopiava.

– Quando descobrimos que a puta da Ryan estava grávida, trouxemos Hall e Fraser aqui. Hall dizia que Fraser transava com ela, Fraser dizia que era com Hall que ela transava. Uma maldita confusão. George fez tudo o que pôde para manter isso fora dos jornais. E, no meio dessa confusão, Bill morreu, de câncer. A seguinte novidade: uma carta enviada pelo próprio Estripador dizendo que fora obra sua, que matara Ryan, que matara outra vez. Deixamos Fraser escapar, mas então ele acabou descobrindo que a sua mulher, Louise, estava tendo um caso com o maldito John Rudkin, seu chefe, e que Rudkin era o pai do seu filho. Isso deixou Fraser louco, e ele se asfixiou com o gás de seu próprio carro, lá nos Moors, como você sabe.

Concordei.

– Alguns dias mais tarde, Eric Hall teve a garganta cortada e sua esposa foi estuprada.

– E você esteve à frente disso?

– Para pagar os meus pecados. Não queríamos Bradford nessa, nem queríamos vocês – ele disse, sorrindo. – Eu estava fora do caso do Estripador, então sobrou para mim. Como se não tivesse nada melhor a fazer.

– Nunca pegaram ninguém?

– Não, e nunca pegaremos.

– Mas...

– Esse Eric estava mergulhado na merda até o pescoço. Queria perguntar sobre ele, certo?

Fiz que sim.

– Algumas pessoas acreditam que ele agenciava prostitutas e, talvez, apenas talvez, estivesse mesmo envolvido nisso associado a uma gangue de negros, os negros que atacavam os correios. Você se lembra disso?

Fiz que sim novamente e perguntei:

– Vocês chegaram a alguma conclusão sobre essa história?

– Já ouviu falar nos Spencer Boys?

– Não.

– Fique um tempo por aqui e escutará. Eram cinco: dois irmãos, Steve e Clive Barton, um tal Kenny não sei o quê, Keith Lee e Joseph Rose. Achamos que foram eles os responsáveis pelos ataques às agências dos correios, mas a Divisão de Roubos não conseguia localizá-los. Enfim, um pé no saco, mas, como dizem, tudo o que vai, volta. Clive foi preso por agressão ou algo parecido. Kenny e Keith foram pegos pela Narcóticos. Estão todos atrás das grades, em Armley, cumprindo longas penas. Sem condicional. Steve fugiu e, quando o corpo queimado de um negro foi encontrado em Hunslet Carr, logo imaginamos que se tratasse de Joe Rose, que não era visto desde 1977.

– E o senhor acha que eles mataram Eric Hall?

– Eu não acho, Pete, eu sei.

– Como?

– Temos duas linhas de pensamento nessa história, mas o que sabemos com certeza é que Eric e esses caras conheciam Janice Ryan. Das duas uma: Eric esteve com eles desde o princípio ou Ryan contou a Eric sobre os Spencer Boys e sobre o *hobby* deles, e Eric tentou chantageá-los. Seja como for, Eric tinha de ser calado.

– No que você apostaria?

– Eu? Numa terceira via: gosto de pensar o melhor das pessoas, Pete, e prefiro

imaginar que ele estava trabalhando no caso, ou coisa parecida, e que os Spencer Boys descobriram e...

– É o que diz a esposa de Eric – sorri.

– Você esteve falando com ela?

– Ela me procurou dizendo ter informações sobre Janice Ryan. Disse que Eric foi morto porque sabia demais, que tinha arquivos e outras coisas, coisas que ela entregou ao senhor.

– Pobre coitada – ele disse, balançando a cabeça. – Tudo o que fizeram com ela. Sim, ela me entregou os arquivos, mas, cá entre nós, não servem para nada. Como eu disse, é preferível que um policial seja lembrado assim.

Concordei e fiquei em silêncio, a chuva do lado de fora da janela, a sala fria.

Passado um tempo, tossi e perguntei:

– O que o jornalista Jack Whitehead tem a ver com tudo isso?

– Jack? Bem, a viúva de Eric disse que Jack descobriu o caso de Eric com Janice Ryan e tentou chantageá-lo.

– Você está brincando?

– Não. E vou te confessar uma coisa, Pete: como costumam dizer por aí, o verão de 1977 foi um inferno.

– O senhor o interrogou?

– Jack? Seria complicado.

– O que quer dizer?

– O nosso Jack tem andando quieto ultimamente.

– Ele morreu?

– Mais ou menos. Está em Stanley Royd.

– Em Stanley Royd?

– Internado, no manicômio, casa de loucos, hospital psiquiátrico. Perto daqui, subindo a rua.

– O que aconteceu com ele?

– Tentou cravar um prego de trinta centímetros na própria cabeça.

– Está brincando? – repeti.

– Eu adoraria, Pete, adoraria estar brincando.

– Maldição.

Maurice Jobson olhou para o relógio e disse:

– Você vai se atrasar.

Olhei para o meu relógio.

Merda, a coletiva de imprensa.

Levantei-me, apertando sua mão.

– Obrigado, Maurice.

– Estou à disposição, Pete. À disposição.

Já na porta, virei-me e disse:

– Meu Deus, Maurice, eu quase me esqueci...

– Esqueceu o quê?

– Você nunca contou...

– Não contei o quê?

– O que aconteceu com Rudkin. Também está no manicômio?

– Mais ou menos – ele respondeu, sorrindo. – Foi morar na Austrália.

– Com a filha do Texugo?

– E o filho deles – disse Maurice, tirando uma fotografia da carteira.

Uma mulher e um menino numa praia com uma bola.

– Você tem filhos, não tem? – perguntou Maurice Jobson.

Verão de 1977.

O último aborto.

O bebê morto.

Um verão infernal.

Um inferno.

– Não – respondi. – Não tenho filhos.

No inverno escuro, os cães farejadores de ódio; com suas costas e línguas fumegantes, eles esperam...

Sem fôlego, tomo o meu lugar em outro confronto.

O ginásio do Training College.

– Ninguém – disse o assistente-chefe de polícia temporário Peter Noble –, ninguém mais do que eu e os meus homens adoraríamos deter esse homem.

Cordas balançando no teto, penduradas.

– Aliás, todos os ataques dos últimos quatorze meses estão sendo, como costumamos dizer, reexaminados.

Como costumamos dizer.

– Conseguiu penetrar um pouco mais na mente do Estripador?

– Não diria que ele seja muito esperto. Teve muita sorte, isso sim. Tenho certeza de que, se o público for vigilante e avisar com mais antecedência, da próxima vez provavelmente a sua sorte acabará.

Da próxima vez.

– O senhor está dizendo que ele não é muito esperto, mas o seu predecessor, o assistente-chefe de polícia George Oldman, disse que o Estripador é um homem muito inteligente, ardiloso, e que seria um erro subestimar sua inteligência.

– Não estou subestimando, só estou dizendo que ele teve sorte, muita sorte.

– Não seria verdade dizer que, até certo ponto, a polícia ofereceu um pouco de sorte a ele? Estou me lembrando da nota de cinco libras de Manchester, da confusão na hora de anunciar a recuperação da bolsa de Laureen Bell e de todo o resto.

– Seria ótimo poder discutir tudo isso, e também a sua insinuação, mas são assuntos para uma devida revisão.

– O apelo da senhora Bell teve algum resultado?

– Foi uma decisão corajosa e conseguimos ótimas respostas, mas algumas não passam de *nonsense* e a coisa anda lentamente.

– O senhor gostaria de comentar os pôsteres que dizem: *O Estripador é um covarde*?

– Não tenho qualquer comentário a fazer além de repetir que eu e os meus homens compartilhamos a frustração do público e, mais uma vez, assegurar ao público e, principalmente às mulheres, que estamos fazendo todo o possível para colocar as mãos nesse homem.

Principalmente às mulheres.

– E quanto à recompensa de cem mil libras oferecidas por...

– Não tenho nada a acrescentar ao que já foi dito pelo chefe de polícia anteriormente.

– E quanto aos artigos sugerindo que a moral da força policial de West Yorkshire foi...

– Mais uma vez, o chefe de polícia já respondeu essa questão.

– O senhor tem alguma opinião sobre o filme proposto?

– Repito que não tenho nada a dizer, exceto que, particularmente, compartilho a aversão, seja do público, seja da imprensa.

Compartilho a aversão.

E ele me olhou, perguntando:

– O senhor Hunter gostaria de comentar os progressos alcançados pelo chamado *Superesquadrão*?

– Estamos no começo ainda, como você sabe, revendo todo o processo. Quando completarmos o nosso trabalho, ficarei feliz em responder todas as perguntas que os senhores tiverem.

Mark Gilman, do *Manchester Evening News:*

– O assistente-chefe de polícia gostaria de comentar a prisão, nesta manhã, do empresário Richard Dawson, em Manchester?

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Nada de cervejas e sanduíches hoje.

Eu estava no telefone público, na esquina:

– Joan? Sou eu. Acabo de saber que prenderam Richard. Você ouviu alguma coisa de Linda ou de qualquer outra pessoa?

– Não, nada. Quando o prenderam?

– Hoje de manhã.

– Quem te contou?

– Mark Gilman, do *Evening News.*

– Não. Não ouvi nada aqui, nem no rádio.

– Ouvirá mais tarde. Voltarei a ligar.

– Tchau.

– Tchau.

O hospital psiquiátrico Stanley Royd fica atrás do Training College. São apenas cinco minutos descendo a rua do Pinderfields Hospital.

Bem ao lado da maldita rua da lembrança.

Pinderfields Hospital, janeiro de 1975.

A única vez que estive com Jack Whitehead:

Eu estava sentado na sala de espera da UTI e Clarkie saíra para comprar fish and chips. *Esperava para conversar com Craven e Douglas, lendo o* Yorkshire Post, *pensando em Joan, quando notei que alguém tocava o meu ombro.*

– Senhor Hunter?

– Sim – respondi, erguendo os olhos do jornal.

– Sou Whitehead, Jack Whitehead, do Evening Post. *Podemos conversar um momento?*

– Sobre o quê?

– Bem – disse aquele homem de rosto fino, de capa de chuva, sentado na cadeira de plástico ao meu lado –, gostaria de poder conversar sobre o tiroteio, sobre os caras.

– Os caras?

– Bob e Dougie.

– Você os conhece, senhor Whitehead?

– Se conheço? Claro que sim. São heróis locais. Foram os responsáveis por prender Michael Myshkin. Ouviu falar nele, certo?

Fiz que sim.

– George me disse que você está ajudando por aqui.

– É uma forma de ver isso, imagino.

Jack Whitehead tocou o meu braço e perguntou:

– E existe outra?

E, então, escutei o meu nome no alto-falante: "Senhor Peter Hunter, telefone para o senhor Peter Hunter".

Jack Whitehead soltou o meu braço, deu uma piscadela e disse:

– Espero que seja uma boa notícia.

Mas não era.

Era Joan e outro bebê morto.

Outro sonho morto.

Cinco anos de tentativas, cinco minutos e tudo por água abaixo, sem trégua.

Stanley Royd, uma construção grande e velha escondida da rua, entre árvores sem folhas e ninhos vazios, com suas alas modernas entre as sombras.

A pedra queimada preta e os ossos cinzentos de um Auschwitz, um Belsen.

Fui dirigindo até o portão e, durante o caminho, uma alameda.

Freixos ou carvalhos?

Parei o carro no cascalho e dei alguns passos em meio à garoa até a porta da frente.

Uma onda de calor e um cheiro doentio me atingiram, o cheiro de fezes.

Mostrei minha identificação na recepção e pedi para ver Jack Whitehead.

A mulher atrás do balcão, vestida de branco, pegou o telefone preto.

Virei o corpo, esperando, vendo a televisão escondida num canto, entre a mobília de segunda mão, os grandes armários, cômodas e cadeiras, os pesados tapetes e cortinas.

Olhei para o meu relógio.

Três.

Pessoas que eram pele e osso passavam em seus pijamas listrados e camisolas manchadas, o sussurro dos seus chinelos e preces, os arranhões e murmúrios da enfermaria.

– Senhor Hunter? Leonard o conduzirá ao andar de cima – disse a mulher vestida de branco.

Um homem grande e careca, vestindo macacão jeans, me conduziu pelas escadarias e corredores, com suas paredes pintadas metade verde e metade creme, até sairmos do edifício principal, atravessando uma passagem fria, e entrarmos em anexos mais recentes, com ele abrindo e trancando várias portas enquanto passávamos.

– Há quanto tempo ele está aqui? – perguntei.

– Jack? Quase três anos.

– E você?

– Quase cinco – ele respondeu, sorrindo, orgulhoso.

– E já o conhece há muito tempo?

O funcionário fez que sim.

– É verdade que o encontraram com um prego na cabeça?

– É o que dizem.

– Você não viu?

– Ele esteve no outro edifício por vários meses.

– No Pinderfields?

O funcionário fez que sim novamente.

– E vem muita gente visitá-lo?

– Um padre e alguns dos seus. Mas não é muita gente.

– Dizem que fala muito pouco.

– Ah, não, ele fala normalmente. Embora nada faça muito sentido.

– Está drogado, certo?

Ele fez que sim uma última vez e girou outra chave, abrindo uma porta que dava para um grande corredor de celas trancadas.

– Esta é a ala de segurança?

– É.

– É aqui que vocês mantêm Jack?

– Ele tem seu próprio quarto – disse o homem, apontando para a última porta, que destrancou e abriu. – Vou esperar do lado de fora – ele disse.

– Tem certeza de que está tudo bem?

– Ele está com as mãos algemadas, mas para a própria proteção dele, não para a sua.

– Para a própria proteção?

– Sim, para a proteção dele mesmo.

– Obrigado – agradeci, entrando e fechando a porta atrás de mim.

A sala era mais escura e mais quente que o corredor, e estava vazia, não fosse um vaso e uma cama, uma cadeira e um raio de luz que entrava por uma janela alta.

Eu me sentei próximo à cama de metal com barras altas dos dois lados.

Jack Whitehead estava deitado de costas vestindo um pijama cinza listrado, com as mãos atadas aos dois lados da cama, os olhos abertos e fixos na luz que vinha de cima, o rosto sombrio e sem barbear, à exceção da careca na sombra.

– Senhor Whitehead, meu nome é Peter Hunter. Sou um policial de Manchester. O senhor não deve se lembrar, mas nos encontramos há muito tempo.

– Eu me lembro – ele disse, com voz seca. – Magicamente, eu me lembro de tudo.

O vaso sanitário estava gotejando.

– Gostaria de fazer algumas perguntas, se possível. Perguntas sobre coisas que aconteceram em 1977, sobre um policial chamado Eric Hall.

Gotejando, gotejando.

Jack Whitehead suspirou, com os olhos cheios d'água e lágrimas escapando em direção à sua orelha.

– Sinto muito – desculpei-me, suavemente.

– Não sinta – ele disse. – Você não fez nada.

– É que...

Gotejando, gotejando, gotejando...

– Vá em frente. Não tenha medo.

– Não estou com medo, senhor Whitehead.

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– Sério?

– Sério.

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

Respirando fundo, perguntei:

– É verdade que o senhor esteve com Eric Hall? É verdade que o conhecia?

– Conheci Eric, sim.

– E sabe que ele está morto?

Jack Whitehead piscou. Seus olhos úmidos estavam fixos no teto.

Gotejando...

– Por que o senhor se encontrou com ele? – perguntei.

– Informações – respondeu Jack Whitehead, lentamente.

– Sobre o quê?

– Sobre os mortos.

– Os mortos?

Gotejando, gotejando...

– Ficou surpreso? – sorriu. – Por que eu o encontraria? Para saber dos vivos?

– Senhor Whitehead – perguntei, agarrando os lados da minha cadeira –, o senhor tentou chantagear Eric Hall?

Gotejando, gotejando, gotejando...

– Sim, tentei.

– Como?

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– Informações.

– O senhor tinha informações sobre ele ou queria arrancar informações dele? Como foi?

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– São duas metades de um coração destruído. E será que se encaixam? Essa é a questão, certo?

– Senhor Whitehead – eu disse, inclinando o corpo –, e quanto a Janice Ryan?

De repente, uma piscada e ele mudou de atitude:

Numa pose de gárgula, agachou o corpo, ainda com as mãos atadas aos lados da cama, o rosto voltado para onde deveria estar o céu...

Fiquei de pé, tamborilando na cadeira.

– Duas portas, sempre abertas. E quem fez as bruxarias? Quem lançou os encantamentos? Eles me enviam formas, me mostram os caminhos, mas nunca fecham as portas. Futuros e passados, futuros passados, dentes de ratos no meu estômago. Os mortos não mortos, caminhões cheios de carne podre em contêineres, o sal perdido. Grandes cachorros negros, engasgando nesses contêineres, sem sal. Os mortos não mortos, vozes profetizando guerras, guerras sem fim. Por que não os deixam dormir? Por que não os deixam ser quem são? Eles me enviam formas, me mostram os caminhos, mas nunca fecham as portas. Toneladas nunca finalizadas, perdidas novamente, perdidas novamente, os mortos não mortos.

Silêncio, sua cabeça caída para trás, seus olhos brancos.

Dei um passo em sua direção, mas recuei quando ele cuspiu e espumou entre os dentes fechados e sangrando:

– Hunter! Hunter! Jbe ssid ad etro macir báf soti ríp seo ãvrat am!

– O quê?

– Hunter! Hunter! Ad etro macir báf soti ríp seo ãvrat am!

– O quê?

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– Hunter! Hunter! Etro macir báf soti ríp seo ãvrat am!

– O quê?

– Soti ríp seo ãvrat am *Hunter!*

– Que merda é essa que você está dizendo?

Silêncio, o seu corpo vazio, seu rosto cravado no peito.

Gotejando...

Dei um passo em direção à cadeira.

Gotejando...

Hipnotizado pela sua cabeça, não conseguia olhar para outro lado.

Gotejando...

Fora das sombras, no raio de luz vindo da janela, vi o furo no topo de sua cabeça, o buraco que ele fizera.

Gotejando...

Queria tocar, colocar um dedo naquele buraco, mas não ousei.

Gotejando...

Em vez disso, dei alguns passos em direção à porta e a abri.

Saí para o corredor, buscando Leonard.

Ele descia o corredor na minha direção.

Olhei de relance para o quarto.

Jack Whitehead estava solto e de joelhos, olhando para o teto, em posição suplicante, com as mãos em oração.

Ele virou. Havia uma torrente de lágrimas em suas bochechas.

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– Feche a porta – ele disse. – Por favor, feche a porta.

– Jack se soltou! – gritei enquanto o funcionário se aproximava.

– Jesus – disse Leonard, indo em direção ao paciente. – De novo, não.

Eu, de pé numa cabine telefônica vermelha, em algum lugar no escuro, no caminho de volta para Leeds.

– Poderíamos nos encontrar? – perguntei.

– Claro.

– Por volta das sete, no Griffin?

– Certo.

– Obrigado – agradeci e desliguei.

Bati à porta do seu quarto de hotel.

Helen Marshall abriu, cabelos emaranhados e olhos novamente vermelhos, o primeiro botão da sua blusa aberto.

– Sinto muito – eu disse. – Cadê todo o mundo?

– Já foram embora.

– Está ocupada? Está fazendo alguma coisa agora?

– Não.

– Gostaria que se encontrasse com uma pessoa. Você se importaria?

– Não – ela respondeu, sorrindo. – Eu não me importo.

O reverendo Martin Laws se levantou de uma cadeira de encosto alto.

– Reverendo Laws, esta é a detetive sargento Helen Marshall.

Eles se deram as mãos.

– A sargento Marshall é da minha equipe – eu disse. – E, honestamente, gostaria que de agora em diante as nossas conversas fossem conduzidas na presença dela ou de qualquer outro membro da minha equipe.

– Não vou ser preso, certo? – Laws concordou, sorrindo.

– Não – respondi, sério.

Sentamo-nos.

A recepção estava vazia, exceto por uma senhora e uma criança que lia um

gibi.

– Reverendo Laws, o senhor se importaria em nos contar como e quando conheceu a senhora Hall? – perguntei.

– Cerca de dois anos atrás. Ela ouviu falar no meu trabalho.

– No seu trabalho?

Ele inclinou o corpo para a frente, o chapéu sobre o colo, sua mala entre as botas, e disse:

– Faço com que parem de sofrer.

– E como ela ouviu falar no senhor?

– O mundo gira, senhor Hunter.

– Então ela ligou para o senhor do nada?

– Eu não diria “do nada”, senhor Hunter. Mas sim, ela simplesmente me ligou.

– E o que ela queria?

– O que todos querem.

– O quê?

– Parar de sofrer.

– E é isso o que o senhor faz?

– Vejo que o senhor não acredita, senhor Hunter, mas é isso o que eu tento e faço.

– Parar de sofrer?

– Exatamente.

– Como? – perguntou Helen Marshall de repente.

Martin Laws girou lentamente a cabeça e olhou para Helen Marshall, em silêncio...

– Como? – ela repetiu, olhando para as próprias mãos.

– Faço com que o sofrimento vá embora – ele respondeu, sorrindo.

– Mas como?

– Mágica – ele riu.

Cansado, perguntei:

– Senhor Laws, o senhor se importaria em ligar para a senhora Hall e perguntar-lhe quando poderíamos nos encontrar?

– Não seria melhor se o senhor mesmo ligasse?

– Gostaria que todos estivéssemos presentes.

O senhor Laws se levantou e caminhou em direção ao telefone na mesa da recepção.

– Você está bem? – perguntei à detetive sargento Marshall.

– Sinto muito. Acho que só estou cansada.

– Quer subir?

– Não. Estou bem.

– Tem certeza?

– Tenho! – exclamou.

O senhor Laws voltou.

– Querem vir no meu carro?

– Vamos logo atrás – respondi.

No carro, a caminho de Denholme.

No escuro, Helen Marshall ao meu lado.

– Você sabe o que aconteceu com ela?

– Odeio este lugar – ela fez que sim com a cabeça, olhando a noite escura de Yorkshire.

No carro, a caminho de Denholme.

No escuro.

Estacionamos atrás do velho Viva verde, na frente de uma casa solitária, cujos fundos se abriam à infinita noite de um campo de golfe.

Domingo, 19 de junho de 1977.

– Eu poderia jurar que ela não mora mais aqui – disse Helen Marshall.

De volta da igreja, da missa da tarde.

Fomos até a porta de entrada, aproximando-nos da senhora Hall e do reverendo Laws.

Voltei para casa, abri a porta, e eles me agarraram, depois me arrastaram pelos cabelos em direção à sala de estar, e Eric estava lá sentado, em frente à

televisão, com a garganta cortada...

Ela puxava a pele ao redor do pescoço.

– Boa noite, senhora Hall – cumprimentei.

– Boa noite, senhor Hunter.

– Esta é a detetive sargento Marshall. Espero que não se importe que esteja conosco.

– Claro que não – respondeu a senhora Hall, balançando a cabeça. – Por favor, entrem.

Eles amarraram as minhas mãos às costas e me deixaram no chão, aos pés de Eric, em seu sangue. Fizeram sanduíches com coisas da geladeira, tomaram a cerveja de Eric e o meu vinho, e voltaram decididos a se divertir comigo, lá no chão, na frente de Eric...

Na sala de estar, em frente à televisão, nos sentamos num grande sofá dourado, com moedas e medalhas expostas em estojos ornamentados.

Tiraram a minha roupa e bateram em mim, e penetraram na minha vagina, no meu ânus, na minha boca, usando os pênis deles, garrafas, pernas de mesa, qualquer coisa...

A senhora Hall estava na cozinha, preparando chá, e o reverendo Laws observava a rua através das janelas.

Urinaram na minha cara, cortaram pedaços do meu cabelo, me forçaram a chupá-los, lambê-los, beijá-los, a beber a sua urina, a comer os seus excrementos...

Ela voltou com um bule de chá e quatro xícaras numa bandeja.

Bebemos o chá com um pouco de leite, em silêncio.

Pousei a minha xícara na mesa e perguntei:

– Eric tinha um escritório ou algo parecido?

– Por aqui – ela respondeu, levantando-se.

Deixando Helen Marshall com Laws, segui a senhora Hall para fora da sala, em direção aos fundos da casa.

Ela abriu uma porta e fez com que eu entrasse em uma sala fria com janelas francesas que se abriam para o campo de golfe.

A senhora Hall acendeu a luz e os nossos corpos magros e deformados ficaram

congelados naquela sala tão fria, refletidos no vidro escuro.

Entre as moedas e medalhas, mais moedas e medalhas.

– Se for possível, gostaria de dar uma olhada nos arquivos de Eric – eu disse.

– Espere um momento – ela disse, saindo do cômodo.

Fui até a janela e tentei olhar para fora...

Não havia nada a ser visto.

A senhora Hall voltou com uma grande caixa de papelão de um supermercado, que colocou na mesa.

– Estas são as cópias de tudo o que você entregou a Maurice Jobson? – perguntei.

– São – ela respondeu. – Fique à vontade.

Abri as pastas, envelopes e *folders*.

– É muita coisa – comentei. – Vou precisar levar comigo.

Ela não disse nada, ficou apenas olhando para a caixa sobre a mesa.

– Mas trarei tudo de volta, prometo.

– Não sei se quero tudo isso de volta – ela disse, em tom baixo.

– Obrigado – agradeci, fechando as pastas.

– Espero que seja útil – ela disse, me encarando.

Eu tossi e perguntei:

– Como a senhora conheceu o reverendo Laws?

– Me passaram o contato dele.

– Eu poderia saber quem fez isso?

– Jack Whitehead.

Depois me levaram ao banheiro e tentaram me afogar, deixando-me no chão, inconsciente, para meu filho me encontrar.

– Mas Jack está no hospital. No Stanley Royd.

– E onde o senhor acha que eu estive nos últimos três anos, senhor Hunter?

– Sinto muito, eu não queria... – eu disse, com os olhos fechados.

– Não se preocupe – sorriu e apagou as luzes.

Peguei a caixa.

De volta à sala de estar, Helen continuava sentada no sofá, com a xícara apoiada nos joelhos, e Laws observando a estrada.

– Melhor voltarmos – eu disse.

Helen Marshall se levantou, seus olhos vermelhos e irritados por conta das lágrimas.

– Você está bem, minha querida? – perguntou a senhora Hall.

– Sinto muito – disse Helen, olhando para mim. – Não venho dormindo bem.

A senhora Hall balançava a cabeça.

– Isso é a pior coisa do mundo, certo?

– Vou ficar bem. Obrigada – disse Helen, já na porta.

– Obrigado pelo chá – agradeci. – Boa noite, senhor Laws.

– Boa noite – ele respondeu, sem virar o rosto da janela.

– Entrarei em contato – eu disse aos dois, seguindo Helen Marshall em direção ao carro.

Do carro, ela parou, olhou para a casa. Laws olhando para ela.

Coloquei a caixa no porta-malas.

– O que ele te falou?

– Nada – ela respondeu. – Nada mesmo.

– A esposa do senhor ligou algumas vezes – disse o homem na recepção do Griffin.

– Obrigado – agradeci, pegando a minha chave.

– Vou subir – disse Helen Marshall.

– Tem certeza de que está bem? – perguntei.

– Sim, sim. Estou bem.

– Não quer tomar um drinque rápido?

– Na verdade, não – ela disse, fazendo um sinal com a cabeça em direção ao bar.

Olhei e vi Alec McDonald, Mike Hillman e alguns caras de Yorkshire, todos embriagados.

– Acho que vou até lá – eu disse.

Ela fez que sim e me lembrou:

– Não se esqueça de ligar para a sua esposa.

– Não vou me esquecer. Boa noite.

– Boa noite.

Cheguei ao bar no momento em que Bob Craven pedia mais uma rodada.

– Aceita tomar alguma coisa, chefe? – ele perguntou.

– Claro – respondi. – Algo rápido.

– Parece que você já tomou algumas doses – disse um dos homens de Yorkshire observando Marshall entrar no elevador.

– Fica frio – disse Alec McDonald, curvando o corpo sobre a mesa, bêbado. – Isso está fora de questão.

– Parece tudo certo para mim – disse Craven, sorrindo.

– Obrigado, Bob – agradeci, pegando o uísque dele.

– De nada – ele respondeu.

– Cadê o John? – perguntei a Alec.

– O Murphy? Sei lá... Sinto muito.

– Trabalharam muito?

– Sim – balbuciou. – Bastante.

– Bird, Jobson, aquela menina Ka Su Peng, Linda Clark – disse Hillman, fazendo que sim com a cabeça.

– E Kathy Kelly?

– Será a primeira amanhã.

– Parece que temos outra no forno – disse Craven, oferecendo-me o *Evening Post*.

Desinformado...

– Isso não é nada bom – disse Alec McDonald, tentando bater na mesa.

Coloquei o jornal sobre a mesa e perguntei a ele:

– Ouviu algo sobre Dawson?

– Só que eles o estão acusando.

– Mesmo morto? – perguntou Craven, sobre meus ombros.

– Quem? – perguntei.

– John Dawson?

– John? Não, esse é Richard.

– Ah, claro – disse Craven. – O irmão dele.

Merda.

– Vocês conheceram John Dawson?

– E quem não conheceu?

Merda.

– Quem não conheceu – ele repetiu.

No andar de cima, no meu quarto, quase meia-noite, liguei para casa:

– Joan? Sou eu.

– Ah, Peter. Graças a Deus...

– O que foi? Qual o problema?

– Venha para casa, por favor.

– Por quê? Qual o problema?

– Estou com um pressentimento terrível, Peter.

– O que você está querendo dizer?

– Estou com um pressentimento de que algo ruim vai acontecer.

– Como o quê?

– Não sei, mas volte para casa, por favor.

– Não posso, minha querida. E você sabe disso.

Silêncio.

– Joan?

– Ah... Não sei o que está acontecendo comigo.

– O que foi, querida?

– Esse pressentimento.

– Quando começou?

– Hoje à tarde. Tirei uma soneca e tive um pesadelo.

– Sobre o quê?

– Não me lembro. Havia uma menina numa banheira e...

– O quê?

– Ah, não sei.

– Um bebê?

– Não. E não quero falar sobre isso.

– Sinto muito, minha querida.

– Está tudo bem.

– Ligo amanhã de manhã, logo cedo.

– Certo.

– Vá para a cama.

– Certo.

– Eu te amo.

– Eu também. Boa noite.

– Boa noite – repeti. Desligo o telefone, pensando.

Fechei os olhos durante dez minutos antes de começar a examinar os arquivos de Eric, mas logo me lembrei que eles continuavam no porta-malas do meu carro. Pensei em ir pegá-los, mas os meus olhos estavam pesados, muito pesados.

Etrom ad acirbáf, *em sangue acima da porta.*

A lua brilhava através da claraboia e eu olhava para ela deitada na banheira. Magra e patética, vestindo uma espécie de mortalha, com os lábios curvados num leve e espantoso sorriso, as mãos pressionadas com força sobre o coração. À nossa volta, as pessoas cantavam hinos, pessoas sem rosto, sem feições, máquinas. Então, de repente, ela se levantou, com as mãos ainda sobre o coração, e soltou um grito agudo:

“ Soti ríp seo ãvrat am *Hunter!”*

às seis e quinze da manhã de hoje domingo vinte e nove de maio de mil novecentos e setenta e sete o corpo de uma mulher foi encontrado atrás de um vestiário esportivo em soldiers field na roundhay road próximo à west avenue leeds com severas feridas na cabeça um corte na garganta e perfurações no abdômen descrição vinte a trinta anos um metro e setenta de altura cabelos longos pretos corpo mediano vestia uma blusa quadriculada azul e branca cardigã marrom com zíper na frente e um conjunto amarelo de algodão um casaco três quartos de camurça marrom com pelo na frente botas de cano alto marrons ela vestia meia-calça e duas calcinhas uma delas foi removida sua perna direita estava para fora da meia-calça e a calcinha que fora retirada estava metida no meio das suas coxas ela foi atingida três vezes na cabeça com um martelo com tanta agressividade que um pedaço do crânio penetrou no cérebro depois ele a apunhalou na garganta e no abdômen com igual severidade tanto que seus intestinos pularam para fora o casaco três quartos marrom estava enrolado ao redor de suas nádegas e coxas suas botas marrons de cano alto foram retiradas colocadas em cima de suas coxas sua bolsa estava por perto e não havia qualquer indicação de que algo teria sido roubado dela ao contrário dos corpos anteriores seu sutiã não fora removido exames indicaram que ela fizera sexo vinte e quatro horas antes a hora de sua morte foi estabelecida por volta da meia-noite essa mulher vivia na área de leeds desde outubro de mil novecentos e setenta e seis quando veio de londres onde dizem que trabalhava em hotéis foi dada como desaparecida pelo marido em blackpool em novembro de mil novecentos e setenta e cinco me ame eu entrei no quarto vermelho os números de cabeça para baixo não precisa falar não faça isso não há necessidade disso nos encontramos antes esmalte preto nas unhas dos pés a carne não há necessidade disso nos encontramos antes esmalte preto nas unhas dos pés a carne entre os seus dentes eu conhecia aquele rosto me ame os homens na janela do andar de cima sem sorrir embaixo dela o orvalho e a grama naquele dia de primavera num parque em leeds o orvalho úmido e a grama amassada as botas que viriam e as botas que estiveram árvores altas observando múltiplas fraturas no crânio roupas fora do lugar e mutilação no ventre e seios com uma faca ou chave de fenda um claro distintivo uma assinatura o cardigã marrom a blusa quadriculada azul e branca paletó amarelo e saia amarela não combinavam qual o problema o corredor perguntou a mulher no chão atrás do pavilhão de esportes quando removeram o meu casaco de camurça viram a grande fratura no meu crânio fruto dos três ataques à minha cabeça com o martelo eles me encontraram de rosto virado para o chão com as mãos embaixo do estômago e a cabeça virada para a esquerda com os meus cabelos castanhos dos quais eu sempre tive muito orgulho meus cabelos lavados no meu próprio sangue meu sutiã ainda no lugar mas a minha saia puxada para cima e eu usava meia-calça e duas calcinhas uma calcinha foi tirada e a minha perna direita estava sem a meia-calça e a calcinha que fora retirada fora metida no meio das minhas coxas eu estava menstruada menstruada pela última vez e o casaco que eu usava estava enrolado na minha bunda e pernas de tal forma que apenas os meus pés ficaram de fora e quando me encontraram viram que as minhas botas de cano alto tinham sido arrancadas e postas sobre as minhas coxas e depois me viraram me viraram na grama e viram que eu fora esfaqueada no

pescoço e garganta e três vezes no estômago os golpes tão selvagens que as minhas vísceras pularam para fora os números dos quartos de cabeça para baixo todos vermelhos

7

No meio da noite, uma ligação.

Clement Smith, chefe de polícia:

– Preciso de você aqui na Vaughan Industrial Estate, logo após a Pottery Lane.

– O que aconteceu?

– Algo ruim.

– Não vai me dizer nada mais?

– Roger Hook pediu que viesse. Isso é tudo o que eu sei.

– Agora?

– Agora.

– Até logo, então.

– Até logo.

Outro caminho escuro em outra noite escura.

Atravessando os Moors.

Os assassinatos e as mentiras.

Os gritos e os murmúrios.

De crianças.

Sempre os seus gritos por aqui, os seus murmúrios.

Sempre assassinatos e sempre mentiras.

Sempre os Moors.

Sempre de noite e sempre escuro.

Descendo por Prestwich, passando por Cheetham Hill e Collyhurst, em direção a Ardwick, pelo lado errado dos malditos trilhos:

Vaughan Industrial Estate, em Ashburys.

Edifícios baixos e escuros sob a chuva fria e as luzes azuis, os policiais

pareciam assombrações contra as luzes brancas, com suas asas ao redor de uma fábrica:

MORTE.

Todos os deuses do Norte estão mortos, moribundos.

Estacionei entre as vans e os carros, numa cratera cheia de água parada e um pássaro, um pardal.

Subi o colarinho do meu casaco e segui em frente.

No portão, um jovem policial tirou seu capuz para checar o meu distintivo e apontou para uma boca aberta:

MORTE.

Alguém caminha atrás de mim, um horror.

Na porta estavam Clement Smith e Roger Hook, rostos pálidos olhando para o chão, olhos silenciosos erguendo-se para mim, olhos vermelhos por causa da chuva e do frio, das lágrimas.

Línguas se moviam, mas sem palavras, um cigarro, mãos tremendo, mas não se tocando.

Aproximei-me deles, entrando na:

MORTE.

Este é o local, os cisnes soltos.

Pesadas bancadas, óleo e correntes, ferramentas; o cheiro de máquinas, óleo e correntes, ferramentas; o som de água suja, óleo e correntes, ferramentas; gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, ferramentas.

Luzes altas, a chuva contra a vidraça.

Amarrado sobre uma bancada, preso com correntes, envolvido na:

MORTE.

Asas resumidas a cinzas, pornografia.

E me aproximei do banco, mais perto.

Pele nua e com bolhas, mais perto.

Sangue enegrecido e surrado, mais perto.

Rosto e cabelos queimados, caído para a esquerda.

Na sua boca, uma fita cassete.

Bob Douglas:

MORTO.

All this and heathen too.

À sua esquerda, uma porta entreaberta, a metade superior envernizada.

Caminhei pelo ensanguentado chão de concreto, em direção à porta, e com a minha bota a empurrei para abri-la.

Empurrei e vi uma banheira enlameada presa à parede, uma cabeça voltada à luz pendurada no teto, empurrei e vi:

MORTE.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Dei um passo em direção à banheira, mais perto.

Em direção à luz da vidraça, mais perto.

Em direção a ela, deitada ali, na banheira, mais perto.

Entrando na dor da escuridão, mais perto.

Um sorriso tímido e patético em seu rosto, um buraco escuro num coração quieto.

Na sua mão, um urso de pelúcia.

Karen Douglas.

MORTE.

Nunca a deixe dormir.

Dei um passo para trás, em direção ao pai da criança.

Em direção a Smith e Hook, que estavam na porta, em direção às mãos e às línguas, aos cigarros, ao frio e à chuva, às lágrimas.

Dava passos para trás, virando o corpo, fugindo da:

MORTE.

Sempre no caminho.

Duas horas mais tarde, com a pele e os ossos ensopados, eu me sentei no décimo primeiro andar da delegacia central da polícia de Manchester, com os telefones tocando e botas correndo, para aqui e para lá.

Sempre para aqui e para lá.

Contei doze homens.

Esperei.

Quarta-feira, 17 de dezembro de 1980.

Nove horas.

Dez minutos mais tarde, outra batida na porta.

A fita num saco plástico, a perícia finalizada.

Roger Hook ligou um gravador e Clement Smith pegou a fita de um saco.

– Impressões digitais?

Um legista fez que sim.

– De quem?

O legista balançou a cabeça, dizendo:

– Estão checando.

Girando-a entre os dedos, Smith segurava a fita, que apresentava uma escrita em tinta negra sobre o plástico transparente:

– *All this and heathen too* – ele leu, olhando para mim.

– *A fita do Estripador* – eu disse. – Gravada em cima de uma fita chamada *All this and heaven too*, de um cantor chamado Andrew Gold.

Doze bocas abertas e doze xingamentos.

– Que merda.

– Foi ele? – alguém perguntou.

– Não faz sentido. Por que...

– Um homem e sua filha...

– Um ex-policial...

– Pobre bastardo...

– A não ser que o maldito Douglas soubesse...

Clement Smith se levantou, apontando para Roger Hook:

– Senhores, vamos primeiro ouvir a fita?

Os doze homens fizeram que sim, em silêncio.

Hook apertou o play.

RUÍDO...

Piano...

Bateria...

Baixo...

“How can this be love, if it makes us cry?”

PAUSA.

RUÍDO...

Gritos...

Murmúrios...

Inferno:

“How can the world be as sad as it seems?”

PAUSA.

RUÍDO...

Gritos...

Murmúrios...

Mais inferno:

“How much do you love me?”

PAUSA.

RUÍDO...

Gritos...

Gritos...

Gritos:

“Soti ríp seo ãvrat am *Hunter!”*

PAUSA.

Silêncio...

Nada:

Quarta-feira, 17 de dezembro de 1980.

Nove e meia.

Nada além de...

Doze rostos pálidos, alguns flácidos, outros delgados, doze rostos e vinte e quatro olhos me encarando.

Eu me levantei.

– Poderíamos conversar um momento, senhor? – perguntei a Clement Smith. – Em particular?

Ele se levantou e disse a Roger Hook:

– Na minha sala.

Eu e Hook atravessamos a porta, com vinte e quatro olhos em cima de mim.
– Traga isso – disse Smith, apontando para o gravador.
Nós o seguimos pelo corredor.
Na sua sala, Hook ligou o aparelho de som.
– Ouvimos novamente? – perguntou Hook.
Smith fez que sim.
Hook apertou o play:
RUÍDO...
Piano...
Bateria...
Baixo...
“How can this be love, if it makes us cry?”
PAUSA.
RUÍDO...
Gritos...
Murmúrios...
Inferno:
“How can the world be as sad as it seems?”
PAUSA.
RUÍDO...
Gritos...
Murmúrios...
Mais inferno:
“How much do you love me?”
PAUSA.
RUÍDO...
Gritos...
Gritos...
Gritos...
“Soti ríp seo ãvrat am *Hunter!”*
PAUSA.
Silêncio, novamente silêncio.

Apenas a chuva escura contra a janela, escorrendo.

A cidade cinzenta lá embaixo, nadando.

Afogando.

– Qual foi a última frase? – Roger Hook perguntou.

– O meu nome – respondi, olhando para o chefe.

Smith engoliu em seco, mas não disse nada.

– Essas palavras – eu disse. – Seja lá o que signifiquem, eu já ouvi antes.

– Onde? – perguntou Smith.

– Ontem me encontrei com um homem chamado Jack Whitehead. Foi jornalista do *Yorkshire Post*, até sofrer algum tipo de ataque de nervos e meter um prego na cabeça.

– Puta merda – disse Hook.

– Está no Stanley Royd Hospital, em Wakefield. Enfim, eu me encontrei com ele, pois esse homem esteve envolvido com Eric Hall, que era da Divisão de Costumes de Bradford. Segundo dizem, Hall era o cafetão de Janice Ryan, que, como vocês sabem, foi a sexta vítima do Estripador.

Smith e Hook ficaram olhando para mim, sem reação.

– Ryan era namorada do sargento Robert Fraser, que trabalhava no Esquadrão do Estripador.

– O que morreu asfixiado com gás? – perguntou Hook.

– Exatamente – concordei. – A verdade é que certas pessoas da força policial de West Yorkshire acreditam que alguns desses assassinatos não foram obras do Estripador. Entre eles, o de Ryan.

– Sério? – zombou Hook. – Essa gente sabe, de fato, raciocinar?

– Vá em frente – disse Smith, impaciente.

– Fui ver Whitehead por conta de Eric Hall e Janice Ryan. Ele está sedado na ala de segurança de Stanley Royd, mas esteve lúcido durante grande parte da nossa conversa, até quase o final, quando eu, posso jurar, ouvi essas mesmas palavras ou algo bem parecido saindo da sua boca.

– Quer ouvir novamente? – perguntou Hook.

– Não – respondeu Smith.

O telefone tocou.

Smith atendeu.

– O que foi?

Ele ouviu, sem qualquer reação, com os olhos pregados em mim, depois desligou.

Hook perguntou:

– Poderia ser uma língua estrangeira ou algo parecido?

– Não sei – respondi, olhando para Smith.

– Enviamos à universidade? – sugeriu Hook, mas ninguém o escutou.

Clement Smith inclinou o corpo para a frente e apertou o *eject*, tirando a fita do gravador.

– Isso que está escrito: *All this and heathen too*, você disse ser uma referência à *Fita do Estripador*? – ele perguntou.

– Sim – respondi. – E a música que toca no início é a mesma da fita do Estripador... e do mesmo álbum: *All this and heaven too.*

– Puta merda – disse Hook. – O Estripador parece estar por todos os lados.

– Ou talvez alguém esteja querendo que a gente pense assim – sugeri.

– Você, por exemplo – disse Clement Smith.

– O quê? – perguntei.

– Você também está envolvido nisso tudo.

– Eu sei – respondi.

– Você se encontrou com Douglas, que trabalhava para Richard Dawson. Richard Dawson é seu amigo.

– Eu sei.

– E foi preso.

– Eu sei.

Olhos em mim, fixos, presos.

O telefone voltou a tocar.

Smith atendeu:

– O que foi?

Ele ouviu e disse:

– Traga para cá.

Depois desligou, olhando fixamente para mim.

– O que foi? – perguntou Hook.

– Outra maldita mensagem.

– O quê?

– Encontraram um pedaço de papel, aparentemente um bilhete, na garganta da menina.

– Puta merda.

– E o que diz o papel? – perguntei.

– Vamos descobrir.

De volta com os demais, os doze perdidos.

Outro legista:

– O exame preliminar do corpo da menina Karen Douglas revelou que ela morreu com uma única facada no coração.

E o pai dela viu, ouviu ela morrer? Ou será que ela viu o pai morrer, será que o ouviu?

O patologista pegou um saco plástico transparente com um papel cinzento dentro dele.

– Encontramos isso no fundo de sua boca.

Os doze homens inclinaram-se para a frente, tensos, já quase de pé, gritando.

O patologista levantou uma das mãos para diminuir o barulho.

– Aqui diz: 5 LUV.

Doze bocas abertas, doze novos xingamentos: “Porra”.

O patologista se recostou na cadeira, sem nada mais a dizer.

Vinte e quatro olhos em Clement Smith, o chefe de polícia.

No canto dos seus olhos, uma figura escura se formou...

– Chega de tanta besteira – soltou Clement Smith, batendo à mesa. – O detetive-chefe inspetor Hook formará equipes com oficiais da polícia técnica: porta a porta, possíveis conexões, testemunhas e tudo o mais. Traga-os aqui, registrem, como sempre.

Como sempre.

– Assistente-chefe de polícia Hunter, venha comigo.

Na sala do chefe de polícia, nós dois sozinhos.

– Pete – ele disse, balançando a cabeça. – Você precisa ser completamente honesto comigo neste assunto.

– Claro. Sempre sou honesto.

– Por favor, deixe-me terminar – disse ele, olhando para a sua mesa. – Você consegue ver o que isso parece, não é? Não é nada bom. Um ex-policial e sua filha assassinados, terrivelmente assassinados, sadicamente. E, de alguma maneira, ele está ligado a um famoso homem de negócios, a um policial bem conhecido, ao maldito Estripador de Yorkshire. Que merda de confusão!

Silêncio. Trocamos olhares até...

Até eu comentar:

– Não sei o que você quer que eu diga. Você parece estar me culpando.

– Isso é paranoia sua, Pete. Mas eu juro que prefiro que você fique longe dessa história do Richard Dawson.

– Tudo bem. Mas ninguém me contou que havia uma "história de Dawson" para que eu pudesse ficar longe dela.

– Mas o bom senso deveria ter alertado para que você não conversasse com Douglas.

– Bom senso? O senhor está querendo dizer que foi um erro meu?

– É exatamente o que estou dizendo. E isso virá à tona rapidamente.

– E o que devo fazer?

– Não sei – ele respondeu, passando seus dedos pela barba. – Não sei mesmo.

Silêncio, e não nos olhamos até...

Até o telefone tocar.

Smith atendeu:

– Alô?

Ele ouviu, fechou os olhos e disse:

– Vou descer.

Desligou, com os olhos ainda fechados.

– A esposa dele? – perguntei.

Ele fez que sim.

– Ela estava lá no domingo, quando eu apareci.

Ele não se mexeu.

– Estive com ela. Quer que eu esteja presente?

Ele abriu os olhos e pegou o telefone:

– Gostaria de falar com o detetive-chefe superintendente Hook, por favor.

E esperou, com o olhar ainda me evitando.

– Roger – ele disse –, a senhora Douglas chegou. Você poderia nos encontrar lá embaixo?

Ele ouviu o que Hook dizia na outra ponta, e me encarou ao responder:

– Deixe ele mofando. Cuidaremos do maldito Richard Dawson em pouco tempo. – E, pouco antes de desligar, pediu: – Roger, não conte a Dawson sobre Douglas. E não deixe que ele descubra.

E desligou o fone com força.

O telefone tocou novamente.

– O que foi?

Ele me olhou, dizendo:

– Pois diga a ele que o senhor Hunter não está disponível.

E voltou a desligar.

– Quem era? – perguntei.

– O chefe de polícia Angus – ele respondeu, se levantando.

O telefone tocou novamente.

– Merda! – gritou Smith, fazendo o telefone voar pela mesa e saindo rapidamente da sala.

Batemos à porta, suavemente, Smith, Hook e eu.

Uma policial abriu.

A senhora Douglas, ofegante e cheia de tanto chá e simpatia, ergueu os olhos:

– Ele disse que só ia ao centro fazer compras de Natal. Ela disse que queria ir. Eu disse que ele não iria querer que ela fosse junto por conta da multidão. Mas ela chorou e ele cedeu. Como sempre. Ele é muito bonzinho com ela, ele é.

Silêncio.

A senhora Douglas, a ponto de ser afogada em perguntas e pesares, olhou para mim.

Ainda em silêncio.

Até Clement Smith começar a falar, dando as nossas condolências oficiais e reverências similares.

– Eu não entendo – disse a senhora Douglas.

– Todos nós sentimos muito, muito mesmo – disse o chefe de polícia.

A senhora Douglas olhou para mim.

– Posso vê-los?

– Não – respondi.

– Por favor?

– Não estão aqui.

– Onde estão?

– Em outro lugar – respondi.

– Não estão em casa?

– Não – respondi. – Não estão em casa.

– Achei estranho que não estivessem em casa – ela disse, piscando, olhando para mim, depois para Smith, depois para Hook, depois para mim, para a policial e para mim novamente. – Eu não entendo – ela repetiu, mordendo os lábios, esfregando as mãos e murmurando para si mesma, desafiando-se, desperta e morrendo. – Simplesmente não entendo.

Deixei o sanduíche de lado e me levantei.

– Vou telefonar para Joan – disse.

Clement Smith fez que sim.

– A que hora quer ver Dawson? – perguntou Hook.

Smith olhou para o relógio, depois para mim:

– Às três?

– Ótimo – respondi, deixando-os sob aquelas luzes tão brilhantes.

– Cadê você? – ela perguntou.

– Aqui, em Manchester.

Era possível cortar o silêncio com uma faca.

– O que está acontecendo?

– Um homem que trabalhava para Richard foi assassinado. E a sua filha também.

Eu dormi um pouco e tive este pesadelo.

– A filha?

– É.

Uma menina numa banheira.

– De quantos anos?

– Seis.

Era possível cortar o silêncio com uma faca.

– O que vai acontecer?

– Não sei.

Eu dormi um pouco e tive este pesadelo.

– Eu te amo, Pete. Te amo muito.

– Eu também. Obrigado, meu amor. Nos vemos mais tarde.

Uma menina numa banheira.

Do lado de fora da sala de interrogatórios, perguntei:

– Acha uma boa ideia?

– Acho que estamos entre boas e más ideias, não? – comentou Smith.

Roger Hook saiu da sala:

– Ele concorda em conversar conosco sem um advogado, caso Pete esteja presente.

– Como quiser – disse Smith. – Se fosse eu, gostaria de ter ao meu lado todos os malditos advogados que pudesse pagar.

– Devo dizer que é melhor chamar um advogado?

– Não. Vamos em frente.

Smith abriu a porta e nós o seguimos.

Richard Dawson se levantou atrás da mesa, preocupado.

– Senhor Dawson – disse Smith. – Acho que já conhece todo o mundo.

Dawson olhava para mim, fazendo que sim com a cabeça.

Um jovem policial uniformizado fechou a porta e se sentou atrás de nós.

Arrumamos as cadeiras ao redor da mesa, de frente para Richard Dawson.

Hook colocou uma fita num gravador que estava sobre a mesa e apertou a tecla para gravar.

– Quarta-feira, 17 de dezembro de 1980. Três da tarde. Interrogatório preliminar com o senhor Richard Dawson, na sala de interrogatório 1, da delegacia central de Manchester. Presentes o chefe de polícia Smith, o assistente-chefe de polícia Hunter, eu, o inspetor-chefe Hook e o policial Stainthorpe.

Clement Smith apontou com a cabeça em direção ao gravador e perguntou:

– Senhor Dawson, o senhor foi avisado que poderia ter trazido o seu advogado, certo?

– Certo.

– Mas preferiu seguir em frente sem um representante legal.

– Preferi. Não estou sendo acusado, certo?

– Não. E o senhor está ciente de que pode chamar um advogado a qualquer momento durante este interrogatório?

– Tudo bem. Obrigado.

– Certo. O senhor foi chamado aqui para discutir assuntos relativos a alegações de irregularidades financeiras na contabilidade da sua empresa, especialmente dados envolvendo impostos e pagamentos de seguros e despesas.

Richard Dawson continuava olhando para mim, fazendo que sim com a cabeça.

– No entanto – disse Smith –, quero começar perguntando algumas coisas sobre Robert Douglas. Pelo que sei, o senhor o contratou recentemente como consultor de segurança, certo?

– Certo – respondeu Dawson, olhando para mim.

– Poderia nos contar como encontrou o senhor Douglas e para qual função exatamente o contratou?

– Fui apresentado a Bob Douglas num evento de caridade local, organizado

pela escola do meu filho. A filha do senhor Douglas vai à mesma escola, e a sua esposa e a minha são do conselho de pais.

– E que escola é essa?

– A St Bernard's, em Burnage.

– Católica?

– A minha esposa é católica.

– Certo. E...

– Então eu conheci Bob Douglas e conversamos em algumas ocasiões, em eventos na escola. A minha esposa comentou que ele era ex-policial e eu me lembrei, vagamente, que esteve envolvido na prisão daquele Michael Myshkin, mas que foi obrigado a se aposentar após ser baleado numa espécie de roubo em Wakefield. Enfim, meses mais tarde, aconteceu uma série de arrombamentos na região de Didsbury e resolvi aumentar a segurança da minha casa. Chamei Bob Douglas, que fez um serviço a um preço razoável. Durante esse trabalho, nos demos muito bem e, desde então, ele tem feito outros trabalhos menores para mim.

– O que, por exemplo?

Ainda fazendo que sim, Richard Dawson respondeu:

– Segurança no escritório, avaliações de seguro.

– O senhor paga um salário a ele?

– Uma comissão, além de extras para trabalhos específicos.

– E quando viu ou conversou com ele pela última vez?

– Sendo honesto, não poderia afirmar quando o vi sem consultar a minha agenda. Mas tenho falado com ele. Lembro que na última sexta-feira ele telefonou dizendo ter ouvido algo sobre eu estar sendo investigado – disse Dawson, apontando para os policiais ali reunidos.

– E não manteve qualquer contato com ele desde então?

– Não.

Uma batida na porta.

Ronnie Allen entrou e entregou uma folha de papel a Roger Hook.

Hook deu uma olhada e entregou a Smith.

Smith afastou a cadeira da mesa e leu a nota.

Olhou para Ronnie Allen:

– Reúna todo o mundo. No décimo primeiro andar, em meia hora.

Allen fez que sim e foi embora, evitando cuidadosamente o meu olhar.

Smith leu o papel mais uma vez, depois o dobrou e guardou no bolso.

Ele olhou para Richard Dawson.

– Senhor Dawson – disse Clement Smith, curvando o corpo para a frente. – Sinto muito, mas devo lhe contar que, nessa manhã, bem cedo, um guarda de segurança encontrou Bob Douglas e sua filha assassinados num armazém de Ashburys.

Richard Dawson ficou pálido, engoliu em seco e balançou a cabeça.

Olhou-me, procurando alguma coisa.

Desesperadamente perdido, implorando.

Boca abrindo e fechando, em choque.

– Senhor Dawson? – chamou Smith.

Richard Dawson, pálido.

– O senhor tem algo a dizer? – perguntou Smith.

Silêncio, um longo e tenebroso silêncio.

E Dawson murmurou:

– Não, mas gostaria de ver meu advogado agora.

– Certo – disse Smith, levantando-se. – O inspetor-chefe Hook fará tudo o que for preciso e estabelecerá um horário.

Hook fez que sim e disse em direção ao gravador:

– Interrogatório suspenso às três e trinta e cinco da tarde, 17 de dezembro de 1980.

Apertou a tecla *stop*, tirou a fita do gravador e escreveu:

Dawson int/1/171280.

Richard Dawson ainda olhava para mim.

Todos nos levantamos, exceto Dawson.

Eu seguia Smith e Hook para fora da sala quando...

– Pete – disse Richard Dawson.

Virei.

– Obrigado por ser meu amigo – ele soltou.

– O quê?

– Você me escutou.

Atualizando:

Hook me olhando, Smith me oferecendo o pedaço de papel.

Peguei e li:

Impressões digitais na fita, Jack Whitehead.

Hook me olhava, Smith esperava.

– Jesus – eu disse.

Hook fez que sim, Smith esperava.

– Alguém ligou para Stanley Royd? – perguntei.

– Jack não saiu do leito – disse Hook.

– Merda – soltei.

– Primeira tarefa para amanhã – disse Smith. – Para vocês dois.

Na sala do andar de cima.

Doze ternos pretos e doze rostos sem expressão.

– O que vamos falar à imprensa? – perguntou alguém.

– Nada – respondeu Smith.

Eu me levantei.

– Para onde você vai? – perguntou alguém.

– Ashburys.

– Agora?

– Deixamos escapar alguma coisa. Eu sei que sim.

Doze ternos escuros e doze rostos ainda mais sombrios.

A paciência deles esgotou, o meu tempo acabou.

Saída.

No caminho para Ashburys, uma prece:

Oh, Abençoado Senhor, Pai das misericórdias e Deus de todos os confortos.

Imploro que seja complacente e tenha compaixão deste serviçal aflito.

Coisas muito duras me atingem, despertando minhas antigas injustiças.

Lançaram mentiras pesadas contra mim e a minha alma está confusa.

Oh, Deus misericordioso, Deus que escreveu as Palavras Sagradas para que pudéssemos aprender, para que, com paciência e todo o conforto oferecido pelas Escrituras, pudéssemos ter esperança.

Dê-me o direito de entender a mim mesmo, entre tantas ameaças e promessas.

Faça com que eu não perca a confiança no Senhor nem a desloque para outro lado que não seja o Senhor.

Dê-me força contra todas as minhas tentações e cure os meus destemperos.

Não detenha o cajado que fere nem apague as chamas.

Não cale com doces misericórdias o desprazer.

Mas faça com que eu escute a alegria e a felicidade, faça com que eu construa o meu regozijo com os ossos que restam.

Afaste-me do medo do inimigo e despeje a luz do seu semblante sobre mim, dê-me paz, pelos méritos e mediação de Jesus Cristo Nosso Senhor.

Amém.

Uma prece, voltando a Ashburys.

Ashburys, amaldiçoado e sem Deus.

Quarta-feira, 17 de dezembro de 1980.

Cinco horas da tarde.

Sete dias antes do Natal.

No inferno.

Saí do carro e caminhei em direção à fábrica.

O sol fora embora, tudo o que restava eram a noite e os vultos dos edifícios escuros e altos com seus olhos mortos, suas salas vazias.

Escuros e mortos, em silêncio, não fossem os barulhos dos cargueiros que passavam por ali.

As assombrações ao redor de um tambor de fogo amarelo, que cessou para que eu passasse.

No inverno sombrio, faça da morte um amigo.
Na porta, a fita na minha cabeça:
RUÍDO...
Piano...
Bateria...
Baixo...
“How can this be love, if it makes us cry?”
PAUSA.
RUÍDO...
Gritos...
Murmúrios...
Inferno:
“How can the world be as sad as it seems?”
PAUSA.
RUÍDO...
Gritos...
Murmúrios...
Mais inferno:
“How much do you love me?”
PAUSA.
RUÍDO...
Gritos...
Gritos...
Gritos...
“Soti ríp seo ãvrat am *Hunter!”*
PAUSA.
Na porta, pensando nas impressões digitais sobre a fita:
Jack Whitehead.
Na porta, o bilhete na sua boca:
5 LUV
Na porta, mensagens.
Mensagens.

Mensagens e sinais.

Mensagens, sinais e símbolos.

De morte.

Em todos os lados distrações, em todos os lados menos aqui.

Aqui, símbolos.

Aqui, sinais.

Aqui, mensagens:

No inverno sombrio, faça da morte um amigo.

Aqui, morte.

Apenas morte.

Sem distrações.

Apenas mensagens.

Mensagens.

Mensagens e sinais.

Mensagens, sinais e símbolos.

De morte.

Apenas morte, um amigo:

No inverno sombrio, faça da morte um amigo.

Entrei.

Lá dentro:

Silêncio, silêncio de morte.

Pesadas bancadas, óleo e correntes, ferramentas; o cheiro de máquinas, óleo e correntes, ferramentas; o som de água suja, óleo e correntes, ferramentas; gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, ferramentas:

Jack Whitehead.

Luzes altas, a noite e a chuva contra as vidraças.

A bancada vazia, o corpo já não estava ali:

Bob Douglas.

Atravessei o chão de concreto úmido e ensanguentado, fui até a porta e, com a bota, abri...

Empurrei e vi uma banheira enlameada presa à parede, a sua cabeça contra a noite, nua:

Karen Douglas.

Com a cabeça baixa, fiquei de pé em frente à banheira vazia.

Silêncio, silêncio de morte.

Deixamos de ver algo.

Eu sabia que sim.

Sabia.

Contornei a garagem pelo lado de fora, seguindo em direção à edícula na parte traseira.

Peguei a chave no bolso e abri a porta.

Eu estava frio, congelado.

Entrei, tranquei a porta e acendi a luz.

A minha sala.

A Sala de Guerra.

Sentei-me à mesa, olhando para a parede logo acima do *Anabasis*:

Um mapa, treze fotografias.

Em cada fotografia um rosto, em cada rosto uma letra e uma data, um número em cada testa.

Afastei-me de um dos arquivos de metal cinzento e fui em direção ao outro.

Do que indicava *Estripador.*

Ao que dizia *Yorkshire*.

Debrucei-me sobre o arquivo *Yorkshire* e peguei uma pasta, uma das que estavam na frente.

Douglas, Robert.

Um antigo jornal:

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

A primeira página e a manchete:

Três mortos num tiroteio natalino em Wakefield.

O subtítulo:

Policiais heróis frustram roubo a bar.

Inclinei o corpo contra o armário de metal cinzento que dizia *Yorkshire* e

peguei outra pasta, uma dos fundos:

Whitehead, Jack.

Um velho recorte de jornal:

Segunda-feira, 27 de janeiro de 1975.

A primeira página e a manchete:

Homem mata esposa em exorcismo.

O subtítulo:

Padre local preso.

Por fim, abri um grande caderno de notas em branco.

Nele, escrevi uma palavra com uma caneta preta de ponta grossa:

Exegese.

Liguei o gravador e comecei:

And when we die
And float away
Into the night
The Milk Way
You'll hear me call
As we ascend
I'll say your name
Then once again
Thank you for being a friend.

Abri a porta do quarto.

Joan estava na cama, fingindo dormir.

Aproximei-me dela e beijei sua testa.

Ela abriu os olhos:

– Onde esteve?

– Na edícula – respondi.

– Todo esse tempo? Já está quase amanhecendo.

– Eu sei, está quase amanhecendo.

Ela voltou a fechar os olhos.

Tirei a minha roupa e vesti o pijama.

Desliguei a luz e me deitei ao seu lado.

– Eu te amo – ela disse, aproximando-se de mim.

– Eu também – respondi, abraçando-a na cama fria e olhando para o teto, sentindo o cheiro dos seus cabelos, ouvindo os carros na rua e a sua respiração.

E lá estavam eles novamente.

Pessoas sem rosto na televisão cantando hinos.

Pessoas sem rosto e sem feições na televisão cantando hinos.

E aos meus pés, eles a prendiam no chão, aos meus pés, suas mãos presas às costas, nua e espancada, três deles a estupravam, faziam sexo anal, revezando com uma garrafa e uma cadeira, cortavam seus cabelos, mijavam e cagavam em cima dela, fazendo com que os chupasse, fazendo com que me chupasse, feias gaivotas rodando em círculos sobre nossas cabeças, gritando.

Helen Marshall me chupava, Helen Marshall gritava:

– Soti ríp seo ãvrat am *Hunter!*

Acordado, suado e com medo, olhando para o teto, nenhum carro nas ruas.

Mais uma vez, com medo.

Não vou mais dormir, não vou mais dormir, não vou mais dormir...

Na manhã cinzenta, Joan se aproximou de mim:

– O que foi, meu querido? O que foi?

O meu coração estava a mil, batendo, parando.

Notei que mais uma vez havia sêmen no meu pijama.

– Nada – respondi, pensando.

Nada.

vestindo meia-calça e duas calcinhas uma delas removida minha perna direita fora e a esquerda dentro mais uma vez as notícias de lugar nenhum esta de bradford sábado quatro de junho de mil novecentos e setenta e sete linda clark usando paletó verde um vestido longo de veludo negro nas sombras do templo sikh na bowling back lane acaba de vir de mecca agora tiffanys depois discoteca bali hai bêbada e dançando ele me levou ao mistério onde suspiros choros e gritos agudos de lamento ecoavam no ar de verão sem estrelas cadências raivosas estridentes protestavam os ásperos gemidos e cânticos de multidão fanática por futebol junto ao som das suas mãos ele levantando uma terrível tempestade que parecia infinita no ar de verão sem estrelas o dia desaparecendo e o ar escuro libertando todas as criaturas da terra das suas tarefas diárias bêbada e dançando o meu plano era caminhar até ver um táxi e não esperar na fila com os demais e eu caminhava quando um ford cortina mark dois amarelo ou branco com o teto satânico preto parou na wakefield road a porta se abriu e ele se curvou me oferecendo carona e eu aceitei o homem tinha trinta e cinco anos e talvez só um metro e oitenta forte com cabelos castanho-claros na altura dos ombros sobrancelhas grossas bochechas redondas nariz e mãos grandes aqui era o lugar mas eu estava bêbada de tanto dançar e cochilei estávamos indo para cima e para baixo numa espécie de terreno baldio e eu sabia o que ele queria mas eu estava muito bêbada de dançar para me preocupar e odeio o meu marido que é um desmancha-prazeres que não gosta de me ver bebendo e dançando e nunca se importou em me ver dançar e eu perguntei ao motorista se ele me queria e ele disse que sim então eu disse que continuasse pelo terreno baldio atrás do local onde os paquistaneses ficavam dormindo que seguisse para um terreno baldio que eu conhecia eu sabia o que ela queria e ela disse pare aqui pois eu preciso fazer xixi e ela saiu do carro e estava se agachando no escuro o som da urina no terreno baldio sob o céu escuro de verão e sem estrelas desse inferno daqui e eu bati nela com o martelo e cortei o seu vestido de veludo negro até a cintura e a apunhalei repetidamente no peito no estômago e nas costas mas então vi as luzes se aproximando de um trailer cigano e um cão alsaciano latindo e pensei que ela estava morta então saí dirigindo em alta velocidade pelo terreno baldio e amanhecia e eu não bebia nem dançava estava congelando e pessoas gritando se aproximaram e olharam para mim deitada no terreno baldio minha calcinha modeladora e meia-calça puxadas para baixo um golpe atrás da minha cabeça atingida quatro vezes no peito no estômago e nas costas um gerando um corte dos meus seios até abaixo do meu umbigo os cirurgiões fizeram uma dessas cirurgias salva-vidas e eu não morri e não posso morrer e por isso vivo com um buraco na cabeça e cicatrizes na barriga cujos vultos choram e soltam gritos agudos de lamentos ecoando na infinita noite escura e sem estrelas desse inferno onde não há esperança de morrer sozinha na infinita noite escura e sem estrelas sozinha e banida da discoteca para nunca mais ouvir as músicas que me faziam dançar onde ele me mostrou o caminho onde ele ganhou novamente não há esperança de morrer sozinha na noite sem estrelas sozinha entre a heroína e o lixo onde os cães os pôneis os gatos as crianças ciganas brincam com velhas geladeiras e panelas as bicicletas e os carrinhos de bebês e não foi aqui que uma criança cigana foi escondida numa velha geladeira e ninguém a encontrou e ela morreu sozinha

naquela velha geladeira ninguém buscando por ela as pias e os medidores quebrados as pontas e peças de velhas casas populares lacradas enquanto os ciganos moram nos seus trailers com seus cavalos seus cães e bebem no curral enquanto suas

8

Fósforo aceso, apagado.
Jack sombrio.
Fósforo aceso, apagado.
Assim como Jack sombrio, apagado.
Vendo através dos olhos dele:
Inverno, colapso.
Assim como Jack sombrio, apagado.
Vendo através dos olhos dele:
1980.
Apagado, apagado, apagado.

Quinta-feira, 18 de dezembro de 1980.
Stanley Royd Hospital, Wakefield.
Sentado no estacionamento, com as costas pegando fogo.
Em chamas, esperando por Hook, acendendo fósforos.
Canções pop no rádio, canções do Norte.
Escutando as notícias:
Greves no serviço civil, bombas aéreas, ataques do Estripador, Maggie, Maggie, Maggie.
Apagado, apagado, apagado.
Nenhuma menção a Douglas e sua filha.
Nenhuma menção à guerra.
Os assassinatos e as mentiras, as mentiras e os assassinatos.
Branco e negro, o céu e a neve.
Branco e negro, as fotografias e as notícias.
Um barulho na janela.
– Bom dia – disse Hook, do lado de fora.

Saí do carro.

Fazia muito frio.

O ar estava cinzento, as árvores escuras.

Os ninhos ainda vazios.

– Que lugar legal – disse ele, com uma maleta preta de médico na mão.

– Adorável – respondi, sorrindo e seguindo-o em direção às escadarias.

Mais uma vez, notei o calor e o cheiro doce e gosmento de merda.

A mulher vestida de branco desligou o telefone preto e perguntou:

– Posso ajudar?

Mostrando nossas identificações, Hook respondeu:

– Estamos aqui para ver Jack Whitehead.

Ela fez que sim com a cabeça.

– E Leonard está? – perguntei.

Ela fez que não, dizendo:

– Foi embora.

– Embora?

– Pediu demissão.

– Assim de repente? Ele estava aqui na terça-feira.

– Foi embora ontem, disse que estava cansado.

– Precisamos do endereço dele – disse Hook.

– E do sobrenome – completei.

Ela olhou para Hook, depois para mim, e voltou a olhar para ele.

– Marsh – disse, franzindo a testa. – Ele mora no caminho para Netherton, mas preciso checar o endereço.

– Por favor – disse Hook, sorrindo.

Uma pausa.

– Poderíamos subir? – perguntei.

Ela fez que não com a cabeça.

– Preciso ligar para o senhor Papps, o responsável. Ele os levará até lá.

Pegou o telefone e perguntou pelo senhor Papps.

– Ele estará aqui em cinco minutos – disse a mulher vestida de branco.

Esperamos de pé entre os móveis, observando as peles e ossos que passavam

por ali, vendo-os parar, olhar-nos olhando para eles, esperando.

– Ele estará aqui em cinco minutos – ela repetiu.

Evitei os olhares de todos, lendo algo escrito na parte inferior da parede, que era pintada de verde.

Aqui casa da feitiçaria.

– O que você acha? – perguntou Hook.

– Sobre o quê?

– Sobre esse sujeito Leonard Marsh.

– Não sei – respondi, dando de ombros. – Mas não era muito velho. Vinte anos no máximo. Imaginei que fosse da direção ou algo parecido. Não pensei que fosse da equipe.

– E tinha acesso a Whitehead?

– Tinha.

– Senhores?

Viramos o corpo da parede verde e creme.

– Senhor Papps? – perguntou Hook.

O homem baixinho e gordo, vestindo paletó azul com botões dourados, fez que sim.

– Sinto muito por fazê-los esperar.

– Tudo bem – disse Hook. – Este é Peter Hunter, assistente-chefe de polícia da Grande Manchester, e eu sou o inspetor-chefe Roger Hook, também de Manchester.

O senhor Papps continuava assentindo, apertando nossas mãos.

– O pedido foi um pouco vago. Não sei como poderia ajudá-los.

– Infelizmente, neste momento, temos de ser um pouco vagos – eu disse. – E o senhor terá de nos aguentar, caso não se importe.

Ele concordou.

– Os senhores apareceram na televisão no outro dia, certo?

– Sim – respondi. – Eu estive aqui na terça-feira. Acho que falei com o senhor pelo telefone.

– Com o meu assistente – ele respondeu. – É sobre o Estripador de Yorkshire, certo?

– Não – respondeu Roger Hook. – Não é.

– Conversei com um dos seus pacientes, com o Jack Whitehead – eu disse.

O senhor Papps, ainda concordando com a cabeça, pensava muito: somava dois mais dois para chegar a quatro.

– Só queríamos esclarecer certas coisas ditas pelo senhor Whitehead e também conseguir mais alguma informação dele – eu disse, mentindo um pouco.

– Poderíamos conversar num lugar mais reservado? – perguntou Hook.

– Vamos por aqui – ele disse, levando-nos em direção a uma sala fria com grandes janelas, com grandes sombras graças às altas árvores escuras do lado de fora.

Tremendo, nos sentamos em outros móveis de segunda mão.

– O que os senhores querem saber? – Papps perguntou.

– Tudo – disse Hook. – Para começar, quando o senhor Whitehead foi internado?

– Aqui?

Fizemos que sim.

– Bem, ele está aqui desde setembro de 1977.

– Mas esteve em Pinderfields antes, certo? – perguntei.

– Esteve – respondeu Papps. – Acho que foi internado em junho.

– Com um prego na cabeça? – perguntou Hook.

– Sim – respondeu Papps, baixando a voz.

– E ele próprio fez isso?

– Sim.

– Por quê?

Naquela sala fria e escura, o senhor Papps suava, movendo os botões dourados do seu paletó azul.

– Vocês não sabem nada sobre a sua mulher, sua ex-mulher?

– Não – respondeu Hook.

Eu não dizia nada.

O senhor Papps coçou a sobrancelha e disse:

– Em janeiro de 1975, um homem chamado Michael Williams acreditava estar

possuído por um espírito demoníaco. Um padre local tentou fazer um exorcismo, mas algo deu errado e Williams terminou matando sua esposa e correndo nu pelas ruas de Ossett, coberto pelo sangue dela. O nome dela era Carol Williams, ex-mulher de Jack Whitehead. Williams a matou cravando um prego no topo de sua cabeça. Pior: Whitehead estava lá. Viu tudo.

– Ele estava lá?

– Sim, senhor Hook. Ele estava lá.

– Por quê?

– Não tenho a menor ideia.

– E Williams?

– Acho que está em Broadmoor, mas não tenho certeza.

– Então, em 1977, Whitehead tentou fazer a mesma coisa na própria cabeça?

– Exatamente.

– Onde?

– Bem no topo da cabeça.

– Não, em que lugar?

– No Griffin Hotel, em Leeds.

Hook me olhou.

– É lá que vocês estão hospedados, certo?

– É – respondi, fazendo que sim.

– Maldição. Você sabia?

– Não – menti.

Ele olhou para Papps e perguntou:

– Então, Jack foi levado a Pinderfields e depois para cá?

– Isso.

– O senhor não acha que alguém sobreviveria a isso, não é?

Eu pensava em buracos e cabeças, crateras e crânios, nas fotos espalhadas pela parede.

– Muito pelo contrário – respondeu o senhor Papps. – No mundo antigo, um buraco na cabeça era normalmente usado como cura para trauma ou depressão. Hipócrates escreveu sobre seus benefícios.

– Trepanação? – perguntei.

Papps fez que sim.

– Exatamente. Dizem que John Lennon era interessado nisso. Aliás, como eu já disse, era muito comum no mundo antigo.

– Mas estamos no mundo moderno – disse Hook. – E John Lennon está morto.

– Jack fez algum progresso? – perguntei.

– O senhor esteve com ele, certo? Não muito...

– E poderia melhorar? – perguntou Hook.

– É complicado prever – respondeu Papps.

– Ele toma remédios?

– Toma.

– Poderia nos passar as prescrições, os nomes dos remédios?

Papps fez que sim.

– Visitas? – perguntei.

– Não muitas. Eu preciso checar.

– Faria isso?

Ele fez que sim novamente.

– A moça na recepção nos disse que Leonard Marsh pediu demissão.

– É verdade – respondeu Papps.

– Ele era responsável pelo senhor Whitehead?

– Responsável, não, mas certamente nos ajudou a cuidar dele por um tempo. Desde que chegou aqui.

– Desde que Whitehead chegou?

– Sim – respondeu Papps.

– E por que pediu demissão?

– Leonard? Não tenho certeza, disse estar cansado.

– Sei.

– O trabalho por aqui é duro, senhor Hunter.

– Sem dúvida.

Silêncio.

– Quem é o médico dele? – perguntei.

– Do Jack Whitehead?

– É.

– Eu.

– O doutor Papps?

– Exatamente – ele respondeu, sorrindo. – Eu não disse antes?

– Não – respondi, de pé, paralisado.

Papps suspirou e disse:

– Sigam-me, senhores.

No andar de cima, descendo corredores com paredes metade cinza metade verde, saindo do edifício principal em direção ao anexo, destrancávamos e trancávamos portas, de volta a Jack.

O último corredor, longo e trancado.

Na pintura verde, outro entalhe:

Feitiçaria, eu morro.

Atravessando o último corredor, longo, em direção a última porta, trancada.

Doutor Papps com as chaves na mão...

Hook com uma das mãos livres, tocou a manga do doutor:

– Whitehead saiu do hospital nas últimas vinte e quatro horas?

– Claro que não.

– Na última semana, no último mês?

– Inspetor, o senhor Whitehead não saiu sequer da cama, muito menos do quarto, desde que entrou aqui.

Jack se soltou! – gritei.

– Jesus – disse Leonard. – De novo não.

– Como pode ter tanta certeza? – perguntei.

Papps sacudiu as chaves, perguntando:

– Como poderia sair?

– Mas... – Hook começou, mas dei uma piscada para ele e, então, ele se calou.

Papps olhou para mim, depois para Hook, e para mim novamente...

Bati à porta...

Papps deu de ombros, girou as chaves, depois a maçaneta.

Abriu a porta...

Silêncio...

– Depois dos senhores – disse Papps, abrindo espaço para entrarmos.

Fazia frio e estava mais claro, o vaso no canto do quarto continuava gotejando, a cadeira desaparecera.

Segui o olhar de Hook em direção à cama, a Jack Whitehead...

Ele estava de costas, vestindo um pijama listrado cinza, com as mãos presas ao lado da cama, olhos abertos.

Hook segurava a maleta preta com força, procurava algo sob a luz cinzenta, procurava algo entre as sombras, procurava a cabeça de Whitehead, procurava o buraco que ele fizera.

– Senhor Whitehead, sou Peter Hunter. Estive aqui anteontem, lembra-se? – eu disse.

Silêncio, apenas o gotejar, o gotejar do vaso.

– Senhor Whitehead? – repeti. – Estou aqui com o inspetor Hook.

Mais silêncio.

– Jack? – disse Papps.

Gotejando, gotejando, gotejando...

Virei-me para o doutor Papps e disse:

– Precisamos fazer algumas perguntas ao senhor Whitehead. O senhor se importaria de esperar no corredor?

– Ele provavelmente não dirá nada.

– Mesmo assim, se o senhor não se importar.

– Certo – ele disse, dando de ombros, como se não ligasse, e saiu da sala.

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– Senhor Whitehead? Jack? – chamei.

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

Hook tossiu e deu um passo à frente.

Gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando, gotejando...

– Senhor Whitehead – disse Hook –, as suas impressões digitais foram encontradas numa fita cassete ontem, em Manchester. Viajamos até aqui para perguntar como elas poderiam ter parado naquela fita?

Silêncio, silêncio total até...

Até Jack suspirar, com os olhos cheios d’água, lágrimas escorrendo em seu rosto, suas bochechas, seu pescoço e no travesseiro.

Gotejando...

Demos um passo à frente, nos aproximamos da cama.

– Senhor Whitehead? – disse Hook.

Mas as lágrimas não paravam.

Gotejando, gotejando...

Hook abriu a maleta preta de médico e pegou um gravador portátil.

– Roger – eu disse. – Não me parece uma boa...

Ele apertou o *play*:

RUÍDO...

Piano...

Bateria...

Baixo...

“How can this be love, if it makes us cry?”

PAUSA.

RUÍDO...

Gritos...

Murmúrios...

Inferno:

“How can the world be as sad as it seems?”

PAUSA.

RUÍDO...

Gritos...

Murmúrios...

Mais inferno:

“How much do you love me?”

PAUSA.

RUÍDO...

Gritos...

Gritos...

Gritos:

“ Soti ríp seo ãvrat am Hunter!”

PAUSA.

Silêncio.

Apenas lágrimas.

As lágrimas de Jack.

Gotejando...

Até...

– É a sua voz? – perguntou Hook, gritando em direção à cama, sacudindo Whitehead. – É você, não é? Você conhecia Bob Douglas, não?

De repente, um som, um estampido.

O peito de Whitehead se ergue, seu corpo treme, seus dentes trincam e sangram.

Hook me olhou.

– O que foi isso? O que aconteceu com ele?

Mais um som, outro estampido.

O peito subiu, o corpo tremeu, os dentes trincavam, sangravam.

– O que foi isso? – gritou Hook. – O que está acontecendo?

– Papps!

Um último som, um estampido.

O peito subiu e desceu, o corpo trêmulo ficou parado, os dentes rangiam, mas a boca se abriu e o sangue saía.

Um rio de sangue escorria de seu rosto, nas suas bochechas, no pescoço, chegando ao travesseiro.

Gotejando...

Hook descia o corredor, gritando pelo médico.

Whitehead parado, congelado.

Eu me curvei próximo à cama, buscando o seu coração.

Sua boca se abriu, bolhas de sangue entre os lábios e a gengiva.

Eu me aproximei ainda mais, tentando escutar.

– O quê? – perguntei. – O que foi?

Mais próximo da sua boca.

– O quê?

Ouvindo...

– Futuros e passados – ele murmurou. – Passados futuros.

Hook e Papps se aproximavam correndo.

– O quê? – perguntei, mas ele se fora.

Silêncio, nada além de passos no longo, longo corredor, passos que atravessavam a porta. Papps me empurrou para o lado, ofegante, só perguntas, perguntas, perguntas, Papps empurrou Hook de volta ao longo, longo corredor, pedindo ajuda, ajuda, ajuda, ofegante, Papps pressionou o peito de Whitehead, respira, respira, respira, ofegante, abriu a boca dele, assoprou, assoprou, assoprou, assoprou, ofegante, depois me empurrou contra a parede, mais perguntas, perguntas, perguntas, voltou a pressionar o seu peito, golpe, golpe, golpe, ofegante, mais passos no longo, longo corredor, doutor, doutor, doutor, ofegante, Hook olhou para mim, eu para Hook, Hook para Papps, Papps para Hook, Hook para mim, eu para Papps, perguntas, perguntas, perguntas, ofegante...

Apenas perguntas...

Perguntas sem respostas.

De pé no cascalho e sob a garoa fria, as árvores nuas e os ninhos vazios, eu via as luzes azuis levando-o embora, e a mulher de branco da recepção dando o paletó azul para Papps enquanto ele entrava na parte traseira da ambulância, levando Jack para um curto passeio até o prédio ao lado.

Fomos para os nossos carros.

– Inspetor! – gritou a mulher de branco.

Nós dois olhamos e ela atravessou o cascalho para me entregar dois pedaços de papel.

– O endereço de Leonard – ela disse. – E o doutor Papps disse que os senhores queriam uma lista das pessoas que visitaram Jack Whitehead.

– Obrigado – agradeci.

– De nada – ela respondeu, sorrindo, embora não quisesse sorrir, aliás, por que sorriria?

Fósforo aceso, apagado.

Jack sombrio.

Fósforo aceso, apagado.

Assim como Jack sombrio, apagado.

Vendo através dos olhos dela:

Inverno, colapso.

Jack sombrio, apagado.

Vendo através dos olhos dela:

1980.

Apagado, apagado, apagado...

Millgarth, Leeds.

Do lado de fora da Sala do Estripador:

– Inspetor Craven, poderíamos conversar um minuto?

– Claro, assistente-chefe de polícia Hunter – ele respondeu, cumprimentando.

Subi as escadas, Craven mancando logo atrás.

– Tem visto Bob Douglas com frequência? – perguntei.

– Às vezes, por quê?

– Como ele está?

– Bem, pelo que sei.

– Vocês não têm tido muito contato, então?

– Às vezes, como já disse. Ele quase nunca cruza o nosso caminho.

– E onde ele está agora?

– Acho que trabalha com segurança privada.

– E antes?

– Quando pediu demissão, ele...

– E quando foi isso?

– Por volta de 1975. Ele não queria... mas o obrigaram.

– E o que ele fez? – perguntei, balançando a cabeça.

– Comprou uma tonelada de bronze e uma loja, certo?

– Uma loja?

– Sim, nunca teve muito a ver com isto aqui – ele respondeu, apontando para a Sala do Estripador. – Antes de seu tempo.

– Eu sei.

– Então por que tanto interesse?

– Ele está morto, inspetor.

– O quê?

– Encontraram o corpo de Bob Douglas e o da sua filha em Manchester ontem.

– O corpo? Do que você está falando? – perguntou Craven, acariciando a barba.

– Os corpos de Bob Douglas e sua filha.

– Como? Como eles morreram?

– Foram assassinados.

O detetive inspetor Robert Craven balançava o corpo para a frente e para trás, sacudindo a cabeça, olhando para mim e para cima de meus ombros.

Olhei para trás e lá estava John Murphy.

Ele me olhou, depois para Craven, e novamente para mim, perguntando:

– Você já sabe, então?

– Sei – respondi, olhando para Craven. – Eu estive lá.

– Cristo – disse Murphy.

– É.

– A filha e tudo o mais?

Fiz que sim.

Craven olhou para nós dois e perguntou:

– Poderiam me dar dez minutos, por favor?

– Deixe para lá, Bob – eu disse. – Você acaba de sofrer um choque. Vá para casa.

– Dez minutos – ele repetiu, coçando a barba.

Novamente na sala do andar de cima, na nossa sala.

Na sala ao lado da *dele*.

Novamente com os mortos, sempre os mortos.

Alec McDonald disse:

– Tracey Livingston, Preston, sábado, 7 de janeiro de 1978.

Nossos olhos sobre a mesa, sobre os cadernos de anotações e as pastas.

– Tracey saiu do Carlisle Hotel, no centro da cidade, após os últimos pedidos feitos na noite de sábado. O corpo foi encontrado no seu apartamento no dia seguinte. Tinha 33 anos e três filhos. Também era prostituta.

"Morreu por conta de quatro golpes na cabeça com um instrumento que ainda não foi recuperado. Havia também perfurações no abdômen e nas costas, embora não tenham sido fatais.

"Alf Hill foi o responsável pelo caso."

Na sala do andar de cima, silêncio.

Até Alec perguntar:

– Sigo?

Fiz que sim.

Então ele disse:

– No domingo à noite, o amigo dela, Bob Jenkins, apareceu por lá. Eles tinham combinado de sair para tomar um drinque. Porém, como ninguém atendia à campainha, ele ficou muito preocupado e arrombou a porta. Viu sangue no piso da entrada e seguiu a trilha em direção ao quarto. Tracey estava na cama, aparentemente dormindo. Jenkins retirou o lençol e a encontrou morta, coberta de sangue. São as palavras dele, não minhas. O zelador chamou a polícia.

"Alf rapidamente contatou George Oldman e Yorkshire enviou os seus caras. Assim como nós e Doreen Pickles; foi uma investigação conjunta.

Alec ergueu os olhos das suas anotações:

– Você esteve por lá, Bob?

Craven fez que sim, com os olhos vermelhos.

– Gostaria de dizer alguma coisa? – perguntou Alec.

– Teve de tudo – disse Craven.

– De tudo? O que você quer dizer?

– Bem, o protagonista foi Alf Hill. Ele liderou os trabalhos, as reconstituições,

a televisão, o rádio, até uma maldita sessão espírita.

– Uma sessão espírita? – perguntou Murphy.

– Todos de mãos dadas no apartamento dela, e o médium tentando fazer um maldito contato.

– E conseguiu alguma coisa?

– O que você acha?

– E o que me dizem disso? – perguntou Alec McDonald. E leu um papel: – Devemos seguir o rastro de um homem envolvido num incidente com uma prostituta no centro de Preston, em novembro de 1975, e também o de um homem parecido que fora visto pegando Joan Richards, prostituta assassinada em Leeds, em 1976. Trata-se de um homem branco, entre trinta e quarenta anos, um metro e setenta, corpulento. Cabelos ruivos desarrumados e barba também ruiva, farta nas bochechas, mas aparada no queixo. Nariz pontudo e pele rosácea.

"Esse homem vestia um paletó gasto, macacão azul e calça por baixo. Dizem que usava dois anéis nos dedos da mão esquerda e possivelmente outro na mão direita. No dorso da mão esquerda tinha uma cicatriz. Foi descrita como uma cicatriz semelhante a uma ferida de queimadura, dos dedos ao pulso. O dorso da mão direita estaria possivelmente tatuada. Ele tinha aparência de trabalhador braçal e provavelmente passa um bom tempo em áreas frequentadas por prostitutas.

"De março de 1975 a janeiro de 1976, teve acesso a um carro, provavelmente um Land Rover ou modelo similar. Deve ser levado em consideração que esse automóvel poderia estar nas mãos desse homem por conta do seu trabalho e ele talvez já não tenha acesso ao veículo. Também é possível que tenha tirado a barba.

"Sugestões quanto à identidade desse homem devem ser enviadas à Sala de Ocorrências, em Preston, ou à Sala de Assassinatos, em Millgarth.

"Fim da mensagem."

Silêncio.

– Ele se parece com alguém que conhecemos, Bob? – McDonald perguntou.

– O que você está querendo dizer? – retrucou Craven.

– O que você acha? Essa descrição te lembra alguém?

– Foda-se – ele gritou, levantando-se e saindo da sala.

Mais silêncio, minutos de silêncio.

– O que foi isso? – perguntou Hillman.

– Bob está um pouco em choque – respondi, encarando Helen Marshall.

Lágrimas nos seus olhos.

– Roger? – eu disse ao telefone, sentado na beira da cama do hotel.

Quase onze horas.

– Pete – respondeu Roger Hook, o detetive-chefe inspetor Roger Hook.

– Foi agradável a sua viagem de volta?

– Agradabilíssima.

– Alguma novidade?

– Soltamos Dicky Dawson.

– Ótimo.

– Mas ele estará de volta na segunda-feira.

– A que horas?

– Às dez.

– Quem é o advogado?

– Michael Craig.

– Certo – suspirei. – Você não ligou para Pinderfields, ligou?

– Em Wakefield? Não. E você?

– Não, mas acho que seria bom.

– O chefe não ficou muito bem impressionado.

– Não achei que ele ficaria. O que ele disse?

– O que ele *não* disse. Aparentemente, aquele Papps está armando um inferno.

– E o que você disse?

– O que eu poderia ter dito? Fizemos algumas perguntas e ele perdeu a consciência.

– Que se dane.

– Você não costuma falar assim, Pete – disse Roger.

– Mau dia.

– Má semana?
– Mau mês.
– Ano?
– Um dos piores – respondi, gargalhando.
– Você é quem diz.
– Alguma novidade da perícia sobre Ashburys?
– Não.
– A fita?
– Enviei uma cópia à universidade.
– Certo, vou dar uma olhada nisso.
– Até mais, Peter.
– Tchau.
– Tchau.

Meia hora mais tarde, o telefone voltou a tocar.

Atendi.

– Alô?

Silêncio.

– Alô?

Silêncio.

– Quem é?

Silêncio.

Eu não disse mais nada.

Desligaram.

Meia hora mais tarde, uma batida na porta.

Abri.

Ninguém.

Apenas o corredor vazio, silêncio.

Caminhei até o final.

Ninguém.
Nada.

De volta ao quarto, o telefone tocava.
Atendi.
– Alô?
– Não consegue dormir? – perguntou Joan.
– Desisti.
– De quê? De dormir?
– É – concordei.
– Só liguei para dar boa-noite.
– Obrigado.
– Eu te amo.
– Eu também – respondi.
– Tchau, então.
– Tchau – respondi, desligando.

Fósforo aceso, apagado.
Jack sombrio.
Fósforo aceso, apagado.
Jack sombrio, apagado.
Vendo através dos meus olhos.
Inverno, colapso.
Jack sombrio.
Inverno, colapso.
Jack sombrio, apagado.
Vendo através dos meus olhos:
1980.
Apagado, apagado, apagado...

crianças brincam entre os dejetos sem esperança de morte sozinha nessa noite você é o estripador por que não é casado quem lava a sua roupa se você não é casado será que gosta das mulheres já esteve com uma prostituta transmissão quatro cerca de cinco e quarenta e cinco da manhã quarta-feira oito de junho de mil novecentos e setenta e sete o corpo de rachel johnson dezesseis anos balconista da saint marys road sessenta e seis leeds sete foi encontrado num parque infantil entre a reginald terrace e a reginald street chapeltown leeds ela foi vista com vida pela última vez às dez e meia da noite terça-feira sete de junho de mil novecentos e setenta e sete no hofbrauhaus merrion centre leeds e foi descrita assim um metro e sessenta corpulenta cabelos claros na altura dos ombros e vestia uma saia xadrez azul e amarela e um casaco azul meia-calça azul-escura e tamanco de salto alto preto e creme com chapinha na parte da frente e pelo que se viu a falecida sofreu golpes violentos na cabeça com um instrumento contundente e não foi atacada sexualmente parece que a pessoa responsável também deve ter sido a responsável pelas mortes de theresa campbell leeds em seis de junho de mil novecentos e setenta e cinco joan richards em leeds entre o dia cinco e seis de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis e marie watts em leeds entre os dias vinte e oito e vinte e nove de maio de mil novecentos e setenta e sete detalhes dos ferimentos da falecida não devem ser divulgados à imprensa não há evidência de que rachel johnson fosse prostituta na ativa o corpo foi arrastado por cerca de treze a quinze metros de onde aconteceu o primeiro ataque a roupa do agressor deve ter ficado muito suja de sangue especialmente na parte da frente da camisa e calça busca-se o seguinte homem descrito que esteve envolvido num acidente na white abbey bradford em novembro de mil novecentos e setenta e seis e um homem similar que foi visto pegando a prostituta joan richards que foi assassinada em leeds em fevereiro de mil novecentos e setenta e seis homem branco trinta a quarenta anos um metro e setenta corpulento cabelos ruivos desarrumados e barba ruiva farta nas bochechas mas aparada no queixo nariz pontiagudo e pele rosada esse homem vestia um paletó gasto e um macacão azul com calça por baixo dizem que usava dois anéis na mão esquerda e possivelmente um na mão direita o dorso da mão esquerda tinha uma cicatriz semelhante a uma ferida de queimadura dos dedos ao pulso e o dorso da mão direita era tatuado e ele tinha aparência de trabalhador braçal e provavelmente passa um bom tempo em áreas frequentadas por prostitutas ele usou um veículo dizem que um land rover ou outro parecido de junho de mil novecentos e setenta e cinco a fevereiro de mil novecentos e setenta e seis deve ser levado em consideração que o land rover poderia estar nas mãos desse homem por conta do seu trabalho e ele talvez já não tenha acesso ao veículo também é possível que tenha tirado a barba eu mudei de ideia e dancei com o rapaz até chegar a minha hora de ir embora e comemos batatas fritas na porta da C e A e caminhamos até saint jimmies e deitamos juntos sob as altas árvores e o céu escuro e sem estrelas do verão e começamos a caminhar passando pelo grandways e pelo gaiety e eu fiquei assustada com o barulho seus tamancos roçavam contra o chão enquanto eu a arrastava para o parque infantil para perfurá-la novamente e novamente ela tinha um cheiro muito doce muito limpo quando ela se curvou para me dar um beijo de boa-noite ela parecia perfeita como uma flor a ponto de desabrochar cheia de otimismo e

alegria de viver

9

Não vou mais dormir.

Não vou mais dormir, apenas...

Duas asas enormes que saem das costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas negras que me jogam para baixo, pesadas, que me impedem de ficar de pé.

Não vou mais dormir, apenas...

Asas, asas que saem das costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas negras que me jogam para baixo, pesadas, que não...

E desaparecem.

Sem mais nem menos.

A *Exegese* gravada no meu peito, minhas unhas sangram, quebradas...

Et sequentes.

As anotações estavam por todos os lados: pelo chão, pela cama, pelos móveis baratos do Griffin, e a minha letra era ilegível mesmo para mim. Rasguei em pedaços o que estava escrevendo, olhei para o relógio, baixei o som do rádio, peguei o telefone que estava ao lado da cama e consegui uma linha, conferi meu relógio com o serviço telefônico, voltei a colocar o fone no gancho, deixando-o em cima da cama, aumentei o som do rádio e comecei novamente:

Às 15h10 de sexta-feira, 27 de janeiro de 1978, o corpo nu de Candy Simon, nascida em 6/6/1960, mestiça jamaicana, foi encontrado parcialmente escondido num armazém de madeira próximo à Great Northern Street, em Huddersfield. Profundas feridas na cabeça com instrumento contundente e punhaladas pelo corpo. A falecida era prostituta e tinha se mudado recentemente de Bradford para Huddersfield. Seu desaparecimento foi comunicado em 26 de janeiro pela pessoa que morava com ela, também uma prostituta na ativa. Foi vista pela última vez na terça-feira, dia 24 de janeiro,

por essa mesma amiga, às 21h, na Great Northern Street, em Huddersfield, entrando num sedã azul-escuro, provavelmente um Audi 100LS, conduzido por um homem branco de aproximadamente 35 anos e boa aparência.

Parei, depois escrevi:

Bradford?

Pessoa que morava junto?

Registros do departamento de tráfego?

Segui em frente:

Às 8h15 de sábado, 27 de maio de 1978, o corpo de uma mulher foi encontrado num terreno baldio da Livingston Street, esquina com a April Street, em Brunswick, Manchester, nos fundos da Royal Infirmary. A falecida foi identificada como sendo Doreen Pickles, nascida no dia 8/8/1940, pseudônimo Mary Brown, pseudônimo Anne Pickles. A falecida era uma prostituta fichada, e a área logo atrás da Royal Infirmary é um local reconhecidamente frequentado por prostitutas e seus clientes. A morte aconteceu por conta de golpes na cabeça com um instrumento contundente, um golpe forte no abdômen e uma estocada no pescoço. A hora estimada do óbito foi estabelecida entre meia-noite e três da manhã do dia 27 de maio.

Parei, pensando:

A morte seguinte acontecerá um ano depois.

Rever os arquivos de assassinatos de outras prostitutas no Norte da Inglaterra não atribuídos ao EY, de 1970 a 1980.

Olhei para o chão, para a cama, para os móveis baratos do Griffin. Olhei para o relógio, baixei o som do rádio, peguei o telefone que estava na cama e consegui uma linha, conferi o horário do meu relógio com o serviço telefônico, voltei a colocar o fone no gancho, aumentei o som do rádio e me deitei sobre as anotações, em cima da cama.

Et sequentes.

Não vou mais dormir.

Não vou mais dormir, apenas...

Duas asas enormes que saem das costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas negras que me jogam para baixo, pesadas, que me impedem de ficar de pé.

Não vou mais dormir, apenas...

Asas, asas que saem das costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas negras que pesam muito, que...

E desaparecem...

Sem mais nem menos.

A *Exegese* gravada no meu peito, minhas unhas sangram, quebradas...

Et sequentes.

Não vou dormir, apenas...

No meio da noite escura, num canto escuro do quarto:

Olhei para o relógio, baixei o som do rádio, peguei o telefone que estava na cama e consegui uma linha, conferi o horário do meu relógio com o serviço telefônico, voltei a colocar o fone no gancho, aumentei o som do rádio e atravessei o quarto escuro em direção ao canto escuro.

Lá estava a caixa da senhora Hall.

Acendi a luz e abri:

A caixa de Eric.

Pastas, pilhas de pastas e duas fitas:

A e B.

Levei as fitas Memorex ao gravador portátil Boots. Desliguei o rádio e inseri a primeira fita.

Apertei o *play*.

Sentei-me na cama, peguei uma das pastas e comecei a ler, enquanto a fita rolava:

– Ele me bateu, e muito. Bem aqui, na merda deste estacionamento.

– Eric, Eric...

– Não tem nada de Eric isso, Eric aquilo. Esse idiota pegou o meu maldito carro, entrou na porra da minha casa.

– Eric, Eric...

– Quero que acabem com esse Fraser, mas que acabem com jeito.

– Eric, cale a boca e escute.

– Não. Cale a boca você, e escute você: estou dizendo que ele entrou na minha casa, na minha maldita casa, e que está rodando por aí com a merda do meu carro, e que ele sabe de tudo. De tudo. Quero que me diga o que vai fazer com esse idiota.

– Eric. Estou falando sério. Me escuta: já está feito.

– Feito? O que está feito?

– Não se preocupe. Está encerrado.

– Encerrado? E o carro? Onde está a porra do meu carro?

– Um dos caras vai trazer de volta.

– Mas o que aconteceu?

– Eric, em uma outra hora. Agora não.

– Eu quero saber!

– Não, Eric. Você não quer.

Eject, troco o lado da fita, aperto *play*.

– Estou cansado. Não aguento mais essa merda. Primeiro Fraser, agora o maldito Hunter.

Parei de ler.

– Eric, você se preocupa demais.

As mesmas vozes:

– Peter Hunter está vindo para cá e você me diz que me preocupo demais? Eu já estou fodido graças a esse cretino do Fraser, agora tenho que conversar com esse Hunter de merda?

– Não diga nada, Eric.

– Para você tudo bem, certo? Não é Leeds nem Manchester. É a droga de Bradford.

– Eric, pelo amor de Deus.

– Veja o que aconteceu com o Esquadrão do Pornô, Moody e Virago.

– Eric, eu conheço Peter Hunter e sei que ele não é um problema.

– Isso é o que você diz.

– Sim, é o que eu digo, e você vai fazer o que eu mandar.

– Caso contrário...?

– Eric, não comece a foder.

– Não. Eu quero saber o que vai acontecer se não me comportar bem, se não fizer o que estão me pedindo.

– Eric, nós somos os seus únicos amigos. Pare de foder.

– Caso contrário...?

– Caso contrário vamos te foder.

Uma pausa, silêncio.

– Sinto muito, só estou chateado.

– Eu sei que está. Todos estamos.

– Vou ter que levar a culpa?

– Não. Nada disso.

– Não posso ficar fazendo hora, Richard. Não posso.

– Não será preciso.

– O que você quer dizer?

– Vamos cuidar de você.

Parei a fita.

O meu coração batia forte, minha boca estava seca.

Pensando:

Junho de 1977.

Pensando:

Richard?

Escrevendo:

Leeds? Manchester?

Disse em voz alta, sozinho:

– Santo Idiota.

Peguei a fita A e troquei pela B:

– Ela está morta.

– O que você quer que eu diga?

Uma voz diferente, familiar.

– Quero saber quem fez isso.

– Eric, ela está morta. Deixe para lá.

– Foi Fraser?

– Eric, você precisa superar isso. Fraser está dizendo que foi você. Eles estão indo aí para conversar.

– Não posso.

– Mas tem que fazer.

– Foi ele?

– Sei lá. E não importa.

– Claro que importa, porra.

– Não, não importa. O que importa é que você fique junto e sobreviva a tudo isso.

Parei.

Eject, viro o lado e aperto *play*:

– Ele tinha a porra da revista, certo?

– O que ele queria?

– Dinheiro. Medalha. O que mais?

– Quanto?

– Cinco mil.

– Pague.

– Mas ele é um maldito jornalista, voltará sempre.

– Não, ele não vai voltar.

– Tem certeza?

– Confie no seu tio Bob.

Parei.

O meu coração batia forte, a minha boca estava seca.

Pensando:

Junho de 1977.

Pensando:

Tio Bob?

Escrevendo:

Detetive inspetor Robert Craven?

No fundo da caixa, uma revista.

Uma revista pornográfica:

Spunk.

Edição de 13 de março de 1976.

65 p.

Dentro.

SPUNK é editada por MJM Publishing Ltda. Impressa e distribuída por MJM Printing Ltda., Oldham Street, 270, Manchester.

Virei as páginas, os corpos e cabelos, os rostos e aqueles olhares.

Página 7:

Uma menina de cabelos pretos com as pernas abertas, a boca aberta e os olhos fechados, um pau na sua cara e sêmen nos lábios.

Disse em voz alta, sozinho:

– Janice Ryan.

Não vou mais dormir.

Não vou mais dormir, apenas...

Duas asas enormes que saem das costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas negras que me jogam para baixo, pesadas, que me impedem de ficar de pé.

Não vou mais dormir, apenas...

Asas, asas que saem das costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas negras que pesam muito, que...

E desaparecem.

Sem mais nem menos.

A *Exegese* gravada no meu peito, minhas unhas sangram, quebradas...

Et sequentes.

metida no seu peito uma garrafa quebrada de refrigerante cortes que não vão parar de sangrar feridas que nunca serão curadas pensamentos perdidos e pensamentos encontrados transmissão doze meio-dia domingo dia doze de junho de mil novecentos e setenta e sete o corpo de janice ryan vinte e dois anos prostituta foi encontrado escondido sob um velho sofá num terreno baldio próximo à white abbey road em bradford a morte foi causada por sérias feridas na cabeça feitas por golpes com um instrumento contundente ou pedregulho ou pedra e acredita-se que a morte aconteceu cerca de sete dias antes por conta da decomposição parcial do corpo o assassino pulou sobre o seu peito quebrando costelas que perfuraram o fígado nenhuma punhalada e acredita-se pelo padrão das feridas que esta morte não está conectada às mortes de outras prostitutas atribuídas ao estripador os cortes que não vão parar de sangrar feridas que nunca serão curadas sonhos ocultos temas psíquicos crimes de guerra para mapear as esferas do demônio com teias e fios que unem os dias um homem entre monstros interrupções e cicatrizes eles com seus pensamentos perdidos e pensamentos encontrados tanto terror pode esse martelo causar seu sutiã fora puxado para cima dos seios calcinhas puxadas para baixo da região púbica saia removida estava sob o corpo ela fora morta em outro lugar e arrastada pelo colarinho ao sofá sua bolsa não foi encontrada quando o corpo foi descoberto seu braço esquerdo enredado nas molas do sofá indicando que o assassino o colocou lá autópsia determinou por pelo menos quatro horas após a morte alguns dia após a morte seu corpo foi removido e uma manchete do yorkshire post datada de sábado onze de junho de mil novecentos e setenta e sete vítimas de um ódio ardente logo abaixo não poderia ter sido golpeada lá foi posta lá deliberadamente depois removida no topo as feridas que não vão parar de sangrar das feridas que não serão curadas sonhos ocultos sonhos ocultos temas psíquicos crimes de guerra para mapear as esferas do demônio com teias e fios que unem os dias um homem entre monstros interrupções e cicatrizes eles com seus pensamentos perdidos e pensamentos encontrados tanto terror pode esse martelo causar seis seis seis vezes um assassino mais vítimas como a caça policial ao assassino diz não haver imitadores querido george do inferno eu sinto muito não posso lhe dizer o meu nome por razões óbvias e eu sou o estripador e estou sendo chamado de maníaco pela imprensa mas não por você você me chama de esperto pois você sabe que sou você e os seus rapazes não têm ideia que aquela foto no jornal tem alguma coisa a ver e aquela história sobre me matar sem chances tenho coisas a fazer meu propósito é limpar as ruas das putas meu único arrependimento é aquela menina johnson eu não sabia pois ela mudou a rotina aquela noite mas eu avisei a vocês e ao jack do post vocês dizem que são cinco mas tem uma surpresa em bradford para você alerte as prostitutas que fiquem longe das ruas pois eu sinto que acontecerá novamente sinto muito por aquela menina atenciosamente jack o estripador talvez escreva novamente mais tarde não tenho certeza se a última realmente merecia as prostitutas são cada vez mais jovens uma mais velha da próxima vez acho que o cadáver foi bem escondido sob o cascalho e a grama depois um sofá abandonado foi posto por cima de tudo aparentemente algum tempo após a autópsia indicou que o braço estava bem enredado nas molas do sofá as franjas do sofá foram postas na boca dela e a autópsia revelou

que estava grávida e disse a um amigo que eu ganharia algum dinheiro e ele dirigia lentamente quando freou de repente por causa do carro em frente eu reconheci o carro e bati no vidro entrei e ele disse de onde você saiu tão de

10

Oldham Street, Manchester.

Sábado, 20 de dezembro de 1980.

No carro, com o rádio ligado:

Suprimentos para acabar com os Protestos Sujos na Irlanda, pois quarenta homens pegaram comida.

Mais policiais londrinos suspensos por conta da operação Countryman.

Busca por gangue de assassinos sádicos de ex-policial e sua filha.

Funeral de Laureen Bell, vítima do Estripador.

Desliguei o rádio, saí do carro e atravessei a rua.

Chovia, uma chuva fria e suja de Manchester.

Uma chuva de funeral.

Oldham Street, número 270, edifício escuro, anterior à guerra, seis ou sete andares sem luz.

Nas portas, nomes gravados em placas, várias empresas têxteis e de confecções de roupas.

Nada de MJM Publishing ou Printing.

Merda.

Dei uma olhada em volta, os escritórios do andar estavam vazios.

Escadarias de pedra à esquerda, um elevador à direita.

Subi as escadas.

No primeiro andar, luzes e um leve som de máquinas.

Bati na velha porta de vidro que dizia *Manchester Divan* e a abri.

Era uma sala grande, com mesas e arquivos próximos à porta, máquinas e outros equipamentos nos fundos. Várias mulheres indianas ou paquistanesas com vestidos brilhantes trabalhavam nas máquinas. As janelas eram cinzentas e não deixavam entrar luz, a sala cheirava a suor.

Um velho indiano ou paquistanês, com barba e chapéu, ergueu os olhos da sua mesa e disse:

– Sim?

– O meu nome é Peter Hunter, sou policial – eu lhe disse, mostrando meu distintivo.

– Sim? – ele repetiu, nervoso.

– Estou procurando uma empresa chamada MJM Publishing ou MJM Printing. Acho que eles tinham escritório aqui neste prédio.

– Sim, estavam no terceiro andar – ele respondeu, concordando com a cabeça.

– Lembra-se de quando saíram?

– Há dois ou três anos.

– E você sabe o que aconteceu? Fecharam? Ou para onde foram?

– Não sei. Sinto muito – ele respondeu, fazendo que não com a cabeça.

– Quem é o dono do prédio?

– Asquith & Dawson são os administradores.

– Dawson?

Richard Dawson, homem de negócios, presidente de um dos partidos conservadores locais. Um amigo.

– Sim, Asquith & Dawson. O escritório fica perto da biblioteca.

– Obrigado – respondi, ouvindo na minha cabeça:

"Não posso ficar fazendo hora, Richard. Não posso."

No terceiro andar, onde a janela estava quebrada e havia poeira e lixo nos cantos, à frente da porta que ainda dizia *MJM Publishing & Printing Ltda.*

Do outro lado, um segundo escritório: *Linton & Sons.*

Nenhuma luz acesa, ninguém atendia à porta.

Fiquei de joelhos, remexendo o lixo à porta da MJM.

Nada, apenas lixo.

Tentei abrir a porta, que fez um barulho, mas achei melhor não entrar.

Quase 10h30.

Delegacia Central de Manchester.

Décimo primeiro andar.

Sala do assistente-chefe de polícia.

A minha sala.

Exatamente como eu a deixara, exceto pela pilha de correspondências na bandeja.

Atravessei o corredor e bati à porta do chefe de polícia.

– Entre.

Abri a porta.

O chefe de polícia Smith estava atrás de sua mesa, ao som de canções de Natal.

– Bom dia – cumprimentei.

– Imaginei que estivesse em Leeds – ele disse, sem erguer os olhos.

– Sim, eu deveria estar lá, mas algo aconteceu e imaginei que o senhor devesse saber.

– O que foi dessa vez? – ele perguntou, erguendo os olhos.

– MJM Publishing & Printing?

Ele balançou a cabeça.

– Nunca ouvi falar.

– Ficava na Oldham Street, publicava pornografia.

– Sério? Pornografia? – ele perguntou, olhos brilhando.

Ódio.

– O tipo de coisa que se faz por baixo dos panos – comentei, tentando atrair sua atenção.

– Sério? Na Oldham Street? Sente-se, por favor.

Fiz que sim.

– Vá em frente – ele disse.

– Janice Ryan está numa dessas revistas.

– E?

– Encontrei um exemplar entre os papéis de Eric Hall. Hoje de manhã fui checar o endereço e descobri que a MJM fechou ou se mudou. Mas adivinha quem administra o prédio?

– Da Oldham Street? Quem?

– Asquith & Dawson.

– A empresa de Richard Dawson?

– Exatamente.

– Isso não significa nada – ele disse, dando de ombros. – A Asquith & Dawson deve controlar metade dos edifícios de Piccadilly. Eles administram o Arndale, certo?

– Mas existe uma ligação evidente aqui com o Estripador, certo?

– Na quarta-feira você disse que Ryan talvez não tenha sido morta pelo Estripador.

– Não sei, mas tenho certeza de que existe uma ligação entre Dawson, Douglas, Whitehead e o que ouvimos naquela fita. A ligação que buscávamos.

– Que buscávamos? Que *você* buscava.

– Tudo bem. A conexão que eu acho que devemos buscar: Dawson, Douglas, Whitehead, Hall, Ryan e agora de volta a Dawson.

– E você também, Pete. Não se esqueça de você.

Nas escadarias escuras...

– Tudo bem – respondi. – Eu também.

O chefe de polícia Clement Smith fungou o nariz e disse:

– Roger comentou que você não fez muitos progressos com Jack Whitehead.

– Não.

Ele suspirou, recostou-se na cadeira e disse:

– Dawson voltará na segunda de manhã. Você estará aqui?

– Acho que não. Pelo menos não de manhã.

– Então converse com Roger para ver se ele pode levar adiante essa história da MJM e peça que pergunte alguma coisa na segunda-feira.

– Certo – respondi, levantando-me.

– Pete?

– Senhor? – perguntei, já na porta.

– Você parece exausto – ele disse, olhando para o trabalho em cima da mesa. – Gostaria de parar com todas essas idas e vindas para cá?

– Estou cansado, sim.

– Se for muito esforço para você, é só avisar.

– Não. Está tudo bem.

Ele ergueu os olhos.

– Conversou com Philip Evans recentemente?

– Não.

– Mas deveria. E deveria contar tudo isso a ele.

– Vou contar.

– Melhor que ele escute primeiro de você.

Concordei e fechei a porta.

– Que mundo pequeno, concorda? – perguntou Roger Hook, apertando a minha mão.

Sentados em seu escritório, bebendo café com bolinhas de leite em pó na superfície.

– Sei lá, eu não acho.

– O quê?

– Não acho que seja pequeno.

– Deixa eu entender tudo isso. Você está me dizendo que o seu colega picareta alugou um imóvel para uma revista pornográfica que usou Janice Ryan como modelo. A mesma Janice Ryan que transava com Robert Fraser e Eric Hall, a mesma mulher que foi morta pelo Estripador. E está dizendo também que Jack Whitehead tentou chantagear Eric Hall, e que, três anos mais tarde, as impressões digitais de Jack apareceram numa fita cassete, na qual também aparece o seu nome, que foi encontrada na boca de um ex-policial de Yorkshire, um ex-policial morto que trabalhava para... espera, espera... que trabalhava para Richard Dawson, o próprio picareta. Seu amigo. Mas o mundo não é pequeno, né, Pete?

– E não é.

– O que é então?

– O mundo é grande, sombrio e sangrento, repleto de milhares de infernos sombrios e sangrentos, e quando esses infernos se chocam é hora de nos sentarmos para tentar entender o que está acontecendo.

Silêncio.

Roger Hook, desconfortável, tomou um gole de café frio antes de perguntar:

– E agora?

– Vou à Asquith & Dawson tentar saber o que aconteceu com a MJM Publishing.

– Não precisa. Peça a Ronnie que vá até lá.

Revirei os olhos e me levantei.

– Tá bom, o Ronnie não. Qualquer outro. Isso é trabalho braçal.

– Eu gosto de trabalho braçal.

– Divirta-se – ele disse. – Aliás, você sempre se diverte.

Parei à porta, me virei e disse:

– Diga uma coisa: alguém conversou com aquele cara de Stanley Royd, Leonard Marsh?

– Merda. Sinto muito.

– Não se preocupe. Eu mesmo farei isso quando voltar.

– Parece mesmo que você gosta de trabalhar – disse Hook, sorrindo.

– E não é que é verdade? – concordei.

Asquith & Dawson, uns escritórios enormes na esquina da Mosley com a Princess Street.

Na recepção, perguntei à jovem com suéter de gola alta:

– Poderia falar com o senhor Dawson?

– Não – ela respondeu. – Hoje é sábado.

– Sou da polícia, minha querida. E sei que hoje é sábado.

– Mas ele não está – ela respondeu, com os olhos cheios de lágrimas.

– Certo. Então preciso que você me ajude com algumas informações.

– Acho que não seria capaz.

– Por que não?

– Sou nova aqui.

– Tem alguém mais antigo por aqui?

– Não. Hoje é sábado. Desculpe, quero dizer, não.

Suspirei.

– Está sozinha, então?

– Todos estão fora – ela respondeu.

– E quando voltam?

– Não sei.

– Certo – eu disse, pegando meu distintivo. – Gostaria que você encontrasse os registros de uma propriedade que fica na Oldham Street, número 270.

– Mas eu não sei como.

– Só quero que procure um endereço de encaminhamento.

– Um endereço?

– Sim, quem usava o imóvel se mudou e preciso entrar em contato com eles. É um importante assunto de polícia.

– Mas eu não sei onde eles guardam esse tipo de informação.

– Onde estão os registros?

– Lá em cima, no último andar. Eu acho.

– Você poderia me mostrar?

– O senhor Asquith disse que eu não deveria sair do balcão.

– Certo. Não quero que tenha problemas. Eu mesmo vou lá em cima, dou uma olhada e volto num segundo.

– Não sei se seria correto.

– Está aberto?

– Sim, está aberto, mas...

– Certo. Então você fica com isto – eu disse, entregando-lhe o meu distintivo. – Caso tenha alguma dúvida, ligue para a delegacia central de Manchester. Volto em cinco minutos.

E deixei o meu distintivo e comecei a subir as escadas.

– Último andar? – perguntei.

Ela fez que sim, olhando a minha credencial.

Subi as escadas de dois em dois degraus, passando por escritórios vazios, com seus grandes computadores amarelados e seus vasos de plantas mortas, seus pôsteres de terras estrangeiras e papéis de parede em tom pastel.

No topo das escadas, encontrei uma porta.

Abri e...

Merda:

Olhei para as filas e filas de arquivos.

Caminhei entre as filas e filas de arquivos, dando uma olhada nas gavetas, nas propriedades listadas com referências obscuras.

Fui em frente, entre outra fila de arquivos, olhando as gavetas enquanto caminhava.

Bingo.

Registros de clientes.

Desci até o *MS.*

Abri a gaveta marcada *Mi-Mo.*

Dei uma olhada, outra, e mais outra.

Sim:

MJM Publishing & Printing Limited.

Uma pasta gorda, envolta em papel craft.

Queria fazer cópias, mas não seria possível.

Dei uma olhada, outra, e mais outra.

Procurava um endereço de encaminhamento.

Sim:

MJM Publishing Ltd., 230, Bradford Road, Batley, West Yorks.

Anotei e saí.

Desci as escadas.

A jovem na recepção continuava segurando a minha credencial, olhando para ela.

– Obrigado – eu disse.

Ela me entregou a identificação.

– Qual o seu nome? – perguntei.

– Helen.

– Bonito nome – comentei. – O meu preferido.

– Obrigada – ela disse, sorrindo.

– Tchau – eu disse.

– Tchau.

De volta ao escritório, telefonei para Philip Evans:

– Alô, aqui é Peter Hunter. Eu poderia falar com o senhor Evans, por favor?

– Ele não veio trabalhar hoje.

– Certo. Ligo na segunda-feira, então.

– Sinto muito, mas o senhor Evans não voltará até depois do Natal.

– Sério? Ah, obrigado.

– Tchau.

– Tchau.

Coloquei o fone no gancho e fiquei olhando para a porta fechada, pensando... Dei uma olhada na minha agenda, procurando o telefone da casa de Evans.

Não estava lá.

Peguei o telefone e liguei novamente para o seu escritório, mas a linha estava ocupada.

Pouco depois, voltei a ligar, mas a linha continuava ocupada. Então, voltei aos cartões e cartas na minha bandeja.

Por volta das três, liguei para Leeds.

– Eu poderia falar com o chefe superintendente Murphy, por favor?

– Quem gostaria?

– O assistente-chefe de polícia Hunter, de Manchester.

– Espere.

Esperei.

– O chefe superintendente Murphy não está.

– Obrigado.

Coloquei o telefone no gancho e fiquei olhando para a porta, pensando.

Voltei a pegar o fone e ligar mais uma vez para o escritório de Philip Evans:

Ninguém atendeu.

Voltei aos cartões e cartas na minha bandeja.

Cerca de quatro e meia, liguei para Wakefield:

– Eu poderia falar com o chefe de polícia, por favor?

– Quem gostaria, por favor?

– O assistente-chefe de polícia Hunter, de Manchester.

– Um momento, senhor.

– Obrigado.

Esperei.

– Alô, aqui é o chefe de polícia Angus.

– Sinto muito perturbar, senhor. Aqui é Peter Hunter.

– Em que posso ajudá-lo, senhor Hunter?

– Gostaria de poder conversar rapidamente com alguns dos seus detetives seniores, com os que estiveram envolvidos no inquérito.

– Sei.

– Seria um problema?

– Acho que não, desde que eles possam ser destacados.

– Claro.

– Sobre quem estamos falando?

– Dick Alderman e Jim Prentice.

– Certo. Quando?

– Amanhã?

– Amanhã? Amanhã é domingo.

– Eu sei, mas daqui a pouco será Natal. A conversa será breve.

– Vou ligar para Pete Noble e ver o que podemos fazer.

– Obrigado, senhor.

– Pedirei que ele entre em contato com o senhor em Millgarth?

– Não, senhor, estou em Manchester.

– Manchester? Alguma novidade sobre Bob Douglas?

– Não, senhor.

Uma pausa.

– Sei. E quando você dará a honra de sua presença aqui?

– Amanhã de manhã.

– Tudo bem. Eles o estarão esperando, caso contrário enviaremos um recado.

– Posso ligar mais tarde?

– Não, vá para casa, senhor Hunter.

– Obrigado – agradeci, mas ele já desligara.

Coloquei o fone no gancho e fiquei olhando para a porta, ouvindo o rádio:

Os resultados do futebol:

13 a zero.

Poucos minutos mais tarde, levantei, peguei o meu casaco que estava pendurado atrás da porta, apaguei a luz e saí, trancando a porta.

Um minuto depois, voltei para checar, depois fui embora.

Vaughan Industrial Estate, Ashburys.

A cena do crime:

Estava escuro quando estacionei no terreno baldio vazio, havia apenas um carro de polícia parado na escuridão, um carro parado ali para observar a...

MORTE.

Todos os deuses do Norte estão mortos, moribundos.

Os trens passavam, os cães ladravam, um homem gritava coisas que eu não entendia.

Caminhei entre as crateras ainda repletas de água parada, com uma lanterna na mão, cumprimentando com a cabeça os policiais na viatura.

À minha frente, os vultos do edifício... sombrio e alto, olhos mortos, e eu estava ali para observar a...

MORTE.

Uma figura caminhando, uma figura espantosa...

Os trens passavam, os cães ladravam, um homem gritava coisas que eu não entendia.

Virei o corpo, mas não havia ninguém.

Na porta, desliguei as fitas que giravam na minha cabeça, estava ali para escutar:

MORTE.

Este é o local, os cisnes soltos.

Entrei.

As bancadas, as correntes e as ferramentas, as máquinas em silêncio.

Dei um passo à frente, ouvindo:

MORTE.

Asas reduzidas a pó, pornografia...

Passei minha mão pelo banco pesado, pelas manchas escuras, pelos entalhes e gravações, pelas mensagens, pelos sinais e símbolos.

O grito do vento através da janela...

A lanterna entre as correntes, um projetor.

MORTE.

All this and heathen too.

O raio de luz surge pela fresta da porta.

Caminhei até a porta e a abri, pela terceira vez.

A banheira enlameada, a água suja, a luz vindo de cima, vindo da...

MORTE.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Curvei-me e passei minha mão pelos cantos escuros, sobre a água pesada, entre os arranhões e marcas, as mensagens, os sinais e os símbolos.

Na minha mão, água escura e sangrenta.

Mirei a luz da lanterna em minhas mãos, observando:

MORTE.

Nunca a deixe dormir.

Virei o corpo e caminhei em direção à porta, seguindo a luz da lanterna, iluminando do teto ao chão, de parede a parede e, depois, de volta ao chão.

Acima da porta, nas vigas acima da porta.

Suásticas, grandes e brancas suásticas e as palavras:

ETROM.

Etrom ad acirbáf.

Fiquei sentado no carro, na frente da minha casa.

As luzes da árvore de Natal acesas lá dentro.

Desliguei o rádio e entrei.

Joan assistia à televisão.

– Oi – cumprimentei.

– Pensei que não fosse voltar hoje – ela disse, levantando-se e me dando um beijo na bochecha. – Você está gelado.

– Tinha coisas para resolver por aqui.

– Deveria ter me avisado – ela disse, seguindo para a cozinha. – Está com fome?

– Não – respondi.

– Um sanduíche?

– Não. Estou bem.

Ela voltou com uma xícara de chá.

– Tome.

– O que você está vendo? – perguntei.

– *Christmas at Robin's Nest* – ela respondeu, sorrindo e sentando-se ao meu lado no sofá.

– Engraçado?

– Eu acho – ela respondeu, dando de ombros.

Inclinei o corpo para a frente e peguei o folheto de adoção que estava sobre a mesa de centro.

– Um bebê vietnamita? – perguntei.

Ela fez que sim.

– O que você acha?

– Já disse que acho uma boa ideia.

– Sério?

– Sério. O que precisamos fazer?

Ela me entregou um formulário e disse:

– Temos que preencher isso, enviar, e eles nos chamarão para uma entrevista.

– Parece fácil, ótimo. Me dê uma caneta.

– Tem certeza? – ela perguntou.

– Positivo, meu amor.

– Obrigada – ela disse, sorrindo. – Obrigada.

Eu o pego, faço com que pare de matar mães, que pare de deixar crianças

órfãs, e você nos dá uma, apenas uma.

No meio do filme, o telefone tocou:

– Peter Hunter falando.

– Peter? Aqui é Richard.

Merda.

– O que posso fazer por você, Richard?

– Esteve no meu escritório hoje?

– Estive.

– E que merda foi fazer lá?

– Fui te procurar.

– Me procurar? Por quê? O que aconteceu?

– Acalme-se.

– Porra, isso passou dos limites.

– Richard, veja bem: eu só queria fazer algumas perguntas sobre uma propriedade que você alugou a uma empresa. Só isso.

– Empresa? Que empresa?

– Não por telefone, Richard. Conversaremos sobre isso na segunda-feira.

– Não, não vamos. Vamos conversar agora.

– Não é boa ideia.

– Também não foi boa ideia entrar no meu escritório sem um mandado.

Merda, merda.

– Richard...

– Que empresa?

Merda, merda, merda.

– MJM Publishing.

Uma pausa, um silêncio, então:

– O que tem eles?

– Veja bem, Richard, nos vemos na segunda-feira.

– Vá se foder, Peter. Qual o problema com essa empresa?

– Provavelmente você não tem nada a ver com isso.

– Provavelmente eu não tenho nada a ver? Mas o que aconteceu então?

– Certo... A verdade é que, de certa forma, o nome deles está relacionado com o caso do Estripador.

– Do Estripador? O Estripador de Leeds?

– Exatamente.

– E daí?

– E quando fomos checar o edifício descobrimos que fora alugado por vocês.

Outra pausa, silêncio.

– É isso?

– Você tem algo a dizer?

Uma pausa mais longa, silêncio, finalmente:

– Não há nada a ser dito. Colin negociou com eles.

– Certo. Então não se preocupe.

– Não vou me preocupar.

– Tchau, Richard.

– Nos vemos na segunda-feira – ele disse, desligando.

Merda.

Na Sala de Guerra, à noite.

As fotografias e os mapas.

O computador e as fitas.

Os papéis e a pornografia.

As palavras e as anotações, a *Exegese.*

Os corpos e os rostos, *Spunk.*

Página 7.

Uma menina de cabelos pretos com as pernas abertas, a boca aberta e os olhos fechados, um pau na sua cara e sêmen nos lábios.

Na Sala de Guerra, à noite, de joelhos.

Na frente das fotos e dos mapas.

O computador e as fitas.

Os papéis e a pornografia.

As palavras e o corpo, as anotações e o rosto dela.

Exegese e *Spunk.*

Página 7.

Uma menina de cabelos pretos com as pernas abertas, a boca aberta e os olhos fechados, um pau na sua cara e sêmen.

Início de junho de 1977.

Estávamos sentados na sala A10 da delegacia central de Manchester.

No quadro-negro, escrevi:

Divisão de Costumes de Bradford.

– Alguma ideia de onde surgiu a dica? – perguntou Mike Hillman.

– Obviamente alguém de dentro, mas não tenho nomes – respondi, fazendo que não com a cabeça.

– Algo deverá surgir – disse Murphy, dando de ombros.

– Não há muito o que possamos fazer sobre isso – respondi, balançando a cabeça.

– Quando alguma coisa surgir, seja legal com quem quer que esteja envolvido – disse Murphy, sorrindo.

– Quem pegamos? – perguntou Hillman.

– A declaração implica vários oficiais seniores.

– Merda – disse Murphy.

– Porém – continuei – apenas um nome foi dito, o do detetive inspetor.

Fiquei de pé e escrevi duas novas palavras no quadro:

Eric Hall.

Acordei na Sala de Guerra, no meio da noite, de joelhos.

Deixei tudo de lado e desliguei o computador, o gravador, o aquecedor e a luz.

Voltei para dentro de casa, para o andar de cima.

Joan estava dormindo.

Liguei o rádio, tirei a roupa e me deitei ao seu lado.

Fiquei olhando para o teto, ouvindo música *country*, tentando me manter acordado, mas...

Etrom ad acirbáf, *em sangue, acima da porta.*

A lua brilhava através da claraboia e eu olhava para ela deitada na banheira. Magra e patética, vestindo uma espécie de mortalha, com os lábios curvados num leve e espantoso sorriso, as mãos pressionadas com força sobre o coração. À nossa volta, as pessoas cantavam hinos, pessoas sem rosto, sem feições, máquinas.

Etrom ad acirbáf, *em sangue e entre suásticas, acima da porta.*

Virei o corpo e fui embora, e tudo do lado de fora estava pálido e sem feições, exceto a viatura policial estacionada, exceto a viatura policial, as gaivotas brancas e os corvos pretos que sobrevoavam em círculos acima da cabeça, gritando...

Helen Marshall e a menina gritando:

– Soti ríp seo ãvrat am Hunter!

... e em seguida um tiro.

repente e eu disse foi certeiro podemos dizer que foi o destino e saímos transmissão cinco da sala dos mortos encontrada na segunda-feira vinte e oito de novembro de mil novecentos e setenta e sete em southern cemetery em manchester elizabeth mcqueen morta há uma semana ou mais por danos ao cérebro causados por golpes na cabeça com um martelo ou machado várias lacerações *post-mortem* um total de dezoito punhaladas nos seios e peito no estômago e vagina estômago estripado intestinos para fora feridas de faca do ombro esquerdo ao joelho direito e havia seis outras feridas no lado direito alguns dos cortes com vinte centímetros de profundidade uma tentativa sem sucesso de cortar sua cabeça o corpo então foi atacado pelos vermes do campo uma bolsa não foi encontrada aparentemente de vinil acredita-se que era marrom-escura vinte centímetros de largura quinze de altura e sete de espessura com duas alças de mão e uma de ombro feitas do mesmo material fechada com zíper e uma tira com fecho lateral a bolsa tinha também dois bolsos externos e continha aproximadamente quinze libras em notas do banco da inglaterra cosméticos e alguns pedaços de crepom amarelo as crianças na cama sentindo falta da mamãe as crianças acordadas sentindo falta da mamãe as crianças comem cornflakes no café da manhã sentindo falta da mamãe as crianças se vestem sentindo falta da mamãe as crianças vão para a escola sentindo falta da mamãe as crianças brincam com os amigos no frio sentindo falta da mamãe as crianças comem carne enlatada no almoço sentindo falta da mamãe as crianças escutam o professor ler uma história sobre uma aranha sentindo falta da mamãe as crianças compram chocolates texan no caminho para casa sentindo falta da mamãe as crianças comem feijões na hora do chá sentindo falta da mamãe as crianças tomam banho sentindo falta da mamãe as crianças assistem starsky & hutch sentindo falta da mamãe as crianças brigam sentindo falta da mamãe as crianças choram sentindo falta da mamãe as crianças dormem sentindo falta da mamãe as crianças sonham sentindo falta da mamãe as crianças têm pesadelos com a mamãe desaparecida e sem cabeça caminhando como todo mundo a mamãe segura sua cabeça cortada pelos cabelos a cabeça balançando nas suas mãos como uma lanterna e a cabeça olha para eles e diz da sala dos mortos das profundezas eu gritei ao senhor que escutasse minha voz ó senhor que seus ouvidos estejam atentos às minhas súplicas se o senhor encontrar imoralidade ó senhor que suporta mas não há perdão com o senhor e eu tenho suportado por causa de sua lei minha alma tem esperado por seu reino minha alma tem esperança em você senhor da manhã até a noite há uma esperança no senhor com o senhor existe misericórdia e com ele existe redenção e ele me redimirá de todas as minhas iniquidades e me oferecerá o descanso eterno ó senhor e deixe que a luz eterna brilhe sobre mim senhor nosso pai tenha piedade cristo tenha piedade de mim eu que fui conhecido no reno e no nilo como mad lizzie mas agora sou conhecido simplesmente como lady espaguete dois gordos esperando mas eu tinha que ir e o escolhi com seu sorriso agradável e suas roupas limpas que não assustariam ninguém subimos em direção ao southern cemetery pois é muito calmo aqui eu ri e ele sorriu e disse aposto que é e eu o guiei na escuridão onde ele me atingiu com um martelo e eu caí no chão e eu gemia e me atingiu novamente e novamente onze vezes depois me deixou sozinha até uma semana depois quando voltou e me arrastou para fora dos arbustos tirou toda a

minha roupa até as botas me apunhalou nos seios e no peito e com uma faca me abriu do joelho ao ombro com um pedaço de vidro quebrado

11

Sete e meia.

Domingo, 21 de dezembro de 1980.

Bradford Road, Batley, no meio do caminho entre Leeds e Bradford.

Estacionei perto de uma fábrica de lã que ficava no número 219 e atravessei a rua.

Passei por uma corretora, atravessei outra rua menor, que levava à Batley Grammar School, e encontrei, entre a loja de comida chinesa e uma farmácia...

O número 230 da Bradford Road, em Batley, West Yorks:

RD News.

Passei pelo jornaleiro, atravessei a rua, e fiquei parado bem perto do ponto de ônibus vermelho com os vidros quebrados, observando:

Uma porta, uma janela grande cheia de anúncios de Natal e aquecedores a gás no andar de baixo.

Uma janela, as cortinas fechadas no andar de cima.

Voltei a atravessar a rua e entrei na loja.

Um indiano ou paquistanês alto arrumava os jornais à frente do balcão.

Ele virou o corpo e acenou com a cabeça quando notou que eu entrara.

Olhei para as pilhas de jornais de domingo, para as caixas de chocolates e doces, para os tubos de gás e aquecedores, para as latas de comida de animais e carne processada, para os cartões de aniversário e de Natal, para as cervejas e os destilados, para os cigarros atrás do balcão, coberto com mais doces.

Busquei a prateleira mais alta.

Penthouse, Playboy, Escort, Razzle, Fiesta etc.

– Tem *Spunk*? – perguntei.

– O quê? – perguntou o indiano ou paquistanês.

– Uma revista chamada *Spunk*?

– Nunca ouvi falar – ele respondeu.

– Uma revista pornográfica.

– Nunca ouvi falar – ele repetiu, mas parou o que estava fazendo e foi para trás do balcão.

Peguei um *Sunday Mirror* que anunciava as fotos do funeral de Laureen Bell.

Paguei com dinheiro trocado e perguntei:

– Você é o dono da loja?

– O quê? – ele perguntou, guardando o dinheiro na caixa.

– Estou perguntando se esta loja é sua – repeti, olhando em volta.

– Por quê?

– Só queria saber.

– É alugada, na verdade, se é isso o que você quer saber.

– E o andar de cima também?

O indiano ou paquistanês estava de saco cheio e perguntou:

– O que você tem a ver com isso?

Peguei meu distintivo.

– Poderia ter dito antes.

– Você tem licença para vender essas coisas? – perguntei, fazendo um sinal para as bebidas alcoólicas.

– Tenho.

– Não vejo nenhum cartaz.

– Sinto muito. Estamos providenciando.

– Tudo bem, então – eu disse, dando de ombros.

Ele ficou de pé atrás da caixa registradora, nervoso.

– E quanto ao andar de cima?

– O quê?

– É seu?

– Já disse que apenas alugamos a loja.

– E o andar de cima? – repeti.

– Não.

– Quem usa então?

– Não sei.

– Não sabe quem mora aqui em cima? Qual é!

– Não sei.

– Quem sabe?
– O dono, eu acho.
– Quem é o dono?
– O senhor Douglas.
Merda.
– E cadê ele?
– Do outro lado dos Moors, em algum lugar.
– E você não tem o endereço, certo?
– Não.
– E como faz para pagar o aluguel?
– Ele vem aqui uma vez por mês.
– O nome dele é Bob?
– Certo. Ele era policial... você deve conhecer.
– Provavelmente – respondi. – Mundo pequeno.

Peguei a Bradford Road, atravessando Batley e entrando em Dewsbury, depois na Wakefield Road, passando por Ossett e entrando em Wakefield, com o rádio comentando o funeral de Laureen Bell:

"A igreja do vilarejo, lotada, escutou em lágrimas e silêncio a música preferida de Laureen Bell, 'Bridge Over Troubled Water', de Simon & Garfunkel, antes de o vigário ler o evangelho de São João."

No centro de Wakefield, estacionei ao lado do Bullring, olhando para o primeiro andar do Strafford.

O primeiro andar do Strafford, que continuava abandonado, mesmo após tantos anos.

Depois de tantos anos, de volta àquele maldito, grande e sombrio mundo.

Aquele maldito, grande e sombrio mundo repleto de milhares de infernos malditos e sombrios.

Milhares de infernos malditos e sombrios naquele maldito mundo grande e sombrio, que encolhia cada vez mais.

Onde os infernos se chocam:

Despertando o medo.

Janeiro de 1975, aquela segunda semana.

Neve escura no Bullring, uma fita azul mantendo a calçada e a entrada vazias.

Clarkie e eu passando por cima da fita, Clarkie dizendo:

– Então, à uma e meia, quando estavam a ponto de sair, Craven e Douglas recebem a chamada... tiros no Strafford. E enquanto Wood Street reunia as forças especiais, Craven e Douglas estacionam bem aqui na frente e entram.

– A chamada foi feita à 1h28. Anônima?

– Sim – respondeu Clarkie. – Anônima.

Começamos a subir as escadas que estavam à esquerda da entrada e seguimos em direção ao bar.

– Eles sabiam que tiros tinham sido disparados e que a polícia especial fora chamada... mas ainda assim vieram até aqui?

– São policiais heróis, lembra?

– Estúpidos, é o que parece.

No topo das escadas, abri a porta.

Duas semanas depois e ainda fedia a fumaça, ainda fedia às coisas ruins que tinham acontecido ali, ainda fedia a morte.

O espelho e os vidros atrás do bar, estilhaçados; a jukebox *num canto, destruída; os carpetes manchados e móveis quebrados.*

– Então ele entraram, viram corpos e homens encapuzados e bang! Douglas recebeu uma bala no ombro e caiu. Craven levou uma bala na cabeça. E então os atiradores foram embora, minutos antes da chegada dos Especiais – Clarkie disse.

Eu fazia que sim, pegando o relatório das forças especiais, lendo em voz alta:

– Terça-feira, 24 de dezembro de 1974, 1h45. Oficiais chegam ao pub *Strafford, em Wakefield, respondendo aos avisos de tiroteio. Ao chegarem, encontraram o andar de baixo vazio e subiram as escadas. Entrando no bar do primeiro andar, encontraram pessoas mortas na cena do crime, três seriamente feridas, duas baleadas. Não havia qualquer sinal dos responsáveis e chamadas foram feitas para montar imediatamente barreiras nas ruas. Ambulâncias foram chamadas e chegaram à 1h48.*

Parei de ler.

Clarkie estava agachado, os olhos fechados.

– Em que você está pensando? – perguntei.

Ele ergueu os olhos, dizendo:

– Vamos recapitular um pouco.

Concordei.

– Precisamos descobrir o que aconteceu antes de Craven e Douglas, antes da chegada dos Especiais.

– Vá em frente – eu disse.

– Bem, analisando os esboços e as fotografias – ele disse, fazendo exatamente isso –, vemos que a garçonete, Grace Morrison, estava bem ali, morta – e caminhou para trás do balcão, colocando a foto próxima à caixa registradora. Depois temos os três homens: Bell morto aqui. – E Clarkie colocou a foto no sofá em frente à janela.

– Box aqui – ele apontou, dando-me uma foto para que eu colocasse no chão, em frente ao bar. – E Booker sangrando até a morte ao seu lado.

Quatro fotografias.

Quatro fotografias em preto e branco.

De pé entre os escombros, Clarkie e eu ficamos olhando para as quatro fotografias em preto e branco distribuídas pela sala.

– Armas? – ele me perguntou.

– Bem – respondi –, temos três armas: uma espingarda, uma Webley e um rifle L39.

– Um rifle L39? É a nova arma da polícia – disse Clarkie.

– Sim. E bem popular hoje em dia.

– E de quem era o quê?

– Box, Booker e Douglas tinham espingardas; Bell, o rifle L39, e a garçonete, uma pistola Webley.

– Craven acredita que eram quatro na gangue. Temos três armas.

– Ainda não está nada claro para mim. E para você? – perguntei.

– Eis o que eu acho – disse Clarkie. Voltando à porta: – Na véspera do Natal, tudo estava calmo, todos já haviam ido embora para a grande noite do dia

seguinte, a porta do andar de baixo estava fechada. Mas Strafford era um bar muito movimentado nas altas horas, os da alta patente costumavam vir aqui. Carros pararam do lado de fora, eles subiram as escadas correndo, invadiram, gritaram para abrir a caixa registradora... mas há muitos botões, era uma merda. E isso costuma se voltar contra o público... mas o público eram o maldito Derek Box, vilão profissional, durão, e o seu amigo Paul. E eles ficam muito chateados ao ter de entregar seus novos e caros relógios a criminosos de fora da cidade.

– De fora da cidade?

– O pessoal daqui não vinha ao Strafford, Pete.

– Jovens?

– Com uma L39? Havia artilharia pesada por aqui.

Olhei para o sofá, para o buraco no encosto da cadeira, para o buraco que seguia em direção à parede.

Para o buraco no local onde o velho Billy Bell estava sentado, vendo seus óculos quebrados ainda no chão.

Clarkie dizia:

– Derek e Paul disseram algumas bobagens para eles, e um deles apontou para Derek, depois para Paul, mas aí a merda já estava feita, adeus Billy, adeus Gracie, que estava gritando desesperadamente.

Eu concordava, olhando para a foto no bar.

– Estavam limpando a caixa registradora e os bolsos quando chegaram os nosso policiais heróis. E bang, bang, obrigado, Wakefield.

– Obrigado por nada – respondi.

– Quatro mortos, dois policiais feridos... e tudo por causa dos trocados que eles tinham nos bolsos.

– Não entendo – eu disse. – Não entendo.

– Entenderá – disse George Oldman, entrando pela porta dos fundos com Maurice Jobson. – Entenderá.

Millgarth, Leeds.

Domingo, 21 de dezembro de 1980:

Murphy, McDonald, Hillman, Marshall.

– Onde está Bob Craven? – perguntei.

Todos deram de ombros.

– Bem – eu disse. – Agora sou eu.

Todos olharam para baixo.

Silêncio na sala escura para o ritual dos mortos.

Pensando, *é assim que os mortos vivem:*

– Às seis e meia da manhã de sábado, 19 de maio do ano passado, o corpo de Joanne Clare Thornton, uma bancária de 19 anos, foi encontrado no Lewisham Park, em Morley. Ela não era prostituta nem tinha uma *moral* questionável. Foi vista pela última vez com vida quando deixou a casa da tia, às 23h55 de sexta-feira, 18 de maio, e saiu caminhando em direção à sua casa. Uma distância de menos de dois quilômetros. A morte provavelmente aconteceu entre meia-noite e quinze e meia-noite e meia do sábado, 19 de maio de 1979.

"Ela foi morta com dois golpes na parte de trás da cabeça enquanto caminhava pelo parque. Morte instantânea, com seu crânio fraturado de orelha a orelha. O assassino, então, a arrastou até o gramado, arrumou suas roupas e a apunhalou vinte e uma vezes na região abdominal, seis vezes na perna direita e três sobre e dentro da vagina. Quando terminou, colocou-lhe um dos seus sapatos entre as coxas e a cobriu com uma capa de chuva que pertencia a ela.

"Joanne ficou deitada dessa forma até às seis e meia, quando foi vista por um motorista de ônibus que imaginou estar vendo uma trouxa de farrapos, conforme relato que prestou ao voltar à garagem. Porém, naquele momento, uma mulher a caminho do trabalho já notara o que realmente era aquela trouxa de farrapos e avisara a polícia.

"George Oldman fez a seguinte declaração:

" '*Se isto tem alguma relação com os anteriores assassinatos do Estripador, então, ele cometeu um erro terrível. Assim como Rachel Johnson, a menina morta é perfeitamente respeitável. Aparentemente ele alterou seu método de ataque, e isto me preocupa; passou a agir em locais que não são áreas da luz vermelha e a atacar inocentes. Todas as mulheres estão em perigo, mesmo em*

áreas não reconhecidas como risco de ataque do Estripador.’ ”

Olhei para Helen Marshall e disse:

– Foi uma ótima declaração. E chegaram testemunhas, oferecendo-nos uma sólida descrição e falando sobre três outros veículos... Por volta das nove horas da noite de sexta-feira, um homem tentou pegar uma mulher jamaicana que caminhava pela Fountain Street, no centro de Morley. Ele dirigia um Ford Escort escuro, aparentava ter em torno de 30 anos e tinha cabelos escuros com mechas loiras, à altura dos ombros, que estavam ensebados e presos atrás das orelhas. Usava também o que foi descrito como bigode Jason King, que terminava entre os cantos da boca e o queixo. Seu rosto era quadrado e foi descrito como de aparência suja. Vestia uma camisa de algodão xadrez marrom, aberta no colarinho, e por cima um paletó bege também xadrez, com colarinho bege ou branco.

“O mesmo homem foi visto por volta da meia-noite dentro do mesmo Ford Escort estacionado na porta de um café, na Middleton Road, em frente ao Lewisham Park. A testemunha descreveu o carro como sendo um modelo entre os anos de 1968 e 1975, e por isso deve ter uma placa entre G e N.

“Um retrato falado desse homem foi mostrado a Linda Clark, que foi atacada em Bradford, em junho de 1977, e que até hoje nos ofereceu a melhor descrição do Estripador.”

– Assumindo-se que tenha sido atacada por ele – disse Murphy.

– Sim. Assumindo-se que tenha sido atacada por ele – suspirei.

– Sinto muito – disse Murphy, com as palmas das mãos erguidas.

– John, você está certo. Não podemos presumir nada. No entanto – continuei –, de acordo com Oldman, ao ver o retrato falado do homem de Morley, Linda Clark disse: “É ele. Dave. O homem que me atacou.”

– Dave? – perguntou Helen Marshall.

– O homem que a atacou disse chamar-se Dave.

– Desculpa, eu não sabia – ela disse.

– O carro era um Cortina, certo? – perguntou Murphy.

– Um Mark II, branco ou amarelo – respondeu Hillman.

– Enfim – eu disse –, outros carros de Morley suspeitos são um Datsun sedã

escuro, que estava estacionado no parque com as luzes apagadas, e um Rover 2,5 ou 2,6 litros, dourado ou laranja, que também foi visto passando duas vezes pelo parque pouco antes da meia-noite. Os motoristas desses dois carros nunca foram localizados.

Eles faziam anotações, preparavam-se para checar seus arquivos, suas listas.

Hillman ergueu os olhos:

– Voltando um pouco na história, a posição do sapato é similar à de Clare Strachan e sua bota.

– Ótima observação – eu disse. – Outro detalhe que mantém Strachan na lista.

– Também é similar ao pedaço de madeira encontrado em Joan Richards? – perguntou Marshall.

– É verdade – respondi. – Outra coisa estranha.

Eles pararam de anotar e ergueram os olhos:

– Uma mulher com a mesma idade e descrição física de Joanne foi vista caminhando perto do parque, seguindo para a sua casa, com um homem descrito como tendo vinte e poucos anos, um metro e cinquenta, cabelos castanho-claros penteados da direita para a esquerda, um pouco ondulados. Tinha barba por fazer e maçãs do rosto proeminentes e bochechas fundas. Vestia um sobretudo e jeans.

"Se esses não eram Joanne e o Estripador, então um casal deve ter vindo na frente. Se eram o Estripador e sua vítima, a descrição não bate com a anterior."

– A menos que existam dois – murmurou Marshall.

– Foi o que eu disse – comentou Murphy.

– Não, não quero dizer dois estripadores diferentes, mas sim dois agindo juntos, matando juntos.

– O quê? Uma maldita dupla?

– É – ela respondeu. – Uma *maldita* dupla.

Ninguém disse nada, os olhos se movendo dela para mim, depois de volta para ela, até...

Até ouvirmos uma batida na porta e um homem uniformizado avisar:

– Senhor Hunter, os detetives Prentice e Alderman estão aqui.

– Obrigado – agradeci, olhando para o meu relógio. – Uma última informação: encontraram as impressões de uma bota, tamanho trinta e nove, no parque, uma

bota muito similar às encontradas no caso de Joan Richards e Tracey Livingston.

Eles faziam anotações, preparavam-se para checar seus arquivos, suas listas.

Fechei o meu caderno de notas e me levantei.

– John – disse a Murphy –, vou conversar com Jim Prentice e Dickie Alderman. Se importaria de me acompanhar?

– De jeito nenhum – ele respondeu, levantando-se.

– Certo. Nos vemos no hotel hoje à noite. Ou talvez antes. Amanhã, após a reunião inicial, conversaremos sobre Dawn Williams e falarei a respeito das novidades sobre Laureen Bell.

– Caso surja alguma coisa – disse Hillman.

– Claro, caso surja alguma coisa.

Dick Alderman e Jim Prentice nos esperavam no andar de baixo.

Dick nem cumprimentou.

Jim perguntou:

– Onde quer fazer isso?

– É a sua delegacia – respondi.

– Mas é o seu *show* – ele disse.

– Na sala de interrogatórios? – sugeriu Murphy.

– Naquela maldita Barriga? – perguntou Alderman, sorrindo.

– Pode ir na frente – eu disse.

Alderman sorria enquanto nós os seguíamos, descendo as escadas em direção à soturna sala de interrogatórios, a Barriga.

Ele abriu uma porta pesada e entramos numa daquelas salas brilhantes e muito limpas.

– Vou pegar mais uma cadeira – disse Prentice, seguindo em direção à porta ao lado.

Sentamo-nos ao redor de uma grande mesa, eu e John Murphy de um lado, Alderman do outro. Prentice sentou-se ao lado dele quando voltou.

Eu e Murphy tínhamos nossos cadernos de anotações em cima da mesa.

– Tudo bem se a gente fumar? – perguntou Prentice.

– Vá em frente – eu disse, mas não aceitei um cigarro.

Murphy pegou um e os três acenderam os cigarros.

– Tem sanduíches? – perguntou Alderman, sorrindo.

– Não – respondi, dando uma olhada nas minhas anotações. – Nem cerveja.

– Só estava brincando – ele disse.

– Tudo bem – respondi, encontrando o que queria. – Vamos começar.

– Sou todo ouvidos – disse Alderman.

– Antes de tudo, muito obrigado por virem. Como vocês sabem, nos pediram para revisar todos os detalhes do caso do Estripador e fazer qualquer recomendação que seja útil, baseado no que encontrarmos.

– E o que encontraram? – perguntou Alderman.

– Por favor – pedi, sorrindo. – Ainda não chegamos a essa fase. E exatamente por isso estamos gratos por vocês terem concordado em conversar conosco.

– E tínhamos outra opção? – ele perguntou.

Eu o ignorei.

– Vocês dois estiveram envolvidos no caso desde o início, e continuam envolvidos, então, obviamente, conhecem muitos detalhes sobre as diferentes investigações, métodos e procedimentos.

Uma pausa, um olhar na direção deles.

Prentice apagou o cigarro, olhando para mim. Alderman parecia apreensivo, bem diferente.

– Vamos começar pelo começo: Theresa Campbell.

– Esse não é o começo – disse Alderman. – E quanto a Joyce Jobson e Anita Bird?

– Sinto muito. Imaginei que não estivessem envolvidos nesses casos.

– E não estávamos – disse Prentice, olhando para Alderman.

– Só estou dizendo que Theresa não foi a primeira, só isso – disse Alderman.

– Tudo bem – eu disse. – Vamos começar pelo primeiro assassinato.

– Isso é mais correto – disse Alderman, sorrindo.

– Os casos de Campbell e de Richards eram investigados pela mesma equipe?

– Pelo grupo do chefe superintendente Jobson, daqui – disse Prentice.

– E vocês dois eram detetives seniores?

– Éramos – respondeu Alderman. – E continuamos sendo.

– Outros detetives envolvidos na época foram John Rudkin e Bob Craven, certo?

Jim Prentice fez que sim.

– Conversei com Maurice na última terça-feira, e ele falou muito por alto sobre os envolvidos.

Prentice continuava fazendo que sim, Alderman me encarava.

– Acho que Maurice acredita que, caso a equipe tivesse sido mantida, vocês já teriam pegado o Estripador – comentei.

Silêncio.

– Então – continuei –, estou obviamente interessado no que vocês dois pensam sobre isso, já que trabalharam sob as ordens de Maurice e George Oldman, e agora de Pete Noble.

– O quê? – riu Alderman. – Você quer saber o que a gente acha que teria acontecido caso Maurice tivesse continuado? Se já teríamos encontrado o Estripador?

– Sim, estou interessado...

– Você me arrasta para aqui, num domingo, no meu primeiro domingo livre em três meses, para perguntar isso? É a sua melhor pergunta, senhor Hunter? – disse, levantando-se.

– Sente-se – pedi. – E não tente fazer isso comigo.

– Isso o quê?

– Sente-se e me escute.

Ele me encarava, o meu coração disparou.

– Superintendente – eu disse, fazendo um sinal com a cabeça em direção à cadeira.

Ele se sentou.

– Obrigado – agradeci. – Agora, eu gostaria de saber um pouco sobre os diferentes estilos das várias operações, se vocês não se importam.

Prentice tossiu e disse:

– Tudo era diferente, sim. Quer dizer, você deve levar em consideração que isso aconteceu há cinco anos, e era um inquérito bem menor.

– Quem os uniu?

– Campbell e Richards?

Eu fiz que sim.

– Maurice, mas assim que a vimos tudo parecia óbvio.

– Richards? – perguntou Murphy.

Ele fez que sim.

– Mas Preston não estava dentro. Nem Strachan, naquela fase.

– E quando foi isso? – perguntei.

– Em 1977, após os malditos exames e cartas – disse Alderman, sorrindo. – Como se você não soubesse.

– E em 1976 vocês já estavam por lá?

– Não diretamente, mas enviamos algumas pessoas para lá e eles enviaram algumas pessoas para cá.

– John Rudkin e Bob Craven, certo?

– Em 1975? – perguntou Alderman, dando de ombros.

Fiz que sim.

– Acho que sim – ele respondeu. – Mas atravessamos os Moors tantas vezes... Aliás, você tem tudo escrito aí no seu caderno.

Ignorando-o, perguntei:

– Então Rudkin e Bob Fraser voltaram em 1977?

Prentice concordou.

– Mas naquela época eram George e Pete Noble? – perguntei.

Os dois fizeram que sim.

– O Esquadrão de Homicídios de Prostitutas?

– Exatamente – disse Prentice.

– Então Strachan esteve dentro e fora por algum tempo? – perguntei.

– Inicialmente, sim.

– E isso também aconteceu com alguns dos outros assassinatos e ataques?

– Quais, por exemplo? – perguntou Alderman.

– Bem... Strachan, Janice Ryan, Liz McQueen, Tracey Livingston.

Alderman sorriu:

– Pergunte ao John sobre Liz McQueen.

– Obrigado – disse Murphy.

– Não quis ofender, camarada – disse Alderman. – Mas você esteve nessa, eu não.

– Existem vários outros assassinatos e ataques que, num momento ou outro, estiveram relacionados ao inquérito e que agora estão separados – continuei.

– Por exemplo? – perguntou Alderman.

– Vera Megson, Bradford, fevereiro de 1975; Rachel Vaughan, Leeds, março de 1977; Debbie Evans, Shipley, também em 1977.

– E Mary Wilkie? – perguntou Alderman.

– O que tem ela?

– Prostituta, espancada até a morte perto da Catedral de Leeds, em 1970.

– Dia 9 de abril – eu disse e o olhei, esperando.

– Sem solução – ele disse.

– Como todos os outros – comentei.

– E aonde você quer chegar? – ele perguntou.

– A minha pergunta é: o que está dentro e o que não está? E quem decide isso?

Mais silêncio, silêncio até Prentice suspirar e responder:

– Qualquer assassinato ou ataque a mulheres no Norte da Inglaterra tem que passar por aqui. Você sabe disso.

– Sim, eu sei – respondi.

– Então – sorria ironicamente Alderman –, você quer que eu e Jim repassemos todos os malditos assassinatos sem solução em Yorkshire?

– São muitos? – perguntou Murphy, piscando o olho.

Alderman o ignorou, mas já não sorria.

– Você quer que a gente diga por que eles são ou não considerados casos do Estripador?

– Não todos – respondi. – Apenas um.

Silêncio.

– Apenas Janice Ryan – eu disse.

Ódio no olhar.

Eu encarava Alderman, do outro lado da mesa.

Ódio, puro ódio.

Um ódio que poderia ser cortado com faca, um enorme ódio naquela sala.

Um enorme ódio sobre aquela mesa, naquela Barriga.

Grandes pedaços cortados, grandes pedaços, até...

– E o que você quer saber sobre Janice? – perguntou Prentice, brincando de sabichão.

– Pelo que lemos, vocês dois foram destacados como responsáveis quando Bradford passou o caso à Sala do Estripador. Mas não acreditavam que fosse obra do Estripador até aquela carta aparecer no *Telegraph & Argus*.

– Parece que você tem todos os detalhes – disse Alderman, levantando-se.

– Sente-se – pedi, calmamente.

Prentice encostou em Alderman e fez com que ele se sentasse.

Eu disse aos dois:

– Quero que vocês nos contem por que pensavam que Janice Ryan não tinha sido morta pelo Estripador de Yorkshire.

– As feridas... não eram facadas – disse Prentice.

– E o mesmo vale para Strachan – eu disse.

Prentice deu de ombros.

– Olha – eu disse. – Vocês são detetives seniores. Algumas pessoas dizem que são bons no que fazem. Mas me parece que não reconheceram um trabalho do Estripador quando o viram... e perderam dias e dias tentando acobertar Bob Fraser, outro policial envolvido.

Alderman ficou de pé novamente.

– Foda-se! Você pode dizer as merdas que quiser... acobertar policiais, seu idiota hipócrita...

Ódio no olhar.

Prentice mais uma vez o puxava para que se sentasse, mais uma vez bancava o espertinho:

– Sente-se, Dick.

Eu inclinei o corpo sobre a mesa, olhando nos olhos de Dick:

– E o que vocês estavam fazendo ao deixar que ele escapasse?

– Vá se foder!

– Vá se foder você, Dick – disse Murphy, colocando-se entre nós dois. –

Estamos perguntando por que vocês achavam que não tinha sido trabalho do Estripador. Vocês dois trabalharam muito tempo nisso...

– Foda-se.

– Um pequeno mal-entendido – comentei, sorrindo.

Alderman estava com o rosto vermelho.

O rosto vermelho e preparado para explodir.

– Por sorte, ele escreveu a carta – eu disse. – Caso contrário, vocês nunca teriam unido todas as pontas. Ela seria apenas mais um caso sem solução.

E ele começou a gritar:

– Porque não foi a porra do Estripador. Foi o maldito Fraser, todo mundo sabe disso. Diga a ele, Jim.

Ódio no olhar.

– Cale a boca, Dick. Cale a boca – disse Prentice, o último dos espertos.

Alderman estava fora de controle.

– Não. Foda-se você. Eu não vou ficar aturando esse merda aqui dizendo que não posso...

– Jim? Jim? O que ele está dizendo? – perguntou Murphy.

– Ele está falando besteira – disse Prentice. – Claro que foi o Estripador.

– Foda-se! – gritou Alderman.

– Não. Foda-se você, Dick!

Eu me levantei e disse:

– Melhor deixarmos vocês dois resolverem isso sozinhos.

Eles pararam de discutir e ficaram me olhando.

– Voltaremos em outro momento – eu disse. – Quando tiverem combinado suas versões.

Sentei-me na nossa sala, ao lado da Sala do Estripador.

Hillman e Marshall estavam checando detalhes sobre o inquérito de Joanne Thornton.

A porta se abriu, sem que ninguém batesse antes.

Era Peter Noble, com o rosto severo.

– Pete? – eu disse.

– Poderia vir à minha sala?

– Claro – respondi. – Em um minuto, tudo bem?

Ele fez que sim e bateu a porta.

Hillman e Marshall olhavam para mim.

– O que foi isso? – perguntou Hillman.

– Não tenho ideia – respondi, sorrindo e me levantando.

Bati à porta da sala de Noble.

– Entre – ele disse, e eu entrei.

– Pete – eu disse. – O que posso fazer pelo senhor?

– Você conversou com Dick Alderman e Jim Prentice, certo?

– Certo.

– E o que aconteceu?

– Como assim *o que aconteceu*?

– Quero dizer exatamente isso: *o que aconteceu*?

– Nada – respondi, dando de ombros.

– Nada?

– Veja bem, não quero ofender, mas não sou obrigado a me reportar a você sobre os interrogatórios feitos para as revisões do Home Office.

Má jogada.

Ele ficou furioso, em ebulição, lívido:

– Não, mas você é obrigado a nos oferecer toda a informação que possa ser útil à investigação que mantemos aberta.

– Quem disse isso?

– O chefe de polícia, logo após ter falado ao telefone com Philip Evans, o homem que elaborou os parâmetros da sua investigação.

– Primeiro de tudo, eu gostaria de checar isso com o senhor Evans. Segundo, trata-se de um argumento burocrático, pois não temos qualquer informação que ainda não esteja disponível no inquérito aberto por vocês.

– Besteiras! – ele gritou.

– Não precisa gritar – eu disse.

– Não? – ele riu. – E quanto a isto?

Ele atirou um exemplar da *Spunk* na mesa, *edição número 13.*

– Onde conseguiu? – perguntei.

– Em Manchester, onde me disseram que você conseguiu uma cópia há dois dias.

– E daí? Vocês tinham isso na mão há três malditos anos.

– O quê?

– Pergunte a George e Maurice.

– Perguntar o que a George e Maurice?

– A viúva de Eric Hall entregou algumas cópias a eles dois.

Ele balançava a cabeça:

– Você deveria ter avisado.

– Imaginei que você soubesse.

Ele acendeu um cigarro.

– Mas isso não significa que pode vir aqui e intimidar os meus homens.

– Intimidar os seus homens? – perguntei. – Quem?

– Prentice e Alderman.

– Intimidar Dick Alderman? Isso sim é uma bobagem, Pete.

– Não é – ele respondeu. – Dick veio até aqui e ameaçou pedir demissão, dizendo que você o insultou, insultou a sua reputação.

– Veja bem – eu disse. – Dick perdeu a cabeça. Tenho certeza de que ele se arrependeu de algumas coisas que disse. Precisamos conversar novamente, mas não aconteceu nada além disso.

– De acordo com Dick e Jim, aconteceram mais coisas.

– O que eles disseram?

– Que você fez insinuações sobre a forma como eles conduziram o inquérito de Janice Ryan.

– Sim, fiz. E Dick Alderman refutou tais *insinuações*, dizendo não acreditar que Janice Ryan tenha, de fato, sido morta pelo mesmo homem responsável pelos demais assassinatos do Estripador.

– Qual é, Peter. Isso é uma grande bobagem.

– Será?

– Na minha opinião, é uma completa bobagem.

Dei de ombros, perguntando:

– O que você quer que eu diga?

– Nada – ele respondeu, novamente furioso.

– Certo – eu disse, fazendo que sim.

– Nada até conversarmos com o chefe de polícia, amanhã.

– Certo – eu disse, saindo da sala.

O Griffin, o bar no térreo.

Era tarde e todos tinham ido para a cama, todos menos Helen Marshall e o *barman*, que adoraria poder estar longe dali.

– Gostaria de ver a cara dele – ela disse, rindo.

– Não tem preço – eu disse, distante... sem ideia de com quem ou sobre o que estava falando.

Ela estava bêbada, eu acho.

– Eles não gostam da gente, certo? – ela perguntou.

– Ouça – eu disse. – Já é tarde. Você deveria subir.

– E você?

– Tenho algumas coisas a fazer.

– O quê? – ela perguntou, sorrindo, olhando para o relógio.

– Vou dar uma volta de carro, só isso.

– Posso ir junto? – ela perguntou, e já não parecia tão bêbada.

– Se quiser... – respondi, me levantando.

Passava da meia-noite.

Caminhávamos pela cidade deserta, congelada.

– Que lugar horrível – ela disse, olhando para os feios prédios escuros, depois para a calçada suja.

Concordei e segui em direção ao mercado de Kirkgate, feliz com o frio e a

noite.

Minutos mais tarde, chegamos ao estacionamento de Millgarth e partimos de carro.

– Para onde vamos? – ela perguntou, no exato momento em que eu liguei na Radio 2.

– Batley – respondi.

– Batley?

– Exatamente – respondi, e contei a ela sobre Janice Ryan e Eric Hall, sobre Eric Hall e Jack Whitehead, sobre Jack Whitehead e Bob Douglas, sobre Bob Douglas e Richard Dawson, sobre Richard Dawson e a MJM Limited, sobre a MJM Limited e Richard Dawson e Bob Douglas e Jack Whitehead e Eric Hall e Janice Ryan.

Sobre assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Guerra.

Após ouvir tudo isso, ela ficou sentada, olhando para fora do carro e repetiu:

– Que lugar horrível.

Estacionamos na Bradford Road, com a luz interna do carro acesa. Eu mostrei-lhe a revista.

– Página 7 – eu disse.

Ela virou as páginas até encontrar Janice Ryan.

Helen Marshall, ex-Divisão de Costumes, olhou para a foto, balançou a cabeça e me devolveu a revista.

– Já ouviu falar nisso? – perguntei.

– Não – ela disse.

– Espere aqui – eu disse, saindo do carro, firme.

Não tinha acendido a lanterna e caminhava aos tropeções pelo beco nos fundos da RD News.

Havia caixas de papelão e pilhas de lixo na porta dos fundos da loja.

O portão estava trancado.

Pulei e me ergui o mais alto possível para tentar tirar o pino que prendia o portão na parte de cima.

De volta ao chão. O portão não abriu.

Então, dei outro pulo e passei por cima do portão, saltando no pátio.

Andei até a entrada e bati à porta.

Um cachorro latia em algum ponto, mas nenhuma luz foi acesa.

Eu estava congelado, mas usava luvas.

Peguei o meu *kit* de chaveiro e quebrei a fechadura e mais leis do que eu podia imaginar, mas dane-se tudo: fechaduras e leis.

Girei a maçaneta e abri a porta.

O corredor era uma desordem total, cheio de caixas e botijões de gás, e havia uma escadaria subindo à direita.

Acendi a lanterna, subindo as escadas.

No topo, outra porta de madeira, sólida.

Bati, esperei e então peguei novamente o meu *kit*.

Foi mais complicado abrir essa porta, especialmente com a lanterna no chão e as luvas, mas no final ela cedeu... como todas.

Girei a maçaneta e abri a porta.

Outro corredor, com o ar parado, morto.

Desci o corredor em direção à parte da frente do apartamento. O local estava deserto, sem carpete.

Na sala da frente, abri a cortina e vi o carro, com Helen Marshall dentro, estacionado na rua.

A luz da rua e a lanterna me confirmaram algo que eu já sabia:

Ninguém morava ali.

Apenas velhas mobílias: um sofá, duas cadeiras, uma mesa, um telefone.

Iluminei o telefone, mas não encontrei qualquer número anotado.

Peguei o fone e consegui linha, confirmando o que eu suspeitava:

Alguém vinha ali.

Soltei o fone, mas deixei-o fora do gancho.

Voltei a andar pelo corredor, uma cozinha vazia à direita, um banheiro e um

lavabo ao lado, um quarto à esquerda.

Entrei no quarto.

Resolvi arriscar e acendi a lanterna:

O quarto era espaçoso, com uma grande cama com colchão laranja manchado e cortinas pretas.

Armários ao lado da cama.

Peguei a *Spunk.*

Abri na página 7.

Sob as pernas abertas, sob a sua boceta, um colchão laranja.

Atrás da sua boca aberta e dos olhos fechados, acima do pau, cortinas pretas.

Deixei a revista na cama e abri os armários.

Luzes, câmera, ação:

Em pilhas.

Spunks, toda a coleção.

Queria fotos, todas as fotos que pudesse conseguir.

Corri pelas pilhas, pegando todas as diferentes edições que pude.

Estavam em ordem e, no final, eu tinha dez exemplares. Faltavam apenas as edições 3, 9 e 13.

Mas eu já tinha a 13, a última.

Fechei o armário e juntei as revistas.

Desliguei a luz com o cotovelo e voltei ao corredor.

Dei um chute para abrir a porta, que fechei usando as costas.

Não tranquei e, assim, eles saberiam que estive por ali.

Mas tudo bem:

EU QUERIA MESMO QUE ELES SOUBESSEM DA MINHA VISITA.

Desci as escadas, deixei a porta dos fundos aberta e chutei a tranca do portão.

PARA QUE DESCOBRISSEM TUDO RAPIDAMENTE.

Desci o beco e dei a volta por trás do carro.

Helen Marshall viu que eu me aproximava e saiu.

– O que é isso?

– *Spunk* – respondi.

Ela abriu a porta do motorista e eu entrei.

Depois deu a volta no carro e sentou-se ao meu lado.

As *Spunk* estavam empilhadas no meu colo.

Ela pegou as revistas, dando uma olhada nas capas, em silêncio.

– O que vamos fazer? – ela perguntou.

– Dar uma olhada nisso, ficar de olho por aqui e ver o que acontece.

– Certo.

– Está cansada? – perguntei.

– Não – ela respondeu, na defensiva.

– Ótimo, pois precisamos nos revezar por aqui.

– O quê?

– Vamos ter que vigiar este lugar vinte e quatro horas por dia.

– E os demais?

– Mais tarde, talvez – respondi, balançando a cabeça –, por enquanto seremos só eu e você.

– Só *eu*, você quer dizer.

– Se não quiser, é só avisar.

– Não, tudo bem – ela respondeu, mas não parecia nada bem.

– Obrigado – agradeci.

– De nada.

Estou à deriva.

Sonhos pornográficos em salas vazias, cortinas pretas e colchões laranja.

Televisões vazias, pássaros pretos e...

– O quê?

Abri os olhos.

O carro... o ar sujo, o amanhecer cinzento.

– O que você disse? – perguntou Helen Marshall.

– Nada – respondi. – Acho que cochilei um pouco.

– Você disse o meu nome, foi isso.

– Sinto muito, devia estar sonhando.

Ela sorriu.

– Eu deveria ficar lisonjeada?

– Não, era um pesadelo – respondi.

– Você é muito gentil.

– Sinto muito – eu me desculpei. – Preciso ir embora.

– De táxi?

– Tem de ser – respondi, saindo do carro.

– E tudo isso? – ela perguntou, apontando para a pilha de *Spunk* no banco de trás.

– Me dá – pedi.

– Você tem uma sacola?

– No porta-malas – eu disse, e dei a volta no carro.

Depois de ter colocado as revistas dentro de uma sacola, inclinei o corpo para dentro do carro e disse:

– Cuide-se e obrigado.

– De nada – ela repetiu.

– Ligue para Millgarth ou para o Griffin, caso veja alguém.

– Sim, sim, sim – ela disse.

– E anote as placas – pedi, deixando as chaves com ela e fechando a porta. Ela se sentou no banco do motorista.

Virei o corpo e segui em direção à rodoviária de Batley, mas ela tocou a buzina e eu olhei para trás, dando adeus... porém, na verdade, não conseguia vê-la. Na rodoviária, procurei um telefone e liguei para Joan, depois tomei um táxi de volta ao Griffin, com onze edições de uma revista pornográfica no meu colo. No entanto, quando as contei, sentado no banco de trás do táxi, havia apenas dez. Fiquei gelado ao pensar que teria deixado o número 13 na cama acima da RD News, mas finalmente o encontrei, pensando que devia ter contado errado. Os desaparecidos sempre aparecem, sempre... em algum momento.

de uma estufa e eu cheirava mal deitada lá por mais de uma semana e ele vomitou e tentou cortar a minha cabeça com um arco de serra pois queria criar grande mistério sobre mim mas ainda estamos em mil novecentos e setenta e sete e é dezembro e eu estou com frio na porta do garthorne esperando fazer algum negócio do lado de fora do gaiety antes de ir para casa e agora estou na gipton avenue um carro escuro avançando lentamente buscando amor o carro estacionou na rua o motorista fazia sinal para alguém numa casa tchau nos vemos mais tarde cuide-se e parecia boa pessoa cerca de trinta anos robusto cerca de um metro e setenta com cabelos negros ondulados e barba usando camisa amarela e casaco de chuva escuro com zíper e jeans ele virou para mim e perguntou você está trabalhando e eu disse que sim e ele disse cinco libras e eu disse sim e entrei no carro e ele conhecia um lugar tranquilo num terreno próximo à scott hall street e eu sabia que ficava a dois quilômetros e meio dali e ele falava muito e parecia amigável e disse que se chamava david mas preferia dave e eu disse muito bem será dave e ele perguntou qual é o seu e eu disse carol mas o meu nome de verdade é kathy kathy kelly e eu perguntei o que ele estava fazendo em frankland place e ele disse que estava dando boa-noite à sua namorada que estava doente e que ele tinha suas necessidades você sabe eu disse sim todos temos e ele veio com olhos de quem queria ir para cama e pode parecer idiota agora mas eu gostei dele era bonitinho e ele sabia disso e não era do tipo que assustasse pois sabe muito das mulheres é um cliente habitual e falou sobre hilary e gloria e não falava da hilary que tem um namorado jamaicano então eu pensei que ele não poderia ser o estripador de leeds fomos ao terreno vazio próximo à scott hall street e dave disse que deveríamos transar no banco de trás do carro eu disse certo mas você deveria pagar primeiro e ele disse que me pagaria depois e eu disse nada disso sei qual é o seu plano eu fico sem calcinha você transa comigo e depois some com as suas cinco libras eu me afastei esperei mas ele disse que não havia necessidade para aquilo ele estava com a carteira tentei abrir a porta de trás mas estava trancada e ele disse que daria a volta para abrir e quando ele passou por trás de mim eu senti um forte golpe no topo da cabeça e gritei bem alto segurando a cabeça e caí no chão tentando agarrar sua calça jeans e senti mais golpes até o momento em que tudo era escuridão sua prostituta suja sua vaca sua puta vaca imunda e fedorenta ouvi um cão latindo e ele voltou ao carro batendo a porta as rodas traseiras girando rapidamente ele foi embora e eu fiquei caída ali naquele terreno vazio com uma dor terrível na cabeça o cão latindo e ninguém por perto nenhuma sirene então eu tentei me levantar atravessar o duro chão até a rua em busca de um telefone e vi aquele menino e aquela menina e eles viram a minha cabeça e o meu rosto cobertos de sangue e ela começou a gritar e ele correu para o telefone para chamar uma ambulância e eu fiquei sentada ali na rua com aquela menina histérica e uma das meninas que eu conhecia se aproximou perguntando o que tinha acontecido eu contei ela disse você tem sêmen no cabelo em meio ao sangue e eu disse que tinha sido o estripador e que só poderia ser sêmen do estripador e ela disse você é a mulher mais sortuda da inglaterra e eu fiquei sentada naquela rua com sangue e sêmen nos cabelos um buraco na cabeça a menina gritando morta de frio e eu disse que não me sentia nada sortuda e ela disse lembre de minhas palavras vaca

sortuda com uma fratura grave ao lado da orelha do lado esquerdo da cabeça de quase quatro por dois centímetros e sete lacerações de cerca de cinco centímetros cada além de uma ferida de dez centímetros na minha mão esquerda onde havia machucados e a polícia disse que isso definitivamente era obra do estripador pois encontraram a

12

A Sala do Estripador.

Millgarth, Leeds.

Segunda-feira, 22 de dezembro de 1980:

Todos de pé.

Fumaça, suor e nenhum sorriso entre os 150 rostos tristes.

O chefe de polícia Angus e o assistente-chefe temporário Noble estavam à frente.

Eu fiquei nos fundos, perto da porta.

Alderman e Prentice ausentes.

– Foi um fim de semana longo – disse Noble. – Sei que muitos de nós estivemos no funeral, no sábado.

Merda, eu pensava.

– E sei também que muitos que estiveram por lá, assim como eu, voltaram loucos para colocar as mãos nesse maldito. Mas agora temos isto.

Noble pegou um pedaço de papel que estava sobre a mesa e começou a ler em voz alta:

– No domingo, 21 de dezembro, às nove da noite, a redação de Manchester do *Daily Mirror* recebeu o telefonema de um homem com sotaque muito parecido ao que escutamos na chamada *Fita do Estripador*. Nenhuma gravação foi feita, mas o conteúdo foi o seguinte: “Meu nome é Jack e eu avisei que atacaria novamente, e vou atacar, na terça-feira, e desta vez será uma estudante. Então, avise-as para que fiquem longe das ruas”.

Noble parou de ler, observando a sala.

A Sala do Estripador.

Fumaça, suor e 150 palavrões.

– Jim Prentice e Dick Alderman estão em Manchester neste momento, conversando com o pessoal do *Mirror*. Porém, sendo ou não uma mensagem do Estripador – dizia Noble, com um zumbido cada vez maior na sala –, ela já está

nas rádios e estará na primeira página de todos os jornais desta noite e de amanhã.

Mais 150 palavrões, cada vez mais altos.

O chefe de polícia Angus se levantou e disse:

– Certo, eu sei que isso é a última coisa de que precisamos, mas novamente não temos alternativa senão cancelar todas as folgas nas próximas quarenta e oito horas. Já estamos enrolados com todos esses protestos nos cinemas, mas conversei com vários conselhos locais, tentando banir alguns desses filmes.

Todos fizeram que sim.

– Por sorte, grande parte dos estudantes já foi para as suas casas – disse o chefe de polícia –, mas esta noite e amanhã vamos ter que demonstrar muita força. O assistente-chefe de polícia Noble está preparando uma rota para as equipes, e o plano será explicado em seguida. Eu só queria reiterar que, como disse o assistente-chefe de polícia, sei que muitos aqui estiveram em Hartlepool, no funeral, querem seguir em frente e que a última coisa que desejam é que esse tipo de coisa aconteça. Mas vamos pegar o bastardo, e precisamos estar unidos para conseguir isso. Obrigado.

Noble voltou a postar-se à frente:

– Más notícias: agora temos de descartar todos os veículos vistos pelas testemunhas na Alma Road na noite de quarta e manhã de quinta. Primeiro obstáculo: o velho carro escuro que foi visto fazendo uma conversão no sentido errado. Os oficiais devem, mais uma vez, conseguir descrições mais detalhadas das testemunhas, mas também temos de prestar mais atenção em carros velhos quando estivermos checando documentos antigos ou colhendo uma nova declaração.

“Ainda hoje, esperamos conseguir um novo retrato falado, que deverá ser disponibilizado a todos. Como alguns de vocês sabem, trata-se de um homem visto nas redondezas da Alma Road na última quarta-feira à noite, que se parece muito com a descrição dada por Linda Clark, e com as declarações colhidas em Morley logo após o assassinato de Joanne Thornton.

“Por fim, a vigilância continuará atenta a cinco indivíduos suspeitos e, obviamente, vamos aumentar os esforços nas próximas quarenta e oito horas por

conta da ligação recebida em Manchester. Obrigado.”

Ao terminar, Noble fez um sinal para o assistente-chefe, que começou a distribuir folhas de papel.

Fui o primeiro a sair e atravessava a porta quando alguém segurou o meu braço.

– O chefe de polícia pediu que você se encontre com ele na sala do Noble, agora – disse Bob Craven.

– Muito obrigado, inspetor – agradeci.

– Não comente nada disso... – ele murmurou, afastando-se.

– O quê? – perguntei.

– Como? – ele disse, virando o corpo.

– Perguntei o que você disse.

– Não comente nada disso – ele repetiu, sorrindo.

– Não comentar nada disso?

– Exatamente – ele respondeu, afastando-se. – Não comente nada disso.

Bati à porta.

– Entre.

Abri a porta e entrei na sala de Noble.

– Bom dia, senhores – cumprimentei.

Angus estava sentado na poltrona de Noble. Pete, do outro lado da mesa.

O chefe de polícia fez um gesto para que eu me sentasse ao lado de Noble.

Sentei e esperei.

– Vocês ouviram as instruções? – perguntou Angus, finalmente.

– Sim – respondi.

– Isso é a última coisa de que precisávamos – disse Noble, à minha direita.

– Posso imaginar – comentei.

Seguiu-se um breve silêncio, canetas batendo no tampo da mesa, papéis sendo remexidos.

– Ouvi dizer que algumas acusações foram feitas ontem. Alguma confusão? – perguntou Angus.

– Confusão?

– Pelo que sei – disse Angus, olhando para Noble –, a sua conversa com os superintendentes detetives Alderman e Prentice terminou mal, e parece que houve uma discussão sobre a revelação de informações pertinentes à investigação que está sendo feita.

– Sinto muito – eu disse –, mas não sei do que o senhor está falando.

Angus franziu a testa, pegou um exemplar da *Spunk* e perguntou:

– Para começar, o que você tem a dizer sobre isto?

– Como disse ontem a Pete, fui levado a crer que essa revista foi entregue a George Oldman por Maurice Jobson, ou vice-versa, sendo uma cortesia da viúva de Eric Hall.

– O que é verdade – disse Angus.

– Certo – eu disse. – Então imaginei que George tivesse entregue a revista ao Esquadrão do Estripador, já que estava no comando naquela época.

– Você teria de perguntar sobre isso ao assistente-chefe de polícia Oldman.

– Eu adoraria.

Angus sorria, com as mãos no ar:

– Só um minuto. Caso você não saiba, George Oldman está de licença médica.

– De licença? Isso eu não sabia.

– Por isso, infelizmente, nenhuma reunião poderá ser agendada com ele agora.

– Entendo. Algum problema sério?

– Problema no coração.

– Sinto muito.

– No entanto, eu gostaria de ouvir o que você tem a dizer, gostaria de conhecer os avanços que estão fazendo, e também se há algo importante a ser compartilhado conosco – Angus disse.

– Sinto muito, senhor, mas acho que não seria correto conversar sobre essas coisas com o senhor antes de conversar com o senhor Evans ou com Sir John Reed.

– Concordo, mas conversei ontem com o senhor Evans, e ele me pediu que eu enfatizasse as circunstâncias únicas que temos por aqui: trata-se de um trabalho em curso, e existe a possibilidade de as suas descobertas ou as informações que

tem serem de suma importância à investigação.

– Senhor, eu posso lhe garantir que adoraria ajudar na captura de um suspeito... e que não perderia tempo para avisar o que fosse preciso ao assistente-chefe de polícia aqui presente.

– Espero que seja verdade.

– O senhor tem a minha palavra.

– É isso, então?

Fiz que sim.

Silêncio.

Silêncio até eu perguntar:

– Terminamos?

– Mais uma coisa – disse Noble, girando sua cadeira. – Chegou um pedido de entrevista com você para a imprensa.

– De que jornal?

– *Sunday Times*, eu acho.

Olhei para o chefe de polícia Angus, que franziu a testa.

– Gostaria de conceder essa entrevista?

– Não me importaria... a menos que fosse prejudicial.

Noble suspirou e disse:

– Isso não nos preocupa tanto.

– Você teria de ser acompanhado pelo nosso assessor de imprensa – disse Angus.

Fiz que sim.

– Vamos ver o que eles têm a dizer. Qualquer problema, avisarei o senhor e Philip Evans.

– Certo – disse Angus, dando de ombros.

– Vou pedir a assessoria de imprensa que marque a entrevista. Poderia ser esta tarde? – perguntou Noble.

Fiz que sim novamente.

– Obrigado – disse Angus.

Peguei a deixa, me levantei e saí.

Apertei o *play*:

"Aqui é Jack. Vejo que continuam sem sorte para me pegar. Tenho muito respeito por você, George, mas, meu Deus! Vocês não estão mais perto de me alcançar agora do que há quatro anos, quando tudo começou. Acho que os seus rapazes estão te decepcionando, George. Eles não devem ser muito bons, certo?

"A única vez que se aproximaram de mim foi há alguns meses, em Chapeltown, quando eu estava um pouco perdido. Porém, mesmo naquela vez, foi um policial uniformizado, não um detetive.

"Em março, eu te avisei que atacaria novamente. Sinto muito não ter sido em Bradford. Sei que prometi isso, mas não consegui chegar até lá. Não tenho certeza de onde será o próximo ataque, mas acontecerá ainda este ano, com certeza. Talvez em setembro, outubro, ou mesmo antes, se eu tiver uma oportunidade. Não tenho certeza do local, talvez em Manchester, eu gostaria que fosse ali, pois tem muitas delas vagabundeando por lá. Elas não aprendem, não é, George? Sei que você avisou, mas elas nunca escutam."

Pausa.

Treze segundos, contados:

Um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze segundos de chiado, então.

"Eu a peguei em Preston, e eu fiz, não fiz, George? Aquela vaca imunda. E gozei nela.

"Pelo ritmo que sigo eu deveria estar no livro dos recordes. Acho que já são onze, certo? Vou continuar um pouco mais. Ainda não estou satisfeito. Mesmo se vocês se aproximarem, eu provavelmente me matarei primeiro. Foi bom conversar com você, George. O seu amigo, Jack, o Estripador.

"Nem vale a pena procurar por impressões digitais. Você já deve saber que tudo está tinindo de limpo. Até logo. Adeus.

"Espero que goste da música pegajosa do final. Haha."

E então...

"I'll say your name

Then once again

Thank you for being a friend."

Pausa.

Silêncio.

Segundos, minutos de silêncio na sala escura.

Minutos de silêncio até...

Até eu dizer:

– Recebemos isso no dia 20 de junho do ano passado. Sei que todos vocês estão cansados de ouvir essa voz, assim como eu... No entanto, gostaria de usar um pouco do nosso tempo de hoje para falar sobre o assunto, pois acho que isso deu um rumo importante à investigação, tanto ao que veio depois quanto iluminando tudo o que acontecera antes.

Murphy, McDonald e Hillman, os três faziam que sim com a cabeça.

Craven estava num canto.

Marshall não estava por ali.

– Certo, como vocês sabem, eles receberam as cartas. Quatro, no total. As três primeiras chegaram em junho de 1977, duas dirigidas ao jornalista Jack Whitehead, do *Yorkshire Post* – eu disse, com os olhos cravados em Craven.

Nenhuma reação.

– A terceira foi dirigida a George Oldman, mas enviada à redação do *Telegraph & Argus*, em Bradford. A última foi enviada em março de 1978, mais uma vez para Oldman, mas dessa vez para o *Daily Mirror*, em Manchester.

– Para onde ligaram ontem à noite, certo? – perguntou Murphy.

– Exatamente – eu respondi. – Essa ligação, a fita e as cartas são, sem dúvida, trabalho do mesmo homem. Todos têm a mesma caligrafia, o mesmo grupo sanguíneo, conferidos em exames de saliva, e os mesmos traços de óleo e minerais. As primeiras três cartas e a fita fazem referência especificamente ao assassinato de Clare Strachan, em Preston, enquanto a quarta carta comenta o assassinato de Doreen Pickles, em Manchester.

– Posso? – interrompeu Hillman.

– Vá em frente.

– Essa quarta carta também foi enviada de Preston.

Concordei e comecei a dizer.

– Que é...

– Preston foi o cenário das mortes de Strachan e Livingston.

– Boa observação, Mike – eu disse. – E a grande publicidade dada à gravação e às cartas gerou um gigantesco número de manchetes, como todos vocês já viram. Foi surpreendente.

– Um número incrível – disse Alec McDonald.

– Mas lembrem-se de que foi uma maldita informação vazada que gerou tudo isso – disse Murphy.

– É verdade – eu disse, mais uma vez olhando para Craven. – Eles não decidiram o momento certo de divulgar o conteúdo da fita. Na verdade, muita gente jura que George não queria divulgá-la, principalmente desde que ele disse que a carta de junho de 1977, ao *Argus*, era falsa. Mas a informação vazou, mais uma vez para o *Argus*, e eles não tiveram escolha.

– Foi uma época dura para eles – disse Murphy. – Tudo vazava, todas as suas histórias sobre falsificações de horas extras, gastos duvidosos, tudo estava sendo publicado.

Craven, sentado num canto, tinha os olhos fechados e a cabeça para a frente.

– Três meses mais tarde, tudo piorou – eu disse baixo.

Abri o caderno de anotações e li:

– Na manhã do dia 9 de setembro do ano passado, um domingo, o corpo de Dawn Williams foi encontrado sob uma pilha de lixo nos fundos de um conjunto de casas geminadas da Ash Lane, atrás da Bradford University, na qual a falecida estudava.

“Ela foi morta com um único golpe na parte posterior da cabeça. Mais uma vez, a roupa fora mexida, e ela foi atingida nove vezes no tronco, especialmente na região do abdômen.”

Parei e ofereci a todos os presentes cópias que eu fizera com a lista das testemunhas, dos oficiais de polícia, dos veículos, das possíveis marcas de pneus etc.

Vinte e três páginas de listas.

E continuei:

– Foi após esse assassinato que Oldman lançou o seguinte informe e instruções a todas as forças policiais do Norte da Inglaterra. Trata-se de um extrato da

introdução revisada e ampliada de *Assassinatos e agressões contra mulheres no Norte da Inglaterra*:

"É significativo que, embora grande parte das recentes vítimas tenham sido prostitutas ou mulheres com moral duvidosa, na maior parte dos casos não tenha sido verificada óbvia relação sexual. Além disso, o motivo alegado para todos os casos foi um ódio patológico às mulheres. Nos casos mais recentes, mulheres inocentes foram atacadas. Na maior parte das vezes, foram observadas marteladas cruéis na parte de trás dos crânios, geralmente precedendo o esfaqueamento das vítimas. Em alguns casos, as roupas foram movidas para expor os seios e o ventre, onde logo depois punhaladas foram infligidas. Nenhuma punhalada atravessou qualquer pedaço de roupa.

"Os três fatores comuns a todos os crimes são:

a) O uso de duas armas: um instrumento afiado e um martelo bola de mais de meio quilo.

b) A ausência de relação sexual, exceto em uma das vezes.

c) A roupa movida para descobrir os seios e a região do púbis.

"Graças às evidências reunidas, a seguinte lista de cinco pontos deve ser utilizada para efeito de descarte de suspeitos:

1) Homens nascidos antes de 1924 ou depois de 1959.

2) Homens de cor.

3) Homens que calcem 40 ou mais.

4) Homens com outros grupos sanguíneos que não o B.

5) Homens sem sotaque de geordie ou do Nordeste da Inglaterra.

"Deve sempre ser lembrado que o responsável já pode ter se envolvido com a polícia por conta de antigos ataques, tanto a prostitutas como a outras mulheres, que não tenham tido consequências graves. E sugestões sobre a identidade do responsável, bem como qualquer outra informação sobre ataques similares, embora não necessariamente fatais, serão bem-vindas."

Parei.

Silêncio.

– E isso nos traz até este ponto, até Laureen Bell – eu disse.

Fechei a pasta e olhei para o meu relógio:

Meio-dia.

Merda.

Precisava de outro carro, precisava voltar a Batley, a Marshall.

Murphy, McDonald e Hillman olhavam para mim.

Craven dormia num canto.

– Certo – eu disse –, precisamos começar a reunir o que checamos, completar as várias listas, conversar com os oficiais envolvidos. Começaremos agora e amanhã de manhã nos reuniremos para ver aonde conseguimos chegar.

– Devo acordá-lo? – perguntou Hillman, sorrindo e apontando para Craven.

Pousei um dos dedos sobre os lábios.

– Melhor deixar que durma.

Eu estava na recepção, tentando conseguir um carro, quando algo foi dito no meu ouvido:

– A imprensa já chegou, senhor.

Virei.

Era um cara da assessoria de imprensa de Yorkshire. Evans, eu acho...

– O *Sunday Times*, lembra? – ele perguntou.

– Merda – eu disse, olhando mais uma vez para o meu relógio.

– Algum problema, senhor?

– Não. Cadê eles?

– Na sala do assistente-chefe de polícia. O senhor Noble disse que poderíamos usá-la.

– Legal – respondi, seguindo-o escada acima.

Dois jornalistas nos esperavam:

– Anthony McNeil – apresentou-se um homem alto, de óculos.

Apertei sua mão.

– Andy Driscoll – disse o outro, apresentando-se.

– Nunca fui entrevistado por duas pessoas ao mesmo tempo – eu disse,

sorrindo para Evans, que se sentou nos fundos da sala.

– Bem, Andy só veio para me dar uma carona – disse McNeil.

Eu me sentei à mesa de Noble, perguntando:

– Sério?

– Não. Ele só está brincando, senhor.

– Tudo bem. Podemos começar? – perguntei.

– Posso? – perguntou Driscoll, colocando um pequeno gravador sobre a mesa de Noble.

– Posso ligar o meu? – perguntei, colocando a mão no bolso.

– Certo – disse McNeil. – Viemos até aqui porque senhor foi chamado para formar parte do *Superesquadrão* e...

– Isso é o que você diz... – interrompi.

McNeil sorriu e disse:

– Claro, mais do que justo. Sendo assim, poderia nos contar que avanços o senhor e os demais membros desse *Superesquadrão* fizeram até agora?

– Quer dizer que agora nos chamam de *Superesquadrão?* – perguntei, sorrindo.

– Dizem que é formado pelos melhores detetives de todo o país.

– Fico lisonjeado.

– Mas – ele disse, recostando-se na sua cadeira –, isso é merecido?

– Como?

– Avanços. É sobre isso que as pessoas querem ler – ele disse. – Sobre os avanços que vocês fizeram ou deixaram de fazer.

– Isso é uma pergunta?

Ele fechou os olhos por um momento, depois os reabriu, dizendo:

– Sim, é uma pergunta.

– Senhor McNeil – eu disse, no tom mais brando e calmo que pude –, o nosso trabalho é observar a operação e aconselhar, fazendo as recomendações apropriadas.

McNeil sorriu e piscou o olho para mim, perguntando:

– Isso é uma resposta?

– Isso é dar um toque brando, certo? – interrompeu Driscoll.

Tentei sorrir e disse:

– Imaginei que só estivesse acompanhando...

– Não estou... Será que o mesmo poderia ser dito do senhor ou desse chamado *Superesquadrão*? – perguntou Driscoll, sorrindo.

Antes que eu pudesse responder, McNeil esclarecia:

– O que eu quis perguntar é se a sua equipe foi realmente trazida aqui para fazer o que disseram, cito: "*uma extensa revisão das antigas e atuais estratégias policiais usadas na caça do Estripador* ". Não foi isso o que disseram?

– Sim, foi isso, e é isso o que estamos fazendo.

– Obrigado – disse McNeil. – E o senhor se importaria em nos contar que progressos conseguiram fazer no transcurso dessa revisão?

– Estamos trabalhando, senhor McNeil.

– Obviamente.

– Então, *obviamente*, se estamos trabalhando, o trabalho ainda não terminou, e por isso não posso fazer nenhum comentário – eu disse, levantando a voz e olhando para o meu relógio, pensando em Helen Marshall. – O que mais gostaria que eu dissesse?

E ele saltou para cima de mim, dizendo:

– Palavras que ofereçam alguma esperança às centenas de estudantes que hoje à noite fugirão das cidades do Norte. Algo que dê esperança às milhares de mulheres que não têm a sorte de poder fugir das suas cidades do Norte, que terão de passar mais um Natal, o sexto, trancadas em casa, dependendo da carona dos pais e irmãos, maridos e filhos, de qualquer homem, menos do Estripador de Yorkshire. Gostaria que dissesse algo a todas essas mães e irmãs, esposas e filhas, sem falar na senhora Bell e nas outras doze mães sem suas filhas e dezenove crianças sem suas mães, tudo graças a ele... a ele e à inércia dos senhores.

Silêncio. Ao nosso redor, nada além do barulho da estação.

Da estação, de onde vinha a voz de alguns homens que cantavam uma versão obscena de *Jingle Bells*.

O homem nos fundos da sala, o representante da assessoria de imprensa ou seja lá como chamem o serviço, se levantou e saiu.

Olhei para McNeil, que balançava a cabeça, com os olhos pregados em mim.

Do lado de fora, a cantoria parou, deixando apenas o silêncio no ar até Evans retornar e sentar-se novamente.

McNeil suspirou e disse:

– Caso o senhor não tenha nada a dizer sobre isso, gostaria de pedir que comente as numerosas e fortes críticas dirigidas a West Yorkshire e ao inquérito em geral.

Ergui as mãos, mas não resolveu nada.

– Em primeiro lugar – ele disse –, há o caso da bolsa da senhorita Bell, que foi encontrada coberta de sangue e classificada como objeto não identificado vinte e quatro horas após o descobrimento do seu corpo, embora tenha sido entregue à polícia *antes* de ela ter sido localizada. Sem mencionar as declarações das meninas que dividiam apartamento com ela, que disseram ter insistido com a polícia para fazer uma busca ao notarem que Bell não chegara em casa na hora de sempre.

– O chefe de polícia já respondeu a essas críticas, como o senhor bem sabe.

– E o senhor não tem nada mais a dizer?

– Não, nada.

– Certo. E quanto ao fato de terem registrado o desaparecimento de Candy Simon e Tracey Livingston antes da aparição de seus corpos? No caso de Candy, sua roupa íntima cheia de sangue também foi localizada.

– Não tenho nada a dizer sobre isso.

– Certo. Vamos tentar algo mais próximo de casa. O senhor poderia nos explicar por que a polícia de Manchester demorou uma semana inteira para localizar a bolsa de Elizabeth McQueen, que estava a menos de cem metros de onde o seu corpo fora descoberto?

– Senhor McNeil – eu disse, com os punhos erguidos –, todos os assuntos que o senhor está levantando são claramente preocupantes para nós e constam nas revisões que estamos fazendo, mas honestamente, e espero que pela última vez, repito que não seria uma atitude nada profissional da minha parte comentar qualquer um desses pontos neste momento.

– Nada profissional?

– Exatamente.

Driscoll entregou a McNeil um recorte de jornal que tirou da sua pasta, e McNeil perguntou:

– Posso ler uma coisa?

– Fique à vontade – respondi, suspirando.

McNeil começou a ler:

– "*Muitas histórias sobre o Estripador são suposições... não podemos estar cem por cento certos, por exemplo, de que todos os assassinatos estejam relacionados. O que estamos dizendo é que todos são similares e por isso nos interessam. Por razões óbvias, para todos os oficiais, existe certa quantidade de informação que deve ser reservada para uma confrontação vital com o responsável pelos assassinatos.*

"Na balança das probabilidades, o homem que enviou a fita e escreveu as cartas é o Estripador, mas sempre permanece um ponto de interrogação, e seria equivocado, por parte dos oficiais, eliminar suspeitos simplesmente por não terem um sotaque geordie. *Nós definimos certos critérios, mas, no final das contas, acho que a intuição de alguns oficiais nos levará ao assassino. Temos a esperança de que algum oficial estará no lugar certo na hora certa, e nos oferecerá o momento de que tanto necessitamos. Vamos construir esse momento e colocar as mãos nele."*

McNeil parou de ler.

Silêncio mais uma vez.

– O senhor nunca ouviu isso antes, certo, senhor Hunter? – perguntou Driscoll.

Fiz que não com a cabeça.

– Não. É a primeira vez. Quem disse isso?

– O assistente-chefe de polícia Noble, no exemplar deste mês do *West Yorkshireman*.

Olhei para Evans, que disse:

– Trata-se do jornal da polícia de West Yorkshire.

– Certo.

– O senhor tem algum comentário a fazer sobre isso? – perguntou McNeil.

– É um bom conselho.

– E quanto às suas declarações de que talvez nem todos os assassinatos estejam relacionados, e de que a fita seria uma farsa?

– Na verdade, ele não disse isso. No entanto, o que disse foi um bom conselho.

– E quanto aos assassinatos não estarem todos relacionados? E quanto a isso?

– Ele tem razão, não podemos estar cem por cento certos.

– Janice Ryan? E quanto a ela? Sempre foi mantido um grande ponto de interrogação sobre ela.

– Como disse, não podemos estar cem por cento certos.

– Então vocês não estão investigando as relações entre os assassinatos de Janice Ryan e o de um detetive da Divisão de Costumes de Bradford, Eric Hall?

Evans ficou de pé, tentando interrompê-lo.

Eu balançava a cabeça:

– Não, não estamos.

– Não é isso o que a viúva dele tem falado por aí.

– Vocês conversaram com a senhora Hall? – perguntei.

McNeil e Driscoll fizeram que sim.

– Ela está equivocada – eu disse.

– Então não é verdade o que dizem sobre os assassinatos de Hall e Ryan estarem relacionados às batidas policiais de hoje cedo nos arredores da Grande Manchester, e que, por sua vez, estão relacionados aos assassinatos de Robert Douglas e sua filha de 6 anos de idade, na semana passada.

– Não sei nada sobre essas batidas.

Driscoll:

– Recebemos a informação de que os escritórios da Asquith & Dawson e vários pontos do centro da cidade pertencentes a eles foram vistoriados hoje cedo.

Eu olhava para Evans, que continuava de pé olhando para mim, e nossos olhos e mãos passeavam por toda a sala.

– Eu não estou ciente de nada disso – respondi, finalmente.

McNeil:

– E sabe da existência de rumores dizendo que o senhor pode ser afastado desse tal *Superesquadrão* graças às suas conexões pessoais com Richard

Dawson, o homem que buscavam nas batidas de hoje de manhã?

– Chega – disse Evans. – Já ouvi demais.

McNeil e Driscoll se levantaram, com as mãos no ar, como se pedissem desculpas.

Murmuravam coisas sobre terem metido o pé na lama.

Trocado os pés pelas mãos, sem intenção de ofender.

Mas eu fiquei ali, sentado, retomando a situação.

Até o momento em que Anthony McNeil inclinou o corpo sobre a mesa, com a mão esticada, dizendo:

– Obrigado pelo seu tempo.

Ofereci a minha mão automaticamente, incapaz de falar o que fosse.

Ele apertou a minha mão com força, murmurando:

– O senhor acha que a fita é uma farsa, certo?

– Senhor McNeil – disse Evans.

– Sim ou não?

– Ele não vai ser jogado num... – disse Evans.

– Sim ou não?

Silêncio mais uma vez, um maldito silêncio.

McNeil, Driscoll e Evans, todos me encaravam.

Eles me encaravam e eu permanecia sentado na mesa de Noble...

Na cadeira de Noble.

– Sim ou não, senhor Hunter?

– Não.

Procurando um telefone e um carro, para cima e para baixo, enquanto Millgarth me enrolava.

Finalmente, num telefone que estava num canto da Sala do Estripador, eu disse:

– Roger?

– Pete? Graças a Deus.

– Que merda é essa que está acontecendo? – perguntei.

– Tudo o que Smith pediu foi uma batida no escritório de Dawson e naquele lugar onde você esteve, na Oldham Street.

– Merda.

– E ele contou à imprensa sobre possíveis conexões com o assassinato de Douglas.

– Porra!

– Fica pior...

– O que aconteceu?

– Dawson não apareceu esta manhã.

– Para onde ele foi?

– Quem sabe? O advogado não sabe de nada, ficou sentado lá, esperando, exatamente como nós, e não conseguiu entrar em contato com ele.

– Vocês ligaram para a esposa?

– Ela não sabe. Está histérica.

– Droga, ela deve ter falado com Joan.

– Ele te ligou?

– Não.

– Você ouviu falar sobre as invasões?

– Uns caras do maldito *Sunday Times* me contaram.

– Que merda.

– É, e me disseram que eu seria afastado do caso do Estripador por causa disso.

– Por conta de Dawson?

– É.

– Bobagem. Vai vir aqui?

– Não posso – respondi, olhando mais uma vez para o relógio.

Merda:

Já passava das duas.

– Pete?

– Sinto muito, o que você disse?

– Pedi que mantenha o contato.

– Certo.

Desliguei e corri para o andar de baixo, depois *merda*...

Voltei à nossa sala, às *Spunk.*

Acenei para Murphy e McDonald, os dois com olhares estranhos.

Desci novamente, para o subsolo.

Neve...

Pelo menos me deram um Saab.

Saí de Leeds, com o rádio ligado:

"Algumas lojas estão fechando as portas mais cedo hoje, permitindo que os seus funcionários cheguem em casa ainda com a luz do dia. Isso está acontecendo por conta de um telefonema ameaçador recebido pelo Daily Mirror*, de um homem que se dizia o Estripador de Yorkshire, dizendo que voltaria a matar hoje ou amanhã."*

Neve negra...

O carro congelando...

Então, é Natal?

As ruas mortas, passando por Morley, pensando em Joanne Thornton, seguindo para Batley, pensando em Helen Marshall...

E o que temos feito?

Seguindo para a Bradford Road, deixando o centro de Batley para trás e vendo um carro à frente, estacionado no mesmo local...

Parei um pouco atrás, tranquei o carro e desci a rua correndo, a neve não passava de pontos cinzentos entre a chuva fina. A noite chegava.

Bati no vidro da porta do motorista e olhei para dentro.

Ninguém.

Merda.

Tentei abrir a porta.

Trancada.

Olhei para a rua, para os dois lados, para a RD News.

Tudo deserto. Nada além de alguns caminhões sob a chuva.

Merda, merda.

E, então, eu a vi. Ela saía de uma cabine telefônica mais acima, com a jaqueta sobre a cabeça, correndo em direção ao carro, sob as luzes dos faróis dos caminhões e a chuva de neve.

Viu-me e correu ainda mais.

– Estava ligando para você – ela disse, abrindo a porta do carro, olhando para o jornaleiro.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa?

– Não, não – respondeu, entrando e abrindo a porta do carona para que eu entrasse.

Fechamos as portas e ficamos sentados no interior do carro, do carro frio e velho, e ela parecendo velha e dura.

– Só queria saber quando voltaria – ela disse, sem graça.

– Sinto muito, mas tive um dia terrível – eu me desculpei.

– Divirta-se por aqui, então – ela disse, sorrindo.

– Muito calmo?

– Como uma tumba.

– Você comeu alguma coisa?

– Um par de luvas de motorista e um mapa.

– Sinto muito, deveria ter trazido algo.

– Eu aguento – ela disse.

– Você já pode ir embora.

– E você?

– Vou ficar aqui.

– A que horas devo voltar?

– Você já trabalhou demais.

– Não, eu quero voltar.

– Tem certeza?

– Não diria se não tivesse.

– Obrigado – agradeci.

– Há algo mais que eu possa fazer?

– Não, busque algo para comer, depois durma um pouco.

– Acho que eu já desisti de dormir.

– Na verdade, tem uma coisa que você poderia fazer – eu disse, pegando o meu caderno de anotações.

Ela sorriu e disse:

– Eu sabia.

– Você poderia ligar para a senhora Hall? Uma ligação simples, nada mais.

– Claro. Por quê?

– Só para ver como ela está.

– Só isso? Para ver como ela está? – ela perguntou, sorrindo.

– Sei lá... – eu disse, balançando a cabeça. – Hoje dei uma entrevista a dois caras do *Sunday Times* que disseram ter conversado com ela. Você poderia perguntar-lhe sobre eles?

– Perguntar o quê?

– O que eles lhe perguntaram, o que ela disse.

– Certo. Uma aproximação sutil?

Abri na página onde estava escrito o número da senhora Hall.

– É o primeiro número – eu disse.

– De quem é o outro?

– Do reverendo Laws.

– Eu estava pensando nele – ela disse.

– Que horror.

– Você não gosta dele, certo?

– Não.

– É justo – ela disse.

Abri a porta do carona.

– Quando devo voltar? – ela perguntou.

Olhei para o meu relógio e respondi:

– Às onze, onze e meia?

Ela fez que sim e ligou o carro.

– Nos vemos, então.

– Cuide-se.

– Não faça nada que eu não faria – ela disse, sorrindo, enquanto eu fechava a porta.

– Não se preocupe – respondi, e ela foi embora.

De volta ao Saab, desci um pouco a rua até encontrar o parque. Depois dei marcha a ré usando a rampa de entrada para uma casa com uma árvore de Natal apagada na janela, e passei em frente à RD News, estacionando perto o suficiente para, usando os retrovisores, conseguir observar a janela do andar de cima e o beco. Abri um pouco a janela para que os vidros não embaçassem, depois fiquei sentado, com o rádio ligado, ouvindo, observando, esperando.

mesma metade das marcas do pneu desgastado india autoway na cena da minha colega marie watts então eu realmente fui a mulher mais sortuda de yorkshire uma mulher bem conhecida na região de preston um casaco de couro preto curto jeans camisa azul com uma bolsa de jeans azul cabelos lisos escuros e atraente com uma boca carnuda e sensual olhei para ela você ainda respirando olhei para a morta vendo se você achava que o sofrimento era igual à transmissão seis tracey livingston trinta e um encontrada no seu apartamento da ash lane preston sábado sete de janeiro de mil novecentos e setenta e oito morte causada por quatro golpes na cabeça com instrumento não localizado perfurações no abdômen e possivelmente nas costas que não se confirmaram fatais as feridas eram tão grandes que a roupa de quem a atacou ficou bastante ensanguentada olhei para a miséria dela e ela olhou para você e com as duas mãos ela abriu o peito e disse veja como você me rasgou veja a monstruosa punição você ainda respira olhando para a morta para ver se o sofrimento se parecia a uma trouxa coberta de lençóis ela inicialmente fora atacada ao atender à porta e recebera quatro pesados golpes na cabeça o assassino tirou então o casaco dela antes de colocá-la na cama seu jeans desbotado e sua calcinha foram baixados juntos mas o jeans fora parcialmente puxado para cima e o sutiã estava acima dos seios que ficaram expostos ela fora apunhalada seis vezes no estômago e havia outros sinais de tentativa de punhaladas nas costas embora a pele não tenha sido rasgada e algumas marcas de cortes no lado esquerdo do corpo causadas por uma faca ou cinzel de mais de um centímetro uma mostra de sangue revelou que tracey consumira vinte doses de bebida alcoólica e morreu à meia-noite uma coleta de secreção vaginal revelou a presença de sêmen mas poderia ter sido resultado de atividade sexual feita algum tempo antes uma marca de bota de plástico dunlop warwick wellington tamanho trinta e sete a mesma encontrada na coxa de joan richards foi localizada no lençol da cama no silêncio do apartamento após a morte apenas o relógio e o gotejar de sangue da torneira sangue na piscina no hall a trouxa coberta de lençóis em cima da cama apenas o relógio e o gotejar da torneira os cabelos escuros e grossos misturados ao sangue escuro e espesso as repetidas batidas à porta o silêncio do apartamento após a morte na sua coxa a marca de sangue de uma mão coberta no lençol a marca de sangue da bota ela jogada contra o teto de um carro por ter bebido e usado aquela linguagem indecente que nenhuma mulher decente deveria usar e quando eu parei ela apareceu ao meu lado sem que eu tivesse de seduzi-la e fomos para o seu apartamento e eu peguei o meu martelo com ponta de garra debaixo do banco e o coloquei dentro do meu casaco e pendurei o casaco em seu apartamento e então esperei até que ela estivesse sentada na cama de costas para mim antes de atingi-la quatro vezes e ela caiu no chão e depois eu a arrastei de volta à cama e expus seus seios e a parte inferior do seu corpo e então eu a atingi com uma das pontas do martelo e a arranhei com a outra vendo as marcas surgindo na sua carne e enterrei uma faca no seu estômago e como estávamos lá dentro o sangue parecia vermelho pela primeira vez e não preto como sempre parecia na escuridão e eu atirei os lençóis em cima dela e a deixei sozinha no quarto fazendo terríveis sons com a garganta e eu achei que não estaria em condições de contar a ninguém o que acontecera sabia que demorariam a chegar e sabia que desviariam os olhos

sabia que não encarariam a miséria dela e ela os olharia com as duas mãos abrindo o seu

13

Um tiro.

Acordado, suado e com medo dentro do carro, à noite. O carro sujo, a noite escura.

Olhei para o relógio do carro:

Meia-noite.

Merda.

Acendi a luz interna e olhei para o meu relógio.

Voltei a desligar a luz.

Sentado no escuro, pensando.

Cadê ela?

Saí do carro.

Subi a rua sob chuva e neve em direção à cabine telefônica...

Abri a porta e...

BUM!

Caí de costas no chão, sob uma chuva de cacos de vidro.

Alarmes tocavam e gritos eram ouvidos, pés correndo.

Várias pessoas saíram da loja de comida chinesa.

Eu tentava me levantar quando...

BUM!

Mais chuva de cacos de vidro, mais alarmes tocaram, mais gritos, mais pés começaram a correr e eu me levantei.

Corri para o meio da rua, um carro freava e desviava, tentando me evitar.

Uma fumaça saía da RD News, que estava com as portas escancaradas.

– Gás! – alguém gritava. – Gás!

Passei correndo pela farmácia, cujos vidros também estavam estilhaçados e tocava o alarme ensurdecedor.

Os garçons chineses corriam para todos os lados, o restaurante esvaziando.

As clientes tentavam correr com seus saltos altos e vestidos compridos, os

homens com sangue nos cabelos, nos rostos, nas mãos.

Dei a volta em direção aos fundos e entrei no beco, pessoas em roupões e casacos saíam correndo de suas casas, cães latiam.

Cheguei ao portão dos fundos, que estava aberto, e alarmes tocavam no pátio.

Alcancei a porta dos fundos, abri e...

BUUUUUUUUUUM!

Caí de bunda novamente.

O meu rosto queimava por conta do calor intenso, da fumaça e das chamas.

Algumas pessoas no pátio me puxavam, falando em várias línguas diferentes.

Fora do beco, uma velha senhora disse:

– Você está bem, querido? Eu comentei com eles sobre terem tantos botijões de gás.

Eu a afastei e voltei ao beco, mas os bombeiros já tinham chegado, e uma ambulância estacionava.

E as chamas lambiam as janelas, tocavam as paredes.

Virei-me e vi dois policiais uniformizados na outra ponta do beco, então corri para o lado oposto.

Voltei à Bradford Road, misturando-me à multidão que se formava, todos murmurando e comentando qualquer coisa sobre o gás.

Examinando os rostos.

Depois voltei ao meu carro.

Entrei e fui embora.

Pisando fundo no acelerador, passei por Hanging Heaton, atravessei Morley e entrei em Leeds.

Estacionei sob os arcos, perto da estação, e liguei a luz interna.

Eu tinha cortes no rosto, sangue nas orelhas, nos cabelos e nas mãos.

Desliguei a luz, peguei a sacola de *Spunk* no banco traseiro e saí do carro. Fechei a porta e segui em direção ao Griffin.

– Helen? – gritei, batendo na sua porta.

Continuei batendo:

– Helen?

Uma porta se abriu no fundo do corredor:

Era Hillman, vestindo um pijama azul.

Merda.

– O que foi? – ele perguntou, aproximando-se. – O que aconteceu?

– Nada – respondi, coberto de sangue e com uma sacola cheia de revistas pornográficas na mão.

– O que aconteceu com você?

– Um incêndio. Nada grave. Onde está Helen?

– Um incêndio? Onde? – ele perguntava. – Você parece péssimo, deveria ir ao hospital.

– Mike, cadê Helen? – perguntei, agarrando-o.

Ele sacudiu a cabeça e disse:

– Estava no bar mais cedo.

– Quando? – perguntei, olhando para o meu relógio.

– Não sei. Que horas são agora?

– Quase duas – respondi. – Cadê ela?

– Não sei – repetiu. – Acho que ia se encontrar com alguém.

– Com quem?

– Não sei – ele repetiu. – Ela estava um pouco estranha.

– Estranha?

– Parecia ter algo em mente.

– Quando foi isso?

– Por volta das oito, nove talvez.

– Ela conversou com John ou Alec?

– Duvido. Eu estava com Mac, e ninguém viu Murphy desde essa tarde.

– E cadê ele?

– Murphy? Não tenho ideia. Você está me machucando, senhor.

Olhei para a minha mão agarrando o seu braço e o soltei, deixando marcas de sangue no pijama.

– Sinto muito – eu disse.

– Você precisa procurar ajuda. – Me deu um braço para eu me apoiar.

– De quem?

– De um médico, eu quero dizer.

– Não posso – respondi, me afastando.

– Mas está com uma aparência péssima.

– São apenas cortes e arranhões – eu disse, pegando a chave do meu quarto.

– Seria melhor se alguém te examinasse.

– Vou para o meu quarto. Ficarei bem.

Ele ficou parado na porta do seu quarto, olhando para mim.

– Até amanhã – eu disse, me afastando.

– Tem certeza de que está bem?

Fiz que sim e levantei a mão, com o polegar para cima.

Na minha porta, virei e olhei para o corredor.

Ele desaparecera.

Abri os olhos.

O telefone tocava.

Girei o corpo na cama, passando por cima dos exemplares abertos de *Spunk*, das páginas da *Exegese*, e atendi:

– Helen?

– Peter?

– Joan, sinto muito.

– Estava preocupada com você.

– Sinto muito – eu me desculpei, tentando me sentar na cama. Uma luz cinzenta atravessava as finas cortinas do hotel.

– Onde você esteve?

Olhei para o meu relógio.

Sete horas.

Terça-feira, 23 de dezembro de 1980.

– Peter?

– Sinto muito. O que você perguntou?

– Onde você esteve?

– Em vigília.

– Vigília?

– Sem telefone. Sinto muito.

– Fiquei preocupada. Só isso.

– Sinto muito.

– O tom da sua voz está terrível.

– Estou cansado, nada mais.

– Você estava dormindo?

– Não importa. Alguma notícia de Linda?

– É por isso que estou tentando falar com você. Richard não aparece em casa desde domingo e ela imaginou que ele pudesse estar com você.

– Comigo?

– Ela tem procurado por você.

– Ah, não.

– Você não sabe onde ele está, então?

– Não. Roger Hook me disse que ele não apareceu no interrogatório de ontem de manhã.

– Interrogatório?

– Rotina. Ele sabia que era rotina, mas Clement Smith enviou homens da Divisão de Costumes para uma batida no seu escritório.

– Da Divisão de Costumes?

– Sim, da Divisão de Costumes – respondi, com a cabeça latejando.

– Você acha que ele está bem? – perguntou Joan.

– Acho que ele deve ter saído do país.

– Não, não Richard. Não sem avisar Linda.

– Ele não está bem, querida. Está muito nervoso, paranoico.

– E para onde poderia ter ido?

– Para a casa deles na França.

– Não. Você acha mesmo?

– Para onde mais poderia ir?

– Posso comentar isso com Linda?

– Caso ela ligue novamente, pode mencionar – respondi. – Não me lembro se tinham telefone naquela casa. Você se lembra?

– Não tinham.

– Tem certeza?

– Você comentou que era a melhor coisa da casa.

Eu me sentei na cama, sobre uma das revistas, segurando o fone, fazendo que sim com a cabeça.

A minha cabeça explodia.

– Você tem razão – eu disse.

– Quando voltará para casa, querido?

– Não sei.

– Amanhã é véspera de Natal.

– Eu sei. Estarei de volta amanhã à noite, talvez antes.

– É o que espero.

– Eu te amo.

– Eu também te amo – ela respondeu.

– Tchau.

– Tchau.

Ela desligou e eu me sentei na cama, sobre uma das revistas, com o telefone mudo na mão, olhando para o espelho do quarto.

Passados alguns minutos, eu me levantei e fui até o banheiro, troquei de roupa e lavei o sangue do meu rosto, cabelos e mãos, limpei a pia ao terminar.

– Helen? – chamei, batendo na porta.

Continuei batendo:

– Helen?

Tentei abrir...

Trancada...

Merda.

Na recepção do Griffin, toquei a campainha.

– Poderia me informar se a senhorita Marshall está no quarto? – perguntei ao recepcionista.

Ele deu uma olhada na lista, no armário de chaves e, depois, olhou para mim e fez que não com a cabeça.

– Ela está fora.

Eu estava a ponto de ir embora, mas parei e perguntei:

– Algum recado?

– Para o senhor Hunter?

Fiz que sim.

– Acho que a sua esposa ligou ontem à noite, algumas vezes.

– Nada mais?

– Não.

– Tem certeza?

– Sim – ele respondeu. – Tenho certeza.

Demorei quase uma hora para chegar a Levenshulme, com chuva, depois granizo, depois neve, depois granizo, depois chuva, as ruas vazias, a paisagem morta.

Às dez, a rádio local dava as notícias:

"Ontem à noite, uma explosão destruiu uma banca de jornal e propriedades vizinhas na Bradford Road, em Batley. Nove pessoas foram levadas ao hospital por conta de impactos ou cortes causados por cacos de vidro que voaram após a explosão. Uma delas continua internada. Cinco policiais estão investigando a possibilidade de o acidente ter sido causado por botijões de gás vendidos no jornaleiro.

"Esta tarde, muitas lojas voltarão a fechar as suas portas mais cedo, pois a polícia continua investigando o telefonema recebido pelo Daily Mirror *de um homem que dizia ser o Estripador de Yorkshire, ameaçando matar novamente hoje. Enquanto isso, a polícia divulgou novas características e um retrato falado do homem visto nos arredores da Alma Road, arredores de Headingley, no*

mesmo momento em que, segundo estimativas policiais, Laureen Bell foi brutalmente assassinada.

"Esse homem foi descrito como...".

Desliguei o rádio.

Eu conhecia a sua aparência.

Parei na rua deles, numa área chique de Levenshulme, já na saída para Stockport, com a *Exegese* no meu colo, ouvindo as fitas na minha cabeça:

Robert Charles Douglas: 12 de outubro de 1946, nascido em Mirfield, West Yorks; abril de 1964, entra para a polícia de Bradford; agosto de 1973, casa-se com Sharon Pearson; fevereiro de 1974, nasce sua filha Karen; 17 de dezembro de 1974, prende Michael Myshkin; 24 de dezembro de 1974, levou um tiro e foi ferido em Strafford Arms, em Wakefield; 13 de outubro de 1975, forçado a aposentar-se da polícia de West Yorkshire. Muda-se para Manchester.

Paro.

Rebobino:

Polícia de Bradford.

Eric Hall, o detetive inspetor Eric Hall.

Divisão de Costumes de Bradford.

Rebobino:

"Confie no seu tio Bob."

Pensando.

Tio Bob?

Imaginando.

O detetive inspetor Robert Craven.

Ou o ex-policial Robert Douglas.

Paro.

Tomei alguns analgésicos para a minha dor nas costas.

Depois coloquei alguns exemplares da *Spunk* numa sacola e saí do carro. Tranquei a porta e subi a rua, sob a chuva fina, em direção à casa deles.

Nenhuma luz acesa, nenhum carro na garagem.

Caminhei até a porta da frente, toquei a campainha e esperei.

A voz de uma mulher por trás do vidro decorado disse:

– Sim?

– Senhora Douglas?

– Sim.

– Polícia, minha querida.

Ouvi as trancas se movendo e a porta foi aberta.

Sharon Douglas apareceu no vão da porta, ainda com a corrente fechada e perguntou:

– Polícia?

– Sim – respondi, mostrando a minha identificação.

– Isso tem algo a ver com Bob e Karen?

– Sim, de alguma forma. Posso entrar?

Ela soltou a corrente, e abriu a porta.

Entrei na casa escura.

– Pode entrar – ela disse, fazendo sinal para a sala de estar à direita.

Entrei naquele cômodo com uma reprodução de Degas sem moldura, os cartões de Natal e a árvore, algumas fotos da filha e a televisão ligada, sem som.

– Sente-se – ela disse.

Sentei-me no grande sofá.

Ela se sentou numa das poltronas próximas à lareira elétrica com carvão artificial brilhante.

A senhora Douglas continuava com os olhos vermelhos e com olheiras, mas já não estava repleta de chá e simpatia. Bonita, tinha cabelo loiro curto, como Lady Diana Spencer, calça roxa e suéter preto.

– Houve um incêndio em Batley, ontem à noite, no jornaleiro cujo espaço pertence ao seu marido – eu disse.

– Eles ligaram ontem à noite – ela disse, concordando com a cabeça.

– Quem ligou, minha querida?

– A polícia – ela respondeu, lutando contra as lágrimas. – Eu queria ir até lá, até a loja, mas não tenho carro, né?

– Família ou amigos não poderiam ter dado uma carona?

– Não tenho ninguém por perto.

– De onde a senhora é?

– Bradford.

– Eu sou nascido e criado em Manchester – comentei. – Moro em Alderley Edge.

– Legal – ela comentou, sorrindo.

– Nós gostamos. A senhora sente falta? Sendo uma moça de Yorkshire e presa aqui, entre nós, uns bárbaros.

Ela fez que sim novamente.

– Voltaria? – perguntei.

Ela fez que não com a cabeça, mordendo o lábio.

– Mas não deveria ficar sozinha.

– É muito cedo para ir embora – ela disse. – Todas as coisas dela estão aqui, os brinquedos dela, todas as coisas dela.

– Por que se mudaram para cá? – perguntei.

– Bob – ela respondeu. – Ele queria sair de lá.

– De Yorkshire? – perguntei, sorrindo. – Não posso dizer que eu o culpo.

Ela sorriu, educadamente, mas com os olhos mortos, sem expressão.

– Estavam casados há muito tempo?

– Sete anos.

– Então, Bob já era policial quando se conheceram?

– Sim, o senhor o conhecia bem? – ela perguntou.

– Não – respondi. – Não muito.

– Ele não queria sair, o senhor sabe?

– Foi o que ouvi.

– Mas ficamos bem.

– Ele nunca trabalhou naquela loja em Batley?

– Não, não ele. Alugou para uns paquistaneses.

– E o que fazia?

– Tinha os seus negócios.

– *Negócios?*

– Não me pergunte o quê – ela disse, dando de ombros.

– Certo – eu disse.

– Olhe só para mim... perdendo os meus modos – ela disse, levantando-se de repente. – O senhor aceita uma xícara de chá?

– Se não for incômodo.

Ela atravessou a sala, depois parou na porta.

– Sinto muito. Não entendi seu nome?

– Peter Hunter – respondi, ainda sorrindo para ela.

– Sharon – ela sorriu de volta. – Sharon Douglas... – e parou.

Parou e virou o corpo.

Eu continuava sorrindo para ela.

– Você disse Peter Hunter?

Fiz que sim, sorrindo.

– O senhor esteve aqui no domingo? É o policial que investiga as ações da polícia, certo?

Tentei continuar sorrindo.

– E nos encontramos na delegacia central.

– E o senhor esteve em Wakefield antes de atirarem em Bob. Eu me lembro de você. Eles sempre eram...

– Sempre eram o quê, minha querida?

Ela ficou me encarando, balançando a cabeça.

– Melhor o senhor ir embora.

Fiquei parado, e perguntei:

– Sempre eram o quê, Sharon?

– Quero que vá embora.

Fiquei de pé e peguei uma *Spunk* da sacola.

– Precisamos conversar sobre isto.

– Vá embora daqui! – ela gritou, sem olhar para a revista.

– Era este o *negócio*, não é, minha querida?

– Saia daqui!

– Olhe para isto, Sharon.

– Saia!

Fui atrás dela.

– Foi assim que vocês se conheceram, certo?

– Foda-se! – ela gritou, seguindo em direção à porta.

Eu a segui até a entrada.

– Não se preocupe, minha querida. Eu tenho todos. Todos os malditos exemplares.

Ela abriu a porta e agarrou o meu braço, empurrando-me para fora de casa..

– Bastardo! – ela gritou. – A minha filha está morta, seu bastardo de merda!

– Em que edição você saiu?

– Seu idiota! – ela gritou e bateu a porta.

Segurei a revista contra o vidro da porta e disse:

– Por que não faz algumas cópias e distribui para os seus vizinhos?

– Estou ligando para a polícia – ela disse, do lado de dentro.

– Boa ideia – respondi, indo embora. – A gente adora uma putaria.

Estava mais uma vez em algum ponto dos Moors, lembrando-me que era quase Natal e me odiando novamente, pensando que merda eu achava que estava fazendo, que merda eu faria, os pesadelos não me abandonavam, continuavam ruins, como as dores de cabeça e as dores nas costas, os assassinatos e as mentiras, os gritos e os murmúrios, a estridência dos fios e dos sinais, como as vozes e os números:

666.

Estacionado ao lado de uma igreja, no caminho para Denholme, com a *Exegese* no meu colo, ouvindo novamente as fitas na minha cabeça.

Ouvindo e revisando, preenchendo as lacunas.

Juntando as peças.

Convencido:

Robert Charles Douglas nasceu em Mirfield, West Yorkshire, no dia 12 de outubro de 1946, compartilhando aniversário com o cultista e praticante de magia negra Aleister Crowley. Frequentou a Mirfield Grammar School,

passando rapidamente por uma faculdade técnica antes de entrar na polícia de Bradford, aos 18 anos. Aos 27, Douglas se casou com Sharon Preston, uma glamour model *dez anos mais jovem. Em fevereiro de 1974, nasceu sua filha Karen. Em 1974, como detetive, Douglas ficou nacionalmente conhecido como um dos dois policiais responsáveis pela prisão de Michael Myshkin, homem que foi condenado por ter matado Jeanette Garland, Susan Ridyard e Clare Kemplay. Poucas semanas mais tarde, Douglas voltou às manchetes dos jornais, dessa vez como vítima de um tiroteio ao tentar evitar um assalto ao* pub *Strafford Arms, no centro de Wakefield. Foi forçado a se aposentar da polícia por invalidez no dia 13 de outubro de 1975, dia seguinte ao seu aniversário de 29 anos. Apelou três vezes contra tal decisão. Com uma boa indenização pelas feridas e pela aposentadoria forçada, Douglas comprou uma casa nova em Levenshulme, em Manchester, e uma banca de jornal em Batley. Mais tarde, alugou a banca para concentrar-se em* outros negócios, *com um detetive da Divisão de Costumes de Bradford chamado Eric Hall e um homem de negócios de Manchester conhecido como Richard Dawson. Começaram a publicar uma revista pornográfica chamada* Spunk. *A sua vida, porém, começou a deteriorar-se no dia 13 de outubro de 1975. Sempre foi bom bebedor – mesmo nos tempos na polícia –, Douglas era considerado "instável" e um "calcanhar de aquiles" por alguns dos seus colegas; de 1975 em diante, envolveu-se em vários pequenos incidentes, todos, no entanto, agravados por sua crescente dependência alcoólica. Durante 1977, Douglas foi várias vezes notificado como desaparecido por sua mulher e, sempre que voltava a casa, em Manchester, a vizinhança costumava ligar para a polícia denunciando insultos, mau comportamento e agressões à esposa. Em junho de 1977, Eric Hall e sua namorada, uma antiga modelo da* Spunk *conhecida como Janice Ryan, foram assassinados. Douglas não foi mencionado em nenhuma das investigações. No verão de 1979, Douglas foi dado como desaparecido pela polícia local, que não foi capaz de localizá-lo. Finalmente, apareceu no apartamento do irmão, em Glasgow, em setembro de 1979. Voltou à sua esposa no mesmo mês, aparentemente tendo deixado de beber. Permaneceu em Manchester até o final de novembro de 1980, quando mais uma vez passou a desaparecer por vários*

dias. Bob Douglas estava assustado, fugindo... em algum momento, entre a terça-feira, 16, e a quarta-feira, 17 de dezembro de 1980, Bob Douglas e sua filha foram assassinados.

Douglas, Dawson e Hall.

Convencido:

Obcecado, possuído, convencido.

Parei mais uma vez na porta daquela casa, cujos fundos se abriam ao campo de golfe Denholme. Atravessei a entrada e toquei a campainha.

Outra voz atrás de outra porta:

– Sim?

– Senhora Hall? É Peter Hunter.

Ouvi uma corrente sendo solta e duas trancas abertas.

A porta se abriu:

– Boa tarde, senhor Hunter – disse Libby Hall, sorrindo.

– Será mesmo? – perguntei, dando uma olhada na rua escura e na chuva constante, que se transformava em granizo, em neve, em chuva em granizo em neve que pareciam querer me perseguir, me assustar, me amaldiçoar.

– Entre – ela disse. – Acho que estou nos meus cinco minutos de fama.

– Obrigado – eu disse, seguindo em direção à sala de estar.

– Sente-se, por favor – ela disse.

– Obrigado – repeti, sentando-me no grande sofá dourado.

– O que aconteceu com o seu rosto?

– Nada.

– Sério? – ela perguntou, sorrindo. – Gostaria de tomar uma xícara de chá?

– Não, obrigado. Acabei de tomar uma.

– Não vou insistir – ela disse, sorrindo, sentando-se ao meu lado no sofá.

– A senhora disse que recebeu várias visitas, certo?

– É o que parece – ela respondeu, sorrindo. – Primeiro o senhor e a detetive Marshall, depois o reverendo apareceu novamente, embora não tenha sido exatamente uma surpresa, depois Helen Marshall, que apareceu ontem à noite, e

agora o senhor novamente, sem falar no meu filho, que sempre aparece para ver como estou.

– Então a senhora esteve com a detetive Marshall ontem?

– Estive. Ela telefonou antes, perguntando se poderia vir, pois era um pouco tarde.

– A que horas ela chegou aqui?

– Por volta das nove e meia, eu acho – ela respondeu, confusa.

– E ficou muito tempo?

– Não. Por quê? Algo errado?

– Não.

– Não aconteceu nada com ela, certo?

– Não. Por que teria acontecido?

Ela apertava o colar contra a pele.

– Bem, o senhor sabe... o Estripador prometeu matar novamente.

– Senhora Hall, eu garanto que não aconteceu nada. Só estava passando por aqui e resolvi fazer uma visita. Eu sabia que a detetive sargento Marshall queria conversar com a senhora, mas acabamos não nos encontrando hoje. Só isso.

– Sinto muito, senhor Hunter. Mas a verdade é que ela não parecia nada bem.

– Acho que está cansada por conta do inquérito do Estripador e tudo isso.

– Foi o que ela disse. Imaginei que o senhor fosse me dizer que ela esteve envolvida num acidente ou algo parecido.

– Não, isso não.

– Tudo bem, então – ela disse, sorrindo.

– Ela não perguntou nada sobre dois repórteres do *Sunday Times*?

– Sim, perguntou. E isso é estranho, não acha?

– Por quê?

– Nunca falei com ninguém do *Sunday Times*.

– Não conversou com nenhum jornalista recentemente?

– Senhor Hunter, eu adoraria – ela disse, suspirando. – Tentei, mas ninguém quer saber disso.

– Não conversou com ninguém recentemente? Outro policial? Ninguém?

Ela fez que não com a cabeça.

– Helen Marshall me perguntou exatamente isso, e vou lhe dizer o mesmo que disse a ela: não, infelizmente.

– A detetive sargento Marshall perguntou por alguém mais?

– Um pouco sobre o reverendo, um pouco sobre o senhor Whitehead.

– Certo.

– Disseram-me que o senhor Whitehead não está muito bem. É verdade?

– É verdade, sim.

– Dizem que teve uma espécie de convulsão.

– É, acho que foi isso.

– Mas aparentemente ele está fora de perigo.

– Quem te contou isso, a detetive sargento Marshall?

– Helen? Não, quem me contou foi o reverendo Laws.

– E a que horas ela foi embora?

– Ah, por volta das dez. Dez e meia, talvez. Ficou no máximo uma hora.

Olhei para o meu relógio.

– Tem certeza de que não aconteceu nada? – ela perguntou. – Não está tentando me poupar, senhor Hunter?

– Ela está bem – respondi. – Mas a senhora se importaria caso lhe fizesse mais algumas perguntas?

– Não, claro que não.

– Estive dando uma olhada nas coisas de Eric, no que a senhora me entregou, e encontrei uma revista, uma revista pornográfica.

– Sei – ela disse, imediatamente: – a *Spunk*.

Fiz que sim e perguntei:

– A senhora sabe alguma coisa sobre isso?

– Só sei que Janice Ryan está lá.

– Mas Eric nunca mencionou a revista?

– Não.

– Falou sobre uma empresa chamada MJM Limited?

– Soa familiar, na verdade.

– Sério? – perguntei, inclinando o corpo para a frente.

– Fazem filmes, certo?

– Talvez. O que a senhora sabe sobre essa empresa?

– Tem um leão como símbolo, não?

Eu me recostei no sofá, sorrindo.

– Essa é a MGM, senhora Hall.

– Sinto muito, o que foi que o senhor disse?

– M*J*M.

– Não. Acho que não conheço.

– E um homem chamado Richard Dawson?

Ela balançou a cabeça.

– Não.

– Seu marido conhecia alguém chamado Richard?

Ela parou, depois disse lentamente:

– Não, não que eu me lembre.

– Ninguém? Ninguém mesmo?

– O nosso filho é Richard, claro.

– E Bob Douglas? Ele nunca falou sobre um policial chamado Bob Douglas?

– Ah, sim – ela respondeu, erguendo o corpo. – Dougie? Claro. Sua esposa Sharon e a menininha.

– Karen – eu disse.

– Sim, Karen.

– Os senhores eram amigos do casal, certo?

– Amigos? Acho que sim... talvez.

– Já foi à casa deles?

– Eu não. Fica em Manchester, certo?

– Em Levenshulme.

– Isso mesmo. Sei que Eric esteve algumas vezes lá, e Dougie costumava vir sempre aqui para jogar umas partidas com Eric.

– Golfe?

– É – ela respondeu, sorrindo. – Embora Dougie, segundo Eric, aparentemente imaginasse ser muito melhor do que de fato era. E uma vez vieram jantar.

– Bob Douglas e a esposa?

– Sim, mas só uma vez. Ela é bem mais jovem do que eu, e talvez por isso não

tenham vindo mais vezes.

– Quando a senhora os viu pela última vez?

– Desde...

– Certo – cortei, rapidamente.

– Aconteceu a mesma coisa com mais gente.

– E como eles se conheceram? – perguntei, cada vez mais ágil.

– Em Bradford, quando Dougie entrou na polícia.

– Claro – comentei, fazendo que sim.

– Estava há pouco tempo lá quando foi transferido – ela disse, olhando para as pesadas cortinas douradas. – Porém, ao ser baleado, houve toda aquela história e eles se mudaram para aquela casa, e acho que Eric e Dougie começaram a ter menos oportunidade de se ver.

– Mas tudo continuou bem entre eles?

Ela franziu a testa.

– Quem não ficou bem foi Dougie. Não após os tiros.

– Foi o que ouvi falar.

– Mas por que o senhor está escutando o que eu digo? – ela perguntou, de repente. – Eu sou tão ruim quanto falam de mim, certo?

– Não – eu disse. – Não é não.

– Seria melhor ter morrido do que ficado daquela maneira... foi o que disseram sobre ele. Foi o que Eric disse. Melhor morto... E falaram o mesmo sobre mim.

– Não é a mesma coisa.

– Melhor morta, foi o que disseram.

– Senhora Hall, Bob está morto.

Ela agarrou a pele do pescoço e perguntou:

– Quando?

– Na semana passada. Imaginei que a senhora soubesse.

– Não – ela respondeu, balançando a cabeça.

– Foi assassinado.

Agarrando a pele do pescoço com força, balançando a cabeça, ela disse:

– Não.

– Sinto muito – eu disse, olhando para a rua e para a noite escura, com aquela

chuva constante que se transformava em granizo, em neve, em chuva, em granizo, em neve, que pareciam me perseguir, me assustar, me amaldiçoar.

– Era o pior pesadelo de Eric, sabia? – perguntou a senhora Hall, de repente.

– O quê?

– Ser chutado da polícia como Dougie. Isso e ter de passar o resto da vida matando o tempo.

– Bob Douglas não foi exatamente chutado da polícia. Ganhou um bom dinheiro.

– Eric sempre disse que preferia se matar a perder o emprego ou ser preso.

– Não é um sentimento muito raro – eu disse.

– Imagino que por isso eles odeiam tanto o senhor. Por isso chamam o senhor de tudo aquilo.

Santo Idiota, pensei.

– Acho que sim – eu disse.

– Por esse motivo Eric o odiava?

Eu não sabia o que dizer, então respondi:

– Isso poderia não ter acontecido.

Ela sorriu, dizendo:

– Não é verdade, senhor Hunter. Mas obrigada.

Olhei para o meu relógio.

Quando voltei a erguer os olhos, a senhora Hunter perguntou:

– O que o senhor faria?

– O quê?

– Caso fosse afastado.

– Não sei.

– E prisão? O senhor seria capaz?

– Nunca pensei sobre isso.

– Pensaria em se matar? Em suicídio?

– Não.

Então ela disse, em tom calmo:

– Dougie estava bem. Ele prendeu aquele tal Myshkin, certo?

– Certo – respondi e me levantei.

– O senhor vai embora?

– Preciso ir.

Ela se levantou.

Fui até a porta.

Ela veio logo atrás e a abriu.

– Suponho que ela não disse para onde ia – disse.

– Helen? Não.

– Obrigado pelo seu tempo, mais uma vez – agradeci. E perguntei: – A senhora tem certeza de que não conversou com ninguém mais, tem certeza de que ninguém fez qualquer conexão entre a senhora, Eric e Janice Ryan?

– Tenho certeza.

– Preciso ligar para o *Sunday Times* – eu disse, olhando para a rua.

– Parece que alguém tem contado mentiras para o senhor.

– Não seria a primeira vez – eu disse, suspirando. – Não seria a primeira vez.

– E duvido que seja a última – ela disse.

Peguei a A644 em direção a Brighouse, depois segui por Kirklees, voltando a Batley, parando para observar a placa da RD News queimada, ainda fumegante sob a agitada neve branca, notando que os carros levantavam os flocos ao passar, que paquistaneses e chineses iam e vinham, entravam e saíam, vendo as janelas do *chop suey* e da farmácia cobertas com madeira.

Mais uma vez na M1, nos arredores de Leeds.

O rádio ligado:

"A polícia ainda não conseguiu identificar o corpo de um homem descoberto esta tarde no apartamento incendiado que ficava logo acima da banca de jornal da Bradford Road, em Batley, que foi destruída pelo fogo ontem à noite. Inicialmente, a polícia e os bombeiros não consideraram o incêndio suspeito. No entanto, a polícia confirmou hoje à noite que está esperando uma testemunha. O porta-voz da polícia recusou-se a especular sobre a causa do incêndio e da

morte do homem, mas confirmou que não pode ser descartado que tenha sido um incêndio criminoso."

Eu estava no acostamento, com os faróis acesos, gritando na noite de Yorkshire:

– *Poooooooorra!*

Millgarth, Leeds.

Procurando Marshall.

Procurando Murphy.

Procurando qualquer pessoa, no andar de cima e no de baixo.

A Sala do Estripador estava meio vazia. Quarenta olhos sobre mim quando apareci à porta, depois voltaram aos seus livros e papéis, arquivos e fotografias, um enfeite de Natal estava pendurado no teto, de parede a parede.

Peguei um jornal de uma mesa vazia e fui para a sala ao lado.

Vazia.

Onde eles estarão?

A manchete do *Evening Post*:

Encontrado corpo no incêndio de Batley.

Passei os olhos:

Os bombeiros, que investigam a causa de um incêndio ocorrido ontem à noite numa banca de jornal da Bradford Road, fizeram uma sinistra descoberta no final desta manhã: o corpo de um homem não identificado foi encontrado num apartamento acima da loja onde acredita-se que o fogo tenha começado. O corpo foi levado ao Pinderfields Hospital para autópsia e identificação.

Tanto a banca de jornal quanto o apartamento foram muito danificados pelo fogo, que também causou sérios danos às propriedades vizinhas, nove pessoas foram levadas ao hospital. Os vizinhos disseram ao Evening Post que escutaram três explosões e que acreditam que o fogo tenha sido causado pelos botijões de gás guardados nos fundos da loja. Muitos ficaram em choque por

conta do acidente e surpresos ao saber que o apartamento estava ocupado.

Procurei um telefone e tentei entrar em contato com o Pinderfields, para saber quem era o responsável pela autópsia, mas todos tinham ido para casa ou mentiam.

Olhei para o meu relógio.

Quase dez.

Me levantei, me sentei, me levantei novamente.

Desci o corredor, procurando Angus ou Noble, e estava a ponto de entrar em outro corredor quando ouvi duas vozes além da curva.

Duas vozes que me deixaram paralisado.

Craven: “Não vou bancar o bode expiatório, de jeito nenhum isso irá acontecer. Pode dizer isso a ele”.

Alderman: “Não vai chegar a esse ponto”.

Craven: “Melhor que não chegue mesmo, porque não existe essa besteira de um por todos e todos por um. Será Bob para Bob”.

Alderman: “Isso é uma ameaça? É isso o que você quer que eu diga a ele?”.

Craven: “Estamos perdendo o controle, é o que eu quero dizer”.

Alderman: “Já vimos coisas piores, nós dois já vimos. E você sabe disso.”

Craven: “Sei, e é por isso que estou tentando dizer: alguém sempre é o bode expiatório. E eu não serei o bode da vez”.

Dei alguns passos para trás, depois segui para a frente, pisando o mais forte que podia, virando para o corredor.

Os dois ficaram paralisados, Alderman e Craven.

– Senhores... – cumprimentei.

– Vá se foder – disse Alderman, e passou rente ao meu corpo no corredor.

– O que há de errado com ele? – perguntei.

– Está tendo um dia ruim – disse Craven.

– Todos estão – eu disse, oferecendo-lhe o *Evening Post*.

Ele olhou a manchete e a fotografia da banca de jornal queimada da Bradford Road, depois disse:

– Eu vi.

– E quem era?

– Quem era o quê?

– O corpo?

– Sei lá – disse Craven, dando de ombros, me devolvendo o jornal.

– Você sabe quem era o dono da loja?

– Não tenho a menor ideia – ele disse, seguindo na mesma direção para onde fora Alderman.

Fiquei parado ali, com o jornal na mão, no corredor, no corredor deles.

Passados alguns instantes, bati à porta de Noble.

Nenhuma resposta.

Não havia ninguém no escritório.

Estacionei o Saab sob os arcos escuros e caminhei de volta ao Griffin, com uma sacola cheia de *Spunk* nas mãos.

Segui diretamente ao bar, mas não havia ninguém lá, ninguém que eu conhecesse.

Subi as escadas e bati na porta de Helen Marshall.

Depois na de Murphy.

Na de Mac.

Na de Mike Hillman.

Merda.

Furioso, desci ao térreo e tomei um uísque no bar. Resolvi voltar à RD News, pois não tinha para onde ir e não seria capaz de dormir até conseguir a autópsia do corpo. As minhas costas me matavam. Não sabia como faria para conseguir o resultado da autópsia. Atravessava a porta da frente do Griffin quando o metido e pequeno homem atrás do balcão me chamou:

– Senhor Hunter?

Parei e perguntei:

– Sim?

– Recado para o senhor.

– Obrigado – eu disse. Ele me entregou um envelope pardo gasto, eu o abri e...

peito dizendo viu como você me rasgou a punição monstruosa você ainda está respirando olhando para a morta para ver se considera o sofrimento igual para essa trouxa coberta de lençóis sobre a cama no silêncio do apartamento após a morte as repetidas batidas à porta transmissão sete recebida às três e dez da tarde de sexta-feira vinte e sete de janeiro de mil novecentos e setenta e oito num mundo onde as pessoas não se preocupam deixadas de lado por aqueles que são tratados com crueldade como uma mula sem amor perdeu o amor que todos os pais devem dar mas eles te deixam de lado te tiram das suas mentes e te deixam sozinho não há amor por lá mas os empregados realmente se preocupam ou não estariam por lá mas por que eu meu senhor por que eu sozinha e sem amor num depósito de madeira próximo à great northern street em huddersfield por que fui vista com vida pela última vez na terça-feira dia vinte e quatro de janeiro de mil novecentos e setenta e oito onde a solidão é ir para a rua e entrar num corsair branco por rápidas cinco libras e seguir para um depósito de madeira na great northern street na neve escura e suja o viaduto acima o trem liverpool leeds passando por ali sozinha e sem amor a fila de táxis os tijolos pretos a madeira escura a poça escura o dinheiro úmido a escola abandonada e úmida o entulho e as casas abandonadas e úmidas o canal e o mercado de gado sangrento e úmido onde a neve não se acumula onde as pessoas não se importam os banheiros públicos um campo de dor e de terrível angústia onde você caiu em desespero caindo de joelhos rezando pedindo a deus que resgate você dessa armadilha cruel mas ninguém aparece ninguém aparece exceto ele com seu corsair branco e suas cinco libras para uma rapidinha entre as madeiras os gravetos e as tábuas num mundo em que ninguém se preocupa eu fui atraída pelo buraco mais profundo e abri minha calça e esperei ele disse que queria urinar e saiu do carro e quando voltou pediu que eu saísse e me sentasse no banco de trás para que pudéssemos fazer sexo e foi então que ele me bateu e num primeiro momento eu pensei que fosse com a sua mão eu disse não há necessidade de fazer isso não precisa pagar mas ele me bateu novamente e não era a sua mão mas um martelo e ele me bateu novamente depois me arrastou pelos cabelos em direção a um canto do depósito e eu já não gemia mas não estava morta e não conseguia tirar os olhos ele que pediu não faça barulho e tudo ficará bem e tirou minha calcinha e fez sexo comigo e eu fiquei deitada lá com ele em cima de mim sem amor e quando ele terminou pegou uma faca e me atingiu seis vezes no coração e no peito me despiu tirou todas as minhas roupas e coisas e colocou o meu corpo num espaço apertado entre uma pilha de madeira e uma garagem abandonada e me cobriu com uma folha de amianto e depois foi para casa na manhã seguinte um motorista encontrou minha calcinha preta ensanguentada e pendurou-a na porta para dar aos caras uma razão para sorrir eles viram também as marcas de sangue na lama e no polietileno mas não pensaram nada de ruim pois todo o tipo de coisa costumava acontecer à noite naquele depósito de madeira e me deixaram entre a pilha de madeira e a garagem abandonada naquele campo de medo e terrível angústia e eu ainda esperei que eles viessem e me encontrassem na sexta-feira fui dada como desaparecida então deixaram que um pastor alemão farejasse a minha calcinha preta ensanguentada e em dez minutos me encontrou entre a pilha de madeira e a garagem abandonada me encontraram com meu suéter e

meu sutiã para cima e apenas uma das meias ainda no pé eram três e dez da tarde de sexta-feira vinte e sete de janeiro de mil novecentos e setenta e oito e eles dizem que não há dor maior do que lembrar-se em nosso triste presente de um passado de felicidade mas eu digo que a pior dor que existe é lembrar-se em nosso triste presente de tristezas passadas e nada mais que tristezas

14

Cinco horas e meia mais tarde, a polícia de Manchester rondava a minha casa, mas eu continuava sentado na maldita sala de Noble, esperando o chefe de polícia Ronald Angus mostrar o rosto, levantando e sentando, ligando para Joan e desligando o telefone, levantando e sentando, com Noble, Prentice e todos os demais entrando e saindo.

– Sente-se, Peter – disse Angus ao entrar, dando tapinhas nas minhas costas.

Noble se levantou de sua mesa para dar o lugar ao Grande Chefe.

– Vamos dar uma olhada nisso – ele disse, sentando-se.

Noble lhe entregou um pedaço de papel envolto num saco plástico, o envelope em outro.

Angus ergueu o envelope.

– Senhor Peter Hunter – ele disse. – No Griffin, certo?

Fiz que sim.

– Sábado? – ele perguntou, apontando para o carimbo do correio.

– Manchester – eu disse.

Ele colocou o envelope na mesa e pegou a carta.

Senhor policial,

Sinto muito não ter escrito antes, mas leve em consideração este aviso prévio: vou matar esposa e filhos.

Jack, o Estripador.

Ronald Angus deixou a carta na mesa e olhou para mim, depois para Peter Noble, no outro lado da sala.

– A mesma letra – disse Noble.

Angus fez que sim.

– Ou pelo menos é o que parece – disse Angus.

– Estávamos esperando pelo senhor, mas deixamos o laboratório de Wetherby de sobreaviso.

Angus o ignorou e me perguntou:

– Você entrou em contato com a senhora Hunter?

– Sim.

– Contou tudo a ela?

– Sim.

– Vocês não têm filhos, têm?

– Não – respondi.

– Sorte sua.

Olhei para o meu relógio.

Três da manhã.

Véspera de Natal, 1980.

Ergui os olhos e disse:

– Gostaria de ir para casa, senhor.

O chefe de polícia Ronald Angus olhou para o assistente-chefe temporário e deu de ombros.

– Parece justo.

Eu me levantei e olhei para Noble:

– Obrigado, Pete.

Ele fez que sim e disse:

– Entraremos em contato.

Virei-me para ir embora no exato momento em que o telefone começou a tocar.

– Dirija com cuidado – disse Angus, enquanto Noble atendia o telefone.

Fiz que sim e abri a porta.

– Senhor Hunter – disse Noble, com uma das mãos sobre o fone, fazendo um gesto para que eu esperasse.

– O que é? – perguntei.

– O quê? – perguntou Angus, olhando para Noble.

– Puta merda – disse Noble, ao telefone.

– O que foi? – perguntei, ao seu lado.

– Certo – disse Noble, batendo o telefone.

– O que foi? – perguntamos Angus e eu ao mesmo tempo.

– A esposa de Eric Hall.

– O quê? – perguntei.

– Está morta.

– O quê? – perguntei.

– O seu filho a encontrou enforcada na cozinha, há meia hora.

Saindo em direção a Denholme.

Prentice, Noble e eu.

A neve caía, mas não ficava acumulada, o carro seguia em silêncio, exceto pelas canções de Natal no rádio.

Prentice, Noble e eu.

Lágrimas nos meus olhos.

Estacionamos atrás da faixa de isolamento, na frente da casa. Havia um Ford do lado de fora da garagem.

Noble foi na frente, seguindo em direção à porta, Prentice logo atrás, e bateu à porta.

Um policial uniformizado abriu a porta, apresentou-se, murmurou algumas palavras e entramos na sala de estar, onde um jovem estava sentado no sofá dourado olhando para o que parecia ser um copo de uísque.

Noble disse:

– Senhor Hall? Meu nome é Peter Noble, sou o assistente-chefe de polícia.

O jovem fez que sim.

– Este é Peter Hunter, policial de Manchester que conhecia a sua mãe.

Ele fez que sim novamente, olhando para nós dois.

A casa estava em silêncio, apenas alguns policiais caminhando para cima e para baixo, tentando não fazer barulho.

– O seu nome é Richard, certo? – perguntou Noble.

– Sim – respondeu o jovem.

– Bem, Richard, daqui a pouco alguém o levará ao hospital.

– Hospital? – ele perguntou.

– Alguém precisa reconhecer oficialmente o corpo.

– Entendo.

– Certo – disse Noble. – E vamos ter que perguntar algumas coisas ao senhor.

– Agora?

– Se for possível. O melhor é resolver tudo rapidamente para poder seguir em frente.

Ele fez que sim e tomou um gole do uísque.

Noble olhou para mim e nos sentamos. Peguei o meu caderno de anotações.

– O senhor poderia nos contar o que aconteceu? – perguntou Noble.

– Cheguei por volta das duas. Fiquei um tempo fora, e quando voltei a casa estava escura. Imaginei que ela estivesse na cama. Acendi a luz aqui na sala e encontrei um pedaço de papel no chão. Peguei, vi que era uma carta e a coloquei aqui – disse, batendo na mesa de centro. – E foi então que, com o canto do olho, vi a minha mãe lá na cozinha. Ela estava ajoelhada e eu pensei: "O que será agora?". Fui até lá, pensando no que dizer. Ela estava com a cabeça baixa, as mãos em cima da máquina de lavar. Fiquei olhando-a, ela estava muito parada. Então, eu vi a corda, que ainda não tinha notado. O varal de roupa em volta do seu pescoço. Corri para o *hall* e peguei o telefone, mas voltei à cozinha, pois não tinha certeza, entende? Mas aí olhei para o seu rosto, vi a saliva escorrendo da sua boca. Então voltei e disquei 999.

Ele fez uma pausa, tudo o que ouvíamos era o tique-taque de um relógio.

– E o que o senhor fez? – pergunto Noble.

– Tentei cortar a corda, mas não encontrei nenhuma faca suficientemente afiada.

Noble fez que sim.

– Então a polícia e a ambulância chegaram – disse Richard Hall, olhando para o seu relógio. – Acho que a polícia chegou primeiro.

– Ela esperava a sua visita? – perguntei. – Esperava que viesse hoje à noite?

– Não.

– Esta é a carta? – perguntou Noble, pegando um envelope.

Ele fez que sim.

Noble abriu o envelope, leu e depois me entregou:

Querido Richard,

Sinto muito fazer isso depois de tudo o que você já foi obrigado a enfrentar, mas não posso seguir em frente dessa forma. Espero que consiga dar um ponto-final e seguir com a sua vida.

Eu te amo e sinto muito.

Por favor, me perdoe.

Mamãe.

Dobrei o papel e voltei a guardá-lo no envelope, entregando-o a Noble. Ele deixou a carta com um policial uniformizado, que a ensacou e a levou embora.

Richard Hall deu uma olhada à sua volta, confuso.

– A carta voltará para o senhor, Richard. Não se preocupe – disse Noble.

Ele tomou um bom gole de uísque e disse:

– Esta maldita casa.

Concordei, pensando a mesma coisa, pensando em Joan.

– O senhor tem algum lugar para onde ir? – perguntou Noble. – Alguém para quem ligar?

– Vou ficar bem – disse Richard Hall.

– Vamos ao hospital resolver tudo isso.

Levantamo-nos e seguimos em direção à porta.

Helen Marshall estava de pé na porta da frente.

Ela ficou de lado para abrir caminho a Noble e um policial uniformizado que levavam Richard para fora da casa. Noble virou para trás e me perguntou:

– Você tem como voltar?

Fiz que sim.

– Nos vemos mais tarde, então – ele disse, olhando para

Marshall.

Fiz que sim novamente e voltei à sala de estar. Marshall me seguiu.

Eu me sentei no sofá.

Ela se sentou ao meu lado.

O tique-taque do relógio.

– Sinto muito – ela disse.

– Onde você esteve?

– Tive de ir para casa.

– Por quê?

– Não quero falar sobre isso.

– Entendo.

– Sinto muito.

– Fiquei preocupado.

– Sinto muito – ela repetiu, engolindo em seco.

– Como ficou sabendo disso?

– Martin Laws.

– Laws? O reverendo Laws?

Ela fez que sim.

– Ele te ligou em casa? Para o hotel?

– Para casa.

– E por que tinha o seu telefone de casa?

– Deixe isso para lá, Peter. Por favor.

– Mas como ele ficou sabendo?

– Disse que Richard ligou.

– Que inferno – eu disse, me levantando e seguindo em direção à cozinha.

Um policial uniformizado estava de pé na porta dos fundos, fumando.

Fiquei parado na frente do varal de roupas.

Ela veio atrás de mim e pousou uma das mãos no meu braço.

– Sinto muito – ela disse.

– Que confusão – eu disse. – Que enorme confusão.

Ela me levou de volta, dirigindo no meio da noite, entre os vilarejos e cidades escuras, a neve, depois granizo, depois chuva, descendo ruas e estradas desertas, colinas e campos vazios, a chuva, depois granizo, depois neve, todo lugar morto, todos mortos, tudo morto, e eu pensando por quanto tempo mais ficaria assim.

Noite.

Uma noite escura, vazia e deserta.

Todo lugar morto.

Pensando em outubro de 1965, em Brady e Hindley e em tudo o que veio depois, eu era sargento na época, 25 anos, recém-casado, naquela noite escura, vazia e deserta em que David Smith ligou para a delegacia de polícia de Hyde.

Todos mortos.

Cavando desde então.

Tudo morto.

Pensando: *quanto tempo mais?*

– Joan? – eu disse ao telefone, sentando na beira da cama do hotel, cama completamente coberta de páginas da *Exegese* e fotografias da *Spunk*.

– Peter? O que aconteceu?

– Nada. Tem alguém aí com você?

– Tem um carro do lado de fora, sim.

– Alguém ligou?

– Clement Smith.

– Ele ligou?

– Sim, perguntando se estava tudo bem e se você estava aqui.

– Que bom que ele ligou.

– Sabe que Roger Hook também passou por aqui?

– Não.

– Pouco depois da chegada do primeiro carro.

– Legal.

– Para ver se estava tudo bem.

– Você está bem? – perguntei.

– Sim, estou bem – ela respondeu. – Mas gostaria que você estivesse aqui.

– Voltarei logo – eu disse, olhando para o meu relógio.

Merda, quase meio-dia.

Quarta-feira, 24 de dezembro de 1980.

Uma batida na porta.

– Preciso desligar – eu disse. – Tem alguém batendo na porta.

– Dirija com cuidado – ela disse.

– Pode deixar. Nos vemos mais tarde.

– Tchau.

– Tchau – eu disse; desliguei e fui à porta.

Era John Murphy.

– Você está bem? – ele perguntou.

– Depois de tudo... – respondi, sorrindo.

– Que noite! – ele disse, suspirando.

– É...

– Vai descer? Nós vamos a Millgarth. E você, o que vai fazer?

– Não sei. Tenho um montão de coisas para resolver até esta noite. E vocês?

– Chegamos ao nosso limite, por enquanto.

– Certo – respondi.

– E quando temos de voltar aqui?

– Segunda-feira.

– Eles vão ficar contentes com essa notícia – ele disse.

– Sabe de uma coisa... nos vemos em Millgarth, às duas. Assim contaremos a todos o que está acontecendo, depois vamos para casa.

– Ótimo – disse Murphy.

– Sinto muito, John – eu disse. – Eu realmente tentei te localizar...

– Eu sei – ele disse, dando de ombros. – Apenas nos desencontramos.

– Eu não queria te jogar para escanteio nem nada parecido.

– Eu sei.

– Nos vemos às duas?

– Sim, às duas.

E me sentei na beira da cama do hotel, peguei o telefone, liguei para o serviço de informações para conseguir o número do *Sunday Times*:

– Gostaria de falar com o editor, por favor.

– Ele não está na redação hoje – respondeu uma voz feminina.

– Certo. O meu nome é Peter Hunter, sou assistente-chefe de polícia da Grande Manchester.

– Boa tarde, senhor Hunter. Como poderia ajudá-lo? – ela perguntou.

– Boa tarde. Eu gostaria de saber se poderia falar com Anthony McNeil ou Andrew Driscoll?

Seguiu-se uma pausa, e então ela disse:

– Vou verificar, senhor. Um minuto, por favor.

– Claro – eu disse, e esperei.

Pouco depois, ela disse:

– Como eu imaginava, não existe nenhum Anthony McNeil trabalhando aqui. E, sim, tínhamos um senhor Driscoll, mas ele se aposentou há algum tempo.

– Aposentou? Quantos anos ele tinha?

– Mais de 60. Deve ter quase 70, se ainda estiver vivo.

– Sei.

– Algo mais?

– Não. Obrigado.

– Adeus, então.

– Adeus – respondi, desligando e discando o número de Wakefield:

– Gostaria de falar com o inspetor Evans, responsável pelas relações públicas e assessoria de imprensa, por favor?

– Quem deseja?

– O assistente-chefe de polícia Hunter.

– Um momento, senhor.

– Assessor de imprensa. Detetive inspetor Evans falando.

– Inspetor? É Peter Hunter.

– Boa tarde, senhor Hunter. O que posso fazer pelo senhor?

– McNeil e Driscoll? Do *Sunday Times*?

– Certo.

– Errado. Acabei de ligar para lá e eles nunca ouviram falar de Anthony McNeil, e o único Driscoll que conhecem está aposentado, tem 70 anos, se é que não morreu.

– Merda.

– É.

– Eles tinham credencial de imprensa.

– Ótimo, mas você não ligou para checar?

– Não.

– Muito bem, inspetor.

– Merda – ele repetiu. – Então quem eram eles?

– Quem eram eles? Você está me perguntando isso? É você o assessor de imprensa, inspetor. Sugiro que descubra.

– Sim, senhor.

Desliguei.

Millgarth, Leeds.

Murphy, McDonald, Hillman e Helen Marshall.

Craven num canto.

Eu me sentei à mesa, que estava lotada de pilhas, de pilhas de pastas, de pastas cheias de listas, de listas cheias de nomes, de nomes cheios de morte e paranoia.

Contei o que eles já sabiam:

– A esposa de Eric Hall se suicidou ontem à noite.

John Murphy concordava com a cabeça, escrevendo numa das suas pastas:

– Melhor morta.

– Cala a boca – disse Helen Marshall.

– Depois de tudo o que fizeram a ela, eu teria me matado há muito tempo.

– Esquece isso, John – eu disse.

– Sinto muito – disse Murphy, com as mãos erguidas.

– Estive olhando as pastas de Eric Hall – eu disse. – E a verdade é que Janice Ryan fez um trabalho para uma revista pornográfica chamada *Spunk*, que era publicada por uma empresa chamada MJM, mas acontece que faliram.

– Explodiram – disse Craven, dando uma piscadela.

– Exatamente – eu disse. – O antigo endereço da empresa era o apartamento acima de uma banca de jornal, cujo dono era o parceiro do nosso Bob, o falecido Bob Douglas.

– Ex-parceiro – disse Craven, deixando as brincadeiras de lado.

– Ex-loja também – eu disse. – Pegou fogo anteontem à noite. Uma morte.

Marshall estava a ponto de dizer alguma coisa, mas parou.

– Alguma novidade sobre o corpo, Bob? – perguntei.

Ele fungou e respondeu:

– Tudo indica que foi assassinato e incêndio criminoso.

Contei até cinco, depois perguntei:

– Está brincando?

– A menos que o morto não tivesse dentes e mãos quando chegou lá.

– O quê?

– Seja lá quem for, cortaram suas mãos e acabaram com os seus dentes.

Jesus, Jesus, Jesus, pensei, contando até cinco.

– Que lugar de merda – disse Hillman para todos nós.

– E não chegaram a um nome? – perguntei.

Craven fez que não com a cabeça.

– Você tem alguma ideia? – perguntei.

– Eu? Por que eu saberia quem é?

– Foi seu parceiro, Bob?

– Por apenas seis meses.

– Quem está cuidando disso? – perguntei.

– Alderman.

Merda, merda, merda, pensei, contando até dez.

Depois olhei para a outra ponta da sala, para Craven, e perguntei:

– Seis anos hoje, Bob?

– E quem está contando? – ele perguntou.

Eu estou, pensei.

Eu estou contando.

– Posso perguntar uma coisa? – perguntou Hillman.

Fiz que sim.

– Essa carta que vocês têm... Poderia falar algo sobre ela?

– Pete Noble a enviou para Wetherby. Estamos esperando o parecer.

– Está tudo bem? – perguntou Murphy.

– O que você quer dizer, John?

– Em casa.

Joan, Joan, Joan, pensei, contando até quinze.

– Ela está bem – respondi. – Obrigado.

– E Bob Douglas? – perguntou Murphy. – Alguma notícia de Roger sobre os caras envolvidos nisso?

– Não, John – respondi, balançando a cabeça e pensando:

Isso nunca termina.

Morte e paranoia.

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Uma guerra total.

Estamos no térreo do Griffin, com as malas prontas.

John Murphy nos pagou uma rodada.

Um drinque de Natal.

Ele trouxe as cervejas e os cigarros, Mac cantava junto com as melodias eletrônicas de canções natalinas, mas eu estava de saco cheio de músicas de Natal:

Ray Conniff e “We Wish You a Happy Christmas”.

“The Little Drummer Boy.”

Eu estava no meu terceiro drinque, a sala de repente ficou quente, Hillman me perguntava se eu já me encontrara com o senhor Ray e eu dizia que não sabia com certeza, mas Mac dizia que eu já deveria ter me encontrado... um homem grande e barbudo que criava pombos.

– Um que dava alimento a pombos, certo? – perguntou Murphy, sorrindo. – Conheço um cara que tomou cinco anos por isso.

– Outra? – gritou Mac, levantando-se.

– Uma rápida, saideira – respondi, olhando para Helen Marshall e sorrindo.

Ela sorriu de volta, levantou o copo e disse:

– Quero uma dose dupla, Mac.

Luzes azuis no espelho retrovisor, sirenes.

E eu pensava, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*, *merda*...

Parei em algum ponto dos Moors e esperei por eles.

Uma batida na janela.

Abri o vidro.

– O senhor se importaria de sair do carro, por favor?

Fiz que sim e abri a porta.

Saí e fiquei parado, encostado contra o carro.

– Poderia ver sua carteira de motorista, senhor? – pediu o jovem policial, com cerca de 25 anos.

Mais ou menos a mesma idade que eu tinha quando me trouxeram aqui.

Quando me trouxeram para cavar.

Ele examinou a carteira com a luz da lanterna, depois iluminou o meu rosto e olhou para a viatura.

– Senhor Hunter? – ele perguntou.

– Sim – respondi.

– Um minuto, senhor – ele disse, voltando à viatura, com suas luzes azuis girando silenciosamente na noite.

Fiquei parado ali, encostado no carro, olhando para o céu... quieto por um momento, apenas com as estrelas brilhando, depois olhei para o chão, para os Moors ao meu redor, cobertos de neve.

Cavando desde então.

– Sinto muito, senhor – ele murmurou ao voltar. – Não sabíamos de quem se tratava.

Fiz que sim.

– Aqui, senhor – ele disse, devolvendo a minha carteira de motorista.

– Obrigado – agradeci.

– Senhor? – ele perguntou.

Tentei pensar com clareza.

– Gostaria que chamássemos um táxi ou algo parecido?

Fiz que não.

– Tem certeza? Não seria nenhum incômodo.

Levantei a mão, engolindo em seco e fiz que não novamente.

Ele voltou a olhar para a viatura e disse:

– O senhor não parece estar muito bem.

– Qual o seu nome, filho? – perguntei.

– Williams. Mark Williams.

– Quantos anos você tem, Mark Williams?

– Vinte e quatro, senhor.

– E gosta de ser policial, Mark Williams?

– Sim, senhor.

– Muito bem, Mark Williams – eu disse, em tom alto, pegando sua mão e apertando-a. – Tenha um feliz Natal.

– Obrigado. O senhor também.

– Eu terei – respondi, voltando ao carro. – Terei.

– Dirija com cuidado – ele disse, fechando a porta do carro para mim.

– Feliz Natal, Mark Williams – eu disse. – Um maldito feliz Natal.

Havia outra viatura na porta quando cheguei em casa.

Acenei com a cabeça para os dois policiais ao estacionar.

Cumprimentei-os levantando a mão ao sair do carro, lutando para trancar a porta.

E acenei mais uma vez quando contornei a casa, em direção à porta dos fundos.

Estava trancada e fiquei procurando a chave correta, que girei de forma desajeitada, depois segui para a minha edícula.

Destranquei e abri a porta, olhando os mapas e as fotografias na parede, na

sala escura, treze rostos me olhavam. Retornei ao jardim, ao varal de roupas no escuro, sob a neve, com uma sacola de revistas pornográficas na mão, com vômito na camisa, minha braguilha aberta, as canções de Natal ensurdecedoras, pensando:

Quanto tempo mais?

e dor e nunca felicidade sair à rua e não encontrar ninguém exceto um homem que não assustaria ninguém sentado num corsair branco com uma nota de cinco libras na mão e um martelo bola debaixo do assento do carro perguntando você está trabalhando transmissão oito encontrada no sábado vinte e sete de maio de mil novecentos e setenta e oito sentada com o corpo caído num terreno baldio caída contra a cerca de um estacionamento nos fundos da manchester royal infirmary identificada como doreen pickles e quando seu casaco dupla face foi retirado puderam ver seu estômago terrivelmente mutilado tanto que seus intestinos tocavam o chão onde mergulharam na lama como porcos uma marca ao redor do pescoço dela em palavras cruéis eu sou o caminho à cidade dolorosa eu sou o caminho à tristeza eterna eu sou o caminho a uma corrida perdida antes de mim nada além de coisas eternas foram feitas e eu devo durar para sempre abandone toda esperança você toda que entra e abre as pálpebras para mostrar seus olhos brancos de morta e pergunta quem é essa se aproximando que sem estar morta ousa caminhar no reino dos mortos próximo a uma cerca de correntes numa pilha de lixo num canto do estacionamento parecendo uma boneca deitada sob seu lado direito o rosto para o chão os braços dobrados sob as pernas estendidas e os sapatos postos com cuidado em seu corpo e apoiada na cerca após três operações e com apenas um pulmão a morte chegou após três ataques de martelo quatro metros de distância bateu na cabeça três vezes socorro socorro socorro e arrastada pelo cascalho até a cerca onde eu levantei o seu vestido e anágua e esfaqueei o seu estômago repetidamente no mesmo lugar também nas costas logo abaixo da última costela esquerda sua pálpebra direita também foi furada os olhos machucados mas após isso veio o silêncio e as pessoas devem ter pensado que eu havia ido embora que eu tinha encontrado uma mulher e acalmado uma mulher que foi o oposto de uma vagabunda que é religiosa ou mesmo devota de uma seita religiosa alguém de quem eu posso acariciar os pés posso adorar alguém que esteja nos meus olhos um paradigma de virtudes vestindo um casaco dupla face xadrez azul e marrom de um lado e todo azul do outro um vestido florido curto sapatos de lona azul e um cardigã rosa calcinha branca anágua branca e sutiã azul e branco e eu abri os olhos para mostrar os olhos brancos da morte e disse querido policial sinto muito eu não escrevo há um ano para ser exato mas eu não estive no norte por um bom tempo e não estava brincando da última vez que escrevi dizendo que a puta seria mais velha dessa vez e que talvez atacaria em manchester para variar e você deveria ter prestado atenção no fato de ela estar num hospital engraçado a senhora mencionou algo sobre ter estado antes num hospital eu interrompi suas putarias a senhora não se preocupará com hospitais agora certo aposto que vocês estiveram imaginando por que eu não trabalhava havia anos bem eu teria trabalhado se não fosse pelos seus malditos policiais eu tive a senhora exatamente onde eu queria ter e estava a ponto de atacar quando uma de suas malditas viaturas parou bem perto devia ser um policial estúpido pois ele não disse nada ele não sabia que estava tão perto de me pegar para dizer a verdade eu achei que estivesse enrascado a senhora disse não se preocupe com os policiais ela não sabe que aquele maldito policial salvou o seu pescoço isso foi no mês passado e eu não sabia quando voltaria ao trabalho mas sabia que não seria na maldita chapeltown onde era muito quente talvez

bradford manningham talvez escreva novamente se no norte jack o estripador pensar em caminhar de forma tão audaciosa por este reino deixe que ele retrace o seu caminho tolo sozinho e vocês que o trouxeram a esta terra sombria vocês ficarão e eles fecharão os portões pesados na

15

Era véspera de Natal. Havia uma casa no meio dos Moors, com luzes brilhando através das janelas. Eu caminhava pelos Moors, com neve fina sob os pés, seguindo para casa. Tirei o excesso de neve das botas e abri a porta da frente. A lareira estava acesa com lenha artificial e a casa tomada pelo aroma de comida gostosa. Sob uma árvore de natal, caixas de presente lindamente embrulhadas. Peguei uma caixa grande, embrulhada com jornal e abri a fita vermelha. Tirei o jornal com cuidado, para poder lê-lo mais tarde. Olhei para a pequena caixa de madeira sobre meus joelhos. Fechei os olhos e abri a caixa, com as batidas do meu coração tomando conta da casa.

– O que é isso? – Joan perguntou, entrando na sala e ligando a televisão.

Tentei cobrir a caixa com as mãos, mas ela a pegou e olhou dentro. A caixa caiu no chão, a casa tomada pelo aroma de comida gostosa, as batidas do meu coração e os gritos dela.

Eu vi quando o feto caiu da caixa e rolou pelo chão, escrevendo mensagens com letras finas e desenhando suásticas com o seu rastro sangrento.

– Livre-se disso – ela gritou. – Livre-se disso agora!

Mas eu olhava para a televisão, para as pessoas cantando hinos, para as pessoas sem rosto, sem feições, cantando hinos na televisão... máquinas, as gaivotas girando em círculos sobre a minha cabeça, gritando, as asas nas minhas costas, rasgando, coisas grandes e podres, e olhei para o bebê no chão, que se sentou, com as mãos no coração, e eu abri um sorriso terrível e sombrio e olhei para a etiqueta na caixa que dizia:

Com amor, Helen... *véspera de Natal.*

Abri os olhos.

O rádio estava ligado.

Mensagens de Natal: Carter diz ao mundo que todos os cinquenta e dois

reféns estão vivos e bem; mensagem do papa para a Polônia; mensagem de Thatcher para a Irlanda do Norte; indicação para personalidade do ano: aiatolá Khomeini, os oito soldados norte-americanos que morreram tentando resgatar os reféns, o pessoal do barco, JR Ewing, Voyager 1 ou John Lennon?

O Estripador de Yorkshire?

Desliguei o rádio.

Fechei os olhos.

– Feliz Natal – disse Joan.

Abri os olhos.

– Feliz Natal – respondi.

– Como você está?

– Não muito bem.

– O que aconteceu?

– Exagerei nos drinques de Natal.

– Onde?

– Em Leeds.

– E como voltou?

– Dirigindo.

Ela se sentou na cama.

– Peter!

– Sinto muito.

Ela se levantou da cama e vestiu o roupão.

– Sinto muito – eu disse novamente.

Ela desceu.

A minha cabeça estava me matando, o meu estômago se revirava, eu estava a ponto de vomitar.

Fechei os olhos.

No andar de baixo, ela acendeu as luzes de Natal e começou a preparar o café da

manhã.

Fui até a cozinha.

– Quer uma xícara de chá?

– Por favor – respondi.

Fui até a sala de estar e olhei através da janela, para o úmido e cinzento dia de Natal.

– Aqui está – ela disse, oferecendo-me uma xícara de chá.

– Obrigado.

– Você acha que eu deveria levar algo a eles? – ela perguntou, olhando para a viatura estacionada em frente de casa.

– Eles poderiam ir embora – eu disse. – Já estou aqui.

– Isso não te deixa com uma sensação de segurança? – ela perguntou, sorrindo.

– Me deixa com uma sensação de estar sendo vigiado, isso sim.

Fui até a viatura, sob a garoa, vestindo o meu roupão.

– Feliz Natal – disse o sargento Corrigan, abrindo a janela do carro.

– Para você também, Bill – respondi, me inclinando e acenando para o outro homem, que não reconheci.

– Imaginei que fossem nos trazer um pedaço de peru, senhor.

– É um pouco cedo para isso – respondi.

– É... ouvi dizer que o senhor chegou tarde – ele riu.

– Nada disso – respondi.

– Não está se sentindo muito bem, certo?

Fiz que não com a cabeça.

– Ouçam, vocês podem ir embora, caso queiram.

– Sério?

– Sério – respondi. – Vamos visitar alguns parentes na maior parte do dia.

– Tem certeza?

– Claro.

– Tudo bem, então – disse Corrigan, ligando o carro. – O senhor sabe onde estaremos, caso precise de alguma coisa.

– Obrigado, Bill.

– Tenha um Feliz Natal, senhor.

– Igualmente.

Comemos *bacon* e ovos mexidos com torrada à mesa da cozinha, a televisão ligada na sala ao lado... uma missa.

– A que hora temos de chegar lá? – perguntei.

– Ao meio-dia, como a minha mãe pediu. Como sempre.

Fiz que sim.

– Você estará bem? – ela perguntou.

– Eu estou bem.

Eu me vesti no andar de cima e desci as escadas, os presentes em duas grandes sacolas próximas à porta de entrada.

Ela saiu da cozinha, vestida com o casaco.

– Vamos? – perguntei.

Ela sorriu e me entregou uma caixa pequena e lindamente embrulhada com papel de presente verde e fita vermelha:

– Feliz Natal, amor.

– Sinto muito – eu disse. – Não tive tempo.

– Eu sei. Não se preocupe – ela disse.

– Posso abrir? – perguntei.

– Claro.

Puxei a fita vermelha e, com cuidado, desembrulhei.

– Pode imaginar o que é? – ela perguntou.

Fiz que não e abri a caixa.

– Feliz? – ela perguntou, apertando o meu braço.

Acenei com a cabeça positivamente e tirei o relógio digital da caixa.

– É uma calculadora também – ela disse.

Tirei o relógio antigo do meu pai do pulso e troquei pelo novo.

– Feliz?

Eu sorri e disse:

– Obrigado.

– Feliz Natal – ela disse, dando um beijo na minha bochecha.

– Sinto muito – repeti. – Ainda não comprei nada para você.

– Não se preocupe. Você pode me levar às liquidações.

Coloquei o relógio do meu pai no peitoril da janela e olhei para o novo.

– Que horas são? – ela perguntou, sorrindo.

– Uma hora, onze minutos e dezessete segundos.

– Vamos?

Fiz que sim e abri a porta.

Ela apontou para a árvore.

– Vai deixar as luzes acesas?

– É melhor – respondi, trancando a porta.

Dirigi lentamente em direção a Warrington, escutando uma rádio local com suas canções pop e natalinas, falando pouco. Ainda era cedo quando chegamos à casa dos pais dela, mas eles já tinham voltado da igreja e nos esperavam.

Estacionávamos o carro justamente quando o seu irmão chegou com a família.

Os seus três filhos saíram do carro, carregando brinquedos novos na entrada e esticando os corpos para tocar a campainha, mas o pai de Joan já estava na porta, vestindo um chapéu de papel e acenando com um *Christmas cracker*, desejando Feliz Natal a todos.

Fui pegar as duas sacolas de presentes no banco traseiro.

– O que é aquilo? – perguntou Joan, vendo outra sacola no banco traseiro.

– Trabalho – respondi, pegando a sacola cheia de exemplares da *Spunk* e guardando no porta-malas. Podia jurar que tinha deixado tudo na edícula na noite anterior.

Cumprimentei e desejei Feliz Natal a John, o irmão de Joan, e a Maureen, sua esposa, e seguimos em direção à casa, falando sobre o clima terrível, e que há muito tempo não temos mais um Natal com neve.

O pai de Joan estava cortando o peru, a sua mãe na cozinha, Joan e Maureen traziam os vegetais, John e eu segurando taças de vinho, murmurando coisas sobre a cidade e o inverno terrível que estávamos passando, seu filho e as duas filhas gêmeas, que estavam loucos para comer, porque depois poderiam abrir os presentes da vovó e vovô Roberts e do tio Peter e da tia Joan, para finalmente assistirem *Top of the Pops* em paz.

A comida cheirava muito bem e eu estava com água na boca.

Todos nos sentamos e eu abri uma garrafa de *Asti Spumante*. Servi a bebida enquanto o pai de Joan servia o peru e as salsichas, e cada um pegou a quantidade que queria de vegetais, molho feito com pão e caldo de carne. As crianças queriam mais isso e mais aquilo, seus pais riam e franziam a testa, contando histórias sobre Carl, Carol e Clare, sobre como estavam crescendo rapidamente, sendo mais uma prova irrefutável de que as crianças de hoje crescem mais rápido.

Sem mais pudim, nos sentamos em várias cadeiras para ver *Top of the Pops* e, entre várias novas canetas e meias, agendas e chocolates com os nossos nomes, os pais de Joan nos contavam que gostavam muito dos Beatles, Joan e John discutiam esse fato, as crianças pediam que falássemos mais baixo, pois logo após Kelly Marie viria The Police. Carol insistia que deveríamos jogar *Monopoly* mais tarde, embora Carl tivesse ganhado um novo jogo sobre Napoleão que queria estrear e que o seu pai prometera que o tio Peter jogaria com ele, contudo o pai negava, dizendo que o tio Peter estava ali para descansar e não para brincar com ele. Clare preferia *Cluedo*, embora sua mãe achasse que o tio Peter já estava cansado de jogar *Cluedo*, mas eu fiz que não e lhe disse que, se tinha de jogar, jogaria.

Às cinco e meia, houve uma rodada de sanduíches de presunto com geleia, logo após a apresentação à luz de velas do reverendo Green, após *Live and Let Die* e antes do especial de Natal do Eric & Ernie’s, pouco antes de anunciarmos que

tínhamos de ir embora, pois pararíamos em Hale antes de voltar para casa.

Trocamos beijos, agradecimentos e votos de feliz Natal e próspero ano novo, depois fomos embora, com Joan acenando para as sete figuras paradas na porta da casa dos seus pais. Antes que tivéssemos chegado ao final da rua, as crianças corriam para os fundos da casa. Liguei o rádio e Joan perguntou:

– Que horas são?

Apertei o botão que iluminava o meu novo relógio digital e respondi:

– Seis e trinta e um, e oito segundos.

– Pensei que Carl fosse conseguir arrancar o relógio do seu pulso – ela disse, sorrindo.

– Ele tentou.

– Eles são adoráveis, não são?

Eu pensava a mesma coisa, fazendo que sim com a cabeça.

Paramos na porta da casa da tia Edith e saímos do carro, Joan carregava mais um presente.

Toquei a campainha e ouvi o som de uma risada vinda da televisão no momento em que tia Edith se aproximava da porta.

– Peter! Joan! – ela disse.

Nós nos abraçamos e nos beijamos na entrada da casa, desejando uns aos outros Feliz Natal, até que ela nos convidou para entrar.

Tomamos mais uma xícara de chá, comemos alguns chocolates *After Eight* e doces turcos enquanto Edith abria o seu presente e nos entregava os nossos.

Depois nos sentamos para admirar as toalhas de chá, os lenços, a gravata com listras vermelhas e pretas. Ao mesmo tempo, um filme de guerra começava a passar na televisão.

Joan dormia enquanto descíamos a Altrincham Road e entramos em Alderley Edge, a ponto de virarmos na Macclesfield Road. Foi então que um caminhão de

bombeiro nos ultrapassou e eu entendi, entendi imediatamente o que estava acontecendo.

– Joan – eu disse. – Acorde, querida.

– Chegamos?

– É a casa, meu amor. Olhe!

Parei no acostamento e ficamos olhando para a casa e para mais um caminhão de bombeiro, e mais um, e mais um...

A casa estava em chamas.

Isqueiro aceso.

Destruída.

minha cara e sacudirão os meus punhos contra o céu escuro e chuvoso de manhã de tarde e de noite e gritarão quem são essas pessoas sem rosto pessoas que impediram a minha entrada nas salas da tristeza ninguém jamais desceu a essas tristes e vazias profundezas nesse lugar onde a dor é a anfitriã e toda a esperança está perdida transmissão nove assassinada em bradford em novembro de mil novecentos e setenta e oito mas não reconhecida até mil novecentos e oitenta noorjahan davit que fora inicialmente dada como desaparecida em setembro de mil novecentos e setenta oito após se despedir de um conhecido cuidando de seus dois filhos e não conseguindo entrar em contato o que era estranho pois ao sair de casa ela afirmou que visitaria sua mãe em leeds e que voltaria mais tarde naquele mesmo dia mas nunca chegou à casa da mãe a pessoa em questão é prostituta fichada e havia saído de casa apenas com o dinheiro do trem dizendo que esperava conseguir dinheiro para as crianças com a mãe vários inquéritos na área de manningham não conseguiram encontrar vestígio essa mulher está sob custódia e deve aparecer frente aos magistrados de bradford para responder às acusações de prostituição em bradford as condições impostas são que deve permanecer em casa todos os dias das sete da noite às sete da manhã acredita-se que a senhorita davit tentou ir à corte para pedir a custódia dos filhos quando perdeu sua liberdade o que indica que não teve intenção de fugir ela também não compareceu a um encontro com o seu advogado de defesa e foi descrita como paquistanesa nascida em dois de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e seis um metro e sessenta e cinco de altura magra vestia suéter de gola alta preto calça amarela jaqueta de lã com faixas onduladas verdes e pretas com mangas largas sapatos pretos e carregando uma bolsa de mão pequena do tipo que se leva sob o braço sem alça bolsa desaparecida até seu corpo ser encontrado escondido sob um velho armário num terreno baldio próximo à arthington street em bradford uma autópsia foi feita e a morte fora causada por vários golpes contra a sua cabeça feitos com um instrumento contundente acredita-se que a morte aconteceu algumas semanas atrás e o corpo está parcialmente decomposto davit estava morando com uma amiga próximo à lumb lane quando saiu de casa dizendo que estaria fora por alguns dias e foi dada como desaparecida uma semana depois e ante os vários assassinatos de prostitutas acontecidos recentemente uma busca em larga escala foi implementada e investigações foram feitas nos locais que costumava frequentar mas todas fracassaram e não surgiu qualquer sinal dela até a descoberta do seu corpo mas acredita-se pelo padrão das feridas que essa morte não tem ligação com os demais assassinatos de prostitutas publicamente conhecidos como assassinatos do estripador pelo padrão das feridas encontradas essa morte está relacionada a outros assassinatos de prostitutas conhecidos publicamente como os assassinatos do estripador relacionado a outros assassinatos de prostitutas assassinatos do estripador outros assassinatos de prostitutas o estripador no quarto vermelho os números de cabeça para baixo a fita girando cantando junto you’re a pal and a confidant and it always will stay this way my hat is off see the biggest gift would be from me the card attached would say thank you for being a friend and when we both get older with walking canes and hair of gray have the fear for it’s hard to hear so i will stand real close enquanto andamos sobre esse pântano de sombras derrubadas pela chuva

pesada nossos pés pressionando o vazio deles que parecem formas humanas construímos nosso caminho pela sujeira e confusão das sombras lamacentas e lodo caminhando lentamente conversando um pouco ele disse when we die and float away into the night the milky way you will hear me call as we ascend i will say my name then

16

Amanhecer.

Feriado:

Sexta-feira, 26 de dezembro de 1980.

De pé em frente à casa queimada, pensando que era a segunda vez, na mesma semana, que via aquelas marcas e sentia aquele cheiro, aquele gosto, mas dessa vez...

Dessa vez eu estava na frente da minha casa queimada, vendo aquelas marcas, sentindo aquele cheiro, aquele gosto, dessa vez...

Dessa vez as marcas estavam na minha casa, o cheiro da minha casa, o gosto da minha casa, dessa vez...

Surgiram lágrimas nos meus olhos.

Incapaz de detê-las, sentindo medo.

Incapaz de deter o medo.

O fedor do medo tomava conta das minhas narinas e garganta, mas eu não conseguia me mexer.

Incapaz de deter o medo.

Só conseguia caminhar por onde antes havia portas e janelas, por onde as paredes tinham ficado negras, contornei a garagem, até chegar à Sala de Guerra.

A Sala de Guerra.

Onde o cheiro era ainda pior, outra porta desaparecida, mais paredes escuras, as fotografias e os mapas destruídos, o gravador e as fitas, a televisão e a máquina de escrever, as peças de computador, tudo derretido, o *Anabasis* destruído... Tudo destruído. Os armários de arquivos ficaram pretos, as caixas de papel, as pilhas de revistas e jornais queimados, destruídos...

Tudo destruído.

Tudo, menos o medo.

Pensando que tinham feito aquilo comigo por eu ser quem sou, por eu ser o que sou.

Por quem eu conheço, o que eu conheço.

Por causa do medo.

Para me deixar com medo.

Eu me curvei e enchi a mão de cinzas escuras e quentes.

O medo.

– Eles queimaram a minha casa! A porra da *minha* casa!

– Eu sei, eu sei – disse Roger Hook, com as mãos erguidas.

– Cadê ele? Porra, cadê Smith?

– Não está aqui.

– Percebi.

– Pete, por favor...

– Eles queimaram a minha casa! Queimaram a minha casa e ameaçaram matar a minha mulher!

Ele fazia que sim, perguntando:

– Onde está Joan?

– De jeito nenhum eu vou te dizer. Não digo a ninguém.

– Você quer um carro? Dois carros? São seus.

– Não – respondi. – Quero falar com a merda do chefe de polícia, pois quero perguntar que merda que ele vai fazer a respeito disso tudo.

– Deixe-me fazer algumas ligações. Ver o que é possível.

Acenei com a cabeça, depois disse:

– Obrigado, Roger. Muito obrigado.

Ele se levantou e me deixou sentado ali, sentado num dos escritórios do décimo primeiro andar. Na sala de um dos assistentes-chefes de polícia da Grande Manchester.

Minha sala.

Olhei para os cartões de Natal e para toda a correspondência fechada na bandeja, para as fotografias e certificados nas paredes, para os prêmios e condecorações, sentado na minha sala do décimo primeiro andar.

Mas aquela não parecia a minha sala.

Olhei para o meu relógio, para o meu novo relógio digital:

10:09:36.

E me lembrei que tinha deixado o relógio antigo, o relógio do meu pai, no peitoril da janela ontem de manhã. Pareciam lembranças de outra pessoa, o *ontem* de outra pessoa.

E fiquei sentado ali, na minha sala, que já não parecia minha, incapaz de deter as lágrimas, sentindo o medo reviver.

Incapaz de deter o medo.

O telefone na mesa tocou.

O telefone na minha mesa, o meu telefone.

Atendi:

– Alô?

– Senhor Hunter? O senhor Lees está na linha dois.

– Obrigado – agradeci, apertando o botão que piscava, pensando: "Donald Lees, funcionário administrativo da Polícia da Grande Manchester".

– Aqui é Peter Hunter – eu disse.

– Senhor Hunter, foram registradas queixas contra o senhor, que teria ofendido alguém. As queixas serão investigadas pelo senhor Ronald Angus, chefe de polícia de West Yorkshire.

– O quê?

– Senhor Hunter, esteja na sua sala esta tarde, às duas.

– Do que você está falando?

– Isso é tudo o que posso revelar, senhor Hunter.

– Senhor Lees, o que está acontecendo? Que queixas?

– O senhor Angus explicará todos os detalhes necessários esta tarde. Adeus.

– Senhor Lees.

A linha ficou muda, a sala girava.

Os cartões de Natal e as correspondências fechadas na bandeja, as fotografias e certificados nas paredes, os prêmios e condecorações, tudo girando. Minha sala inteira.

Mas aquela não parecia a minha sala.

Parecia que eu estava sufocando na sala de outra pessoa.

Tentei ficar de pé.

Mas cambaleei.

Fui até a porta.

Abri.

Roger Hook estava no corredor, Roger Hook conversando com John Murphy.

Olhei para eles.

Eles desviaram o olhar.

Do lado de fora, no estacionamento.

No estacionamento do lado de fora, olhando para o meu novo relógio digital: *10:27:09.*

Lutando com a porta do carro.

Cabisbaixo atrás do volante:

Fodido.

Lutando, cabisbaixo, fodido.

Na vaga reservada que dizia:

Peter Hunter, assistente-chefe de polícia.

De volta ao andar de cima, os corredores vazios.

Disquei o seu número de casa.

Ele atendeu:

– Clement Smith falando.

– Aqui é Peter Hunter.

– Bom dia, senhor Hunter.

– Já sabe que perdemos a casa?

– Sim – ele respondeu. – Eu sei.

– E imagino que também saiba que recebi uma ligação de Donald Lees?

– Sim.

– Eu gostaria de saber que merda está acontecendo?

– Não seria apropriado contar nada neste momento.

– Então você sabe quais são as tais queixas?

– Não posso dizer nada. Não seria apropriado.

– Então você não vai me dizer o que significa tudo isso?

– Acredito que o senhor Angus irá dar toda a informação necessária ainda hoje.

– Mas, e quanto ao caso do Estripador? Tem a ver com isso, certo?

– Peter – ele disse calmamente. – Você deveria, de agora em diante, preocupar-se apenas consigo mesmo.

– É isso, então?

– O meu dever não permite que eu diga nada mais.

– O quê?

– Adeus, senhor Hunter.

Sem palavras, bati o telefone.

A sala de um dos assistentes-chefes da Grande Manchester.

A minha sala.

Sexta-feira, 26 de dezembro de 1980.

Feriado:

13:54:45.

Uma batida na porta.

O chefe de polícia Angus e o detetive-chefe superintendente Maurice Jobson entram.

Acenos e apertos de mão.

– Senhor Hunter – disse Angus.

– Peter – disse Maurice Jobson, o Coruja.

Angus olhava para a minha poltrona atrás da mesa, mas eu fiz um gesto para as duas cadeiras do outro lado.

Sentamo-nos.

Fiquei olhando para o senhor Ronald Angus, o chefe de polícia de West Yorkshire, e esperei.

Ele disse:

– Maurice está aqui porque, infelizmente e como você sabe, George Oldman não está se sentindo bem e Pete Noble está um pouco ocupado.

Ele sorria, virando a mesa.

– Isso explica o motivo pelo qual Maurice está aqui – eu disse. – Mas e o senhor?

Ele deixara de sorrir, e sem sorrir me disse:

– Fui convidado a vir aqui hoje pelo seu comitê policial, para investigar certos assuntos nos quais você está envolvido. Esse não é um interrogatório formal e não vou tomar nota de nada.

Peguei a minha caneta e disse:

– Mas eu sim.

– Como quiser.

– O meu desejo, senhor Angus, era não estar aqui neste momento. Queria estar ao lado da minha esposa. Não sei se o senhor sabe, se se importa ou não, mas a nossa casa foi destruída num incêndio ontem à noite, fogo que se seguiu a uma carta de ameaça enviada por um homem que dizia ser o Estripador de Yorkshire, carta que o senhor conhece bem. Por isso, ficaria muito grato caso pudesse me dizer a que se referem esses *assuntos nos quais estou envolvido*, pois assim poderíamos esclarecer essa história o mais rápido possível.

– Neste momento eu não posso lhe dizer o que são tais assuntos. São apenas rumores, insinuações e fofocas sobre as suas conexões com várias pessoas em Manchester.

– Com que pessoas?

– Não posso dizer.

– Não pode ou não quer?

– Não posso. Temos alguns interrogatórios a fazer.

– Eu não fiz nada de errado e queria que você registrasse isso, aqui e agora.

Ele não o fez...

– Não recebi qualquer evidência ou testemunho escrito, mas tenho certeza de que essa investigação...

– Investigação? – questionei.

– Não, essa palavra é muito forte... esse inquérito... tenho certeza de que não

será longo.

– Quanto tempo?

– Um mês, mais ou menos, eu acho.

– Tenho que voltar a Leeds na segunda-feira.

Ele tossiu e se recostou na cadeira, dizendo:

– O comitê de polícia concedeu autorização para que você peça uma licença. Você não voltará a Leeds e pode se considerar fora da investigação sobre o Estripador.

– Por enquanto ou para sempre?

– Para sempre.

– O senhor falou com Philip Evans, com Sir John Reed?

– Falei. E ficou acertado que o chefe superintendente Murphy assumirá a investigação, comandando a sua equipe.

– E o que eu fiz? – perguntei.

– Não posso dizer.

Olhei para Maurice Jobson.

Ele olhava para o chão.

Angus disse:

– Tudo o que posso dizer é que isso não tem nada a ver com Leeds ou com a investigação sobre o Estripador.

– Eu não perguntei.

– Mas estou lhe dizendo.

– Então vou lhe dizer uma coisa: não tenho intenção de aceitar nenhuma licença. Se os senhores quiserem me suspender, que me suspendam. Caso contrário, continuarei com os meus deveres de assistente-chefe de polícia.

Ronald Angus se levantou:

– Senhor Hunter, agora sou eu quem vai lhe pedir que abandone a sua sala e esta delegacia central imediatamente.

– O quê?

Maurice Jobson ficou de pé ao lado dele.

– Você está brincando? – perguntei.

Angus fez que não com a cabeça.

Jobson não me encarava, olhava para fora da janela que havia logo atrás de mim.

Lentamente, fiquei de pé, olhando ao redor da sala.

Os cartões de Natal e as correspondências ainda sem abrir sobre a bandeja, as fotografias e certificados na parede, os prêmios e condecorações, a minha sala.

Mas não parecia minha.

Porque não era minha.

Fiquei em choque.

Tentei não cambalear ali de pé.

Tentei pensar.

Pense, pense, pense.

Peguei a minha pasta, que abri, colocando os cartões e as correspondências fechadas dentro dela.

Olhei para as fotografias e certificados na parede, para os prêmios e as condecorações; prêmios deles, condecorações deles, pensando:

Que se fodam, que se fodam.

Andei até a porta.

Tentei não cambalear, com a pasta sob o braço.

Abri a porta.

Angus disse:

– Às duas, amanhã.

– O quê?

– Venha nos encontrar amanhã, às duas, por favor.

Fiz que sim e saí para o corredor.

Fiquei parado ali, no corredor, até Jobson aparecer atrás de mim.

– Por aqui – ele disse, levando-me em direção ao elevador.

Ele apertou o botão e esperamos.

O elevador chegou e a porta se abriu.

– Sinto muito pela sua casa – ele disse.

Olhei para ele.

Ele desviou o olhar.

Do lado de fora, no estacionamento.

No estacionamento do lado de fora, olhando para o meu novo relógio digital: *14:36:04.*

Lutando com a porta do carro e minha pasta.

Cabisbaixo atrás do volante:

Fodido.

Lutando, cabisbaixo, fodido.

Na vaga reservada que dizia:

Peter Hunter, assistente-chefe de polícia.

Alguém batia no vidro da janela.

Abri os olhos:

Escuridão, noite.

O policial dizia:

– Sinto muito, mas o senhor não pode estacionar aqui.

Merda.

– Está reservada.

Liguei o carro e os faróis iluminaram uma placa que dizia:

Assistente-chefe de polícia.

Sem nome.

Apenas:

Assistente-chefe de polícia.

Saí de Manchester, passando por Wilmslow e entrando em Alderley Edge.

Virei na Macclesfield Road.

Nenhum caminhão de bombeiro naquela noite.

Estacionei em frente à minha casa, tudo repleto de escombros.

A casa, o que restava dela, em silêncio.

A nossa casa.

Destruída.

Fósforo aceso, tudo destruído.

Saí do carro e subi em direção aos escombros, depois parei olhando para a minha casa destruída, vendo aquelas marcas e sentindo aquele cheiro, aquele gosto, mais uma vez.

Lágrimas nos meus olhos.

Incapaz de deter o medo, o medo.

Incapaz de deter o medo.

Caminhei por onde antes havia portas e janelas, por onde as paredes tinham ficado negras, contornei a garagem, até chegar à Sala de Guerra.

A Sala de Guerra.

Tudo destruído.

Tudo, menos o medo.

Sabendo...

Sabendo que tinham feito aquilo comigo por eu ser quem sou, por eu ser o que sou.

Por quem eu conheço, o que eu conheço.

Por causa do medo.

Para me deixar com medo.

Eu me curvei e enchi a mão de cinzas escuras e quentes.

O medo.

Eu me curvei e enchi a mão de cinzas escuras e quentes, cuspi nas cinzas e esfreguei-as entre os meus dedos e as minhas palmas. Então, desenhei uma cruz na minha testa com aquelas cinzas.

Uma cruz para manter o medo distante...

Uma cruz para manter o medo...

Uma cruz para manter...

Uma cruz para...

Uma cruz.

mais uma vez thank you for being a friend você viu o meu rosto no selo do envelope da carta que enviei e eu vou embora desse lugar para me encontrar com uma amiga no inverno que nunca nos abandona e com sotaque de yorkshire eu digo que o tempo está nos deixando para baixo novamente inverno ainda no meio de maio transmissão dez enviada no dia dezoito de maio de mil novecentos e setenta e nove joanne clare thornton foi encontrada morta no lewisham park em morley na manhã seguinte agredida duas vezes na cabeça morreu instantaneamente roupas reposicionadas corpo perfurado vinte e cinco vezes com uma faca de cozinha com lâmina de dez centímetros muito ferida na região abdominal e na vagina um sapato colocado entre as coxas o casaco sobre o corpo eu estacionei e corri para encontrá-la e disse desculpe e perguntei que horas eram e ela olhou para o relógio e respondeu onze e meia e eu disse nossa que lindos olhos você tem ela disse obrigado e eu disse onde você vai ela disse que ia visitar a avó e eu perguntei se estava longe e ela disse que um pouco eu perguntei você nunca quis aprender a dirigir e ela respondeu que preferia andar a cavalo e eu disse você deveria ter cuidado caminhando sozinha neste parque a esta hora da noite não deveria confiar em ninguém atualmente e eu parei e fingi amarrar o meu cadarço e então peguei um martelo no bolso e bati duas vezes no alto da sua cabeça arrastei-a da calçada e tirei suas roupas depois eu peguei a chave de fenda philips de vinte e cinco centímetros cuja ponta eu afiara e peguei também a faca da cozinha e perfurei vinte e cinco vezes o seu corpo além de enfiar a chave de fenda três vezes na sua vagina perfurando o seu útero o inverno continuava o seguinte texto recebido dia vinte e nove de junho de mil novecentos e setenta e nove aqui é jack vejo que continuam sem sorte para me pegar tenho muito respeito por você george mas meu deus vocês não estão mais perto de me alcançar agora do que há quatro anos quando tudo começou acho que os seus rapazes estão te decepcionando george eles não devem ser muito bons certo a única vez que se aproximaram de mim foi há alguns meses em chapeltown quando eu estava um pouco perturbado porém mesmo naquela vez foi um policial uniformizado não um detetive em março eu avisei que atacaria novamente sinto muito não ter sido em bradford sei que prometi isso mas não consegui chegar até lá não tenho muita certeza de onde será o próximo ataque mas acontecerá ainda este ano com certeza talvez em setembro outubro ou mesmo antes se eu tiver uma oportunidade não tenho certeza onde talvez em manchester eu gostaria que fosse lá pois tem muitas delas vagabundeando por lá elas nunca aprendem não é george sei que você as avisou mas elas nunca escutam eu a peguei em preston e eu fiz não fiz george aquela vaca imunda e gozei nela pelo ritmo que sigo eu deveria estar no livro dos recordes acho que já são onze certo vou continuar um pouco mais ainda não estou satisfeito mesmo se vocês se aproximarem eu provavelmente me matarei primeiro foi bom conversar com você george o seu amigo jack o estripador nem vale a pena procurar por impressões digitais você já deve saber que tudo está tinindo de limpo até logo adeus espero que goste da música pegajosa do final haha thank you for being a friend traveled down road and back again your heart is true you’re a pal and a confidant i am not ashamed to say i hope it always stay this way my hat is off will you not stand up and take a bow if you threw a party invited everyone you knew you would see biggest gift would be from

me and the card attached would say thank you for being a friend if it is a car you lack i would surely buy you um corsair branco whatever you need anytime day or night it always will stay this way when we both get older with walking canes and hair of gray have no fear even though it

17

Casa do pais de Joan, sentado na sala de estar, entre os cartões de Natal, na sala de estar e os cartões de Natal, como antes era a nossa sala de estar com os seus cartões de Natal, uma sala de estar que era nossa até a noite de quinta-feira, em frente à árvore de Natal deles, árvore deles como à que era nossa até a noite de quinta-feira, sentado na sala de estar deles, do senhor e da senhora Roberts, que tentavam nos deixar sozinhos, nos dar um tempo, nos dar espaço, um pouco de tempo e um pouco de espaço, como o tempo e o espaço que eram nossos, tempo e espaço até a noite de quinta-feira, mas eles estão perto e longe ao mesmo tempo, eu e Joan sentados na sala de estar deles, no sofá deles, sentados na sala de estar e no sofá deles como um casal adolescente que nunca fomos, eu querendo segurar a mão dela.

Segurando a mão dela.

Segurando a mão dela, segurando as minhas lágrimas, tentando enxugar as dela, tentando detê-las... mas tudo o que perdemos, era tanta coisa, perdemos tanta coisa, tanta, as coisas que perdemos, eram tantas, perdemos tantas coisas, tantas...

– Os formulários – ela disse, soluçando.

– Podemos conseguir outros facilmente, isso não será um problema.

– Mas não temos casa, Peter. Eles nunca deixarão...

– Conseguiremos uma casa nova, reconstruiremos a antiga. O seguro...

– Não se tiver sido culpa daquelas luzes.

– Não foram as luzes – eu disse. – E não faz diferença se foram ou não.

– Serão necessários vários anos.

– Não, nada disso.

– Eles não vão permitir... não agora.

– Claro que vão permitir.

Segurando a mão dela, segurando as minhas lágrimas, tentando enxugar as dela, tentando detê-las... mas tudo o que perdemos, era tanta coisa, perdemos

tanta coisa, tanta, as coisas que perdemos, eram tantas, perdemos tantas coisas, tantas...

Sua mãe voltou a aparecer na porta:

– Alguém quer mais uma xícara de chá?

Dei uma olhada no meu novo relógio, balançando a cabeça, e menti:

– Tenho que ir trabalhar.

– Pelo menos você ainda tem um trabalho – disse Joan, fungando o nariz. – Pelo menos isso.

Entrei no carro.

Sentei-me atrás do volante.

Olhei novamente para o meu relógio:

10:08:00.

Girei a chave na ignição e saí.

Segui em direção a Manchester.

Em direção a Manchester, pois não tinha mais para onde ir:

Nenhum lugar, senão aqui.

Sábado, 27 de dezembro de 1980.

Duas da tarde:

Delegacia central da polícia de Manchester.

Décimo primeiro andar:

Bati à porta da sala que era minha, que era minha até a tarde do dia anterior.

– Entre.

Abri a porta.

Ronald Angus estava sentado na poltrona que era minha, na poltrona atrás da mesa que era minha mesa, da mesa da sala que era minha sala, que era minha até a tarde do dia anterior, às 14:35:00.

– Sente-se – disse Angus, fazendo um sinal para a cadeira vazia ao lado do chefe superintendente Jobson.

Eu me sentei.

Angus inclinou-se sobre a mesa, sobre a mesa que era minha mesa, e me entregou um pedaço de papel.

Peguei e li:

Recebemos informações indicando que, durante os últimos seis anos, o senhor esteve envolvido com certas pessoas em circunstâncias consideradas indesejáveis, e por conta de tais associações, o senhor, como oficial de polícia, deve estar devendo favores a essas pessoas.

– É isso? – perguntei.

– É.

– Nada de nomes, datas, horários, locais?

– Não se trata de uma alegação nem de uma queixa.

– O que é, então?

– É uma informação que recebemos e que precisa ser investigada.

– Então deixem que eu ajude. Diga o nome dessas pessoas com quem eu, supostamente, estive envolvido.

– Não posso dizer.

– Então me diga de que maneira fiquei devendo favores a essas pessoas.

– Não posso dizer.

Eu sorria.

Apesar de tudo, eu sorria.

Sorria para Ronald Angus, chefe de polícia de West Yorkshire, a mesma força policial de West Yorkshire que, quarenta e oito horas antes, eu investigava. Sorria para ele, que estava sentado na poltrona que era minha poltrona, na poltrona atrás de uma mesa que era minha mesa, na mesa de uma sala que era minha sala, uma sala que era minha até a tarde do dia anterior.

– Senhor Hunter – ele disse –, sei como isso parece estranho e sei o que o senhor está pensando. Mas posso garantir que a minha reputação de justo e íntegro está tão em jogo quanto a sua.

Eu não me aguentei.

– Ouvindo isso, eu deveria me sentir melhor ou pior, senhor?

Angus estava cansado.

– Senhor Hunter, sendo sincero, eu não me importo como se sente.

Silêncio.

Na sala que era minha sala, que era minha sala até a tarde do dia anterior, silêncio...

Silêncio até Maurice Jobson dizer:

– Peter, precisamos que nos ofereça todos os detalhes da sua conta bancária e de todos os cartões de crédito e poupanças que tenha tido nos últimos seis anos.

– Por quê?

Jobson balançou a cabeça.

– Não posso dizer, como você já sabe.

– Não, eu não sei.

– Então está sabendo agora.

– Certo, Maurice – eu disse, sorrindo. – Mas posso dizer uma coisa? Eu não tenho qualquer obrigação legal de oferecer tais informações.

– Não mesmo – disse Angus. – Porém, caso não nos forneça, vou pedir a um juiz que expeça um mandado.

– E assim perderão mais tempo do que já estão perdendo.

– Por quê?

– Não posso oferecer nada disso a vocês.

– Não pode ou não quer? – perguntou Angus.

– Não posso.

– Por quê? – perguntou Jobson.

– O incêndio.

Angus se recostou na poltrona e suspirou, dizendo:

– Conveniente.

– O quê? – perguntei. Levantando a voz: – Você disse o quê?

Jobson segurava o meu braço, fazendo com que eu permanecesse sentado na cadeira em frente daquela mesa, na cadeira em frente daquela mesa que era minha mesa, mesa da sala que era minha sala, sala que era minha sala até a tarde do dia anterior.

– Fique calmo. Fique calmo agora – disse Jobson.

– E o seu passaporte? – perguntou Angus.

– O que tem?

– Também perdeu?

– Perdemos tudo – respondi.

– Que pena.

– O quê? – perguntei. – Vocês queriam confiscar o meu passaporte?

– Sim.

– Inferno – eu disse, balançando a cabeça.

Mais uma vez, silêncio.

Mais uma vez, silêncio naquela sala que era minha sala, que era minha sala até a tarde do dia anterior.

Mais uma vez, silêncio, até Angus dizer:

– Segunda-feira, às duas.

– É isso? – perguntei.

– Em Wakefield – ele disse.

– O quê?

– Duas horas. Segunda-feira. Em Wakefield.

– Está brincando? Vocês tinham que vir até aqui, como manda o procedimento.

– Senhor Hunter – disse Angus, suspirando. – Nós queremos terminar com tudo isso tão rápido tanto quanto o senhor. Mas o senhor também conhece melhor do que ninguém a pressão a que estamos sendo submetidos. Então, caso queira que a história avance, ficaremos agradecidos se aparecesse em Wakefield na segunda-feira.

Fiz que sim e me levantei.

– Tenha um bom dia, senhor Hunter – Angus disse.

– Uma coisa – eu disse.

Ele levantou os olhos.

– O regulamento de disciplina diz que as informações devem ser oferecidas aos oficiais acusados com detalhes suficientes para que eles possam se defender, e também deve ser oferecido o nome completo e endereço de quem fez a acusação.

– Eu sei – disse Angus.

– Bom. Espero receber essas informações do senhor na segunda-feira, às duas horas, em Wakefield.

Angus me olhava, me encarava, me encarava ali, eu de pé.

Mais silêncio.

Mais silêncio na sala que era minha sala, que era minha sala até a tarde do dia anterior.

Mais silêncio, até o telefone começar a tocar.

Angus atendeu:

– Chefe de polícia Angus.

Ele ouviu, olhando para mim.

– Sim, ele está aqui – disse Angus ao telefone, sem parar de me encarar.

Eu também o encarava.

– Um momento – ele disse, colocando a mão sobre o fone. – É para você. Não disse o nome, mas parece que é uma emergência.

Não parei de encará-lo.

Ronald Angus inclinou o corpo e me passou o telefone, o telefone que era meu telefone até a tarde do dia anterior.

Peguei o aparelho e me inclinei sobre a mesa, sobre a mesa que era minha mesa, e então apertei o botão vermelho que piscava.

– Peter Hunter.

– Está sozinho? – perguntou a voz de um jovem.

– Não, não estou.

– Vou ser breve, então.

– Estou escutando.

– Tenho algumas informações sobre um dos assassinatos do Estripador.

– Estou escutando – repeti, pensando:

O TELEFONE DEVE ESTAR GRAMPEADO.

– Esteja em Preston amanhã, na hora do almoço – ele disse.

– Onde?

– No St. Mary’s, um *pub* na Church Street.

– A que horas?

– À uma hora?

– Certo.

A linha ficou muda.

Fiquei com o fone na mão, o fone que era meu fone até a tarde do dia anterior. Depois o entreguei a Ronald Angus.

Ele pegou, com os olhos queimando de vontade de saber quem era. Jobson também estava louco de curiosidade.

Eu não disse nada e me dirigi à porta, a porta que era minha porta, a porta da sala que era minha sala, que era minha sala até a tarde do dia anterior.

– Senhor Hunter – Angus me chamou quando abri a porta. – Quero dizer uma coisa.

Virei-me.

– Vamos pedir a sua autorização para ir diretamente ao seu banco, também vamos pedir que nos apresente os seus diários oficiais e seus registros de gastos, além de todas as pastas com material relativo ao Estripador.

Fiz que sim e segui em direção à porta.

– Isso é um sim, senhor Hunter?

Fiz que sim novamente, de costas para ele, e saí em direção ao corredor, fechando a porta, fechando a porta da sala que era minha sala, que era minha sala até a tarde do dia anterior.

Já eram quase seis da tarde quando cheguei à porta da casa dos pais de Joan, e notei que ela me observava da sala de estar.

Joan saiu de casa no momento em que eu trancava a porta do carro.

– Por que não disse nada? Por que não me contou?

Vi os seus pais parados na entrada da casa, o pai abraçado à esposa.

– O quê?

– Está em todos os jornais, nos noticiários. Em todas as partes.

– O quê?

– A sua suspensão – ela disse, segurando o jornal da tarde.

– O quê?

– Você não sabia?

Peguei o jornal e fiquei de pé sob a escuridão e a chuva, na entrada da casa dos pais de Joan, lendo a manchete do *Manchester Evening News*, uma manchete tão mentirosa quanto curta:

Suspenso.

Em letras grandes, escuras, em negrito.

Com a minha fotografia logo abaixo, uma foto de quando recentemente joguei um estudante ao chão em uma passeata, quando Keith Joseph veio ao Norte, numa visita à Politécnica de Manchester.

Peter Hunter, o assistente-chefe de polícia de Manchester foi suspenso hoje de suas atividades por conta do que as fontes policiais descrevem como sérias alegações.

Numa declaração cuidadosamente pensada, o senhor Donald Lees, da polícia da Grande Manchester, disse aos repórteres que "foram recebidas informações relativas à conduta de um oficial sênior que poderia levar à condenação disciplinar. Para manter a confidencialidade, o diretor do comitê de polícia, o conselheiro Clive Birkenshaw, pediu ao chefe de polícia de West Yorkshire, senhor Ronald Angus, que investigasse o assunto usando as necessárias regras do estatuto. O assistente-chefe de polícia envolvido no caso estará temporariamente afastado durante a investigação.

O senhor Lees recusou-se inúmeras vezes a confirmar ou negar que tal oficial seja Peter Hunter. Porém, fontes policiais confirmaram que o senhor Hunter foi suspenso do seu cargo. Foram feitas tentativas de contato com o senhor Hunter, mas até o fechamento desta edição não fomos capazes de localizá-lo.

Ao mesmo tempo, o conselheiro Birkenshaw descreveu a queixa como "muito trivial" e que "surgiu nos últimos dois dias".

No entanto, o senhor Clement Smith, chefe de polícia da Grande Manchester, disse ao Evening News que as alegações eram "de fato lastimáveis e espero que sejam esclarecidas o mais rápido possível".

O senhor Lees não pôde oferecer detalhes sobre as alegações envolvendo o

senhor Hunter, mas negou as insinuações dos jornais dizendo que o afastamento estaria relacionado com o incêndio que destruiu a casa do senhor Hunter, em Alderley Edge, há dois dias. Também negou que estivesse relacionado ao seu trabalho no inquérito sobre o Estripador de Yorkshire ou com os recentes rumores que o conectaram ao terrível assassinato de Robert Douglas, ex-policial de Yorkshire, e sua filha, em Ashburys.

Parei de ler e olhei para Joan, que estava de pé, na entrada da casa dos seus pais, abraçando a si mesma.

– Você não sabia? – ela repetiu.

Balancei a cabeça, dizendo:

– Bastardos. Malditos bastardos!

Ela chorava, e eu também, incapaz de segurar as minhas lágrimas, incapaz de secar as dela, incapaz de detê-las, e tudo o que perdemos foi tanta coisa, perdemos tanta coisa, tanta, as coisas que perdemos foram tantas, perdemos tanta coisa, muitas coisas, e passei os meus braços em volta do seu corpo, levando-a para dentro da casa dos pais dela, a casa dos pais dela, como se fosse a casa que era nossa casa, a casa que era nossa casa até a noite de quinta-feira, e a mãe e o pai dela de pé na entrada, ele abraçado à esposa, ela com as mãos sobre o rosto, eu com os braços ao redor do corpo de Joan, ela com as mãos sobre o meu rosto, sobre o meu rosto cheio de cinzas escuras, então eu olhei para os três e disse:

– Sinto muito.

is hard to hear i will stand real close and say thank you for being a friend and when we die and float away into the night the milky way you you will hear me call as we ascend me ouvir chorar mas certamente fomos feitos para vencer esta luta não uivar como cachorros na chuva transmissão onze recebida em ash lane bradford no domingo nove de setembro de mil novecentos e setenta e nove identificada como dawn williams uma grande laceração na parte posterior da cabeça e sete facadas no tronco três delas em volta do umbigo a faca reintroduzida na ferida do peito várias vezes havia vários hematomas e feridas e recebeu um golpe na cabeça com um martelo e foi perfurada com uma chave de fenda grande de três lados novo sofrimento sob a chuva eterna uma visão lastimável me deixou confuso com lágrimas amaldiçoadas amaldiçoada e gelada chuva pesada e de água suja misturada à neve descia em torrentes no ar turvo o fedor da terra por causa da chuva infinita de onde surgiu uma besta cruel e fantástica com as suas três gargantas uivando como cães acima dos pecadores que se afogavam naquele lugar seus olhos vermelhos e sua barba escura e babada sua barriga inchada tinha garras no lugar das mãos e rasgava os espíritos a esfolava e a mutilava nas sombras do jardim atrás do número treze puxando-a por sua blusa levantando seu sutiã baixando seu jeans e sua calcinha deixando de lado o martelo pegando a chave de fenda a faca esfaqueando esfaqueando esfaqueando esfaqueando esfaqueando esfaqueando esfaqueando arrumando a blusa sob um pedaço de carpete algumas folhas a chuva seja bem-vindo de volta a bradford dizia uma placa acima da porta logo atrás em um velho carpete uma menina morta numa postura distorcida e curvada com uma camisa fina sutiã para cima para descobrir seus seios e o jeans aberto e baixados até o meio das pernas esfaqueada sete vezes no estômago e no ombro lâmina de dez centímetros ele tem trinta e dois anos escuro um metro e setenta se chama ronnie ou johnnie de acordo com o detetive não ele é um eletricista de durham não ele é um ex-marinheiro e agora eletricista que adora dançar não vi esse rosto no selo do envelope que ele enviara não deixarei esse lugar até ele ser pego não ele é pai de dois trabalha numa estação de esgoto e tem um cão não ele é um caminhoneiro chamado peter que dirige um táxi com um nome escrito na lateral que começa pela letra C e mora em bradford numa grande casa cinza construída no fim de uma rua atrás de pesados portões de ferro com degraus que levam até a porta da frente número seis nessa rua peter teria cometido crimes antes e está ligado ao depósito de contêineres em stourton e matará pela última vez em leeds na quarta-feira dez de dezembro de mil novecentos e oitenta uma visão triste me deixa confuso com lágrimas nos olhos o seriado onedim acabou esta é a polícia de bradford dawn foi dada como desaparecida desde a tarde de ontem e imaginamos se teria ido para casa mas não o que é estranho vamos seguir buscando e avisaremos assim que tivermos notícias ela não costuma fazer isso talvez seja um engano uma brincadeira doentia há tantas pensei em te ligar e conversar ainda não temos novidades também tenho filhas e sei o que é isso então a campainha toca e ela vai embora e gostaríamos que viesse identificá-la enviaremos um carro a cor do covarde no meu rosto o corpo dele uma massa de músculos contraídos agarrando punhados de lama silêncio só com a boca cheia de comida depois latidos trovão nas almas mortas que desejavam estar surdas e eu digo que não é comum que um de nós faça a viagem e

eu a estou fazendo agora mas isso acontece eu estava aqui logo antes de deixar a minha carne na morte ela me enviou por entre essas paredes e desci tanto quanto a cova de judas

18

O café da manhã gorduroso, a conversa fria, o tempo gorduroso e frio, o rádio ligado:

"Acusações e contra-acusações preenchem grande parte dos jornais desta manhã de domingo, elas dizem respeito à suspensão de Peter Hunter, um dos assistentes-chefes de polícia da Grande Manchester.

"Com a manchete Hunter: conspiração ou coincidência?, *um editorial do* Observer *questiona se a suspensão do senhor Hunter está de alguma forma ligada ao relatório aparentamente hostil que ele preparava sobre os procedimentos e práticas da polícia de Yorkshire no Caso do Estripador. Relatório que foi arquivado.*

"No entanto, o Mail on Sunday *apresenta citações de fontes policiais anônimas dizendo que a suspensão é consequência da associação do senhor Hunter com um proeminente criminoso local, de quem ele teria recebido grande benefício, e dizem haver fotografias dos dois 'fazendo a ronda' nos mais sujos bares e clubes de Manchester.*

"Ao mesmo tempo, outros jornais seguem destacando a busca pelo Estripador de Yorkshire ou a possibilidade de liberação dos 52 reféns que estão..."

Engoli a minha comida e me levantei da mesa.

– Para onde vai? – perguntou a mãe dela.

– Preston.

– Preston? – repetiu o pai dela.

– Preston – confirmei.

Joan nem levantou os olhos do prato que estava à sua frente, um prato de comida gordurosa e fria.

Preston.

Domingo, 28 de dezembro de 1980.

11:05:02.

Cheguei muito cedo.

Ainda não seguiria para o St. Mary's, então parei o carro num edifício-garagem próximo à estação e fiquei ouvindo o rádio por algum tempo antes de sair do veículo cheio de objetos da minha sala. Os cartões e cartas ainda fechados, os presentes de Natal, várias canetas e meias, as agendas e os chocolates, os lençóis e as gravatas, também as coisas do Griffin... a *Exegese* e as fitas, as anotações de Hall e as minhas, o porta-malas cheio de *Spunk*.

Abri as portas e o porta-malas e comecei a vasculhar tudo, até encontrar as revistas pornôs e as coisas importantes, que estavam debaixo do mar de meias e agendas, lenços e gravatas. Fechei o porta-malas e voltei para o carro. As correspondências e cartões fechados estavam empilhados no banco do passageiro. Com a boca cheia de chocolates com recheio de licor, comecei a olhar os envelopes, um a um, os cartões e os selos, um a um, os oficiais e os pessoais, um a...

Um:

Plano, em papel pardo, com uma escrita inclinada em tinta negra:

Peter Hunter

Chefe de polícia

Manchester.

Plano, em papel pardo, com uma escrita inclinada em tinta negra:

Fotografias. Não dobrar.

Plano, em papel pardo.

Abri e tirei as fotos.

Eram quatro fotografias.

Quatro fotografias de duas pessoas num parque:

Platt Fields Park, inverno.

Fotografias, em preto e branco.

Fotografias em preto e branco de duas pessoas num parque ao lado de um lago:

Um lago frio e cinzento, um cão.

Quatro fotografias em preto e branco de duas pessoas num parque.

Duas pessoas num parque:

Uma delas era eu.

St. Mary’s, Church Street, Preston.

12:54:05.

Sentei-me numa mesa engordurada próxima à porta, a chuva do lado de fora, frio lá dentro.

Tinha a metade de uma bebida à minha frente, batatas fritas com sal e vinagre espalhadas aqui e ali. Olhava ao redor.

Chequei novamente o meu relógio, o meu novo relógio digital.

12:56:05.

Sentado na mesa engordurada ao lado da porta, imaginando se ele já estaria ali ou se apareceria, imaginando se eu apareceria caso fosse ele, pensando quem seria ele... quem era eu.

À minha frente, um copo vazio, sal e vinagre nos meus dedos, sob os olhares de dois homens que jogavam dardos.

Olhei para o meu relógio.

12:58:03.

Fiquei sentado ali, molhado e com frio.

Olhos maldosos.

Eu olhei para...

– Peter Hunter – chamou uma mulher atrás do balcão, acenando com um fone nas mãos.

Levantei a mão, atravessando o salão do bar.

Ela me deu o fone.

– Aqui é Peter Hunter – eu disse ao telefone.

– Está sozinho? – perguntou a voz.

– Claro que estou.

– Como você sabe?

Uma pausa, refiz o caminho, examinei o salão... os olhos, os olhares, e disse:

– Estou sozinho. E você?

– Claro que estou.

– Cadê você?

– Estou perto o suficiente.

– Onde?

– Saia do bar, suba a colina e vire à esquerda na Frenchwood Street.

– E?

O telefone estava mudo.

Caminhei pela Church Street, acima do edifício-garagem e segui em direção à colina, com a chuva no meu rosto.

Virei à esquerda na Frenchwood Street, com algumas garagens do lado esquerdo da rua, terrenos baldios do lado direito, e segui em direção à última garagem, com a porta balançando ao vento, sob a chuva.

Abri a porta e lá estava ele, de pé entre garrafas e latas, entre trapos e jornais, encostado num banco feito de engradados e caixas.

– Tarde – disse o jovem que vestia um sujo terno escuro.

O seu rosto estava inchado e com hematomas, de furos e cicatrizes, uma tala no nariz quebrado, uma das mãos enfaixada, a outra afastando os cabelos lisos e grisalhos dos tristes olhos negros.

– Quem é você? Tem um nome?

– Nada de nomes.

Dei de ombros, tocando as minhas feridas.

– O que aconteceu com você?

Ele fungava o nariz, que tocou, dizendo:

– Risco da profissão. Tem a ver com os locais que frequento.

Dei uma olhada em volta, olhando para a garagem, as garrafas e latas, os trapos e os jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos rasgados e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas...

As suásticas.

Olhava para ele naquele local escuro, e perguntei:

– Era sobre isso que você queria conversar? Sobre os locais que frequenta? Sobre este lugar?

– O senhor já esteve aqui antes, certo?

Fiz que sim.

– E você? – perguntei.

– Ah, sim – ele respondeu. – Muitas vezes.

– Esteve aqui na noite de quinta-feira, 20 de novembro de 1975?

Ele afastou os fios de cabelo dos olhos machucados e disse, sorrindo:

– Você deveria ver o seu rosto.

– O seu não parece melhor.

– Como era aquela música? *If looks could kill they probably will* ?

– Não sei.

– Mas eu sim – ele disse, me entregando um pedaço de papel.

Abri e olhei, depois voltei a olhar para ele.

Ele sorria, um sorriso fraco e sombrio.

Voltei a olhar para o papel nas minhas mãos.

Para o pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Para o pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

Clare Strachan.

No topo da página, em caneta preta:

Spunk, edição número 3, janeiro de 1975.

Na parte de baixo, em caneta preta:

Assassinada pela polícia de West Yorkshire, novembro de 1975.

No seu rosto, em caneta preta:

Um alvo, um alvo de dardos.

Voltei a olhar para ele, de pé entre as garrafas e latas, os trapos e os jornais, encostado num banco feito de engradados e caixas, com o rosto inchado e com hematomas, de furos e cicatrizes, uma tala no nariz quebrado, uma das mãos enfaixada, a outra cutucando seus machucados, suas feridas...

Coçando seus machucados e suas feridas, tenso.

Tenso de medo.

Ele sorriu e disse:

– Aí vem um policial para arrancar sua cabeça.

– Você fez isso? – perguntei.

– Isso o quê?

– Essas coisas.

– Não, senhor Hunter. Não fiz nada disso.

– Mas sabe quem fez?

Ele deu de ombros.

– Me diga.

Ele fez que não com a cabeça.

– Vou te prender.

– Não vai não – ele disse, balançando a cabeça.

– Vou sim.

– Por quê?

– Por ocupar o tempo de um policial. Por ocultar evidências. Por obstruir. Por assassinato.

Ele sorriu.

– Isso é o que eles querem.

– Eles quem?

– Você sabe.

– Não, não sei.

– Então, obviamente, o senhor foi superestimado.

– O que isso significa?

– Significa que muita gente foi envolvida para garantir que o senhor não estaria em Yorkshire nem se envolveria com o Estripador.

– E por que essa gente quer te ver atrás das grades?

– Senhor Hunter, eles querem me ver morto. A prisão seria apenas uma forma de colocar as mãos em cima de mim.

– Eles quem?

Ele balançou a cabeça, sorrindo.

– Nada de nomes.

– Não vou ficar perdendo o meu tempo – eu disse, abrindo a porta.

Ele deu um impulso, fechando a porta com força.

– Fique aqui. O senhor não irá a lugar nenhum.

Estávamos cara a cara, olho a olho, naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais.

– Então comece a falar, porra – eu disse, colocando o papel xerocado na cara dele.

Ele puxou o papel para o lado e gritou:

– Foda-se!

– Foi você que me chamou aqui. Por quê?

– Eu não queria te chamar. Pode acreditar em mim – ele disse, voltando ao banco de engradados e caixas. – Tinha muitas dúvidas.

– E por que chamou?

– Queria simplesmente enviar a foto por correio, mas ouvi a história da sua suspensão e não sabia por quanto tempo você estaria por perto.

– É só isso? – perguntei, apontando para a foto. – Nada mais?

Ele acenou com a cabeça.

– Por quê?

– Queria que isso parasse. Queria que eles parassem.

– Eles quem?

– Nada de nomes! Quantas vezes vou ter que repetir?

Naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, olhei para ele.

Olhei para ele e para Clare, e perguntei:

– Por que neste lugar? Foi aqui que tudo começou? Com ela?

– Começou? – ele perguntou, sorrindo. – Claro que não.

– Então foi onde terminou?

– O começo do fim, poderíamos dizer.

– Para quem?

– Quer nomear? – ele murmurou. – Eu, você, ela... e metade dos policiais que você conheceu na vida.

Olhei para o papel nas minhas mãos.

Para o pedaço de papel xerocado em preto e branco...

Para o pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

– Por que Strachan? – perguntei. – Por causa da revista? Por causa da *Spunk*?

– Por que eles mataram Clare? – ele perguntava, balançando a cabeça. – Não.

– Não foi por causa da pornografia? A morte de Strachan não teve nada a ver com a MJM?

– Não.

– Quero nomes.

– Vou te dar um nome – ele murmurou. – Apenas um.

– Qual?

– O nome dela era Morrison.

– Quem?

– Clare. Seu nome de solteira era Morrison.

– Morrison?

Ele fez que sim, perguntando:

– Você conhece outro Morrison, certo, senhor Hunter?

Naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, respondi:

– Grace Morrison.

– E...? – ele perguntou, fazendo que sim com a cabeça.

O lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, entre os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, eu disse:

– O Strafford. Ela era a garçonete de Strafford.

– E...? – Ele concordava e sorria.

Lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, naquele local escuro eu murmurei:

– Eram irmãs.

Ele fazia que sim, sorria, gargalhava.

– E...?

No escuro, lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, entre os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, baixei os olhos.

Um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Um pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

Naquele local escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, levantei os olhos e repeti:

– O Strafford.

Ele sorriu, dizendo:

– Na mosca.

Naquela sala escura, perguntei:

– Como você sabe disso?

Sem sorrir, sem mover a cabeça, sem gargalhar, ele respondeu:

– Eu estava lá.

– Onde? Onde você estava?

– No Strafford – ele disse e abriu a porta.

Eu dei um impulso, fechei a porta com força.

– Você não vai a lugar nenhum, amigo. Ainda não.

Estávamos cara a cara novamente, naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais.

Ele fungou e disse:

– Este é o seu terreno, senhor Hunter.

– Foda-se! – gritei. – Fale o que aconteceu naquela noite!

– Pergunte a outra pessoa. – Ele se afastou.

– A Bob Craven? Não sobrou ninguém mais. Estão todos mortos.

– Exatamente.

– Foda-se! – repeti, aproximando-me e agarrando o seu paletó, mas...

Ele me empurrou mais uma vez, me afastando naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, me empurrou e eu o agarrei, dançávamos naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, dançando naquele lugar escuro, dançando até...

Eu cair, com o punho dele no meu rosto, os dedos na minha garganta.

Eu me levantei do chão, das garrafas e latas, dos trapos e jornais.

– O que você está fazendo, porra? – ele gritou, tentando fugir.

– Chegou a hora de parar de fugir – eu gritei, mas...

Ele me chutou, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, chutando...

– Saia de cima de mim!

– O que aconteceu?

Ele me chutava, as garrafas e latas, os trapos e jornais.

– Não vou dizer nada mais.

– Diga!

Mas ele estava livre, na porta...

– Eles ainda não terminaram com você – ele disse.

Lá, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, no meu casaco, eu podia sentir as fotografias.

Quatro fotografias em preto e branco de duas pessoas num parque.

Duas pessoas num parque.

Uma delas era eu.

E entre as garrafas e latas, trapos e jornais, gritei:

– Você está morto!

– Eu não – ele respondeu, rindo. – Eu tenho seguro. E você?

– Eles vão te encontrar e te matar caso não venha comigo.

– Eu não – ele disse.

– Vá em frente, então. Fuja.

– Foda-se – ele disse, indo embora. – Quem tem que fugir é você. Eles ainda não terminaram com... você.

Com o rosto inchado e cheio de hematomas, naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, entre as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, entre os trapos sujos e os jornais velhos, entre as paredes de compensado rabiscadas, eu gritei:

– Você está morto!

Naquele lugar escuro, entre as garrafas e latas, os trapos e jornais, as paredes de compensado, as latas enferrujadas e as garrafas quebradas, os trapos sujos e os jornais velhos, as paredes de compensado rabiscadas, com a porta da garagem balançando ao vento, sob a chuva...

– Morto.

No edifício-garagem, eu me sentei no carro e chorei.

Chorei muito.

Quatro fotografias em preto e branco.

Quatro fotografias em preto e branco de duas pessoas num parque.

Duas pessoas num parque.

Uma delas era eu.

Quatro fotografias em preto e branco no banco ao meu lado.

Quatro fotografias em preto e branco e um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Um pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

Spunk, edição número 3, janeiro de 1975.

– Clare Morrison – eu disse, em voz alta. – Maldita Clare Morrison.

No edifício-garagem, eu me sentei no carro e sequei as lágrimas.

Saí e abri o porta-malas. E quando peguei a sacola de *Spunk* e a *Exegese*, quando peguei tudo isso embaixo do mar de meias e agendas, de lenços e gravatas, voltei a entrar no carro e procurei a edição número três, mas ela não

estava lá.

Era uma das edições perdidas.

Deixei as *Spunk* de lado, pensando, rebobinando as fitas na minha mente.

E voltei a olhar para o pedaço de papel no banco ao meu lado.

Um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Um pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

Pensando, rebobinando as fitas na minha mente...

Por que Strachan? Por causa da revista? Por causa da Spunk*?*

Não foi por causa da pornografia? A morte de Strachan não teve nada a ver com a MJM?

Parei.

Rebobinei.

Não foi por conta da pornografia? A morte de Strachan não teve nada a ver com a MJM?

Parei:

Mentiroso de merda.

Liguei o carro, pensando:

Quem tem que fugir é você. Eles ainda não terminaram com você.

Richard Dawson morava em West Didsbury, numa casa grande e branca, casa que fora projetada pelo arquiteto John Dawson como presente de casamento para o seu irmão mais novo e sua noiva, Linda.

Estacionei na frente da casa e atravessei o chão de cascalho em direção à porta principal.

Na entrada, uma placa: *Little Cygnet.*

Toquei a campainha e dei uma olhada no jardim, sob a chuva, e no lago, tentando me lembrar da última vez que eu estivera ali.

Toquei mais uma vez a campainha e lá estava Linda.

Linda, vestindo blusa e saia, com aparência de quem não dormia há uma semana.

– Oi, querida? – disse. – Como você está?

Mas ela já começou a chorar. Passei o braço ao redor dos seus ombros e entramos, fechando a porta, de volta à casa fria e silenciosa.

Sentamo-nos no sofá de couro creme daquela melancólica sala completamente branca. Na televisão, *Kelly Monteith*, sem som.

Quando ela parou de tremer entre os meus braços, eu me levantei e fui até o armário espelhado, onde enchi dois copos de uísque e soda.

Ofereci um dos copos a ela. Ela levantou os olhos, os olhos vermelhos, em carne viva, e perguntou:

– O que está acontecendo, Peter?

Balancei a cabeça e respondi:

– Não tenho a menor ideia, minha querida.

– E Joan?

– Você ouviu falar da casa?

Ela fez que sim.

– Vocês estão na casa dos pais dela?

– Estamos – respondi. – E você? Cadê as crianças?

– Com os meus pais.

– E o que disse a eles?

– Que o pai foi embora.

– Linda, você não tem ideia de onde ele pode ter ido? – perguntei.

Ela balançou a cabeça, as lágrimas voltavam a brotar dos seus olhos.

– Alguma coisa aconteceu com ele. Isso é tudo o que eu sei.

– Não sabe, não – respondi.

– Ele teria ligado, eu sei que sim.

– E a casa na França?

– É o que todo mundo diz, mas não... Não sem me dizer alguma coisa.

– Alguém entrou em contato com a polícia francesa?

– Aquele tal Roger Hook. Ele disse que entraria em contato.

Eu me sentei e peguei a mão dela.

– Quando viu Richard pela última vez?

– Há uma semana.

– No domingo?

Ela fez que sim.

Apertei sua mão.

– Ele disse para onde ia?

– Disse que tinha coisas a resolver.

– Coisas a resolver?

Ela fez que sim novamente.

– Imaginei que fosse te encontrar.

– Ele me ligou.

– Quando?

– No sábado à noite.

– E contou alguma coisa?

– Disse que estava preocupado sobre a segunda-feira, sobre voltar a ver Roger Hook.

Ela ergueu os olhos.

– Você acha que ele estava tão preocupado a ponto de fugir?

– Não sei, minha querida. E você, o que acha?

Ela olhou para a bebida que segurava entre as mãos e disse calmamente:

– Já não sei de nada.

– Linda, minha querida, ele falava muito de trabalho com você? – eu perguntei, apertando suas mãos.

– O que você quer dizer?

– Ele costumava conversar sobre o que fazia no escritório?

– Um pouco.

– E mencionava nomes? Parecia chateado?

– Estava chateado com o que aconteceu com Bob Douglas e sua filha, Karen.

– Claro. Quem não ficou? Mas pergunto de maneira geral...

– Não sei. Não entendo o que você está querendo dizer – ela respondeu, soltando suas mãos.

– Por exemplo, você conhecia Bob Douglas e sua esposa?

– Mas isso era diferente, eu apresentei um ao outro.

– Claro – eu disse, fazendo que sim. – Se conheceram na escola, certo?

– Certo – ela respondeu, levantando-se e começando a caminhar pela sala.

– Sinto muito, Linda, mas queria te perguntar alguns nomes, ver se as peças se encaixam...

Ela parou ao lado da janela, da grande e fria janela.

– Bob Craven? – perguntei.

Ela virou as costas para mim e para a sala, olhando para fora, em silêncio.

– Linda?

Ela olhava para fora da janela, para o jardim, para a chuva caindo sobre o lago.

– Bob Craven? – repeti.

Para fora da janela, para o jardim, para a chuva caindo sobre o lago.

– Linda?

– Não – ela respondeu, ficando na ponta dos pés.

– Eric Hall?

A janela, o jardim, a chuva, o lago, silêncio.

– Eric Hall? – repeti.

Silêncio, até...

– Peter!

– O que foi?

– Não – ela disse, com as mãos postas sobre o vidro da janela, olhando para mim... virando-se de costas. – Não!

Eu me levantei, olhei pela janela.

Linda não parava de repetir:

– Não, meu Deus. Não!

Roger Hook e Ronnie Allen caminhavam pelo cascalho em direção à porta da frente.

– Não!

Engoli em seco e fui até a porta.

– Não. Por favor, não!

Abri a porta e vi a expressão nos rostos deles.

– Não, não, não – ela gritava, chorando no interior da casa. – Não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não, não.

A campainha tocou novamente...

– Cadê ela? – perguntou Joan.

– No quarto.

– E as crianças?

– Não estão. Foram para a casa dos avós.

– Eles sabem?

Fiz que não.

– O que aconteceu? – ela perguntou, o rosto contraindo-se, os lábios trêmulos.

– Entre – eu disse, levando-a para a entrada. – Conhece o Roger? – perguntei. – Este é Ronnie Allen.

Roger Hook sorriu e Ronnie Allen apertou a mão da minha esposa:

– Muito prazer, senhora Hunter.

Sentamo-nos no sofá creme e eu disse:

– O corpo foi encontrado no incêndio de uma banca de jornal em Batley, West Yorkshire.

– Batley? Incêndio?

Fiz que sim.

– Ele foi assassinado, minha querida.

– Como? Quero dizer, o que...

Ergui a mão e disse:

– Ouça, querida. Vou te contar os detalhes porque Linda vai querer saber e, neste momento, você é a única pessoa que ela deixará entrar no quarto dela.

Joan contorcia-se, tremia.

– O incêndio aconteceu na Bradford Road, em Batley, numa banca de jornal chamada RD News, nas primeiras horas da manhã de terça-feira, dia 23 de dezembro. O corpo só foi descoberto na hora do almoço da mesma terça-feira, no apartamento que ficava acima da loja. Tudo indica que o fogo começou no apartamento.

Roger Hook ouvia, concordando.

– Ele foi despido, esfaqueado e estrangulado... Suas mãos foram cortadas, seus dentes destruídos com um martelo. Depois banharam o corpo em gasolina e botaram fogo.

Joan tremia.

– O corpo só foi identificado graças aos pés.

– Aos pés? – ela perguntou.

– Ele nasceu sem o calcanhar esquerdo – expliquei, e ouvi:

– Não!

Um fraco e sombrio som viera da porta. Todos erguemos os olhos e lá estava ela...

Sua blusa desaparecera. Usava apenas sutiã e saia, com sangue escorrendo dos punhos, pingando no tapete creme.

– Não! – gritou Joan. – Não. Peter, por favor...

Ronnie tomou Linda nos braços, apertando seus punhos com força, sangue por todos os lados.

Eu segurava Joan.

Sangue por todos os lados.

Roger gritava ao telefone.

Sangue.

Sangue por todos os lados.

para encorajar um espírito e esse lugar é o mais baixo e o mais escuro o mais distante da esfera que circunda tudo e eu o vejo lá o caminhoneiro chamado peter que dirige um táxi com um nome escrito na lateral que começa com a letra C e mora em bradford transmissão interrompida em vinte de novembro de mil novecentos e setenta e nove em batley tessa smith atacada numa trilha de grama na área em que morava com o namorado e o bebê pegou um atalho da trilha de uma mercearia que ficava aberta até mais tarde ela foi atingida na cabeça com tanta força que o martelo atingiu seu crânio e ela caiu lembra-se de um homem com barba e bigode e ele a golpeou novamente na testa mas ela gritava e ele fugiu ninguém vai me socorrer ninguém vai me socorrer ninguém vai me socorrer seu namorado observava pela janela caçando-o pela rua gritando estripador estripador pega pega estripador estripador idiota idiota mas eu fui muito ágil para eles e fugi como um ladrão no meio da noite deixando-os em pé à beira de seu vale abismal da dor com os gritos infinitos tão sombrios e profundos e nebulosos que por mais que se tente não é possível ver a forma de nenhum rosto pintado com dor não há lamento apenas o som agonizante dos suspiros que se elevam e tremem no eterno ar os sons dos suspiros de uma dor sem tormento sem esperança de viver na morte num local sem luz sua personalidade drasticamente alterada desde o ataque ela sempre foi dinâmica e sorridente mas agora parece desmoronar ante as menores coisas ela só parece feliz na companhia do bebê ela discute sobre cada detalhe e de fato fico triste de dizer que ela se tornou um pouco tirana nunca mais será igual para nenhum de nós até hoje avisamos um ao outro quando saímos e para onde vamos estamos muito nervosos sem esperança eu tenho uma grande desconfiança nos homens jimmy e eu planejávamos nos casar num futuro próximo e quando eu saí do hospital ficamos juntos por um tempo mas não deu certo eu estou no limite o tempo inteiro e tenho medo de ficar sozinha com ele pois tudo o que vejo é que ele é um homem e eu não me sinto segura prefiro estar em casa com a minha mãe e as minhas irmãs eu estou obcecada com a ideia de permanecer com as costas contra a parede o tempo inteiro e mesmo quando estou cercada por amigos tento me controlar mas simplesmente não consigo suportar ter alguém atrás de mim sem esperança num local sem luz onde os malditos se reúnem na minha frente onde as notas de angústia tocam em meus ouvidos onde os sons tocam sons de um pranto martelam em mim um local onde a luz não brilha em todos os lamentos de gritos agonizantes de dor sem esperança onde vivemos atrás de arames e alarmes sozinha com cinco gatos e buracos de sete centímetros na minha cabeça o cabelo eu mesma corto no meu próprio mundo chorando na capela as cortinas fechadas em um roupão com meus gatos caminhar no meio da rua com medo das sombras e dos homens atrás de mim e com sotaque de yorkshire eles dizem que o tempo está nos deixando para baixo novamente mas ele não está aqui é um caminhoneiro chamado peter que dirige um táxi com um nome escrito na lateral que começa com C e mora em bradford numa grande casa construída cinza no fim de uma rua atrás de pesados portões de ferro com degraus que levam até a porta da frente número seis nessa rua peter teria cometido crimes antes e está ligado ao depósito de contêineres em stourton e matará pela última vez em leeds na quarta-feira dez de dezembro de mil novecentos e oitenta de pé à beira do vale abismal da dor rostos pintados com dor eu imploro

a você em nome de deus que não sabia salve-me deste lugar demoníaco e terrível e leve-me ao

19

Acordei na casa de um homem morto, no seu sofá creme, na sua sala de estar branca manchada de sangue, com sua esposa no hospital, a minha ao lado dela.

Tomei o seu chá e usei o seu barbeador, o seu sabonete e suas toalhas, ouvindo o seu rádio tocando músicas sobre vídeos, músicas sobre Einstein, músicas sobre homens do espaço, músicas sobre brinquedos, músicas sobre jogos... esperando as notícias:

"Recusando-se a comentar as várias reportagens dos jornais de ontem, o senhor Clement Smith, chefe de polícia da Grande Manchester, fez a seguinte declaração:

" 'A menos que existam circunstâncias excepcionais, num caso em particular, e que seja necessário levar ao interesse público, o chefe de polícia não deve comentar nada sobre qualquer inquérito ou investigação em andamento, assim como não deve confirmar ou negar a existência de qualquer investigação, ela existindo ou não.'

"Ao mesmo tempo, um homem desempregado apareceu diante dos magistrados de Rochdale no final desta manhã por conta do trote feito ao Daily Mirror, *de Manchester, na semana passada, dizendo-se ser o Estripador de Yorkshire. A polícia conseguiu rastrear uma segunda ligação feita ao* Mirror *na sexta-feira e prendeu Raymond Jones na casa dos seus pais, em Rochdale..."*

Desliguei o rádio, lavei a xícara dele, arrumei a sua cozinha e chequei se não estava deixando nada para trás.

Depois tranquei a sua porta e saí do seu sofá creme, da sua sala de estar branca manchada de sangue, da sua casa, da casa do morto.

Deixei o sofá, a sala, deixei a casa do morto.

Deixei para outra pessoa.

Yorkshire, maldito Yorkshire.

Yorkshire primitivo, Yorkshire medieval, Yorkshire industrial.

Três eras, três eras das trevas.

Eras das trevas locais.

Decadência local, decadência industrial.

Assassinatos locais, assassinatos industriais.

Inferno local, inferno industrial.

Infernos mortos, eras mortas.

Pântanos mortos, moinhos mortos.

Cidades mortas.

Corvos, a chuva e o Estripador.

O Estripador de Yorkshire.

O maldito Estripador de Yorkshire.

O crematório de Thornton estava a meio caminho entre Denholme e Allerton, seguindo para Bradford.

Eu conhecia o caminho, conhecia o lugar.

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Chovia pesado, eram quase dez e meia:

10:25:01.

Segunda-feira, 29 de dezembro de 1980.

Estacionei na rua e olhei para a colina, para o edifício escuro com sua chaminé, mais escuro com aquele tempo, passei por pequenas lápides com nomes curtos, flores mortas, bitucas de cigarros, pacotes de batatas fritas e folhas mortas. O único som era o de pneus na chuva.

Eu conhecia bem o lugar.

Já tinha estado ali antes:

O sol forte, passava das dez:

A pulseira de couro do relógio do meu pai, estalando no calor.

Quinta-feira, 7 de julho de 1977.

Estacionei na rua, olhei para a colina, para o edifício pálido com sua chaminé, branco sob a luz brilhante, pequenas lápides com nomes curtos, flores,

nuvens brancas no céu azul, árvores, pássaros cantando.

Eu anotava placas de carros, relacionava rostos e nomes, na minha época e na minha própria licença.

Na minha licença nojo:

Outro aborto, o último.

Joan na casa dos pais dela.

Quinta-feira, 7 de julho de 1977.

Enterrando-o, quase três semanas depois:

Domingo, 19 de junho de 1977.

O detetive inspetor Eric Hall, da Divisão de Costumes de Bradford, assassinado.

A esposa espancada e estuprada.

Assassinada e estuprada na casa deles, em Denholme, por uma gangue de quatro homens.

Negros.

Descritos pela polícia como sendo de origem caribenha.

Estacionei na rua, olhando para a colina, anotando placas de carros, relacionando rostos brancos e nomes brancos.

Rostos de polícia a nomes de polícia:

Chefe de polícia Ronald Angus, assistente-chefe de polícia George Oldman, detetive-chefe superintendente Maurice Jobson, detetive-chefe superintendente Peter Noble, detetive superintendente Richard Alderman, detetive superintendente James Prentice, detetive inspetor Robert Craven, todos de Leeds.

Nenhum familiar, só policiais.

Ninguém de Bradford.

Todos de Leeds.

Seguiu-se uma batida na janela e saltei.

Era Murphy, com o paletó na cabeça.

– Cristo – eu disse, baixando o vidro.

– Vai subir?

Fiz que sim, voltei a fechar o vidro da janela e saí do carro.

– O que você está fazendo aqui? Você não a conhecia, não é? – perguntei.

– Sinto como se a conhecesse – ele disse, balançando a cabeça. – Mas eu sabia que você estaria aqui.

– O quê?

– O que você quer dizer com esse *o quê?* – ele perguntou, rindo, a chuva nos encharcando. – Estamos preocupados com você.

– Bem, não se preocupem.

– Vamos – ele disse, olhando para o céu escuro. – Vamos correr até lá.

E subimos correndo a colina, em direção ao edifício escuro com a chaminé, mais escuro com aquele tempo, passando por pequenas lápides com nomes curtos, pelas flores mortas, bitucas de cigarro, pacotes de batata frita e folhas mortas. O único som era o das nossas botas sob a chuva.

Murphy chegou primeiro, ofegante e segurando a porta aberta.

Entrei.

A cerimônia, o ritual estava a ponto de começar.

A senhora Hall já estava lá, com um punhado de espectadores.

Fria e inexpressiva.

Seu filho Richard e uma menina vestida de preto, algumas velhas senhoras, um casal que parecia viver do outro lado da rua, uma pessoa estranha nos fundos, um homem que fazia anotações para o seu jornal, a polícia...

Pete Noble e Jim Prentice, John Murphy e eu.

Os profissionais.

Um lá na frente, com o *kit* a postos.

E o reverendo Laws.

O reverendo Martin Laws apertou a mão de Richard, e sorriu para a menina de preto.

Olhei para todos os que não conhecia e queria saber os seus nomes, queria que Noble ligasse os nomes às pessoas.

Mas isso não aconteceria.

Não naquele dia.

Nem nunca.

Ela foi embora.

Só estavam ali para ter certeza.

Então ficamos de pé entre os bancos da capela, atrás de Noble e Prentice, também para ter certeza.

Quando ela foi embora, *quando todos tinham certeza*, Noble olhou para trás.

– Pete? Como vai?

– Tudo bem – respondi.

– Ouvi falar no incêndio. Sinto muito.

– É... – disse Jim Prentice. – Más notícias.

– Obrigado – respondi, olhando para o chão enquanto Richard Hall e a menina vestida de preto saíam.

– Sinto muito por todas as outras coisas também – disse ele, olhando para Murphy. – Essa história com Angus e Maurice...

– Será resolvido – eu disse.

– Estão fazendo uma tempestade em copo d'água – ele comentou, sorrindo.

– E nem há copo para fazer tempestade – disse Murphy.

– Foi o que ouvi – disse Noble, constrangido.

Silêncio, silêncio constrangedor.

Apenas acenos de cabeça e narizes fungando, a chuva no teto, até...

Até eu perguntar:

– Alguma novidade sua?

– Encontraram o cara que ligou para o *Mirror*.

– Eu ouvi.

– Mas por que ele fez isso? – perguntou Murphy.

Prentice, balançando a cabeça, respondeu:

– Tinha um telefone disponível e não sabia para quem ligar, então ligou para a Linha do Estripador, ouviu a fita algumas vezes, ficou entediado, resolveu se divertir um pouco e ligou para o *Mirror*.

– Que babaca – disse Murphy, sorrindo.

– Um assunto a menos – eu disse. – Faltam dois.

– Dois? – perguntou Prentice. – O que você quer dizer com dois?

Noble sorriu. Pensou em dizer algo, qualquer coisa, algo diferente, mas virou para Prentice e perguntou:

– Vamos embora?

– Vamos – disse Prentice, dando de ombros.

Olharam para nós dois, mas fizemos que não com as cabeças.

– Nos vemos, então – disse Noble, com a mão esticada.

Eu o cumprimentei e perguntei:

– Aliás, quando será o inquérito?

Ele voltou a olhar para o corredor, onde vira a senhora Hall pela última vez, depois para Jim Prentice:

– Na sexta-feira?

– É. Não consegui que fosse antes por conta do Ano-Novo e do fim de semana – disse Prentice.

– Certo.

– Nos vemos mais tarde, Pete – repetiu Noble, acenando com a cabeça para Murphy.

Um aperto de mãos e eles foram embora.

– Ele está bem – disse Murphy, quando os dois já tinham saído. – Para um Yorkie, está bem.

– Um *Yorkie*? – perguntei. Depois disse: – Podemos nos ver lá fora? Eu só queria trocar uma palavra com aquele homem lá na frente.

– Com o padre?

– É – respondi, caminhando pelo corredor em direção ao altar.

O reverendo Martin Laws estava ajoelhado, com as mãos apoiadas no banco à sua frente.

– Senhor Laws?

Com as mãos ainda juntas, ele olhou para mim.

– Senhor Hunter.

– Bonita missa.

– Era o que pedia a circunstância – ele disse.

– O senhor se importa que eu me sente aqui?

– Fique à vontade – ele disse, sentando-se no banco e tirando o chapéu para

que eu tivesse espaço livre.

Sentei-me ao seu lado.

Ele virou o corpo e me olhou, suas roupas cheiravam mal, estavam úmidas.

– O senhor tem muitas perguntas a fazer?

– Todos temos, certo?

– Nem todos – ele respondeu. – Nem todos.

– E o senhor se importaria caso eu fizesse algumas perguntas?

– Fique à vontade – ele repetiu.

– O senhor é mesmo padre, reverendo Laws? – perguntei.

– Sim.

– Ainda é padre?

– Sim.

– Sei – eu disse, fazendo que sim. – O senhor me disse que a senhora Hall o procurou após ouvir falar no seu trabalho, certo?

– Sim.

– E ela ouviu falar do seu trabalho pelo Jack Whitehead, certo?

– Sim.

– E o senhor conheceu Jack Whitehead pela ex-mulher dele, Carol?

– Sim.

– E vocês dois estavam presentes na noite em que o segundo marido de Carol a matou, certo?

– Sim.

– O nome dele era Michael Williams?

– Sim.

– E ele foi dado como louco e está internado no Broadmoor?

– Sim.

– E, no julgamento dele, o senhor foi apontado, por sua conduta, pelo juiz senhor Justice Caulfield, certo?

– Sim.

– E pelo doutor Eric Treacy, bispo de Wakefield?

– Certo.

– E quanto a Jack Whitehead, ele não disse que o senhor era responsável pela

morte de Carol?

– Sim.

– E o senhor acha que a dor de Jack, a dor pela morte de sua esposa, morte que ele atribui ao senhor, que a dor poderia ter levado à sua tentativa de suicídio em 1977?

– Sim.

– Acha? Isso é tudo o que o senhor tem a dizer? Sim, sim, sim?

– Sim.

– Entendi. O senhor ainda visita Jack? No Stanley Royd?

– Sim.

– Senhor Laws, numa dessas visitas, o Jack lhe entregou alguma coisa? – perguntei.

Laws fez uma pausa, e finalmente respondeu:

– Não.

– Nenhum livro, carta, fita?

– Não.

– E o senhor alguma vez entregou alguma coisa a ele?

– Não.

– Nem mesmo um cacho de uvas?

– Isso é contra o regulamento.

– Mas as pessoas quebram os regulamentos. Para isso existem, para serem quebrados.

– As pessoas ou os regulamentos, senhor Hunter?

– As duas coisas.

– O senhor é um policial. Nem todo o mundo pensa dessa forma.

– O senhor conhece bem a polícia, certo, senhor Laws?

– Não.

– Mas sabe muita coisa sobre Helen Marshall, certo?

– Então é isso... É tudo sobre Helen?

– *Helen?* Para o senhor, ela é a detetive sargento Marshall.

– Sim.

– O senhor se encontrou com ela, certo? Sozinhos?

– Sim.

– Por quê?

– Senhor Hunter, não posso lhe dizer.

– Ela quer a sua ajuda?

– Sim.

– Por quê?

– Não posso lhe dizer.

Agarrei a manga do casaco de Laws, frio e úmido, agarrei e fiz com que me olhasse:

– Diga!

– Por quê? – ele me perguntou, fazendo que não com a cabeça.

– Porque o senhor vai tentar fazer uma merda de exorcismo nela, ou seja lá o que costuma fazer.

– Isso não me atinge, senhor Hunter. Mas estamos na casa do senhor. Então, por favor... – ele disse.

– Foda-se! – gritei, me levantando. – Ela não vai terminar como Libby Hall, não vai terminar como Carol Whitehead!

– Por favor...

– Deixe-a em paz ou eu te mato – ameacei, puxando o seu casaco.

– O senhor não acredita em demônios, senhor Hunter? – perguntou Laws, sorrindo. – Não acredita, não é?

– Não!

– Mesmo vendo tudo o que fizeram contra o senhor?

– Não!

– Nem assim acredita?

– Não!

– Todos esses abortos, esses...

Dei um soco nele, forte...

Quebrei seu nariz, sangue escuro escorreu sobre a pele pálida.

Estava pronto para atingi-lo novamente quando...

Quando Murphy me agarrou, segurou o meu braço, me puxando para trás, me afastando, me tirando dali, arrastando-me para trás, me arrastando para longe,

me arrastando dali...

Sangue nos meus dedos.

Lágrimas no meu rosto.

Lágrimas e raiva.

Em carne viva.

Sentado no meu carro, sob o edifício escuro com a chaminé, mais escuro ainda naquele clima, sob as pequenas lápides com nomes curtos, as flores mortas, as bitucas de cigarros, os pacotes de batatas fritas e as folhas mortas. O único som era o de John Murphy me perguntando:

– Que porra foi aquela?

– Ele é um demônio e entrou na cabeça de Marshall. Eu sei que entrou.

– Esperemos que tenha entrado só na cabeça.

– Vá se foder – eu disse.

– Pete, ele é apenas um padre velho e sujo. Deve ser veado.

– Não, ele é... – Eu fazia que não com a cabeça, dizendo: – Não sei o que ele é.

– Vou dizer o que ele é – disse Murphy. – Ele é um padre que poderia fazer acusações contra você, e aí você estará fodido... O que você já está.

– Eu sei, eu sei – eu disse, concordando.

– Vá para casa. Por favor – disse Murphy.

– Para casa?

– Sinto muito. Para a casa dos pais de Joan, seja lá para onde, qualquer lugar que não seja a maldita Yorkshire.

– Tenho um interrogatório marcado com Angus às duas – eu disse, olhando para o meu relógio.

11:22:12.

– Onde?

– Em Wakefield.

Murphy estava furioso:

– Você está brincando, certo?

Fiz que não com a cabeça.

– E por que lá?

– Porque eles estão muito ocupados para ir até Manchester.

– Isso é bobagem. Tudo isso é uma grande besteira.

– E vocês? – perguntei. – Não deveriam voltar ao trabalho?

– Na próxima segunda, se nos permitirem.

– O quê?

– Não sei muito bem, mas estão falando que outra equipe virá – ele disse, suspirando. – Para ser honesto com você, Pete, eu não me importo nada.

Fiquei olhando para o edifício escuro com sua chaminé, mais escuro ainda com aquele tempo, passei por pequenas lápides com nomes curtos, flores mortas, bitucas de cigarros, pacotes de batatas fritas e folhas mortas. O único som era o relógio no interior do carro, o único som até...

Até eu perguntar:

– Você ouviu sobre Dawson?

Ele fez que sim.

– Alderman está arrancando os cabelos atrás de um garoto de programa.

– Garoto de programa?

– É, parece que um viadinho estava alugando o apartamento em cima da loja.

– O quê?

– O apartamento em cima do jornaleiro. Onde encontraram Dawson.

– Sério?

Ele fez que sim.

– Alderman acha que o seu amigo Dicky estava muito ardiloso.

– Vá se foder, John – eu disse.

– Só estou contando o que ouvi – ele disse, levantando as mãos. – Só estou contando o que ouvi.

– E ouviu algum nome?

– De quem?

– Do garoto de programa.

– BJ não sei o quê. Entendeu?

– BJ o quê?

Ele balançou a cabeça, sorrindo.

– Sinto muito, mas não me lembro.

– Acho que o vi ontem.

– Merda. Sério?

Fiz que sim.

– Onde?

– Preston.

– Merda, Pete.

Fiz que sim.

– O que ele disse? Falou sobre Dawson?

Fiz que não, dizendo:

– Ele me entregou isto.

Murphy pegou o pedaço de papel da minha mão.

Um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Um pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

Clare Strachan.

No topo da página, em caneta preta:

Spunk, edição número 3, janeiro de 1975.

Na parte de baixo, em caneta preta:

Assassinada pela polícia de West Yorkshire, novembro de 1975.

No seu rosto, em caneta preta:

Um alvo, um alvo de dardos.

Sentado no meu carro, sob o edifício escuro com chaminé, mais escuro ainda com aquele tempo, sob as pequenas lápides com nomes curtos, flores mortas, bitucas de cigarros, pacotes de batatas fritas e folhas mortas. O único som era o roçar do papel na mão de Murphy.

Um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Um pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

– Um alvo – ele disse, falando baixo.

Fiz que sim.

– Ele disse algum nome?

– Apenas um.

– Um?

– Morrison.

– Morrison?

– Clare Morrison.

– Clare Morrison? Quem é essa?

Bati no pedaço de papel.

O pedaço de papel xerocado em preto e branco.

O pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.

Gorda e loira, pernas e boceta.

– Imaginei que se chamasse Strachan.

– Morrison era o seu nome de solteira.

– E daí?

– Você conhece outros Morrison?

John Murphy, sentado no meu carro, sob o edifício escuro com chaminé, mais escuro ainda com aquele tempo, sob as pequenas lápides com nomes curtos, flores mortas, bitucas de cigarros, pacotes de batatas fritas e folhas mortas. O único som era o relógio do carro, o único som até...

Até John Murphy sussurrar:

– Grace Morrison?

Fiz que sim.

– O Strafford... – ele murmurou.

Fiz que sim.

– Porra.

Fiz que sim.

– O que você vai fazer? – perguntou Murphy.

– O que quer dizer?

– Vai contar a alguém?

– A quem?

– Alderman? Smith?

– Por quê? O que eles poderiam fazer?

Ele balançou a cabeça.

– O que você vai fazer?

– Espere e verá.

– O quê?

– Espere e verá, John.

– Vai cutucar a ferida, não é? Mexer com tudo.

– Espere e verá – repeti, sorrindo. – Espere e verá.

– Porra, Pete.

Fiz que sim.

– Porra, porra, porra.

Fiz que sim, pensando:

Conheço a hora, conheço o caminho.

Conheço o lugar, conheço bem o lugar.

Wakefield, a deserta Wakefield.

Segunda-feira, 29 de dezembro de 1980.

Os mesmos sentimentos doentios e as mesmas lembranças, as mesmas investigações frustradas e os mesmos muros de silêncio, os mesmos segredos e paranoia sombrios, o mesmo inferno.

Janeiro de 1975.

Os mesmos sentimentos doentios e as mesmas lembranças, as mesmas investigações frustradas e os mesmos muros de silêncio, os mesmos segredos e paranoia sombrios, o mesmo inferno.

Dezembro de 1980.

As mesmas preces impotentes e as mesmas promessas quebradas, a mesma responsabilidade e a mesma culpa, renegadas e devolvidas.

Segunda-feira, 29 de dezembro de 1980.

Wakefield, Wakefield árida.

Wakefield.

Laburnum Road.

Delegacia central da polícia de West Yorkshire.

Sala do chefe de polícia.

Olhei para o meu relógio:

13:54:45.

Bati à porta.

– Entre.

Abri a porta.

Ronald Angus estava sentado atrás de uma grande mesa, a sua grande mesa, Maurice Jobson e Dick Alderman sentados à sua frente.

– Senhores – cumprimentei.

– Senhor Hunter – disse Alderman, olhando para o relógio. – Chegou cedo.

– Chame isso de uma maldição – eu disse, sorrindo.

Angus olhou para Alderman e disse:

– Tudo bem. Richard já estava de saída.

Dick Alderman se levantou, com uma das mãos no ombro de Maurice:

– Falo com vocês dois mais tarde.

Os dois fizeram que sim.

O detetive superintendente Richard Alderman passou ao meu lado e saiu.

Sem dizer uma palavra.

– Sente-se – disse Angus, apontando para uma cadeira vazia ao lado de Jobson.

– O senhor pediu essas coisas – eu disse, antes de me sentar, mostrando cada uma das minhas agendas policiais, todas as cópias de despesas que eu efetuei e todos os outros formulários oficiais que eu tinha recebido. Coloquei tudo em cima da sua mesa.

– Obrigado – disse Maurice Jobson.

– E isto – eu disse, entregando-lhe as autorizações para que pudessem examinar minha conta bancária, meu cartão de crédito e minhas cadernetas de poupança.

Angus olhou para tudo aquilo e disse:

– Obrigado.

Sentei-me e esperei.

O senhor Angus tentou organizar a confusão e a bagunça da sua mesa,

finalmente pegou alguns papéis que ficaram perdidos sob as pilhas dos meus documentos. Olhou para mim e disse:

– Gostaria de lhe dizer alguns nomes e ficaria grato se você me dissesse se já ouviu falar nessas pessoas, se as conhece, ou se é amigo delas.

Fiz que sim, esperando.

Jobson pegou uma caneta e abriu um caderno de anotações, esperando.

Então Angus perguntou:

– Colin Asquith?

Fiz que sim, respondendo:

– Empresário local. Parceiro de Richard Dawson.

– *Ex*-parceiro – disse Angus.

– Sim – concordei. – *Ex*-parceiro.

– Você o conhece?

– Não pessoalmente.

– Mas já se encontraram?

Fiz que sim.

– Socialmente? – perguntou Angus.

– Por conhecidos em comum.

Angus olhava para mim.

Eu olhei para ele.

– Cyril Barratt?

Fiz que não.

– Barry Cameron?

Fiz que sim.

Angus esperando.

– Nunca o vi – respondi. – Conheço de nome.

– Como?

– Jornais. Conversas de delegacia.

– Mas nunca se encontrou com Barry Cameron? – perguntou Angus.

Fiz que não.

– Michael Craig?

– Advogado local – respondi.

– O senhor o conhece?

– Por conta do trabalho.

– Richard Dawson?

Olhei para Angus.

Angus me olhou de volta.

– Você sabe que eu conheço Richard Dawson – respondi.

– Eu sei que você o *conheceu* – ele disse. – Mas como descreveria esse relacionamento?

– Éramos amigos.

– *Eram*?

– Bem, como você enfatizou, ele está morto.

– Mas vocês eram amigos até o momento da sua morte?

Engoli em seco e disse:

– Sim, éramos amigos até o momento da sua morte.

– Certo – disse Angus. – Vamos voltar ao seu relacionamento com o senhor Dawson, o chefe de Bob Douglas, sócio de Colin Asquith, cliente de Michael Craig. Vamos voltar a ele, certo?

– Então é isso? Vamos falar sobre Richard Dawson e Bob Douglas?

Ele fez que não, dizendo:

– Não apenas o senhor Dawson e Bob Douglas.

Dei de ombros e deixei que ele continuasse.

– E Bob Douglas? – perguntou Angus.

– O que tem ele?

– O senhor o conheceu?

– Você sabe muito bem que o conheci. Eu estive aqui por causa de Strafford, não é?

– O caso de Strafford?

– O caso de Strafford – respondi, sorrindo. – E nos encontramos uma vez.

– Quando?

Sem sorrir, respondi:

– No domingo anterior à sua morte.

Angus olhou para Jobson.

Maurice Jobson moveu lentamente a cabeça.

Angus olhou para as suas anotações no meio da bagunça de sua mesa.

Depois ergueu os olhos e perguntou:

– Sean Doherty?

– Desculpe?

– Poderia me dizer se ouviu falar, conhecia ou era amigo de Sean Doherty?

Fiz que não.

– David Gallagher?

Fiz que não.

– Marcus Hamilton?

– Era um parlamentar de Salford.

– Ex-parlamentar – disse Angus. – Mas o senhor o conhece?

– Não muito.

– Já esteve com ele?

Fiz que sim.

– Em que ocasião?

– Como assim em que ocasião? Na ocasião de assistir a um jogo de futebol no Old Trafford, que é uma ocasião comum.

– Então o senhor poderia dizer que o conheceu socialmente?

– De dizer “olá”, sim.

– Ele nunca esteve na sua casa?

Fiz que não.

– E você esteve na dele?

Fiz que não novamente.

– Alguma vez suspeitou que ele era homossexual?

Olhei para ele, que estava olhando para suas anotações, e respondi mirando o topo da cabeça cinza dele:

– Tinha minhas suspeitas.

– Desculpe? – ele perguntou, erguendo os olhos.

– Os homens são livres para pensar, certo? – respondi, sorrindo.

Jobson sorria, segurando sua caneta e observando o rosto do chefe.

– Senhor Hunter, essas são perguntas sérias.

Balancei minha cabeça:

– Se o senhor Hamilton é ou não veado não é uma questão que eu considere séria.

– Ninguém está pedindo que analise as perguntas, senhor Hunter. Apenas que responda.

Olhei para o meu joelho direito, cruzado sobre o esquerdo, e disse:

– Vá em frente.

– Peter McCardell?

Fiz que sim.

– Foi preso pela Divisão de Costumes de Manchester. Recebeu dez anos por várias coisas relacionadas a publicações obscenas, por exemplo. Acho que também esteve envolvido com prostitutas e clubes duvidosos.

– O senhor o conheceu?

– Eu o interroguei uma ou duas vezes.

– Quando ele foi preso?

– Não me lembro bem – disse, balançando a cabeça. – Há cinco ou seis anos?

Mas eu me lembrava. Lembro-me agora:

– *Eu disse que temos um amigo em comum.*

– *Quem?*

– *Helen.*

– *Que Helen?*

– *Dos tempos da Divisão de Costumes. Diga que mandei um "alô".*

Jobson me observava, esperando alguma coisa.

Olhei para Angus e disse:

– Desculpe?

– Perguntei se ele continua preso.

– Quem?

– McCardell?

– Diga você.

– Certo – disse Angus. – E quanto a Roger Muir?

– Jornalista. Não o conheço socialmente.

– Donald Ryder? – perguntou Angus.

Fiz que não.

– Martin Sharpe?

– Advogado local. Nunca nos encontramos fora do trabalho.

– Michael Taylor?

Fiz que não.

– Alan Wright?

– Empresário local. Não socialmente.

– O que significa esse *não socialmente*, senhor Hunter?

Levantei o tom de voz e respondi:

– Significa que nunca nos encontramos socialmente.

Angus olhou para Jobson, depois abriu uma pasta e pegou quatro fotografias.

Eu pensava em quatro outras fotografias, rezando para que não fossem as mesmas.

Quatro fotografias de duas pessoas num parque:

Platt Fields Park, inverno.

Fotografias em preto e branco de duas pessoas num parque ao lado de um lago:

Um lago frio e cinzento, um cão.

Duas pessoas num parque.

Uma delas era eu.

Jobson me encarava novamente, esperando alguma coisa.

Olhei para Angus e disse:

– Desculpe?

– Olhe para isso – ele pediu, oferecendo-me as quatro fotografias.

Eu me recostei na cadeira e fiquei olhando para elas.

Não eram as mesmas.

Eram coloridas, completamente coloridas.

– Parece uma ocasião bem social – disse Angus.

– Desculpe?

– Todos os nomes que eu disse estão presentes nessas fotos. Todos, exceto McCardell, que estava em Strangeways.

– E daí?

– Olhe para as fotos, senhor Hunter – ele pediu, suspirando. – Todas as pessoas cujos nomes falei estão ao redor da mesa com o senhor, com os copos erguidos.

– Era o aniversário de quarenta anos de Richard Dawson – eu disse. – No Midland Hotel, e metade da maldita Manchester passou por lá.

– Isso é óbvio, senhor Hunter – ele disse, sorrindo. – A questão é que metade. Quero dizer que, ao que parece, só foram convidados criminosos, homossexuais, pornógrafos e o senhor.

Comecei a contar, deixei que ele sorrisse, deixei que o seu sorriso ficasse cada vez maior e maior e maior, maior e maior e maior, maior e maior e maior, até inclinar o meu corpo e espalhar as fotos na mesa, apontar para os rostos e dizer:

– Na verdade, senhor, eu não acho que eram *exclusivamente* criminosos, homossexuais e pornógrafos. A menos que o chefe de polícia Smith e o inspetor-chefe Hook se encaixem em tais categorias.

Silêncio.

Silêncio enquanto o chefe de polícia Ronald Angus decidia se olharia ou não para as fotos, usando os seus magníficos olhos para analisar os rostos sob os meus dedos, silêncio até...

Até ele tossir, olhar para Jobson e dizer:

– Tudo indica que a informação que nos passaram era errada, senhor Hunter.

Fiz que sim, sem dizer nada, esperando.

– E fico grato pelo senhor nos mostrar a verdadeira natureza destas fotos – ele disse.

– É um prazer – respondi, incapaz de resistir.

– No entanto – ele continuou –, peço que o senhor esteja novamente disponível amanhã à tarde, para que possa nos oferecer outras informações importantes sobre o seu relacionamento com Richard Dawson e alguns dos seus sócios.

Merda.

– Onde?

Merda, merda.

– Aqui.

Pensando: *merda, merda, merda.*

Perguntando:

– Na mesma hora?

Ele fez que sim.

Silêncio novamente, silêncio até...

Até eu me levantar.

– Boa tarde – disse.

Eles murmuraram algo enquanto eu saía.

Fechei a porta, parei por um momento, esperando escutar vozes do lado de dentro.

Desapontado, me virei e segui em direção a Dick Alderman.

– Eles te liberaram, certo? – ele perguntou, dando uma piscadela.

– Por bom comportamento – respondi, sorrindo.

– Acho difícil de acreditar – ele disse, sorrindo e batendo à porta do chefe de polícia. – Pelo que escutei...

Eu sorri, pensando...

Conheço a hora, conheço o caminho...

Conheço o lugar, conheço bem o lugar.

Leeds, a maldita Leeds.

Leeds medieval, Leeds vitoriana, Leeds de concreto.

Decadência concreta, assassinato concreto, inferno concreto.

Uma cidade de concreto.

Uma cidade morta.

Apenas os corvos, a chuva e o Estripador.

O Estripador de Leeds.

Estripador, o rei.

Segunda-feira à noite, Cidade dos Mortos.

Estacionei sob os arcos escuros, com goteiras e umidade, das paredes escorriam água e ratos.

O local mais seco em toda a maldita cidade.

Peguei a *Exegese*, as várias peças de pornografia e chantagem que enchiam o carro. Meti tudo numa sacola do supermercado Tesco e atravessei os arcos,

passando pelo Scarborough, chegando ao Griffin.

Toquei a campainha e esperei, escutando.

Beethoven eletrônico.

O recepcionista surgiu dos fundos, com um sorriso débil ao me reconhecer.

– Senhor Hunter?

– Boa noite – cumprimentei.

– O que posso fazer pelo senhor?

– Gostaria de um quarto, por favor.

– Por quantas noites?

– Não sei – respondi, dando de ombros. – Algumas.

– Certo – ele disse, pegando alguns papéis da mesa.

Deixei a sacola do Tesco aos meus pés e peguei uma caneta.

O recepcionista foi até as chaves penduradas atrás do balcão, tirou uma do gancho e deixou-a ao lado dos formulários que eu preenchia.

– Sinto muito – eu disse, sem erguer os olhos. – Imaginei que teria novamente o mesmo quarto 77.

– Foi o que eu te dei – ele disse.

Olhei para a chave, sobre o balcão, perto de minha mão.

– Obrigado – agradeci, mas ele já fora embora.

No quarto, no quarto escuro.

Sem dormir.

Não vou mais dormir, apenas...

Duas enormes asas saíam das minhas costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas enormes e negras que pesavam muito, que não me deixavam ficar de pé.

Asas, asas que saem das minhas costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas enormes e negras que pesavam muito, que não me deixavam ficar de pé...

Solene e grave desde o nascimento.

Não vou mais dormir, apenas...

Asas, asas que saem das minhas costas, rasgando a minha pele, duas asas enormes e quebradas, asas enormes e negras que pesavam muito, que não me deixavam ficar de pé...

Solene e grave desde o nascimento.

Nada de dormir, apenas...

Apenas a *Exegese* gravada no meu peito, as unhas sangrando, sangrando, quebradas...

Et sequentes.

Anotações por todos os lados, pelo chão, pela cama, nos móveis do Griffin, olhei para o meu relógio, desliguei o rádio, peguei o telefone que estava sobre a cama e consegui uma linha, chequei o relógio com o rádio relógio e disquei, esperando que os pais de Joan não voltassem a atender:

– Joan?

– Peter? Cadê você?

– Leeds.

– Por quê?

– Não terminaram o que queriam comigo – murmurei. – Tenho que estar de volta amanhã, às duas.

– Sério?

– Sinto muito.

– Ah, como eu queria que você não estivesse aí – ela disse, com a voz entrecortada. – Odeio esse lugar, essa gente. Toda vez que você vai para aí tudo o que recebemos são más notícias, má sorte.

– Não se preocupe – eu disse. – Isso não poderia ficar pior.

– Não subestime o destino, Peter. Por favor...

– Não vou fazer isso – respondi. E perguntei: – Como vai Linda?

– Sedada.

– A que horas você voltou?

– Às dez. Mas fui visitar os pais dela, as crianças.

– Como eles estão?

– Como você acha que eles estão?

– As crianças já sabem o que aconteceu?

– Acho que o exército de repórteres do lado de fora da casa ajudou.

– Merda. Vou ligar para Smith, pedir que façam alguma coisa.

– Eu já fiz isso – ela disse.

– Ligou para Clement Smith?

– Liguei.

– Está brincando? E o que disse a ele?

– Disse o que pensava sobre a forma como ele estava tratando os Dawson e todos nós.

– E o que ele disse?

– Que estava simplesmente *seguindo o seu dever*.

– E o que você respondeu?

– Disse que ele morreria queimado no inferno pelo que fez.

– Não! Você disse isso? E ele?

– Sei lá. Eu desliguei.

– Joan!

– Ele é apenas um idiota pomposo, Peter.

– Mas está apenas fazendo o trabalho dele.

– Herodes também estava.

– Joan, por favor...

– Se esse é o trabalho a ser feito, eu honestamente espero que você não fique envolvido nisso por muito mais tempo. Eu realmente espero, Peter.

Silêncio, silêncio enquanto eu imaginava se alguém poderia estar escutando. Silêncio enquanto eu imaginava se *eu* estava escutando, silêncio até...

Até que eu disse:

– Sinto muito que tudo tenha chegado a esse ponto.

– Pare de dizer que sente muito – ela pediu, suspirando.

– Mas eu sinto muito.

– Não sinta, apenas tenha cuidado.

– Terei.

– Eu te amo.

– Eu também – respondi.

– Boa noite.

– Boa noite, meu amor – respondi e desliguei.

Nada de dormir, apenas...

Revirando as gavetas da cama.

Mexendo nos lençóis e cobertores.

As janelas abertas.

Movendo-me em cima da cama.

Tirando todos os lençóis e cortinas do lugar.

As janelas fechadas.

Revirando, mexendo, movendo, deixando aquele maldito quarto nu até...

Até encontrar...

Atrás do radiador...

A Bíblia Sagrada.

Deitado entre os lençóis e cobertores.

Folheando a Bíblia.

Jó aberto.

Olhando uma página e outra.

Uma e outra.

Salmos.

Deitado e mexendo e pulando e passando os olhos pelas páginas do maldito livro até...

Até ter certeza de...

Certeza de que não estava...

Estuprado e arrasado, despido e pelado.

Revelações, destruídas.

Nada de *Revelações* ***.

Não naquela noite.

Não naquela noite, com os pés na escadaria escura, a batida na porta, a chave na fechadura.

Girando uma e única vez.
Não naquela noite.
Nada de *Revelações* naquela noite.
Revelações destruídas.
As páginas desaparecidas.
Desaparecidas...
Ela desaparecida.

*** Em inglês “Book of Revelations” é traduzido como Apocalipse. [N. E.]

local sobre o qual você falou onde eu possa ver o portão guardado por outro peter mas dizem que foi um incidente local e estamos convencidos de que um homem local está envolvido e todos dizem que essa pode ter sido atacada pelo estripador isso só está dificultando as coisas para mim transmissão doze enviada de harrogate em agosto de mil novecentos e oitenta recebida na véspera de ano-novo de mil novecentos e oitenta e identificada como prudence banks estrangulada e severamente ferida por um cassetete no terreno cheio de arbustos da casa de um magistrado local porém mais uma vez ninguém atende não parece trabalho do estripador de yorkshire e ele muito bem pode ter se aposentado ou se matado há mais de um ano talvez até tenha conhecido uma garota legal e se acalmado casado como um cara normal ou talvez tenha ido morar fora ou talvez esteja preso por outra coisa mas ele não é assim ele foi embora mas prudence banks ainda evita o atalho que encurtaria o seu caminho em dez minutos preferindo as ruas principais mais bem iluminadas e caminhava rapidamente na rua com suas casas grandes e vazias e suas grandes áreas frontais mas não nos parece trabalho do estripador de yorkshire ele não é assim ele foi embora não gosto de estrangulamento pois elas demoram mais para morrer mas fiz isso porque a imprensa e a mídia me estigmatizaram fiquei conhecido por um tempo como o estripador de yorkshire não gostei isso não era eu não parecia verdade estava a caminho de leeds para matar uma prostituta quando vi prudence banks foi apenas um infortúnio para ela ela caminhava perto das sombras bati na cabeça ela caiu no chão sangue jorrando gritando novamente ele bateu novamente e ela não morreu então agarrou o pescoço dela estrangulando-a arrastando-a para a entrada de uma daquelas casas grandes e vazias para os arbustos perto da garagem prudence morta ele arrancou as roupas dela seu trench coat preto seu cardigã sua saia púrpura seu sutiã sua calcinha seus sapatos sua meia-calça sua bolsa o corpo nu no meio dos arbustos bem ao lado da garagem martelo na mão novamente o martelo ele a golpeou diversas vezes a pele dela depois pegou uma pilha de folhas e cobriu o corpo mas eu estava dormindo cada vez menos toda noite acordo e olho lua após lua indo embora antes eu sonhava um sonho terrível que arrancou o que restava do meu futuro e acordo ouvindo as crianças soluçando durante o sono sentindo falta da mamãe e se você não está chorando agora você já chorou pois lá embaixo eu o escutei passando as unhas no mórbido portão de madeira e olhei em silêncio para a minha carne e sangue mas não chorei virei uma pedra por dentro e segurei minhas lágrimas e mordi minhas mãos em angústia e minhas filhas pensaram que fora a fome que me fez morder as minhas mãos seria mais rápido dizer pai o senhor deveria nos fazer sofrer menos se se alimentasse de nós você é quem nos deu essa triste carne o senhor tirou isso da gente mas nos sentamos em silêncio atrás dos arames e dos alarmes até que no quarto dia minha filha caiu prostrada aos meus pés chorando por que o senhor não nos ajuda meu pai e então ela morreu e quando o senhor me viu aqui eu vi as outras doze caídas uma a uma enquanto os dias passavam transformando-se em semanas meses anos e eu que fiquei cega acariciei os seus corpos embora algumas estivessem mortas havia cinco anos e chamei os seus nomes até a fome se provar mais forte que o pesar e ataquei novamente seus coitados crânios com dentes mais afiados que os de um cão e preparado para roer ossos eu me mudei para onde

as águas congeladas envolvem profundas rugas em outro cenário pecaminoso e deixei os seus rostos não olhando para baixo mas para cima aqui onde o choro põe um fim no choro e a dor que não encontra fim dos olhos volta-se para dentro

20

Era véspera de Ano-Novo.

Eu caminhava por um estacionamento, com poças de água de chuva e óleo de motor sob os pés, seguindo em direção a uma porta.

Uma porta para um quarto no andar de cima.

Uma porta batendo ao vento, sob a chuva.

Subi as escadarias escuras, um degrau de cada vez, e parei na frente da porta.

A porta para o quarto no andar de cima.

Uma porta batendo ao vento, sob a chuva.

Abri a porta e entrei.

Lá dentro:

Lá dentro havia um homem sentado em uma mesa de centro, um homem com barba e uma espingarda nas mãos, olhando para a televisão com o som baixo, as paredes tatuadas de sombras e dor.

A dor das fotografias.

Joyce Jobson, Anita Bird, Grace Morrison, Carol Williams, Theresa Campbell, Clare Strachan, Joan Richards, Ka Su Peng, Marie Watts, Linda Clark, Rachel Johnson, Janice Ryan, Elizabeth McQueen, Kathy Kelly, Tracey Livingston, Candy Simon, Doreen Pickles, Joanne Thornton, Dawn Williams, Laureen Bell, Karen Douglas, Libby Hall...

A dor de vinte e duas fotografias, e mais outra na mesa de centro, ao lado dele.

Outra na mesa de centro, ao lado dele.

Peguei a outra fotografia.

A outra na mesa.

Era Helen Marshall.

O homem virou o rosto da televisão, das pessoas na televisão cantando hinos, pessoas sem rosto, sem feições, na televisão cantando hinos, máquinas...

Pessoas sem rosto, sem feições, na televisão cantando hinos, máquinas...

Pessoas na televisão cantando hinos de ódio:

– Você é um animal sem sentimentos, um covarde, não um homem. Todos te odeiam. Acho que você é o próprio demônio.

Na televisão cantando hinos de ódio:

– Você é uma pessoa muito inadequada, mental e fisicamente. Não é capaz de ter um relacionamento com uma mulher viva. Provavelmente, todos os seus relacionamentos são com mulheres mortas.

A televisão cantando hinos de ódio:

– Nunca se incomoda ao pensar que todos te odeiam por fazer o que faz? O que você faz não deveria ser motivo de orgulho.

Televisão cantando hinos de ódio:

– Você é o homem mais covarde que o mundo já conheceu, deveria estar no *Livro dos Recordes*.

Cantando hinos de ódio:

– Você é uma obscenidade na face da Terra. Quando te pegarem e te prenderem, vão jogar a chave fora.

Hinos de ódio:

– Olhe bem, Estripador. Tem muita gente te observando. Eles te odeiam.

De ódio.

O homem com barba desviou o olhar da televisão.

Desviou o olhar da televisão, do ódio.

E disse:

– Você não vê, não vê... mas eu vejo. Eles estão me perseguindo... tenho que seguir em frente.

E colocou a arma na boca, os dedos no gatilho e...

... um disparo.

Acordei.

Acordei no meu carro, em Alma Road, Headingley.

Suado, com medo.

Pássaros sobre a cabeça, gritando.

Olhei para o meu relógio:

06:03:00.

Terça-feira, 30 de dezembro de 1980:

Alma Road...

Uma rua comum em um subúrbio comum, a poucos metros da avenida principal.

Uma rua comum em um subúrbio comum, onde um homem pegou um martelo e uma faca e atacou a filha de outro homem, a irmã de outro homem, a noiva de outro homem.

Uma rua comum em um subúrbio comum, onde o Estripador de Yorkshire pegou o seu martelo e sua faca e atacou Laureen Bell, destruindo o seu crânio e a esfaqueando cinquenta e sete vezes na região abdominal, no ventre e uma vez no olho.

Naquela rua comum em um subúrbio comum, aquela menina comum.

Aquela menina comum, morta.

– Não tenho muita certeza – disse a mulher vestida de branco, tentando agarrar a manga do meu casaco. – Acho que o senhor deveria conversar com o senhor Papps.

Mas eu estava longe.

Longe dos móveis de segunda mão, dos grandes armários, das cômodas e cadeiras, dos tapetes e cortinas pesados.

Longe da pele e dos ossos, dos seus pijamas listrados e camisolas manchadas, de seus chinelos e suas preces, dos seus arranhões e murmúrios.

Subindo as escadas, pelos corredores.

Metade verde, metade creme.

Verde fresco, creme fresco.

Pintura fresca.

Longe.

Minhas asas, longe.

Aquela mulher vestida de branco nos meus calcanhares, dizendo:

– Não tenho muita certeza sobre isso.

Meu distintivo no rosto dela:

– Abra a porta.

E ela começou a girar as chaves, destrancando as portas, até...

Até chegarmos à última porta no final do último corredor.

A porta de Jack.

Ficamos parados ali, ofegantes.

Ofegantes até...

Até eu dizer:

– Abra, por favor.

Ela girou a chave e destrancou a porta.

– Obrigado – agradeci e abri a porta.

Entrei e fechei a porta atrás de mim.

Atrás de mim. Então ficamos apenas eu e Jack.

Jack estava deitado de costas vestindo um pijama listrado cinzento, suas mãos soltas nos lados da cama, seus olhos abertos e seu rosto sem expressão, cabeça e rosto raspados.

– Senhor Whitehead – eu disse.

– Senhor Hunter – ele respondeu.

– Parece que alguém arrumou o vaso.

Ele fez que sim e disse:

– Sinto falta do barulho.

– Da goteira?

– Sim, da goteira.

E seguiu-se um silêncio.

Apenas silêncio.

Apenas silêncio até...

Até eu perguntar:

– Que tal Pinderfields?

– Sangue no chão.

– Desculpe?

– Havia sempre sangue lá no chão.

– Em Pinderfields?
Jack suspirou, os olhos cheios d’água.
Lágrimas escorriam em seu rosto.
Em suas bochechas.
Em seu pescoço.
No travesseiro.
No colchão.
No chão, formando poças.
Poças de lágrimas no chão de pedra.
As pontas das minhas asas molhadas.
– Carol? – perguntei.
E ele me olhou, ainda choramingando, fazendo que sim:
– Duas partes de um coração partido.
– E elas se encaixam? – perguntei.
– Eis a questão – ele respondeu, chorando. – Eis a questão.
Olhei para as pontas das minhas asas.
As poças de lágrimas.
O sangue no chão e...
E me inclinei na direção dele e perguntei:
– As coisas que você viu.
Ele fez que sim, lágrimas escorrendo.
– Todas as coisas que você viu – eu disse. – Quem fez tudo aquilo?
Lágrimas escorrendo.
Aproximei-me mais, as minhas asas entre nós dois.
– Quem?
Lágrimas escorrendo.
Ainda mais perto, as asas entre nós.
– Quem?
A língua de Jack contra o meu rosto.
– Quem?
Seus lábios nos meus ouvidos.
– Quem?

Suas palavras, murmúrios.

– Quem?

Murmúrios.

Murmúrios na escuridão.

E ouvi:

– O que parecia manhã...

Ouvi os murmúrios na escuridão:

– É o início da noite sem fim.

Os murmúrios e as lágrimas:

– *Hab hachmones*.****

Pisando fundo.

Ruas desertas, chuva.

Direto para Laburnum Road.

Delegacia central da polícia de West Yorkshire.

Vozes cantando.

Canções de Natal e de futebol.

Canções de rúgbi e do Estripador.

Na recepção:

– Angus? O chefe de polícia Angus?

Um policial uniformizado fez que não com a cabeça, com hálito de álcool.

– Ele não está, senhor.

– Pete Noble?

– Também não, senhor.

– Bob Craven?

– Não tem ninguém aqui.

– Onde estão? – perguntei.

– Dewsbury.

– Dewsbury?

– Eles o pegaram, o pegaram.

– Quem?

– O Estripador!

– O quê?

– O maldito Estripador!

– O que tem o Estripador? – perguntei.

– Eles pegaram o maldito Estripador – ele disse, sorrindo, erguendo uma lata de cerveja que guardava atrás do balcão, e tomando um bom gole.

– O maldito Estripador de Yorkshire!

Dewsbury:

12:03:03.

Terça-feira, 30 de dezembro de 1980.

O fim do mundo:

Parei em um estacionamento no final da rua da delegacia, com poças de água da chuva e óleo de motor sob os pés.

Pássaros sobre a cabeça, gritando.

A chuva caindo.

As colinas escuras logo acima, as nuvens ainda mais escuras.

Tranquei a porta, coloquei o paletó sobre a cabeça e corri.

Corri para a delegacia de Dewsbury.

A delegacia de Dewsbury.

Tijolos modernos entre os escurecidos.

Multidões se reunindo, a notícia se espalhando.

Policiais fora de turno chegavam, os que terminavam o turno não voltavam para casa.

Avancei, com o distintivo nas mãos, entre tantas outras identificações:

– Sou o assistente-chefe de polícia Hunter e queria falar com o chefe de polícia Angus.

– No andar de baixo – gritou um homem atrás do balcão, lutando para manter alguma ordem.

Desci.

Através das portas duplas e descendo as escadas.

Escada abaixo.

Subsolo.

Até chegar onde eles estavam.

Uma sala escura repleta de homens de preto.

Ronald Angus, Maurice Jobson, Peter Noble, Alec McDonald, John Murphy.

E dois outros rostos.

Rostos familiares.

Rostos familiares e sombrios.

Rostos sombrios em uma sala escura...

Uma sala escura com metade de uma das paredes feita de vidro.

Um vidro, um falso espelho.

Luz atrás do vidro.

Atrás do vidro, o cenário armado.

Três cadeiras e uma mesa.

Os atores:

Alderman e Prentice.

Hoje, um convidado especial:

Peter David Williams, de Heaton, Bradford.

Trinta e quatro anos, caminhoneiro.

Barba preta e cabelos cacheados, jaqueta azul com gola branca em forma de "V".

Atrás do vidro.

Prentice perguntava:

– E na quarta-feira, 10 de dezembro?

– Eu estava em casa, com a minha esposa – respondeu Williams.

Alderman:

– Todas as vezes que foi visto, sempre a mesma coisa: em casa, com a sua esposa.

– Mas é a verdade.

– Eu acho estranho.

– Por quê?

– Como você pode ter tanta certeza de que estava em casa?

– Sempre estou em casa à noite, menos quando passo a noite trabalhando.

Prentice:

– E por que estava em Sheffield no domingo?

– Peguei um casal na rua, eles pediram carona e me pagaram dez libras para que os levasse a Sheffield.

– Onde você os pegou, Peter?

– Em Bradford.

– E ele te pagaram dez libras para que você os levasse a Sheffield?

– Pagaram – ele respondeu, fazendo que sim.

– Mentira – disse Alderman.

– É verdade.

– É mesmo? Você foi a Sheffield atrás de uma prostituta.

– Isso não é verdade.

– E como o seu carro foi visto nesses lugares de merda?

– Lugares de merda?

– Manchester, por exemplo. Em Moss Side.

– Manchester?

– Você esteve lá, certo Peter? – perguntou Alderman. – Em Moss Side?

– Não. Nunca.

– Nunca?

– Nunca.

– Mas anotaram isso lá: *FHY 400K, Moss Side, Manchester.*

– Não sei como.

– Nem eu, mas vou te dizer uma coisa: trata-se de uma tremenda má notícia.

– Por quê?

– O carro estava lá, mas você não. Ninguém vai engolir isso em um mês repleto de terríveis domingos, certo?

– Agora eu me lembro. Deixei o carro na porta da biblioteca central de Bradford durante uma noite inteira, pois tinha quebrado. Só voltei para buscá-lo no dia seguinte. Alguém deve ter dado uma volta e devolvido o carro.

– Vá se foder – disse Alderman, sorrindo.

– É a verdade.

– Alguém pegou o seu carro e... primeiro, consertou o motor, depois foi dar uma volta no bairro da luz vermelha, devolvendo-o no exato lugar onde você o

tinha deixado na noite anterior?

– Sim.

– Vá se foder, Pete – disse Alderman.

Silêncio.

Silêncio até...

Até Prentice dizer suavemente:

– Você colocou as placas falsas pois sabia que iria a Sheffield, sabia que iria ao bairro da luz vermelha, e sabia que seria visto.

– Isso não é verdade.

– Eu acho que é. E acho que você sabe que é.

– Para ser honesto, eu estava tão deprimido que coloquei placas falsas pois pensei em cometer um crime com o carro.

Silêncio.

Silêncio até...

Até Prentice perguntar:

– Quando você foi preso, Pete, por que saiu do carro e seguiu em direção à lateral daquela casa?

– Para urinar.

– O quê? – perguntou Alderman.

– Para mijar.

– Acho que foi por outro motivo – disse Prentice. – Você entende o que estou querendo dizer?

Williams fez que sim.

Alderman pegou uma bolsa esportiva marrom que estava embaixo da mesa, abriu-a, tirou quatro sacolas plásticas e as colocou sobre a mesa.

Dois martelos, uma chave de fenda e uma faca.

– Acho que você está muito enrolado – disse Prentice.

– Acho que vocês inventaram tudo isso – disse Peter Williams.

– Inventamos o quê?

Silêncio.

Silêncio até...

Até Peter D. Williams dizer:

– O Estripador do Yorkshire.

Silêncio.

Mais silêncio até...

Até Prentice se inclinar para a frente e perguntar:

– O que tem o Estripador de Yorkshire?

Silêncio.

Um último silêncio até...

Até Peter David Williams responder:

– Bem, sou eu.

E Prentice se levantou, depois voltou a se sentar. Alderman ficou na sua cadeira, dando uma olhada rápida para o espelho.

Para o espelho.

Para o outro lado do espelho.

Nove corações batendo.

Batendo, bombeando.

Bombeando, adrenalina bombeando.

Bombeando, revirando-se, sorrindo, fazendo que sim, e então...

Atrás de mim.

Oldman.

George Oldman.

O chefe-assistente de polícia George Oldman.

Ele sorria e fazia que sim, nos abandonando.

Seguindo para a porta ao lado.

– George, não! – disse Noble.

Ele nos deixou com as mãos sobre o falso espelho.

Mãos nos vidros, o falso espelho.

– George!

O espelho, o vidro.

Do outro lado do vidro, do outro lado do espelho...

Prentice perguntava:

– Está se sentindo melhor agora, Peter?

E o Estripador de Yorkshire...

O Estripador de Yorkshire ergueu os olhos quando a porta abriu.

A porta abriu e George entrou.

E caminhou na direção deles.

Do Estripador de Yorkshire, e disse...

Disse ao Estripador de Yorkshire:

– Eu sou o tal que você também quase matou.

E o Estripador de Yorkshire...

O Estripador de Yorkshire olhou para George e disse:

– Estão todos na minha mente... lembrando-me do monstro que sou.

Prentice perguntou:

– Está se sentindo melhor agora?

– Apenas pensando em todos que me lembram o monstro que sou.

Alderman se levantou e pegou George pelo braço, afastando-o. Jim Prentice perguntou ao Estripador de Yorkshire:

– Quer alguma coisa, Peter?

– Quero falar com Monica – respondeu o Estripador de Yorkshire.

Respondeu o Estripador de Yorkshire, dando uma olhada para o vidro.

Uma olhada para o vidro.

O vidro.

O vidro, o espelho.

O outro lado do espelho, o outro lado do espelho.

O outro lado, onde Angus...

Onde o chefe de polícia dizia....

Gritava:

– Tragam o uísque!

Noble dava as ordens:

– Coloque-o em uma cela. Com um homem dentro e outro do lado de fora o tempo inteiro.

Maurice Jobson ao seu ouvido, murmurou.

Noble fez que sim e disse:

– Ah, e peguem algumas armas.

Maurice murmurou.

Noble, fazendo que sim novamente, disse:

– Não vamos dar trela para o azar esta noite. Quero a papelada e as armas prontas.

Angus gritava:

– E o maldito uísque!

No andar de cima.

Policiais radiantes por todos os lados.

Por todos os lados, todos muito felizes por ver um caminho.

Ver um caminho, apertar as mãos, dar tapinhas nas costas e abrir outra lata.

Apertando mãos, dando tapinhas nas costas, abrindo latas.

Latas, costas, mãos até...

Até o momento em que todos estávamos na sala do andar de cima:

Ronald Angus, George Oldman, Maurice Jobson, Peter Noble, Dick Alderman, Jim Prentice, Alec McDonald, John Murphy.

Nada de Craven, nada de Bob.

E vinte rostos que eu não conhecia.

Vinte rostos que eu não queria conhecer.

Além de dois que sim.

Dois rostos familiares que eu queria conhecer.

Murphy me apresentou:

– Este é o sargento John Chain, que foi quem o pegou.

– Eu e John Skinner – disse Chain.

– E este é o detetive sargento Ellis, aqui de Dewsbury.

– Pode me chamar de Mike – ele disse, oferecendo sua mão.

Levei Murphy para um canto:

– Que merda é essa que está acontecendo? O que aconteceu?

– Eles o pegaram em Sheffield.

– Sheffield?

– É – disse Murphy, com uma farta dose de uísque nas mãos.

– Quem?

– O sargento Chain e o policial Skinner.

– De que delegacia?

– Hammerton Road, eu acho.

– Quando?

– Domingo à noite.

– Como?

Ouvimos botas subindo as escadas, telefones tocando.

Uma cabeça na porta:

– Ela está aqui, senhor!

Todos saíram da sala.

No topo da escada.

Eu perguntei:

– Quem? A esposa?

O sargento Ellis, o Mike, fazia que não com a cabeça.

– A puta que estava com ele.

– A puta mais sortuda do mundo – disse outra pessoa, sorrindo, e então...

Então todos descemos as escadas.

Por todos os lados, todos muito felizes por ver um caminho...

Ver um caminho, apertar as mãos, dar tapinhas nas suas costas e abrir outra lata.

Apertos de mãos, tapinhas nas costas, outra lata aberta.

Latas, costas e mãos até...

Até estarmos todos no andar de baixo.

Subsolo.

De volta ao subsolo.

Na sala escura, com metade de uma das paredes feita de vidro.

Atrás do vidro, um falso espelho.

Luz atrás do vidro.

O cenário armado.

Ato II:

Três cadeiras e uma mesa.

Os atores:

Alderman, Prentice e...

A convidada especial do dia:

Sharon Yardley, prostituta, negra, 24 anos, mãe de dois, vive em um cubículo sujo de Sheffield.

– O que está acontecendo? – ela perguntou.

Prentice, sempre um cavalheiro:

– Sente-se, senhorita Yardley.

– Parece uma selva lá fora – ela disse.

– Um cigarro? – ofereceu Alderman, comportando-se bem.

– Se os senhores não se importam.

Ele inclinou o corpo, de costas para nós, com o isqueiro na mão.

– Aqui está.

– Muito obrigada.

Alderman:

– Nós tivemos uma conversa com um de seus clientes, sem ofensa.

– Sério? Por quê?

– Era um pouco malcriado, esse cara.

– Todos são.

– É... – disse Prentice, fazendo que sim. – Todos são.

– Conte-nos um pouco sobre ele, sobre o cliente de domingo à noite – disse Alderman.

– Contar o quê?

– Conte-nos o que aconteceu, só isso.

Ela revirou os olhos, apagou o cigarro e disse:

– Por volta das nove, eu estava sentada com Karen na Wharncliffe Road, esquina com Broomhall.

– Karen? – perguntou Alderman.

– É, Karen.

– Sobrenome?

– Não tenho a menor ideia, senhor – ela disse, sorrindo. – Nunca a tinha visto antes.

– Vá em frente – disse Prentice.

– Por volta das nove, um Rover marrom parou por ali, com a janela aberta, perguntando se estávamos trabalhando. Karen se aproximou, deu uma olhada e disse “não, obrigada”.

– Por que ela disse não?

– Um pouco assustador.

– Como?

– Ela não disse.

– Vá em frente.

– Dez minutos mais tarde, um paquistanês apareceu e ela foi com ele.

– Essa Karen não é muito seletiva, certo? – perguntou Alderman.

– Escute, querido – ela disse, sorrindo –, não há nada de errado com os paquistaneses. Eles gozam e vão embora. Tudo em dez segundos.

– Vá em frente, minha querida – disse Prentice.

– Então, o Rover voltou, eu me aproximei e ele parecia normal.

– Normal?

– Parecia um Bee Gee, bonito.

– Um Bee Gee bonito? – perguntou Alderman. – Qual dos Bee Gees?

– Não ligue para ele – disse Prentice. – Vá em frente, querida.

– Eu disse dez e ele concordou. Entrei, e ele me perguntou se eu conhecia algum lugar. Disse que seguisse em frente e virasse à esquerda perto da Trades House.

– Quanto tempo durou isso? Até a Trades House? – perguntou Prentice.

– Cinco, dez minutos.

– Ele falou alguma coisa?

– Ele não parou de falar, certo?

– E disse como se chamava? – perguntou Alderman.

– Dave.

– O que mais ele disse? – perguntou Prentice.

– Disse que não costumava fazer aquilo, como todos dizem. Falou sobre a esposa e sobre como ela reclamava dele de manhã, de tarde e de noite. Como queriam ter filhos e de todos os abortos que sofreram. Eu disse que deveriam adotar. Ele concordou, disse que estavam pensando em adotar um bebê

vietnamita, esse tipo de coisa. As desculpas de sempre.

– Então chegaram à Trades House?

– Ele mudou de direção.

– E isso é estranho?

– Nunca tinha visto.

– E?

– Continuou tagarelando. Passado um tempo, eu disse que queria os meus dez, ele me deu e eu entreguei uma camisinha a ele.

– E?

– Tirei a minha calcinha, mas ele disse que queria fazer no banco de trás. Eu disse que seria melhor ali, que não se preocupasse, ele abriu a calça e ficou em cima de mim, mas estava muito nervoso, frio como gelo, e passados alguns minutos eu disse que não chegaríamos a lugar nenhum.

– E o que ele respondeu? Ficou nervoso?

– Não – ela respondeu, dando de ombros. – Ele fez que sim e disse que parecia que eu estava certa.

– E o que aconteceu depois?

– E o que aconteceu foi que o seu maldito pessoal apareceu, não foi?

– E o que ele fez?

– Congelou, disse que resolveria tudo, que diria que eu era a sua namorada. Eu não contei a ele, mas a verdade é que já transei com todos os policiais deste lado de Hallam.

– Até com o sargento Chian e o Skinner? – Alderman perguntou, sorrindo.

– Você é um homem mau, não é, meu querido? – ela disse, piscando o olho na direção do espelho.

– O que aconteceu depois? – perguntou Prentice.

– Um dos policiais se aproximou.

– E?

– E bateu no vidro, *Dave* abriu a janela e perguntou qual era o problema. O jovem policial...

– O policial Skinner?

– É. Ele perguntou quem éramos e o que estávamos fazendo. E, naquele

momento, *Dave* disse ser Peter Logan e que eu era a sua namorada. Mas Skinny acendeu a lanterna na minha cara e disse: “Olá, Sharon, imaginei que estivesse presa”. Depois perguntou a *Pete* ou *Dave,* ou seja lá como se chame, se aquele carro era dele. E “qualquer que seja o nome dele”, disse que sim. Então o policial disse algo estranho como: “não saiam voando, meus pombinhos, e voltou à viatura”.

– E vocês ficaram sozinhos novamente?

– Sim, que romântico.

– E o que ele disse?

– Dave? Perguntou se deveríamos sair correndo.

– E o que você respondeu?

– Disse que não se preocupasse, pois eles já me conheciam.

– E o que ele respondeu?

– Nada. Tico e Teco não estavam funcionando muito bem. Mexendo nas chaves dele, olhando o selo do licenciamento no vidro do carro, eu perguntei quem ele realmente era. Começou a dizer que era Peter Williams, que não queria que sua esposa ficasse sabendo, que se fosse pego dirigindo bêbado ou algo parecido perderia o emprego. As mesmas bobagens sem sentido de sempre.

– E então?

– Eles nos obrigaram a sair do carro e notaram que as placas eram falsas, coladas com fita. Por alguns instantes eu pensei que o infeliz fosse sair correndo, mas tudo o que fez foi afastar-se para mijar, foi o que ele disse. Quando voltou, nos levaram para Hammerton Road.

– Ele disse alguma coisa no caminho?

– Não – ela respondeu, sorrindo. – Estava muito ocupado tentando não se cagar de medo.

– Deveria ter muita coisa na cabeça – disse Prentice.

Ela parou de rir da própria piada e perguntou:

– Por quê?

– Por que o quê? – perguntou Prentice.

– Por que tantas perguntas? Quem é ele?

Alderman pegou a bolsa no chão e colocou dois martelos, uma chave de fenda

e uma faca sobre a mesa, e disse:

– O Estripador de Yorkshire.

E com os próprios olhos ela viu.

Com os próprios olhos.

Sua própria morte.

Sua própria morte com aquelas ferramentas.

Com aquelas ferramentas.

Aqueles dois martelos.

Aquela chave de fenda.

Aquela faca.

Sua própria morte com aquelas ferramentas.

Sua própria morte.

Ela viu.

Com os próprios olhos.

O Estripador de Yorkshire.

E ela vomitou.

Vomitou ao seu lado.

Na perna esquerda.

Na perna da mesa.

Uma gosma no chão, uma bile amarela.

No andar de cima.

Policiais radiantes por todos os lados.

Por todos os lados, apertos de mão.

Apertos de mão, tapinhas nas costas e outra lata aberta.

Apertos de mão, tapas nas costas e latas abertas.

Latas, costas e mãos até...

Até voltarmos à sala no andar de cima:

Ronald Angus, George Oldman, Maurice Jobson, Peter Noble, Dick Alderman, Jim Prentice, Alec McDonald, John Murphy, Mike Ellis e eu.

Nada de Bob Craven.

E os vinte rostos que não conhecia.

Os vinte rostos que eu não queria conhecer.

Além do sargento John Chain.

Centro das atenções.

O rei está morto, viva o rei:

O rei de todos os detetives.

O rei de todos os detetives nos contando como tudo aconteceu:

– Quando vemos um carro ao lado da Trades House, já sabemos o que estão fazendo.

– A que horas? – perguntei.

– Às onze – ele respondeu, dando de ombros. – Não mais tarde. Aliás, enviei Skinny até o carro com a lanterna e ele parecia um furão descendo um buraco. Imaginei que ele encontraria uma boceta e estava quase certo de que seria Sharon Yardley com um cliente. Skinny voltou correndo e vimos as placas.

Trinta pessoas faziam que sim com a cabeça.

Menos eu. Perguntei:

– Quais eram as placas?

– Não me lembro, mas não eram verdadeiras, isso eu garanto. E em Hammerton nos garantiram que aquelas placas não poderiam ser de um maldito Rover 3500. E Skinny notou que estavam presas com fita. Voltamos e pegamos as chaves das mãos dele e checamos seus documentos, seu licenciamento. Ele disse que o seu nome verdadeiro era Peter Williams, que era de Bradford, e que não queria que sua mulher ficasse sabendo daquilo. Eu disse que ele teria de ir à delegacia, pois achávamos que aquelas placas eram falsas. Ele fez que sim e pedimos que entrassem em nossa viatura. Foi então que ele saiu em disparada e eu disse que ficasse parado. Mas ele queria mijar e disse que voltaria logo. Passou pela minha mente que ele tentaria fugir, mas ele voltou, e seguimos para Hammerton Road. Durante todo o trajeto ele ficou em silêncio, não disse uma palavra.

Trinta pessoas, todas fazendo que sim...

Menos eu. Eu:

– E o carro dele? Vocês olharam no interior?

– Sim, claro... Uma bagunça. Ferramentas, cordas, peças, você sabe... limpadores de para-brisa, uma sunga, tapetes, madeira.

– Prossiga, John – alguém pediu. – E o que aconteceu depois?

– Depois o interrogamos e deixamos que ela fosse embora. Ele nos confessou que tinha arrancado as placas de um carro estacionado em um local chamado Cooper's Bridge, perto de Mirfield. E pensamos: que merda de lugar é esse? Telefonamos para Leeds e Wakey e descobrimos que ficava em Dewsbury. Ligamos para cá e já eram mais de cinco da manhã. Eles nos disseram que enviariam alguém quando os policiais da manhã chegassem. Ligamos para a mulher dele, em Bradford, e lhe dissemos que o marido fora detido por circular com placas falsas.

– E o que ela disse? – perguntei.

– Não sei – ele respondeu, dando de ombros. – Não muito, pelo que eu sei. Pelo menos, é o que eu acho. Fui embora, e só ontem à noite, quando voltei de outro cemitério, o chefe disse que aquele cara de domingo à noite continuava preso, e que estava com o Esquadrão do Estripador. Isso me deixou encucado e, por isso, resolvi voltar à Trades House.

Trinta pessoas fazendo que sim, aprovando a atitude.

O rei dos detetives.

Eu não, eu perguntava:

– Você ligou para cá antes?

– Não.

– Não contou para ninguém o que estava fazendo?

– Não – ele respondeu. – Nunca imaginei que encontraria alguma coisa por lá, só queria me certificar.

– Prossiga, John. Prossiga.

– Então fui até lá e me lembro dele dizendo que precisava mijar. Fui até lá. Porra, e encontrei um martelo e uma maldita faca no chão, perto da parede traseira.

– E tocou nisso tudo? – perguntei.

– Não.

– O que você fez?

– Corri de volta ao carro e liguei para a central. Eles chegaram com o pessoal da Sala do Estripador, e veio a ordem para deixar tudo aquilo ali, *in situ*. Fotógrafos estavam a caminho e alguém, Bob Craven, viria de Leeds.

Um aplauso.

Trinta policiais radiantes.

Apertos de mãos por todos os cantos.

Apertos de mãos, tapinhas nas costas, latas sendo abertas.

Latas, costas e mãos até...

Até Noble dizer:

– Chegou a hora.

Subsolo.

De volta ao subsolo.

Na sala escura, com metade de uma das paredes feita de vidro.

Atrás do vidro, um falso espelho.

Luz atrás do espelho.

O cenário armado.

Ato III. Último Ato:

Quatro cadeiras e uma mesa.

Os atores:

Noble, Alderman e Prentice.

O convidado especial.

Por aclamação popular:

Peter David Williams, de Heaton, Bradford.

Trinta e quatro anos, casado, caminhoneiro.

Barba preta e cabelos cacheados, jaqueta azul com gola branca em forma de "v".

O Estripador de Yorkshire.

Atrás do vidro.

– Isso vai demorar, Peter? – perguntou Alderman.

O Estripador de Yorkshire concordou com a cabeça.

– Então vamos direto aos personagens sobre os quais estamos falando – disse Noble.

– Certo – disse o Estripador de Yorkshire.

– Primeiro foi Joyce Jobson? – perguntou Noble.

– Sim – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– Depois Anita Bird?

– Sim.

– Theresa Campbell?

– Sim.

– Clare Strachan?

– Não – disse o Estripador de Yorkshire, fazendo que não com a cabeça.

– Tem certeza? – perguntou Noble.

– Sim.

– Joan Richards?

– Sim.

– Ka Su Peng?

– Sim.

– Marie Watts?

– Sim.

– Linda Clark?

– Não.

– Rachel Johnson?

O Estripador de Yorkshire fez uma pausa, depois disse:

– Eu...

Noble repetiu:

– Rachel Johnson, Peter? Sim ou não.

– Sim.

– Janice Ryan?

– Não.

– Elizabeth McQueen?

– Sim.

– Kathy Kelly?

– Sim.
– Tracey Livingston?
– Sim.
– Candy Simon?
– Sim.
– Doreen Pickles?
– Sim.
– Joanne Thornton?
– Sim.
– Dawn Williams?
– Sim.
– Alguma relação?
– Não.
– Laureen Bell?
– Sim.
– Esquecemos de alguém, Peter?
O Estripador de Yorkshire olhou diretamente para o espelho.
O espelho, o vidro.
O outro lado do vidro, o outro lado do espelho.
Do outro lado do espelho estávamos todos sentados.
Angus, Oldman, Murphy, McDonald, Ellis e eu.
O Estripador de Yorkshire olhando através do espelho.
E ele fez que sim para todos nós.
– Quem, Peter? Quem? – perguntou Noble.
– Noorjahan Davit – ele respondeu.
Do outro lado do vidro, do outro lado do espelho.
Do outro lado do espelho, onde Ellis estava de pé.
Onde eu pensava.
Noorjahan Davit, assassinada em Bradford, novembro de 1978.
De volta ao centro do palco, Noble perguntou:
– Foi você?
– Sim – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– Vá em frente.
– Tessa Smith – disse o Estripador de Yorkshire.
Do outro lado do vidro, do outro lado do espelho.
Onde eu estava pensando.
Tessa Smith, Batley, novembro de 1979.
No palco, Noble balançava a cabeça e disse:
– Acho que não conheço essa, Pete.
– Atacada em Batley, novembro de 1979? – perguntou Alderman.
– Sim – respondeu o Estripador de Yorkshire.
– Alguém mais?
– Prudence Banks – disse o Estripador de Yorkshire.
Do outro lado do vidro, do outro lado do espelho.
Onde eu pensava.
Prudence Banks, assassinada em Harrogate, agosto de 1980.
– Em Harrogate? Em agosto? – perguntou Noble.
– Sim – disse o Estripador de Yorkshire.
– Estrangulada, certo?
– Sim – disse o Estripador de Yorkshire.
– Alguém mais?
– Não, isso é tudo.
– *Isso é tudo?* São muitas mulheres, Peter.
– Sim – disse o Estripador de Yorkshire.
– Vai pegar uns bons anos, Peter.
E o Estripador de Yorkshire...
E o Estripador de Yorkshire fez que sim, olhando diretamente para o espelho.
O espelho, o vidro.
O outro lado do vidro, o outro lado do espelho.
O outro lado do espelho, onde Ellis saía pela porta.
Saía pela porta, gritando.
Gritando para tudo e para todos:
– Davit, Smith e Banks, peguem os arquivos delas.
E voltou para trás do espelho.

Do espelho, do vidro.

Para o outro lado do vidro, o outro lado do espelho.

No outro lado.

No palco.

No palco, onde Noble disse:

– Certo, Peter. Só quero esclarecer essas coisas, essas coisas das quais você está falando.

– Certo – disse o Estripador de Yorkshire.

– Clare Strachan foi em Preston, em novembro de 1975? – perguntou Noble.

– Eu sei – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– Mas não foi você?

– Não, foi ele.

– Quem?

– O outro – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– De quem você está falando, Peter? – perguntou Noble.

– Do metaleiro, o que escreveu as cartas, o que enviou a fita – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– Então não foi você? – perguntou Noble.

– Não – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– E não sabe quem foi, certo?

Silêncio.

Silêncio até...

Até o Estripador de Yorkshire dar uma olhada no vidro.

Uma olhada no vidro.

No vidro.

O vidro, o espelho.

No outro lado do vidro, no outro lado do espelho.

No outro lado do espelho, onde eu estava de pé, com as mãos e o rosto colados ao vidro.

Ao vidro, ao espelho.

Até...

Até o Estripador de Yorkshire dizer:

– Não.

– E Linda Clark?

– Não – respondeu o Estripador de Yorkshire.

– Não foi você?

– Não.

– Tem certeza de que sabe sobre quem estamos falando? Quando aconteceu?

– Sim.

– Bradford, junho de 1977.

– Eu sei – disse o Estripador de Yorkshire.

– Foi você?

– Não.

– Acha que foi o outro cara, o *metaleiro*?

– Não sei – disse o Estripador de Yorkshire, dando de ombros.

– Janice Ryan?

– Não.

– Também em Bradford, também em junho de 1977.

– Eu sei – disse o Estripador de Yorkshire.

– Foi você?

– Não.

– Tem certeza?

Silêncio.

Silêncio até...

Até o Estripador de Yorkshire dar uma olhada no vidro.

Uma olhada no vidro.

No vidro.

No vidro, no espelho.

No outro lado do vidro, no outro lado do espelho.

No outro lado do espelho, onde eu estava de pé, com as mãos e o rosto colados ao vidro.

Ao vidro, ao espelho.

Até...

– Sim – disse o Estripador de Yorkshire.

– *Sim*?

– Sim, tenho certeza.

– Tem certeza de que não foi você?

– Sim.

– Vamos em frente, então?

– Certo – disse o Estripador de Yorkshire.

– Vamos às que você matou.

O Estripador de Yorkshire fez que sim.

Dezesseis horas mais tarde, na sala escura.

Na sala escura, do nosso lado do vidro.

O nosso lado do espelho.

Afogando, estávamos nos afogando ali.

Nos afogávamos no mar de sangue.

Na maré de sangue.

Na maré alta de sangue.

Nas coisas sangrentas que ele disse.

Nas coisas sangrentas que ele fez.

– Joyce Jobson?

– Nos encontramos no Oak. Ela me deixou perturbado, provavelmente por alguma bobagem. Imaginei que fosse prostituta e bati na sua cabeça, cortei sua bunda com uma lâmina de serra ou talvez fosse uma faca. Sinto muito, não me lembro. A minha intenção era matá-la, mas fiquei assustado com um carro que descia a rua.

– Anita Bird? – perguntou Noble.

– Perguntei se ela queria. Ela disse que nem morta e tentou entrar na casa dela. Quando ela saiu, bati nela e ela me deu uma cotovelada. Eu a segui e a atingi com um martelo. Queria matar, mas me distraí novamente.

– Theresa Campbell?

– Ela estava bêbada, ria de mim e disse “vem comigo”. Não se preocupe, eu irei, respondi, atingindo-a com um martelo. Ela fez muito barulho. Continuou a

fazer muito barulho, e eu a atingi novamente. Peguei uma faca no meu bolso e a esfaqueei quatro vezes.

– Foi mais do que isso – disse Alderman.

– Talvez tenha sido.

– Foram quinze vezes, para ser exato – disse Alderman.

– Eu sei.

– Por que atingiu algumas delas no coração? – perguntou Alderman.

– As que não morriam, esfaqueei no coração. Você pode matá-las mais rápido dessa maneira.

– Joan Richards? – perguntou Noble.

– Ela usava um perfume muito forte e barato, e eu meti um pedaço de madeira na vagina dela para mostrar o quanto ela era nojenta.

– E como a perfurou? – perguntou Noble.

– Com uma chave de fenda.

– Quantas vezes?

– Algumas.

– Cinquenta e duas vezes.

– Tantas assim?

– Tantas assim.

– Ka Su Peng? – perguntou Noble.

– Ela se escondeu atrás de algumas árvores para urinar e depois disse que poderíamos começar rolando na grama. Eu bati na cabeça dela com o martelo, mas simplesmente não consegui bater novamente. Por alguma razão, deixei que ela fosse embora e voltei ao carro e para casa.

– Marie Watts? – perguntou Noble.

– Usei o martelo e uma faca Stanley. Enquanto estava agachada, urinando na grama, atingi a cabeça dela pelo menos duas ou três vezes. Levantei suas roupas e retalhei o seu abdômen e garganta.

– Rachel Johnson? – perguntou Noble.

– Ela demorou para morrer, é tudo o que eu me lembro.

– E se lembra quantas vezes a esfaqueou? – perguntou Alderman.

– Não.

– Vinte e três vezes.

– Elizabeth McQueen? – perguntou Noble.

– Quis cortar sua cabeça para deixar tudo mais misterioso.

– Kathy Kelly?

– Ela estava suja e só falava de sexo, por isso eu bati nela, porém ela não calou a boca e eu acabei metendo o enchimento do sofá na sua boca. Mas aí um cachorro começou a latir e eu tive que ir embora.

– Tracey Livingston?

– Outra que ouvi usando linguagem chula. É óbvio por que a peguei. Nenhuma mulher decente deveria usar um palavreado como aquele, falando alto no meio da rua. Depois de matá-la, eu a peguei por baixo do braço e levei-a para a cama.

– Candy Simon?

– Ela abriu a minha calça e parecia preparada para começar um ato sexual bem ali, no banco da frente do carro. Foi muito complicado encontrar uma maneira de tirá-la do carro. Por cerca de cinco minutos, tentei decidir que método usar para matá-la. Ela estava me excitando. Saí do carro com a desculpa de que precisava urinar e consegui fazer com que ela também saísse, dizendo que poderíamos transar no banco de trás. Enquanto ela entrava novamente no carro, percebi que aquela era a minha chance, mas o martelo estava na beira da porta e só consegui dar um tapinha nela. Ela disse: “não precisa fazer isso, não precisa pagar”. Imaginei que ela fosse gritar imediatamente por ajuda. Ela estava obviamente assustada, mas apenas disse: “O que foi isso?”. Eu disse: “apenas uma pequena amostra”, e bati com força na cabeça dela. Ela soltou um gemido alto. E, naquele momento, notei que tinha feito tudo aquilo na frente de dois taxistas que conversavam ali perto. Então, eu a arrastei pelos cabelos para o final do bosque. Ela parou de gemer, mas não estava morta. Seus olhos estavam abertos e suas mãos sobre a cabeça, para evitar os meus golpes. Pulei em cima dela e tapei sua boca com a minha mão. Parecia uma eternidade e ela continuava lutando. Eu disse que se ficasse quieta tudo terminaria bem. Porém, como ela me deixou excitado momentos antes, eu não tive escolha senão continuar com o ato sexual, pois era a única forma de mantê-la calada. Não demorei. Ela ficou me

encarando. Não se envolveu muito no ato. E então os taxistas foram embora e eu voltei ao carro em busca do martelo, mas ela se levantou e saiu correndo para a rua. Foi então que a atingi fortemente na parte de trás da cabeça. Arrastei-a para a frente do carro e atirei suas coisas por cima do muro. Mas ela continuava viva, então peguei uma faca no carro e a atingi várias vezes no coração e nos pulmões. Acho que era uma faca de cozinha. Está no faqueiro da minha casa.

– Doreen Pickles?

– Eu tinha vontade de matar qualquer mulher. A vontade dentro de mim de matar garotas era praticamente incontrolável, e ainda domina as minhas ações. Depois de Pickles, a vontade ficou adormecida, mas finalmente despertou. Eu queria matar qualquer mulher. Parece um pouco demoníaco agora. Eu andava com um grande martelo e uma grande chave de fenda Philips no bolso, pronto para o inevitável. Tinha sido tomado pela necessidade de matar e não poderia lutar contra ela.

– Noorjaham Davit?

– Ela caminhava lentamente, como uma prostituta, vestindo jeans apertado. Eu atingi sua cabeça com um martelo. Arrastei-a pela rua e os seus sapatos faziam um barulho chato. Pedi desculpas e tirei os sapatos dos seus pés, atirando-os por cima de um muro, com a sua bolsa. Depois a apunhalei.

– Joanne Thornton?

– Tinha se passado um bom tempo desde a última. Percebi que ela não era prostituta. Tinha de convencê-la de que estaria em segurança ao meu lado e disse que “não se pode confiar em qualquer um hoje em dia”. Usei a chave de fenda Philips, a grande.

– E a penetrou com a chave, certo? Na vagina?

– Uma, duas ou três vezes, sim.

– Com esta, esta aqui, com a ponta afiada? – perguntou
Alderman.

– Exatamente. Usei essa chave em Joanne Thornton e Dawn Williams.

– Conte-nos sobre Dawn Williams – pediu Noble.

– Levei-a para os fundos da casa antes de esfaqueá-la, e isso é tudo. Antes disso, eu sempre passava por um período terrível. Era uma confusão. Fazia tudo

o que podia para evitar, perguntava por que tinha de ser eu, até finalmente chegar ao estágio em que parecia que tinha nascido para fazer aquilo.

– Vinte e oito vezes? – perguntou Alderman.

– Honestamente, não me lembro.

– Estou te dizendo, você a esfaqueou vinte e oito vezes.

– Acredito em você.

– Tessa Smith? – perguntou Noble.

– Eu a ataquei porque foi a primeira pessoa que vi. Acho que me chamou a atenção porque usava uma saia justa, com uma fenda.

– Prudence Banks? – perguntou Noble.

– Mudei os meus métodos porque a imprensa e a mídia me colocaram um estigma. Fiquei conhecido como o Estripador de Yorkshire e não gostei disso. Não era eu. Não parecia verdade. Estava a caminho de Leeds para matar uma prostituta quando vi Prudence Banks. Foi apenas um infortúnio ela estar caminhando. Eu não gosto de estrangular, pois leva muito mais para morrer.

– Laureen Bell?

– A última. Estava sentado no carro, comendo Kentucky Fried Chicken, quando vi a senhorita Bell. Pensei que daria uma boa vítima. Passei ao seu lado, estacionei e esperei que ela se aproximasse. Saí do carro e a segui por uns trezentos metros. Quando ela diminuiu a marcha, peguei o martelo do meu bolso e a atingi na cabeça. Mas dessa vez eu estava no meu próprio mundo, fora de contato com a realidade. Arrastei-a a um terreno baldio. Um carro apareceu e eu me atirei no chão. O carro passou. Não sei como não me viram. Ela se movia, então eu bati nela novamente. Depois a arrastei ainda mais para dentro do terreno baldio ao ver que uma menina passava por ali. Tirei a maior parte das suas roupas. Estava com a chave de fenda com o cabo amarelo e perfurei os seus pulmões. Seus olhos estavam abertos e ela parecia me olhar, acusadoramente. Isso me deixou um pouco chocado, então, eu a perfurei em seu olho. Pousei a chave de fenda em cima da sua pálpebra e, usando a palma da mão, perfurei o olho.

Dezesseis horas disso na sala escura.

A sala escura, do nosso lado do vidro.

Do nosso lado do espelho.
Afogando, estávamos nos afogando ali.
Afogando no mar de sangue.
Na maré de sangue.
Na maré alta de sangue.
As coisas que ele disse, as coisas que ele fez.
Dezesseis horas na sala escura.
Dezesseis horas e seis dias.
Em salas escuras.
Em silêncio.
Silêncio e lágrimas.

No andar de cima.
Policiais dormindo em todas as mesas.
Em todas as mesas, rostos tombados.
Rostos tombados em cinzas e latas.
Roncando, peidando, arrotando.
As latas, as pontas de cigarro, o cheiro horrível.
Estávamos todos de volta ao andar de cima.
O sargento Ellis em voo livre, em órbita.
Eu era todo ouvidos.
Apenas eu.
– Assim que dei uma olhada nele, eu disse a todos: ele é estranho, não?
– Quando? A que horas? – eu perguntei.
– No minuto em que o trouxeram aqui, às nove.
– E o que você fez?
– Chamei a Sala do Estripador, não foi? Um cara preso com placa falsa, detido com uma prostituta em uma área da luz vermelha. Fui direto a ele. Liguei para Millgarth antes que sua bunda tocasse um banco.
– Com quem falou em Millgarth?
– Bob Craven – ele respondeu.

– E cadê o Bob? – perguntei.

– Sei lá. Mas disse a Bob: “você quer este?”. Bob gostou e disse para mantê-lo calmo que Jim Prentice desceria para a carnificina – disse Ellis.

– E você o manteve calmo?

– Calmíssimo... Ele ficou falando muito rápido, contando que sempre ia a Sunderland, a Preston, relatou como conseguiu o número trinta e nove das botas Welly, além de todos os carros *wagon* que teve: Corsairs, Rovers, Escorts e tudo o mais.

– Você mencionou o Estripador?

– Só o que Bob me pediu que perguntasse, a rotina de sempre quando pegamos um cara envolvido com putas.

– E o que ele disse?

– Parecia calmo, mas não tranquilo. Disse que já tinha sido visto meia dúzia de vezes.

– E o que você respondeu?

– Eu esfregava as mãos. E perguntei: sério? Mas você não tem por que se preocupar, certo? E ele disse: só me preocupo com a minha maldita mulher. Mas eu disse que ela já tinha ligado e que pensava se tratar de placas falsas, nada mais.

– A que horas ela ligou? – perguntei.

– Cerca de dez minutos depois que ele chegou aqui.

– E depois? – perguntei.

– Jim Prentice chegou aqui após o almoço, esteve antes em Bradford para um funeral ou algo parecido. Deu uma olhada no nosso homem e disse: “eu o conheço, foi interrogado por John Murphy por conta daquela nota de cinco, foi visto em Bradford, Leeds e Manchester, e da última vez rondamos todas as empresas de engenharia locais”. Jim entrou e eles conversaram um pouco. Foram uns vinte, trinta minutos, e ele voltou, dizendo: “Mike, não estou gostando nada”. Eu pensei: “porra, estragamos tudo”. E perguntei: “Por quê? O que foi?”. Mas Jim parecia não estar contente com Peter David Williams e foi ligar para Millgarth.

– Quando aconteceu tudo isso?

– Por volta das três horas.

– E o que disse Dick Alderman?

– Pediu que o testássemos.

– E o que Williams disse?

– Não fui eu, foi Jim Prentice, mas, aparentemente, ele pensou: “e se ele for a pessoa que estamos procurando?”. Jim disse, calmo: “Você é o Estripador, certo?”. E Williams disse simplesmente: “não”. “Então você está tranquilo, certo?”, perguntou Jim, gargalhando.

– E ele já estava enquadrado? – eu perguntei.

– Ah, sim. Mas quando chegou o resultado do exame... e era B... aí tudo parecia se encaixar.

– E que horas eram? – perguntei.

– Quando chegaram os testes? Na verdade, não sei o que aconteceu primeiro: se Chainey encontrou o martelo e a faca em Sheffield ou se chegou o resultado do exame de sangue. Mas, enfim, deve ter sido por volta da meia-noite.

– Meia-noite?

– Sim, pois logo apareceu Dick Alderman, Pete Noble... Quero dizer, ninguém voltava para casa, estávamos todos por perto.

– A noite inteira?

Ellis fez que sim e disse:

– Não era uma coisa normal, entende? Quero dizer, passaram a noite inteira em reuniões com altos cargos, planejando tudo.

– Quem?

– Noble, Alderman, Prentice... E o telefone não parava de tocar.

– E o que estavam fazendo com o suspeito?

– O suspeito? Ele dormia como um bebê. Quando acordou, deve ter notado que algo acontecia...

– Por quê?

– Porque, assim que lhe deram o café da manhã, Alderman, Prentice e eu estávamos sentados lá.

– Você?

– Ah, sim. No primeiro interrogatório de hoje, eu estava anotando tudo.

– O que ele disse?

– Não muito, estavam apenas tentando relaxá-lo, sabe.

– Como?

– Falando sobre carros, sexo.

– Sexo? – perguntei.

– Sim, Alderman perguntou sobre ele e a esposa. Se costumavam transar com frequência, pois ele ficava falando que ela reclamava dele o tempo todo, essas coisas. No entanto, ele disse que faziam com certa regularidade... Não parecia preocupado. Disse que se esqueciam de tudo quando iam para a cama.

– O tom era um pouco pessoal, certo? – perguntei.

– Ah, sim, mas ele não parecia se importar. Estava muito tranquilo. A melhor parte foi... e isso já era a hora do almoço... pouco antes de você e George Oldman chegarem aqui. Jim Prentice perguntou por que não comíamos um *fish and chips*, e o Estripador, um bastardo convencido, sorriu para ele e disse: “vou eu, se você quiser, mas acho que a comida vai estar um pouco fria quando eu retornar”.

Desci as escadas.

Atravessei a porta e desci as escadas.

Escada abaixo.

Subsolo.

Até chegar a um corredor.

Luzes brilhantes sobre a cabeça.

Paredes metade verde, metade creme.

Piso escuro e polido.

Cheguei às celas.

Oito celas.

Quatro à direita.

Quatro à esquerda.

Portas abertas.

Ninguém.

Nenhum guarda, nenhum policial.

Ninguém.

Andei pelo corredor.

Olhei para a esquerda, depois para a direita.

Esquerda, depois direita.

Esquerda, depois direita.

Até chegar...

Chegar às duas últimas celas.

E olhei para a esquerda.

Ninguém.

E olhei para a direita.

E...

E lá estava ele.

O Estripador de Yorkshire.

O Estripador de Yorkshire, dormindo na cama, na cela.

De costas para a porta, curvado.

Curvado, com um suéter azul, calça cinza.

Sozinho.

Ninguém no interior da cela.

Ninguém do lado de fora.

Olhei para as costas do Estripador de Yorkshire.

As costas do Estripador de Yorkshire se moviam para cima e para baixo, para dentro e para fora, lentamente.

Lentamente, dentro do suéter azul.

E então ouvi passos.

Passos no chão escuro e polido.

Virei-me.

Virei e ali estavam...

Alderman e Murphy, John Murphy.

Ambos com armas.

Uma mulher pequena entre eles.

Uma mulher pequena com cabelos pretos.

E os três...

Alderman, Murphy e a mulher ficaram olhando...

Olhando até Murphy perguntar:

– O que está fazendo aqui, Pete?

– Quer garantir as suas cem libras, certo? – perguntou Alderman.

– Não tinha ninguém aqui. Deveria haver alguém.

– Temos pouca gente – disse Murphy. – Fomos buscar a senhora Williams.

Mas a senhora Williams...

A senhora Williams não olhava para mim.

Olhava para o interior da cela.

E eu virei de costas.

Virei de costas e olhei para o interior da cela.

E lá estava ele.

Sentado na beirada da cama, na cela.

O Estripador de Yorkshire, ereto.

E ela passou por mim.

Passou e entrou na cela.

E ela perguntou:

– Você comeu?

E Alderman gritou:

– Ei! Não somos um bando de inumanos, entende?

Ela segurava a mão dele, perguntando sobre as suas roupas.

Eu dava passos para trás, afastando-me deles.

Afastando-me deles, quando ele disse...

Quando o Estripador de Yorkshire disse:

– Sou eu.

E ela perguntou:

– Sério, Peter? É você?

Ele fez que sim, e ela largou sua mão.

Ela virou para Alderman, para Murphy e para mim, parados no corredor, com as armas, e disse:

A esposa do Estripador de Yorkshire disse:

– A minha prioridade é contar aos meus pais. Não por telefone, ao vivo.
– Será melhor que não faça isso – disse Alderman.
– Por quê?
– A imprensa vai te pegar – disse Alderman.
– Do que vocês estão falando?
– Temos uma coletiva de imprensa. Estão todos esperando do lado de fora.
E eu perguntei...
Perguntei por ela:
– O quê? O que você fez?
Olhando para Murphy, virando-me, caminhando.
Afastando-me.
Afastando-me, depois correndo.
Subindo as escadas.
Correndo.

***** Tenha misericórdia, em iídiche. [N. T.]

para intensificar a angústia pelas lágrimas que eles primeiro choraram aglomeradas como um visor de cristal feito para eles preenchendo o buraco ao redor de seus olhos ó senhor destrua esse terrível véu e nos dê um alívio à dor que inflama o meu coração e à chuva que atinge minha pele onde então novas lágrimas voltam a congelar o corpo dele no mundo de cima toda vez que uma alma trair a forma como ele construiu um demônio toma posse do seu corpo controlando suas ações desde então durante todos os anos em que isso tenha de viver e eu que estou morta devo liderá-las por esse inferno por esses cenários de sangue e feridas a memória e o vocabulário não são suficientes para compreender a dor os corpos rasgados do queixo às nádegas entre suas pernas sua barriga pulsando com seu coração sua garganta aberta e outros órgãos vitais as sujeiras do interior ouço outra com sua garganta cortada seu nariz arrancado até as sobrancelhas ela se afasta do grupo e abre a garganta que está toda vermelha e diz leve a todos na terra a mensagem das coisas que você viu peguei isso dos que mancham o seu mundo de sangue o seu mundo agora contém aproximadamente cinco libras em dinheiro all this and heaven too perdendo de vista um caminhoneiro chamado peter que dirige um táxi com um nome escrito na lateral que começa com a letra C e mora em bradford em uma grande casa cinza construída no fim de uma rua atrás de pesados portões de ferro com degraus que levam até a porta da frente número seis nessa rua peter teria cometido crimes antes e está ligado ao depósito de contêineres em stourton e matará pela última vez em leeds na quarta-feira dez de novembro de mil novecentos e oitenta décima terceira e última transmissão uma última exibição de atrocidades à sombra do sol e fora do holofote laureen bell em headingley leeds comendo kentucky fried chicken eu a vi e a segui e peguei o martelo do meu bolso e a atingi e então a arrastei para um terreno baldio e ela ficou se mexendo e eu arranquei grande parte da sua roupa e com a chave de fenda de cabo amarelo perfurei seus pulmões seus olhos ainda abertos parecia que ela olhava para mim com um olhar acusador que me chocou um pouco então eu perfurei os olhos dela o gosto de frango na minha boca o gosto de sal tudo salgado na minha boca e sem ter ideia eu gritei o tempo está me deixando para baixo novamente pois não sou o estripador sou o limpador das ruas trancado em um quarto vermelho o coitado velho oldman procura o homem errado noble mas sem chance enganado por uma voz liberação de drury suscitou fúria em preston não era eu mas apenas esperem e verão sheffield não estará fora da minha lista será a próxima minhas unhas já estão sem cor a exegese completa e iluminada eu me ergo sobre almas presas sob o gelo algumas cabeças inclinadas sobre os pés como fizessem reverência em estranhas posturas largadas seus sutiãs puxados para cima chegou a hora nesse lugar sem luz e eu não posso escrever e não posso dizer memória e vocabulário não são suficientes aqui nem vivo nem morto ante o rei do vasto reino da dor antes tão justo quanto hoje todos bobos a dor nasce dele uma cabeça vestindo três rostos um vermelho um branco um azul sobre as quais duas imensas asas se abrem sem penas mas como as asas de um morcego e ele as bate constantemente mantendo três ventos em eterno movimento dizendo e dizendo e dizendo novamente e novamente e novamente este é o mundo agora contém aproximadamente cinco libras em dinheiro all this and heaven too ausente das bolsas mortas uma ponto mais

afiada que a outra este é o mundo agora o tempo está nos deixando para baixo de novo de novo de novo com sotaque de yorkshire ele diz este é o mundo agora este é o mundo agora este é o mundo agora este é o mundo que nos

21

Véspera de Ano-Novo, 1980:

Amanhecer ou crepúsculo, tudo fodido.

O fim do mundo.

Fodido e correndo.

Correndo da Delegacia de Polícia de Dewsbury.

Delegacia de Polícia de Dewsbury.

Mentiras modernas em meio à escuridão.

Multidões se reunindo.

Cartazes:

O Estripador é um covarde.

Desfigurado:

Enforquem o Estripador!

Forcas feitas em casa, pulseiras *punk*.

Os *skinheads* e suas mães, os moicanos e suas avós.

Correndo em direção ao estacionamento acima da delegacia, com poças de água da chuva e óleo de motor sob os pés.

O estacionamento já estava lotado.

Jornalistas, equipes de televisão, a notícia se espalhara.

Pássaros sobre as cabeças, gritando.

Chuva caindo.

As nuvens negras sobre nós, as colinas ainda mais escuras.

Colinas com casas duras, tempo sombrio.

Os olhos dos armazéns, os olhares dos moinhos.

Destrancando a porta, correndo.

Motor ligado, *correndo assustado.*

O Norte após a bomba.

Assassinatos e mentiras, mentiras e assassinatos.

Guerra.

M1 em direção a Leeds.

Rádio ligado:

“Esta tarde, um homem de Bradford será posto ante os magistrados de Dewsbury por conta do assassinato de Laureen Bell, em Leeds, no dia 10 de dezembro. O homem foi preso em Sheffield, na noite de domingo, acusado de roubo de placas de carros. O chefe de polícia Angus, radiante, disse aos repórteres:

“ ‘O homem está detido em West Yorkshire e está sendo interrogado a respeito dos assassinatos do Estripador de Yorkshire. Ele será apresentado aos magistrados de Dewsbury na tarde de hoje. Estamos todos muito felizes, totalmente felizes pelo estágio que alcançamos. Os policiais que o detiveram, em Sheffield, foram excepcionais. São verdadeiros heróis e merecem meu agradecimento mais sincero. Fizeram um trabalho maravilhoso. Nós conhecemos a garota com quem ele estava quando foi preso, ela é uma mulher de sorte. Poderia ter sido a próxima vítima.’

“Quando perguntado se a caça ao Estripador de Yorkshire chegara ao fim, o chefe de polícia Angus respondeu:

“ ‘Você tem razão. A caça ao Estripador está sendo finalizada.’

“Uma multidão de quatro mil pessoas está reunida à porta da delegacia de Dewsbury, na esperança de poder ver rapidamente o homem que, durante cinco anos, reinou como a encarnação do terror nas ruas de todas as cidades do Norte. Um reino que, aparentemente, chega ao fim.”

Desliguei o rádio, pensando:

O que parece um amanhecer, será o início de uma noite sem fim.

Leeds, maldita Leeds.

Maldita Leeds medieval, vitoriana e de concreto.

Decadência, assassinatos, inferno.

Cidade morta.

Apenas os corvos e a chuva.

O Estripador destruído.

Os corvos e a chuva, seus ossos descarnados.

Leeds, maldita Leeds.

O rei está morto, vida longa ao rei.

Estacionei sob os arcos escuros, entre as águas e os ratos.

Saí do carro, paletó na cabeça.

Corri sob os arcos, passei pelo Scarborough.

Entrei no Griffin.

Toquei a campainha da recepção, esperei.

Merda.

Peguei a chave atrás do balcão.

No elevador.

Apertei o sete.

1, 2, 3, 4, 5, 6...

Saí do elevador.

Andei pelo corredor.

Tropeçando...

Na escadaria escura, perdemos o equilíbrio.

Quarto 77.

Chave na porta.

Dentro do quarto.

Olhei para o meu relógio, o rádio ligado, peguei o telefone, consegui uma linha, disquei.

Tocou, tocou.

– Joan?

– Peter? Cadê você?

– Em Leeds.

– É verdade? Eles o pegaram?

– É.

– Você virá para casa?
– Casa?
– Para cá?
– Vou.
– Agora?
– Sim, por quê?
– Tive um pesadelo novamente. A menina...
– Estou indo agora, querida.
– Tenha cuidado, Peter.
– Pode deixar.
– Por favor...
Desliguei.
Peguei a *Exegese*, as anotações soltas, as *Spunk*, as fotografias.
Coloquei tudo em sacos.
As páginas da *Bíblia Sagrada*, a *Exegese*, as *Spunk*.
Tudo nos sacos, tudo pronto.
Uma última olhada.
Abri a porta.
Abri a porta e lá estava ela:
– Helen?
Com os cabelos presos, o casaco ainda pingando de chuva, ela perguntou:
– Posso entrar?
Na escadaria escura...
– Claro – respondi, segurando a porta aberta.
Ela entrou e eu fechei a porta.
Ela tirou o casaco de chuva e pegou um envelope.
Plano, em papel craft.
Ficou segurando.
Escrito com caneta hidrográfica preta:
Fotos, não dobre.
Eu fazia que sim, perguntando:
– Quando?

– No feriado.

– No feriado?

– Em mãos.

– Quem?

Ela olhou para o teto do quarto, mordendo os lábios, tentando segurar as lágrimas.

Tentando segurar as lágrimas.

Lágrimas nos seus olhos.

– Bob Craven – respondeu.

– O quê?

Ela fez que sim, com lágrimas nos olhos.

– Como? – perguntei.

Ela abriu o envelope, pegando as fotos.

Jogou todas na cama.

Fotografias, quatro fotografias.

Quatro fotografias de duas pessoas em um parque:

Platt Fields Park, no inverno.

Fotografias, em preto e branco.

Fotografias em preto e branco de duas pessoas em um parque, junto a um lago:

Um lago cinzento, frio, e um cachorro.

Quatro fotografias em preto e branco, duas pessoas em um parque.

Duas pessoas em um parque.

Uma delas era ela.

– Como? – perguntei.

Mas ela voltou a olhar para o teto, mordendo os lábios, com lágrimas nos olhos.

Lágrimas nos olhos.

Lágrimas.

Voltou a pegar o envelope e retirou um pedaço de papel.

Um pedaço de papel xerocado em preto e branco.

Segurou o papel.

Segurou bem na frente do meu rosto.

Um pedaço de pornografia xerocada em preto e branco.
Magra e ruiva, pernas e boceta.
Boceta raspada.
Sua boceta raspada.
Sua.
Helen Marshall.
No topo da página, em caneta hidrográfica preta:
Spunk, edição número 3, janeiro de 1975.
Na margem inferior, com caneta hidrográfica preta:
Divisão de Costumes de Manchester?
No seu rosto, com caneta hidrográfica preta:
Uma linha, uma linha sobre seus olhos.
Ela atirou o papel na cama.
Na cama, ao lado das fotografias.
E eu relembrava.
Relembrava:
– *Que Helen?*
– *Dos tempos da Divisão de Costumes. Diga que mandei um abraço.*
Relembrava até...
Relembrava até dizer:
– Você deveria ter dito alguma coisa.
Mas ela voltou a olhar para o teto, mordeu os lábios, com lágrimas nos olhos.
Lágrimas nos olhos.
Lágrimas.
Lágrimas, lágrimas, lágrimas, até...
Até ela perguntar:
– Por quê?
– Porque...
– Porque o quê? Porque você transou comigo?
– Helen...
– Isso não me ajudou em nada.
– Helen, por favor...

– Ter transado com o chefe não me ajudou em nada, certo? Grávida e completamente exposta a essa merda.

– Grávida?

– Ah, não se preocupe. Já me livrei disso.

– O quê? – perguntei, de joelhos.

– Já passou muita água por baixo dessa ponte.

– Quando?

– Quando o quê?

– Quando você...

– Domingo.

– Onde?

– Em Manchester. Por quê? Por que quer saber?

Eu o pego, faço com que pare de matar mães, que pare de deixar crianças órfãs, e você nos dá uma, apenas uma.

Olhei para o teto, lágrimas nos meus olhos.

Lágrimas nos meus olhos.

Lágrimas.

Lágrimas, lágrimas, lágrimas, até...

Até que eu a vi.

Vi as lágrimas nos olhos dela.

Lágrimas.

Lágrimas.

Lágrimas, lágrimas, lágrimas, até...

Até eu perguntar:

– Cadê ele?

– Quem?

– Craven.

– Por quê?

– Isso tem que terminar.

– Você não pode...

Mas eu a agarrei pelo casaco, com as minhas asas abertas, gritando:

– Cadê?

Ela fazia que não com a cabeça.

Fazia que não e olhava para o teto, mordendo os lábios, com lágrimas nos olhos.

Lágrimas nos olhos.

Lágrimas.

Lágrimas, lágrimas, lágrimas, até...

Até murmurar:

– No Strafford.

E fui embora.

Com as asas abertas.

Com as asas abertas e correndo, fazendo uma prece.

Uma última prece:

Eu o pego, faço com que pare de matar mães, que pare de deixar crianças órfãs, e você nos dá uma, só mais uma.

Minha última prece.

A última prece.

Desci as escadas.

Sob a chuva.

Sob os arcos.

Entrei no carro.

Liguei o rádio:

"*... perguntei: 'O senhor é Peter David Williams, da Park Lane, número 6, em Heaton, Bradford?'. E ele respondeu: 'Sim, sou eu'.*

"A corte então disse a Williams: 'O senhor foi acusado de, entre os dias 10 e 11 de dezembro de 1980, assassinar Laureen Bell, infringindo a paz da Rainha Nossa Soberana. Também foi acusado de, em Mirfield, entre os dias 6 e 27 de dezembro, ter roubado duas placas de veículos com valor total de cinquenta centavos, placas que pertenciam a Cyril Miller'.

"Então perguntaram a Williams se ele tinha alguma objeção em permanecer em custódia e se queria que fossem suspensas as restrições de entrevistas. Para

as duas perguntas Williams respondeu ‘não’...”

Esmurrei o rádio.

Saí da cidade.

Entrei na estrada.

Segui em direção ao final, pensando:

Conheço o caminho, conheço a hora.

Conheço o lugar, conheço bem o lugar.

O Fim do Mundo:

Quarta-feira, 31 de dezembro de 1980.

Amanhecer ou crepúsculo, tudo fodido.

Rio marrom, céu cinzento.

Sete tons de merda.

Asas, minhas asas em brasas.

Entrando no centro de Wakefield.

Céu sangrento, cidade morta.

O Bullring.

O Fim do Meu Mundo:

O Strafford.

Todos conseguem tudo o que querem.

O Strafford.

Primeiro andar, lacrado:

Fechado.

Passei direto e virei à esquerda.

Dirigi lentamente em torno do fundo dos edifícios.

Dei a volta e entrei em um estacionamento escuro sob várias salas no primeiro andar.

Salas vazias, salas dos fundos.

Olhos cegos abertos ao estacionamento destruído, desnivelado.

Um estacionamento deserto, não fosse pelas poças de água da chuva e óleo de motor.

Deserto, não fosse por um Rover verde-escuro.

Estacionei, esperando.

Observando.

Observando as salas logo acima.

Suas janelas lacradas com madeira, seus olhos cegos.

Sabendo que ele estava por perto, por ali.

Saí do carro e abri o porta-malas.

Peguei um martelo.

Peguei um martelo e o coloquei no bolso da minha capa de chuva.

Depois peguei uma lata de gasolina.

Meia lata com gasolina.

E fechei o porta-malas do carro.

Atravessei o estacionamento.

O estacionamento destruído, desnivelado.

Poças de água da chuva e óleo de motor sob os pés, seguindo para as escadarias e para uma porta.

Uma porta para uma sala no andar de cima.

Subi as escadas, degrau a degrau, e parei na frente da porta.

A porta balançava ao vento, sob a chuva.

Abri a porta.

A porta dos fundos do Strafford.

A porta do fundos que dava em um corredor.

O corredor escuro onde senti o cheiro de arma.

O cheiro de coisas ruins, o cheiro da morte.

O cheiro do Strafford.

Entrei.

Um colchão destruído, corroído, contra uma janela.

Desci o corredor em direção à parte da frente do edifício.

Em direção ao bar.

Abri mais uma porta.

A porta do bar.

As paredes do bar tatuadas de sombras, tatuadas de dor.

Mapas, gráficos, fotografias de dor.

A dor das fotografias.

Joyce Jobson, Anita Bird, Theresa Campbell, Clare Strachan, Joan Richards, Ka Su Peng, Marie Watts, Linda Clark, Rachel Johnson, Janice Ryan, Elizabeth McQueen, Kathy Kelly, Tracey Livingston, Candy Simon, Doreen Pickles, Joanne Thornton, Dawn Williams e Laureen Bell.

Entre os mapas, gráficos e fotografias.

Entre tudo isso.

Suásticas e 666.

Sombras, suásticas e 666.

Em todas superfícies.

Seis, seis, 666.

(Fora das sombras.)

Deixei a gasolina no chão e tentei acender a luz.

Nada, apenas escuridão.

Escuridão, sombras, dor.

Entrei um pouco mais.

No chão, móveis destruídos e lascas de madeira, tapetes manchados e vidro estilhaçado.

Atrás do bar, espelhos quebrados e dosadores de bebidas.

A *jukebox* em um canto, as peças silenciosas e manchadas de sangue.

Sob as janelas lacradas, o grande sofá cheio de buracos.

Uma mesa de centro posta no centro do salão.

Na mesa, pornografia.

Spunk.

Pornografia e um gravador portátil.

Uma caixa de fita cassete:

All this and Heaven too.

Caminhei em direção à mesa.

Caminhei em direção à mesa e o vi.

Vi suas botas.

No chão, entre a mesa e o bar.

Suas botas, ele...

Ele...

Deitado de costas entre a mesa e o bar.

Bob Craven.

Sua cabeça estourada, um revólver entre as pernas.

Desviei o olhar.

Olhei para o teto.

Dois furos no teto, acima do bar.

Olhei para baixo.

A cabeça estourada.

Ajoelhei-me entre a mesa e o bar, me ajoelhei e virei o corpo dele.

Cabeça estourada, rosto destruído, barba desaparecida.

Sangue nas paredes.

Nas sombras.

Nas suásticas e nos seis.

Seis, seis, 666.

(Se as sombras pudessem falar.)

Peguei a arma entre a suas pernas e dei um passo para trás.

Dei um passo para trás em direção à mesa e ao gravador portátil.

Máquinas sãos os únicos sobreviventes...

Apertei o *play*:

Pausa, chiado.

"Aqui é Jack. Vejo que continuam sem sorte para me pegar. Tenho muito respeito por você, George, mas, meu Deus! Vocês não estão mais perto de me alcançar agora do que há quatro anos, quando tudo começou. Acho que os seus rapazes estão te decepcionando, George. Eles não devem ser muito bons, certo?

"A única vez que se aproximaram de mim foi há alguns meses, em Chapeltown, quando eu estava um pouco perturbado. Porém, mesmo naquela vez, foi um policial uniformizado, não um detetive.

"Em março, eu avisei que atacaria novamente. Sinto muito não ter sido em

Bradford. Sei que prometi isso, mas não consegui chegar até lá. Não tenho certeza de onde será o próximo ataque, mas acontecerá ainda este ano, com certeza. Talvez em setembro, outubro, ou mesmo antes, se eu tiver uma oportunidade. Não tenho certeza de onde, talvez em Manchester, eu gostaria que fosse lá, pois tem muitas delas vagabundeando naquela área. Elas nunca aprendem, não é, George? Sei que você as avisou, mas elas nunca escutam."

Treze segundos de chiados contados:

Um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze segundos de chiados, então:

"Eu a peguei em Preston, e eu fiz, não fiz, George? Aquela vaca imunda. E gozei nela.

"Pelo ritmo que sigo eu deveria estar no Livro dos Recordes. Acho que já são onze, certo? Vou continuar um pouco mais. Ainda não estou satisfeito. Mesmo se vocês se aproximarem, eu provavelmente me matarei primeiro. Foi bom conversar com você, George. O seu amigo, Jack, o Estripador.

"Nem vale a pena procurar por impressões digitais. Você já deve saber que tudo está tinindo de limpo. Até logo. Adeus.

"Espero que goste da música pegajosa do final. Haha."

Então...

"I'll say your name.

Then once again.

Thank you for being a friend."

Silêncio.

A fita continuava rodando.

Seguiu rodando no gravador portátil.

No gravador portátil sobre a mesa.

A mesa.

Entre a mesa e o bar.

Bob Craven.

Cabeça estourada.

Cabeça estourada, rosto destruído, barba desaparecida.

Sangue nas paredes.

Nas sombras.
Nas suásticas e nos seis.
Seis, seis, seis...
(As sombras falavam.)
No gravador portátil, a fita continuava girando:
CHIADO...
Piano...
Bateria...
Baixo...
“How can this be love, if it makes us cry?”
PAUSA.
CHIADO...
Gritos...
Murmúrios...
Inferno:
“How can the world be as sad as it seems?”
PAUSA.
CHIADO...
Gritos...
Murmúrios...
Mais inferno:
“How much do you love me?”
PAUSA.
CHIADO...
Gritos...
Gritos...
Gritos:
“Espíritos vão matar Hunter!”
PAUSA.
Silêncio.
Fim da fita.
Entre aquelas paredes, silêncio.

Paredes tatuadas de sombras silenciosas, dor silenciosa.
Mapas, gráficos e fotografias de dor.
A dor silenciosa das fotografias.
Grace Morrison, Billy Bell, Paul Booker e Derek Box.
Pelos mapas, gráficos e fotografias.
Suásticas e 666s.
Sombras, suásticas e 666s.
Seis, seis, seis...
(Sombras silenciosas, 666s silenciosos.)
Sentado em meio ao silêncio, sentado em cima da mesa.
A mesa destruída e estilhaçada, manchada e despedaçada.
Sentado em uma mesinha no centro do salão.
Asas, coisas grandes e destruídas.
Coisas grandes e escuras que me jogam para baixo, coisas pesadas.
Que me impedem de ficar de pé.
Sentado na mesa, com a espingarda nos joelhos.
Olhando para os 666s.
Os silenciosos 666s, esperando.
Seis, seis, 666.
Em meio aos 666s.
Em meio às suásticas, em meio às sombras.
Em meio a tudo aquilo.
O sangue nas paredes.
A cabeça estourada, o rosto destruído, a barba desaparecida.
Sua cabeça estourada.
Bob Craven.
Entre a mesa e o bar.
Bob Craven, em silêncio.
Fita desligada.
Silêncio.
Silêncio até...
Até eu ouvir o som, vindo do lado de fora, de pneus no estacionamento.

No estacionamento destruído, desnivelado.
Poças de água da chuva e óleo de motor sob as rodas.
Faróis de carro iluminando a porta.
Uma porta que batia ao vento, sob a chuva.
Os faróis pararam na frente da porta.
Na porta para o andar de cima.
Na porta que batia ao vento, sob a chuva.
Mais portas batendo, batendo forte.
Portas de carros batendo.
Botas pelo estacionamento.
Pelo estacionamento destruído, desnivelado.
Poças de água da chuva e óleo de motor no chão.
Botas nas escadas de pedra escura.
Olhei para baixo, para a arma nos meus joelhos.
Sentado em meio aos 666s silenciosos, na mesa.
Na mesa...
Asas, coisas grandes e destruídas...
Coisas grandes e escuras que me jogam para baixo, coisas pesadas.
Que me impedem de ficar de pé.
Sentado na mesa, com a arma nos joelhos.
Olhando para os 666s.
Para os silenciosos 666s, esperando.
A porta balançava ao vento, sob a chuva.
Eles abriram a porta.
Duas figuras à porta que ficava no final do corredor.
Duas espingardas.
O corredor era escuro e eles podiam sentir o cheio de outra arma.
O cheiro de coisas ruins, o cheiro da morte.
O cheiro do Strafford.
Entraram.
Um colchão destruído, corroído, contra uma janela.
Andaram pelo corredor em direção à parte da frente do edifício.

Em direção ao bar.
Abriram mais uma porta.
A porta do bar.
A última porta.
Duas figuras no corredor.
Duas espingardas.
Duas figuras e duas espingardas:
Alderman e Murphy.
Richard Alderman e John Murphy.
A espingarda nos meus joelhos.
Os silenciosos 666s, as sombras.
Asas, coisas grandes e destruídas.
Coisas grandes e negras que...
Que me jogam para baixo, pesadas e queimadas.
Que me impedem de ficar de pé.
Que me impedem.
Me impedem...
... *um tiro*.

Copyright © 2001 David Peace
Título original: *Nineteen eighty*
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte e capa: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix
Preparação: Maísa Kawata
Revisão: Arlete Zebber e Tulio Kawata
Diagramação: Nobuca Rachi
Imagem da capa: Vika Valter/Getty Images
Versão Digital: Cristina Figueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P37m
Peace, David, 1967-
1980 [recurso eletrônico] / David Peace ; tradução Rodrigo Peixoto. - São Paulo : Benvirá, 2013.
536 p., recurso digital (Red riding ; n.3)
Tradução de: Nineteen eighty
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: 1977
Continua com: 1983
ISBN 978-85-8240-046-3 (recurso eletrônico)
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Mil novecentos e oitenta. III. Série.

13-2103. CDD: 823
CDU: 821.111-3
02.04.13 08.04.13 043960

1a edição, 2013
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a

prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.
Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva